



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

MANOEL VAZ DA SILVA NETO

TRAVESTIS, O GÊNERO INVENTADO

Um confronto com o estado da arte

JOAO PESSOA - PB
2014

NETO, Manoel Vaz da Silva.

TRAVESTIS, O GÊNERO INVENTADO

Um confronto com o estado da arte

TESE apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia por Manoel Vaz da Silva sob a orientação do Prof. Dr. Adriano Azevedo de Léon para a obtenção do título de doutor.

JOAO PESSOA - PB

2014

S586t *Silva Neto, Manoel Vaz da.*
Travestis, o gênero inventado: um confronto
com o estado da arte / Manoel Vaz da Silva Neto. -
João Pessoa, 2014.
236f.
Orientador: Adriano Azevedo de Léon
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA
1. Sociologia comportamental. 2. Travesti. 3.
Gênero. 4. Sexualidade. 5. Poder.

MANOEL VAZ DA SILVA NETO

TRAVESTIS, O GÊNERO INVENTADO

Um confronto com o estado da arte

Aprovada em 18/09/2014

Banca Examinadora



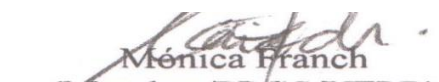
Adriano de Léon
(orientador/PPGS/UFPB)

Profº Drº Adriano Azevedo Gomes de Léon
Orientador



Loreley Gomes Garcia
(Membro/PPGS/UFPB)

Profª Drª Loreley Gomes Garcia



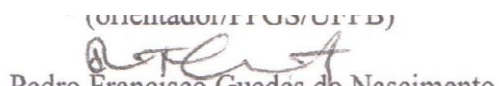
Mônica Franch
(Membro/PPGS/UFPB)

Profª Drª Mônica de Lourdes Franch Gutierrez



Lemuel Dourado Guerra Sobrinho
(membro/UFCG)

Profº Drº Lemuel Dourado Guerra Sobrinho



Pedro Francisco Guedes do Nascimento
(Membro/UFPB)

Profº Drº Pedro Francisco Guedes do Nascimento

JOÃO PESSOA – PB
2014

DEDICATORIA

Às minhas cadelinhas Lulu e Sukita

AGRADECIMENTOS

À minha mãe D. Laudicéia; a João, companheiro fiel de todas as horas e, claro, ao meu orientador Dr. Adriano de León. A vocês, meus mais sinceros reconhecimentos de companheirismo e meu: muito grato.

EPÍGRAFE

*Ora, a propria vida é para mim o instinto de **poder**; onde falta a vontade de poder, há degenerescência. E eu afirmo que esta vontade **falta** em todos os valores supremos da humanidade*

F. Nietzsche in: O anticristo.

RESUMO

Esta Tese busca compreender o processo pelo qual as travestis entram nas discursividades de gênero como elementos de exclusão social. Ou seja, esta Tese trata de buscar os significados mais fundamentais desta suposta exclusão realizada pelo poder disciplinar. Procura, evidentemente, questionar as bases fundantes sob as quais as travestis aparecem em sua realidade de gênero, bem como, redimensionar todo o seu caráter político contestador. Assim, as travestis são apresentadas não como indivíduos a quem tocou o poder disciplinar meramente excluí-las por questões de irregularidade normativa, mas de trazê-la para o lugar em que elas sempre estiveram: o de sua afirmação. Portanto, não se reproduzirá nesta Tese aquele caráter de indivíduo vencido, humilhado e excluído tão comum no conjunto das pesquisas sobre travestis. Procurei, através de sólidos argumentos, demonstrar o forte e independente caráter constitutivo travesti, isto é, procurei demonstrar que o fundamento do gênero das travestis estava menos assentado sob bases políticas revolucionárias, insurrecionais, contestatorias. Como se verá, o seu caráter fundante se acha na sua vontade de dominar.

PALAVRAS-CHAVE: TRAVESTI, GÊNERO, SEXUALIDADE, PODER

ABSTRACT

This thesis seeks to understand the process by which the transvestites enter the discourses of gender as elements of social exclusion. I.e., this Thesis is to seek the most fundamental meaning of this supposed exclusion held by disciplinary power. Demand, of course, question the foundational bases under which the transvestites appear in your reality genre as well, resize your entire oppositional political character. Thus, transvestites are not presented as individuals who touched the disciplinary power merely delete them for reasons of irregularity rules, but to bring it to the place where they have always been: to his statement. So do not play that character overdue, humiliated and excluded as common in the group of transvestites individual research on this thesis. I searched through solid arguments demonstrate the strong and independent constitutive character transvestite, ie, sought to demonstrate that the basis of gender was less of transvestites seated under revolucinarias, insurrectionary, contesting political bases. As will be seen, its foundational character finds in his will to dominate.

KEYWORDS: TRAVESTI, GENDER, SEXUALITY, POWER

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à comprendre le processus par lequel les travestis entrent dans les discours de genre comme des éléments de l'exclusion sociale. C'est à dire, cette thèse est de chercher le sens le plus fondamental de cette exclusion supposée détenue par le pouvoir disciplinaire. La demande, bien sûr, la question les bases fondamentales en vertu desquelles les travestis apparaissent dans votre genre de réalité ainsi, redimensionner l'ensemble de votre caractère politique d'opposition. Ainsi, les travestis ne sont pas présentés comme des individus qui ont touché le pouvoir disciplinaire simplement les supprimer pour des raisons de règles d'irrégularités, mais pour l'amener à l'endroit où ils ont toujours été: à sa déclaration. Donc, ne pas jouer ce personnage en retard, humilié et exclus comme fréquente dans le groupe de travestis de recherche individuel sur cette thèse. J'ai cherché par des arguments solides démontrent le travesti de caractère constitutif fort et indépendant, c'est à dire, a cherché à démontrer que le sexe était moins de travestis assis sous revolucinarias, insurrectionnels, contestant bases politiques. Son caractère fondamental comme on le verra, trouve dans sa volonté de dominer.

MOTS-CLÉS: TRAVESTI, GENRE, SEXUALITÉ, PUISSANCE

RESUMEN

Esta Tesis busca comprender el proceso por el cual los travestis entran en los discursos de género como elementos de exclusión social. O sea, esta tesis trata de buscar significados más fundamentales de esta supuesta exclusión por el poder disciplinar. Busca, evidentemente, cuestionar las bases fundamentales sobre las cuales los travestis aparecen en su realidad de género, así como redimensionar todo su carácter político contestatario. Así, los travestis son presentados no como individuos a quienes toca el poder disciplinar meramente excluirlos por cuestiones de irregularidades normativas, más bien de traerla para el lugar en que ellos siempre estuvieron: el de su afirmación. Por lo tanto, no se reproducirá en esta tesis aquel carácter de individuo vencido, humillado y excluido tan común en el conjunto de investigaciones sobre travestis. Busqué, a través de sólidos argumentos, demostrar el fuerte e independiente del carácter constitutivo del travestis, esto es, busqué demostrar que el fundamento de género de los travestis estaba menos asentado sobre bases políticas revolucionarias, insurreccionales, contestatarias. Como se verá, su carácter fundador de halla en su voluntad de dominar.

PALAVRAS CLAVES: TRAVESTIS, GÉNERO, SEXUALIDAD, PODER

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	25
CAPÍTULO II.....	47
CAPÍTULO III.....	68
CAPÍTULO IV.....	91
CAPÍTULO V.....	131
CAPÍTULO VI.....	198
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	225
REFERÊNCIAS.....	226

INTRODUÇÃO

Os delineamentos em torno da questão travesti experimentam grandes limitações. Por outro lado, estabeleceu-se determinada sorte de *verdade* a respeito das travestis e aí todas as análises dedicaram-se a confirmá-la. Pareceu-me demasiadamente intrigante, bem como, inquietante, de todas as vezes que me chegavam às mãos algum material da lavra científica ver-me arrodado da mesma sorte de problemas levantada por – guardada a minimíssima parte das produções – muitíssimos pesquisadores. À primeira vista e ao menor contato com as produções pareceu-me que existia um mero problema de comunicação, um ruído, um defeito qualquer, isto é, um desentendimento perspectivístico entre mim e o conjunto das produções. Inclinei-me a aceitar os problemas demandados pelas produções, porque queria faticamente manter o diálogo no mais alto nível. Mas, como tudo que emanava das produções começava a chegar à exaustão, à repetição, à eliminação dos problemas decidi-me por conta e risco enveredar por caminhos que pouco, sabia eu, trar-me-iam resultados positivos tomando como parâmetro aquelas ideias repetitivas do conjunto das obras científicas sobre o tema. Pois bem.

Quiçá, o problema mais fundamental que norteia as pesquisas sobre travestis diga respeito ao caráter de *ambiguidade* com o qual dotaram as travestis. Por este caráter as travestis são no mais das vezes ambientadas, configuradas, conceituadas como sendo daquela espécie de indivíduos que é “macho” – aqui entram as querelas sobre a natureza e sua elementariedade – e por vezes faz-se de “fêmea” – aqui entram as querelas sociológicas de gênero, sexualidade e cultura -. Estas questões-fundamentos servem/serviram como alicerce para as grandes catapultagens político-filosóficas. Se num plano mais filosófico procurou-se eliminar as querelas da elementariedade constitucional, digo, as querelas substancialistas, ôntico-ontológicas dos indivíduos, é, justamente, em decorrência da superação destas últimas que nos enveredamos por questões politicamente

fundantes. Por não havermos encontrado a constitucionalidade essencial que, em tese, confirmaria a diferença entre “machos” e “fêmeas” no universo filosófico-metafísico saímos dele com a certeza de que as pretensões naturais de nossa cultura de gênero e sexualidade não podem ser explicadas, confirmadas por extensões imateriais (culturais simbólicas) alojadas no corpo físico como uma espécie de essência ou substância a ser desdobrada por meio de uma programação deste mesmo corpo na espécie animal superior que constituímos ser e, portanto, as explicações superiores (leiam-se metafísicas) deveriam a partir daí render-se ante as explicações inferiores (materiais, sociais, políticas, culturais, etc.). Portanto, a nossa constituição de gênero, sexualidade e a cultura que as envolve deveria ser problematizada a partir de um novo parâmetro que não o da constitucionalidade natural, porque aí a natureza constitucional não pôde confirmar as especulações de séculos.

A certeza da inessencialidade fundamental das formações de gênero e sexualidade, parece-me, ainda não foi o suficiente para que pudéssemos eliminar a gramática científica de nossas problematizações mais contemporâneas. Assistimos a uma *militancialização* nas primeiras fileiras dos pesquisadores de gênero, sexualidade e cultura que para atingir os seus precípuos objetivos e resultados abriram mão da dureza de muitos conceitos, fizeram análises pirotécnicas, teceram acusações e procuraram centralizar e dominar – ter o monopólio – dos centros universitários e as problematizações que são consideradas bem-vindas. Portanto, a realidade política destas produções não consegue refletir cabalmente o processo metamórfico pelo qual passa o poder travesti. O problema-duto que se coloca, assim, desde esta perspectiva política é o de procurar saber como foi possível o estabelecimento de um gênero e sexualidade naturais – de natureza binária - e de como ainda ele resiste a sair de cena. O segundo problema parece-me muito mais relevante explicar do que o primeiro e, na verdade, é o que mais interessa, uma vez que, o fundamento de sua resistência se encontra no pensamento fundante metafísico de sua

realização, “superado” já – segundo muitas opiniões. “Superada”, a metafísica foi buscar novas máscaras. Tem início, então, um período novo que costumo chamar de “metafísica envergonhada”. Se é verdade, certo, que não se pode aceitar, demonstrar, confirmar uma diferenciação ôntica, substancial entre os indivíduos de gênero – e aqui se acha a pretensa superação daquele pensamento metafísico – foi necessário encontrar elementos materiais que comprovassem ‘indiretamente’ a natureza binária do gênero e sexualidade e para alguns pesquisadores de áreas diversas, o seu caráter de irrefutabilidade. As produções, então, começaram a apontar as diferenças fisiológicas, anatômicas, psicológicas etc. dos indivíduos. Havíamos “eliminado as perspectivas metafísicas”, isto é, havíamos eliminado a ontologia genérica, esquecendo-nos, no entanto, da ‘naturalidade’ do próprio corpo. A fisiologia, a anatomia, a biologia em suma, de cada corpo, do macho e da fêmea, dava-nos as provas que necessitávamos para confirmar a natureza constitucional diferenciadora do gênero e supostamente da sexualidade. Um longo período se seguiu desde que matamos a metafísica e assumimos os postulados da Biologia. Na verdade, a Biologia seguiu figurando, sendo sombra da metafísica envergonhada. Portanto, aquele caráter *ambíguo* com o qual dotaram as travestis é reflexo por um lado de um pensamento metafísico não superado de todo, envergonhado, bem como, por outro é produto de ideias que na base de suas problematizações aceita os postulados fundamentais da Biologia, a exemplo, os da anatomia como nos afirma um certo número de pesquisadores em meio a incontáveis outros: “*travestis são seres biologicamente masculinos*”. A *ambiguidade* travesti, portanto, resulta de uma simbiose entre o seu corpo masculino¹ (biológico, metafísico, pré-discursivo ou seja lá como se quiser e preferir) e o gênero feminino (as práticas simbólico-culturais normativas). Não é mais preciso, imagino, então, que eu me atenha aos pormenores desta questão já contidos ao longo de toda a Tese.

¹ Onde masculino quer dizer *diferença fundante* justificadora do sistema binário

Bom, procurando transcender a estes resíduos do pensamento metafísico, procurando nos distanciar o máximo das verdades biológicas a respeito do gênero e sexualidade constituímos as análises estritamente políticas. A base, o fundamento, o alicerce que calça este tipo de análise no mais das vezes é o da analítica do poder. Atenho-me aqui ao fenomenal pensamento e contribuição filosófica dada por Michel Foucault. Bom, se o gênero não é um dado natural, não existe como realidade para além da nossa realidade física, regional, nacional, cultural, simbólica e a sua assunção, a sua emergência, a sua invenção constitui história. E como a história não é um produto supra-lunar, uma determinação – o que alguns historiadores chamam de história teleológica -, mas o arranjo de diversas forças no tempo, no espaço, a configuração elementar da realidade de gênero e sexualidade se dá em meio a estas forças em luta. Encontramos, então, o elemento fundante das modernas análises de gênero e sexualidade: o jogo de correlações de forças e mais adiante, pós-estabelecimentos, as constitucionalidades metafóricas das relações do poder-saber. O que são estas constitucionalidades metafóricas? São os conceitos, as identidades, as representações, os discursos e as crenças a respeito, neste caso específico, do gênero. Há, evidentemente, toda uma inteligência que os interliga – conceitos, identidades, discursos, representações e crenças – dotando-os de uma complexidade magnífica e objeto de luta entre as diversas constitucionalidades metafóricas ou o que Foucault chama de formações discursivas ou os próprios discursos.

A emergência, por exemplo, no séc. XVIII nos bailes de máscaras ingleses dos termos *mascarado*, *travestido* até meados da década de 1970, portanto, no séc. XX, para designar um componente cultural bastante específico disseminou-se no tempo e no espaço desdobrando-se em significados ao longo do tempo, sendo objeto de inspiração para toda uma discursividade de sexo-gênero *a posteriori*. Mas, os discursos são emblemas, lugares virtuais onde são cunhados ideias, leis, valores, crenças, instituídos modelos, regras, moral,

etc. Portanto, o método adotado por Foucault e que nos contagia desde os anos 1960 é o método ou modelo da análise da guerra, política: arqueo-genealógico. No fundo, é o método da força ou de correlações de forças em disputa, em luta, em batalha, em guerra. Assim, o travestido do séc. XVIII metaforicamente nada tem a ver com a travesti do séc. XXI, salvo, pelo fato de serem, a bem pouco tempo, ambos considerados falsos, corruptos até a segunda metade de 1970 quando uma reviravolta nos entendimentos e rendimentos científicos, especificamente, pelas análises de Robert Stoller dão uma nova “cara” às travestis.

Bom, o que estou querendo dizer com tudo isto? Que não é pela representação, encenação, repetição, estilização que se poderá mais profunda e densamente compreender **a força poderosa que constitui as travestis** – a encenação, repetição, estilização fazem parte, mas não são o fundamento, são fenômenos secundários/terminais - e que muitos pesquisadores na superficialidade da análise dotam-na – as travestis -, quase que como um prêmio, com um gênero específico. Como demonstro ao longo desta tese, os artefatos usados pelas travestis (o processo de estilização, composição estética, inteligibilização ou generificação² ou seja lá o nome que se queira dar) já são um uso, ou melhor, uma vontade da força ou do poder metamorfoseado (a força travesti) e isto já indica a qualidade e a intensidade da força que elas, travestis, empregam na manutenção de sua vontade. A que têm se dedicado as nossas mais valorosas análises de gênero? À encenação, representação, estilização e, no fundo, à militancialização da análise científica, da análise política. Ou seja, li obras excelentíssimas, de bom quilate e até despretensiosa alguma vez, mas cuja base fenomenológica adotada para explicar o fenômeno era incompleta. O que faz a maioria das obras por mim estudada é, respeitosa e justamente, uma análise da processualidade final, da estilização, quase uma conversa de coqueteria, de salão de beleza.

² O que quero dizer é que não é a estilização o início, o começo de tudo, mas o final do processo, o coroamento de sua vitória.

Discutem uso de prótese de silicone, procuram entender os modos de *bombar* (aplicar silicone industrial no corpo das travestis), querem saber a respeito das unhas, cabelos, maquiagem, como *montam*³ seus corpos, como as travestis encaram sua genitália, que cor de esmalte domina entre as travestis, quais tipos de roupas são mais usados etc., mas que, no entanto, nenhuma destas coisas diz absolutamente nada a respeito da constituição, processualidade e trans-formação de seu poder. Entendo, de algum modo, a preocupação antropológica de muitíssimos pesquisadores que dedicam suas vidas acadêmicas, seus esforços científicos na busca da elucidação de todas estas coisas, mas o “gênero travesti” – na acepção que exista um gênero travesti – não se fundamenta por estas ações; estas práticas podem ser nomeadas de elementos inteligibilizadores de suas ações. O que quero fatidicamente pontuar é que todas estas preocupações, ou se se quiser, todas estas práticas travestis contêm elementos insuficientes, superficialíssimos em si mesmos e, portanto, não refletem, não conseguem demonstrar a grandiosidade da força travesti e, por isso, no mais das vezes as ações travestis são vistas como meros simulacros do *status quo* dominante. Portanto, permita-me mais uma vez repetir que as práticas travestis não refletem o *status quo* dominante, isto é, não repetem ou confirmam as mesmas práticas antes da guerra⁴ – *status quo ante bellum*.

Creio, assim, é preciso que avancemos nas problematizações e isto significa vencermos até onde nos for possível a rinha ideológica que conduziu os pesquisadores de linhas ou correntes teóricas diferentes a afirmarem uns que travestis reproduzem o binarismo de gênero e outros que travestis não reproduzem o binarismo. A meu ver, toda esta discussão não faz sentido e, mais do que isto, é improfícua. Há, no entanto, do ponto de vista do poder, da vontade de poder, da afirmação de si, da individualidade utilitária *a força* travesti que não foi ainda profundamente investigada e valorizada e que, no entanto,

³ Linguagem êmica para, segundo alguns, *fabricar* corpos e, segundo outros, *construir* corpos.

⁴ Sua afirmação, desejo, vontade de “ser” o que “é”

é condicionada, forçada a ver-se representar sempre como uma *força reativa*, isto é, está sempre em reação a uma determinação, está sempre em um estado de insubordinação, insurreição e, assim, as forças que a estudam e a localizam no cenário das batalhas desta forma já dizem muito a respeito da qualidade de sua própria força e emprego. Bom, não me vou adiantar numa introdução, uma vez que, os detalhamentos do meu pensamento estão todos contidos ao longo de toda esta tese.

Assim, toda esta tese parte da configuração elementar dos debates contemporâneos que é a própria superação de caracteres metafísicos rumando ao encontro da perspectiva político-analítica que procura investigar o gênero não como uma instituição natural (pré-discursivo), mas como uma instituição político-cultural que se realiza em meio a uma multiplicidade de forças e de discursos em guerra. Os capítulos que se seguem, portanto, procuram superar velhos conceitos, antigas visões; procuram voltar em muitos casos ao pensamento de determinados autores, pensadores⁵ para, então, reelaborar as problematizações de modo que amplie o campo de visão no lugar de ratificar alguns achados personalísticos. Como se verá, as travestis não são encaradas como *ambiguas*, como indivíduos marginalizados – na acepção vulgar com que dotam este termo –, aviltados pelo *status quo* dominante, mas a ele superando, criando a partir de suas vivências novos valores. Não encontrei indivíduos – travestis – frágeis, cansados, retorquidos, humilhados, vencidos, encolerizados, insubordinados, insurrectos – como encontraram os meus colegas que me antecederam.

Assim, para pontuar a respeito dos capítulos desta tese, iniciei o *primeiro capítulo* pela investigação a respeito da palavra *travesti* e o seu precípuo significado. Encontrei em Terry Castle, um brilhantíssimo, embora que exagerado, historiador, um dos principais

⁵ Tais como o pensamento de M. Foucault, J. Butler e S. Beauvoir.

elementos históricos⁶ conceituais a este respeito: o mascarado ou travestido do século XVIII que eu imaginava nas primícias da minha pesquisa ter alguma relação não apenas semântica, mas real, realista, subjetiva com o que mais tarde seria designada na nossa linguagem êmica de travesti não guardava uma relação mais íntima a não ser, claro, por serem ambos considerados *corruptos*⁷ ou porque do ponto de vista de uma determinada estética da existência poder-se-ia levantar uma espécie de correlação entre os seus jogos de verdade. De outro modo, como se verá, a relação estética, semântica entre travestis do século XVIII e travestis contemporâneas, guardadas as devidas proporções, possuem essencialmente – mas que eu não estou de acordo –, segundo alguns intérpretes, uma natureza *subversiva e ambigua*. Este primeiro capítulo, portanto, aborda ainda a formação de categorias analíticas que surgem entre os séculos XVI e XVII, mas que, no entanto, respinga na formação moral monstruosa de determinados seres como, a exemplo, os hermafroditas. Relacionar, pois, a natureza monstruosa dos hermafroditas – que são homens e mulheres ao mesmo tempo segundo relatos científicos de época – foi muitíssimo importante, uma vez que, encontrei de modo disfarçado esta mesma categoria na contemporaneidade, mas sob o disfarce moderno da ambiguidade. Encontrei, pois, até aqui dois elementos que, em tese, podiam apontar a invenção da nossa travesti contemporânea que a justificaria em todo o discurso científico: 1º. O de sua natureza subversiva e o 2º. O de sua ambigua natureza (homem e mulher ao mesmo tempo). Foi através destes elementos primitivos – o primeiro datado do século XVIII e o segundo entre os séculos XVI e XVII que encontrei o fundamento político moderno de nossa crítica de gênero. É, portanto, a partir da superação do segundo elemento – o monstro – que vemos surgir pela primeira vez uma tentativa de especificar segundo fundamentos morais – amparados em estabelecimentos sociais – o que é normal e o que pode ser anormal. Vemos, então, nascer

⁶ Do ponto de vista arqueológico

⁷ Leia-se, *falsos*.

a psiquiatria como uma higiene do corpo social inteiro e depois como uma especialidade médica. Vemos, então, nascer categorias analíticas para fundamentar todo um conhecimento a cerca das anormalidades. A anormalidade, portanto, é já a superação, bem como, já uma especificação do conhecimento, da monstruosidade e o seu leque de crimes contra a natureza. Nasce, assim, então, a figura do homossexual, esta infância, espécie, história e guarda-chuva dos desvios (anormalidades) sexuais. Um pouco mais adiante, ainda neste primeiro capítulo, vemos surgir os primeiros dardos, vetores atuando por uma diferenciação categórica. Algumas expressões em meio as já conhecidas expressões homossexuais distam enormemente de sua primitiva condição. Nasce, pois, então, a figura do travesti fetichista. No início, enfim, do século XX aparece mais uma categoria problema para aumentar o número diferente de manifestações da anormalidade: agora é a vez do transexual. Pois bem, todas as frentes interpretacionistas estão abertas e relacionando-se. A figura homossexual deixa de ser o centro de convergência das anormalidades. Portanto, a figura travesti já é uma realidade. Eis aqui, então, do que trata este primeiro capítulo: uma arqueogenealogia deste saber.

No segundo capítulo desta tese dedico-me a tratar os parâmetros, os paralelos, as investidas conceituais a respeito do gênero relacionando seus antigos e atuais problemas. Assim, este capítulo trata a questão de gênero desde sua abordagem contemporânea, isto é, desde a problematização aberta pelas feministas. Isto significa dizer que a perspectiva de gênero ou a realidade de gênero não pode ser tomada desde a sua realidade constitucionalmente biológica para explicar toda uma espécie de fenomenologia contemporânea de gênero; que gênero já não pode ser tratado naquela dimensão filosoficamente metafísica criticada por um número grande de pesquisadores, filósofos, mas, sobretudo, pela teórica/filósofa *queer* Judith Butler. O que este segundo capítulo procura fazer é demonstrar, melhor, investigar se toda esta

modernização/fluidificação/socratização do conceito de gênero não esconde em meio a todo o debate qualificado focos de continuidade, atraso e resistência. E de um outro modo, trata também a respeito de como foi possível tratar as travestis desde esta perspectiva epistemológica de gênero, quais mecanismos heurísticos possibilitaram retirá-las especificamente dos discursos médico patologizadores para inseri-las nos discursos de gênero libertadores.

No terceiro capítulo dedico-me à questão do corpo e, especificamente, para alguns pesquisadores, à construção ou fabricação ou reinvenção da natureza, montagem do corpo travesti. Procuro identificar os focos de continuísmo e continuidade dos discursos de gênero na dimensão contemporânea destes mesmos discursos. A travesti, assim, ainda é considerada para efeitos de verdade um indivíduo “*biologicamente masculino, macho, homem*”; seu corpo é uma montagem possível por meio de artifícios tecno-tecnológicos. É, pois, na dimensão do corpo que o jogo da verdade de gênero, que o jogo da verdade travesti emerge com grande força. O corpo, pois, é o mapa trans-histórico que guarda não apenas os seus segredos, mas sua verdade. É, portanto, a partir do corpo que surge uma categoria analítica com a qual os pesquisadores estão bastante familiarizados: a ambiguidade. A ambiguidade, pois, nesta dimensão da análise sacralizou-se como o mecanismo lógico fundante da realidade de gênero das travestis. É, assim, pois, por meio deste caráter ambíguo que as travestis deixam o circuito natural (o corpo com o qual nasceram) para entrar no universo da caricatura. Não apenas a sua feminilidade faz parte da dimensão do simulacro de mulher, mas também o seu corpo. Portanto, é por esta realidade de coisas que a travesti é alçada a mais um novo gênero: o gênero travesti.

O quarto capítulo desta tese está dedicado a apontar os meios possíveis pelos quais as travestis foram fabricadas/construídas/reinventadas pelas perspectivas analítico-científicas, isto é, está dedicado a demonstrar como a arquitetura epistemológica destas

noções de gênero travesti atravessou tanto tempo sem que os próprios pesquisadores tivessem se dado conta de que não eram apenas – na sua linguagem – as únicas, as travestis, a fabricar/reinventar/construir um ser feérico. Assim, para efeitos de um bom debate, nas análises científicas – pelo menos de uma de suas dimensões – a travesti aparece vencida, domesticada, disciplinada, dócil. Evidentemente, esta é uma construção científica possível delas, as travestis. Portanto, neste quarto capítulo procuro inverter a ordem fisiológica da análise, do olhar para demonstrar que o que menos travestis são é um tipo vencido, domesticado, disciplinado, dócil.

No quinto capítulo desta tese o interesse está voltado para os aspectos de superação e afirmação – vontade de poder, domínio – travesti. Isto é, procurei derrubar, desfazer, desconstruir todo aquele aspecto de vencido, todo aquele aspecto de humilhadas, de marginalizadas com que as pesquisas, os estudos os haviam caricaturadas. Procurei demonstrar, assim, que as metamorfoses de poder que atingem o poder travesti as teriam elevadas acima dos processos normativos, moralizadores do poder disciplinar e aí superado-o. Procurei ainda demonstrar que os fundamentos psíquicos com que procuraram caracterizar as travestis estavam todos, mais ou menos, deslocados, desencaixados do próprio fundamento psíquico das travestis, isto é, da sua vontade de domínio. E nada disto teria eu conseguido fazer se não tivesse percebido primeiro que a constituição travesti se deve menos a uma resistência política ou um processo de exclusão social. Portanto, é aqui onde procuro melhor demonstrar a afirmação, a força – o querer interno da força – do processo de constituição travesti.

O sexto e último capítulo está dedicado a apontar o que se chama razão e erro na analítica travesti. Desde, então, procurei aprofundar no que foi possível o fato de que a ambiguidade travesti é resultado de uma estratégia do poder disciplinar na defesa de sua sobrevivência, ou seja, encontrar meios de dominação da figura travesti. E este processo de

dominação travesti revela uma luta livre entre os dois principais centros articuladores do poder: o conservadorismo e o progressismo. Portanto, neste capítulo aponto para o fato de não cedermos às seduições do poder, para o fato de não embarcarmos em suas justificativas sem antes traçar toda uma linha sanitária que nos possibilitasse desarmar as suas táticas e estratégias tanto nas articulações feitas pelo conservadorismo quanto pelo progressismo e, sobretudo, pelo progressismo. Enfim, este sexto e último capítulo trata de melhor dimensionar os significados da pequena política relacionada a toda a analítica travesti elaborada pelo poder disciplinar ou se melhor preferir de todo o processo de inclusão social das travestis ao mesmo tempo em que tenta melhor dimensionar o significado político da grande política travesti e suas batalhas contra o poder disciplinar. É aqui, pois, onde melhor fica demonstrado a inexistência de indivíduos (travestis) fracos, vencidos, humilhados, pois, o que encontrei, isto sim, foi uma espécie de gente forte, destemida, amante da vida, ciosa por poder. E tudo o que encontrei, para o bem ou para o mal, narro, descrevo, disserto, pondero nas páginas que se aproximam, logo ali, mais adiante.

Pistas Metodológicas

Como se trata de uma tese baseada numa arqueologia de conceitos, os textos que formam os arquivos de análise foram escolhidos a partir de uma série aleatória. Os primeiros textos são de autores consagrados ao tema travestis, notadamente na literatura das Ciências Sociais, História e Filosofia. A partir destas leituras, uma segunda série de textos foi elencada: os textos monográficos acadêmicos ou não que vislumbravam um mesmo conjunto de ideias. Neste conjunto há tanto textos acadêmicos quanto textos produzidos por autores não acadêmicos, mas que se unem pelo fato de dissertarem sobre a mesma lógica analítica sobre o fenômeno travesti. Na formação de um arquivo, não se fazem distinções de ordem científica, uma vez que, para o intuito da análise teórico-

genealógica proposta neste texto, o que importa é o conteúdo da enunciação, e não somente a proveniência científica ou não.

Que admirável e novo ponto de vista me dá o meu conhecimento diante do conjunto da existência! Mas que aterrador e irônico ao mesmo tempo!

Nietzsche in: A Gaia ciencia (69)

CAPÍTULO I

1. EM BUSCA DE UM PASSADO TRAVESTI: ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Quando delineei o tema da minha futura pesquisa de doutorado imaginei que não havia de me ater a tantos problemas, mas o contrário foi o que sucedeu. De repente me vi invadido por milhares de textos, grandes e pequenos; pequenas notas, defesas heroicas, textos cujo teor, cujas essências repousavam sob severas dúvidas ou incertezas. Uma busca incessante, uma luta aguerrida entre as formações discursivas neste campo de saber específico se abriu para mim e então mergulhei. Também queria eu entender. Mas, entender o que, para que? O que eu queria com tudo isto? Quando dei por mim estava em meio a lutas indiscretas, de enormes confusões, de velhos problemas que exigiam novas respostas, sua contemporização. Em meio a tudo isto eu ainda não conseguia compreender a palavra *travesti* senão pelo significado apriorístico que as produções gentilmente me davam. Também nos caudalosos rios onde fui beber um pouco de sua sabedoria esta palavra estava mergulhada em um torvelinho de contradições, de inseguranças, de erros, em meio a pesadas e incongruentes metáforas, de *ambiguidades*. E tudo isto delineado como a “essência” do ‘ser’ travesti ou o que de melhor inventaram para lhe caricaturar. Nada me pareceu mais antipático. Resolvi, então, percorrer outras plagas, lugares bem mais distantes e para tanto o primeiro passo foi ter a coragem de descer um pouco mais

fundo quanto ir um pouco mais longe, prosseguir nas escavações, tal como um coveiro⁸, lá onde parece ter faltado coragem aos que me antecederam.

Neste ofício de toupeira encontrei o que poderia denominar aqui de primeiro fato, permita-me assim considerar, ou seja, uma probabilidade teórico-conceitual a respeito da palavra travesti realizado por um pesquisador e que o objeto de sua análise data do século XVIII. A tentativa de emprestar um caráter conceitual à palavra travesti é de Terry Castle. Afirma Castle que

Quando o moralista do século XVIII desejava denunciar as fraudes e a devassidão da vida contemporânea, ele tinha bem à mão uma forte imagem. [...] a cultura do século XVIII como um todo pode também ser chamada, sem exagero, de cultura do travesti. Especialmente em Londres, **a manipulação das aparências** era ao mesmo tempo uma estratégia privada e uma instituição social (CASTLE, 1999: 195-6) O grifo em negrito é meu

Podemos, então, realizar determinadas conexões entre o que se diz a respeito do travesti do século XVIII e o que se diz a respeito do que nós, os contemporâneos, afirmamos sobre a travesti (como a conhecemos hoje). É verdade que esta conexão, talvez, não resulte em grandes coisas e que, de outro modo, não encontremos nada nos travestis do século XVIII com o que nos familiarizar. Mas, não estou tão seguro disto. Há, pelo menos, uma ideia bem geral que liga os travestis (sec. XVIII) às travestis (contemporâneas): é o seu caráter essencial, isto é, o seu *jogo da verdade*. Por *jogo da verdade* quero dizer exatamente o modo pelo qual “o moralista do século XVIII” procurava identificar a essência (aquilo que se põe sob máscaras/disfarces) do travesti/travestido/mascarado – para o delatar - e de modo muito semelhante o modo pelo qual o pesquisador (de gênero/sexualidade) contemporâneo, conforme suas razões, procura entender o que é a travesti contemporânea para a justificar ou negar. Como ainda afirma Castle,

⁸ Analisar coisas mortas

O travesti, claro, nunca é inocente; quase sempre é uma revelação peculiarmente expressiva, ainda que paradoxal, de necessidades ocultas. Em *The Masquerade* (1728), Fielding observou que “mascarar o rosto” era “desmascarar a mente”. Igualmente, Addison, em *The Spectator*, notou que os mascarados [travestidos] da época **invariavelmente se vestiam conforme o que “imaginavam ser”** (CASTLE, 1999: 196). Grifos em itálico do autor. Grifo em negrito meu.

Temos, portanto, já uma ideia bem geral a respeito do travesti ou mascarado⁹ do século XVIII. Temos, portanto, se não um correlato histórico a respeito da nossa travesti contemporânea, ao menos, sem cometermos nenhum tipo ou espécie de anacronismo, um antecedente histórico, um indicio que legará parte de sua significação histórica (inteligibilidade) à nossa travesti contemporânea. Há, contudo, mais um traço/caráter que liga travestis do séc. XVIII e travestis (contemporâneas): o caráter, para alguns, de *subversão*. Os bailes de máscaras¹⁰ que deram origem a esta figura (o mascarado/travesti) no século XVIII eram muito mal vistos pelos ‘moralistas’ da época. Não faltavam qualificações negativas como “Assembleia libidinosa”, “Progresso da corneação” esta última devido ao fato de senhoras de família travestirem-se com roupas de homem para trair seus legítimos esposos, “Congresso com fim impuro”, enfim. Assim é que homens também se travestiam com trajes femininos para dar vazão a seus *instintos* e inverter um pouco a ordem das coisas. Eis aí, então, o caráter subversivo dos bailes de máscaras e o perigo que o disfarce – o travesti - trazia para o jogo da verdade daquela época e modo pelo qual Castle (1999) resolveu chamar de “subversivo”. A conclusão a que chega Castle a este respeito é que

O travesti erotizou o mundo. Não só as pessoas se livraram de suas inibições como também podiam experimentar, hipoteticamente pelo menos, um novo corpo e seus prazeres. A troca de roupa era também uma troca de desejo. O resultado era uma fuga do “natural” – de tudo o que fosse culturalmente preordenado – para os novos domínios da desordem voluptuosa (CASTLE, 1999: 201)

Um pouco exagerada a sua conclusão, mas serve para os propósitos a que pretende chegar: leitura nova a respeito de um momento, de um fato histórico. Assim, de algum modo, há uma, mesmo que distante e, aparentemente, inverossímil, relação entre os travestis do século XVIII e as travestis contemporâneas.

⁹ Mascarado refere-se ao indivíduo que frequentava os bailes de máscaras do séc. XVIII, também chamado ou apelidado por intelectuais e jornalistas da época de travestis ou travestidos. A este respeito, cf. Castle, 1999.

¹⁰ Cf. Castle, 1999 a este respeito.

Um pouco mais para diante no tempo, especificamente, já no Brasil do século XIX aparece pela primeira vez a palavra *transformar* para designar um determinado indivíduo que à moda do travesti inglês dos bailes de máscara travestia-se, melhor dizendo, *transformava-se*. Em um artigo mui interessante o pesquisador Jocélio Santos transcreve um trecho do jornal “O Alabama” da Bahia em que o fato ocorreu

O indivíduo não trazia armas, declarou chamar-se Francisco, e que **se transformara** (destaque do jornal) por graça. Dessas graças não venha cá não. Pelo menos podia estar ali à espera de algum desses rapazes que quando encontram mulher à noite gostam de acompanhá-la, e que fosse cair n’alguma cilada.” (O ALABAMA, 1871 in SANTOS, 1997: 167-8)
O grifo em negrito é meu

A conclusão a respeito desta última citação, pois, já nos é bastante conhecida e óbvia. O uso do verbo *transformar* passa a designar um indivíduo determinado que muda as formas ou os modos ou ainda o costume tradicional¹¹ da vestimenta; tal transformação não passará incólume. Mas, aqui é onde as coisas parecem querer começar a tomar novos contornos, densidade e profundidade, pois diferente do travesti inglês do século XVIII o *transformado* do século XIX que é, na verdade, o fugitivo daquele “natural” – da segunda metade do séc. XVIII - aludido por Castle (1999), será alvo de uma pesada artilharia moralista intelectual. O travesti (séc. XVIII), então, abre-alas para a nova figura histórica: *o monstro*.

1.2. O PROCESSO DE ANORMALIZAÇÃO: QUANDO O TRAVESTI (SÉC. XVIII) VIRA MONSTRO

O monstro é, pois, o resultado de uma nova ordem moral que se estabeleceu entre os séculos XVI e XVII. Segundo Michel Foucault¹², até o século XVII as formas com que os indivíduos se expressavam sobre a sexualidade, o costume, o comportamento eram livres como, a exemplo, afirma-nos Foucault a respeito da licença verbal, da linguagem

¹¹ E aqui parece estar o seu caráter subversivo que se põe contra a ação de um tipo de domínio tradicional

¹² Cf. Foucault, 2002

sem rodeios, etc. Uma vez estabelecida uma nova ordem iniciaram-se, por conseguinte, novas formações discursivas em torno do *normal* e do *anormal* segundo valores determinados. Como nos diz Foucault,

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala (FOUCAULT, 2007: 9-10)

Contudo, não havemos de nos indagar que relação existe entre o travesti (séc. XVIII), a travesti (contemporânea) e o monstro (hermafrodita)? A relação já não está mais só e apenas no campo das considerações morais, do comportamento. Agora a relação entre estes indivíduos ganha densidade e profundidade e com isto deixa de ser alvo apenas de considerações moralistas para ganhar contornos científicos e é, justamente, neste novo campo de produção da verdade que toda uma nova geração/genealogia de seres aparecerá. Foucault nos dá uma ideia mais precisa a respeito do que se deve considerar por monstro desde a Idade Média até o séc. XVIII. Diz ele, então, que

O monstro, da Idade Média ao século XVIII de que nos ocupamos, é essencialmente o misto: é o misto de dois reinos, o reino animal e o reino humano: o homem com cabeça de boi, o homem com pés de ave – monstros. [...] **É o misto de dois sexos: quem é ao mesmo tempo homem e mulher é um monstro.** [...] Só há monstruosidade onde a desordem da lei natural vem tocar, abalar, inquietar o direito, seja o direito civil, o direito canônico ou o direito religioso (FOUCAULT, 2002: 79) O grifo em negrito é meu

A ciência agora encontrou mais um novo objeto com o que se ocupar. Os padrões comportamentais estabelecidos pela nova ordem moral – moral vitoriana – guiaram o ofício do cientista do século XVIII. O cientista do século XVIII buscava bem menos identificar as causas do problema¹³, mas anular seus efeitos¹⁴. Portanto, nesse caso específico, o hermafrodita é aquele indivíduo que sacode, perverte ou inverte o comportamento¹⁵ atingindo as leis e a moral – basta, então, lembrarmos de Castle (1999) e

¹³ Pois a causa deste problema (hermafroditismo) já era demasiadamente conhecida: um despropósito da natureza que a lei moral deveria corrigir

¹⁴ A corrupção moral, os desvios, etc.

¹⁵ A fenomenologia de sua ação social, de sua existência no cotidiano social

a fuga do “natural” que o travesti do século XVIII dera início -. Para ilustrar todo o trabalho de formação discursiva desse período Foucault nos cita dois casos: o caso de Anne Grandjean e o de Marie ou Marin Lemarcis. Os dois casos são bastante emblemáticos e no caso de Marie ou Marin (1614-1615 [*rectius*1601]) a ideia é de que o monstro ainda é o *misto*. A corte de justiça que julgou o caso de Marie ou Marin Lemarcis pediu exames periciais. Os médicos peritos não encontraram sinais de virilidade em Marie. Então, a corte condenou-a, mas logo em seguida houve pedido e concessão de recurso. Os novos peritos que procederam a novos exames confirmaram, exceto um perito, os achados dos peritos anteriores que a condenaram. Um médico perito chamado Duval foi quem discordou e a sua discordância favoreceu Marie Lemarcis que obteve da corte de justiça uma pena mais branda: o uso de indumentária do sexo feminino, ou seja, uma volta ao normal e um reequilíbrio da lei e da moral.

Então, qual é o papel fulcral da ciência em relação a isto tudo? Diz Foucault que

[...] o hermafrodita é um monstro porque é contra a ordem e a regra ordinária da natureza, que separou o gênero humano em dois: machos e fêmeas. Portanto, se alguém tem os dois sexos ao mesmo tempo, deve ser dado e reputado por monstro. Por outro lado, **já que o hermafrodita é um mostro, se o exame deve ser feito é – segundo Riolan – para determinar que roupas deve vestir e se, efetivamente, deve se casar e com quem** (FOUCAULT, 2002: 89). O grito em negrito é meu

Portanto, o papel da ciência e do cientista do séc. XVIII pode ser resumido na oferta de material para fins de controle (higiene) social (moral) ou como melhor nos diz Foucault

Era, também, **uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral**, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas. A pretexto de dizer a verdade, em todo lado provocava medos; [...] Vinculou-se, com isso, a uma prática médica insistente e indiscreta, volúvel no proclamar suas repugnâncias, pronta a correr em socorro da lei e da opinião dominante; mais servil ante às potências da ordem do que dócil às exigências da verdade (FOUCAULT, 2007:61-2) O grifo em negrito é meu

No entanto, o caso de Anne Grandjean havia se tornado ainda mais interessante, uma vez que, a ideia geral que dominou o período de seu processo a respeito do hermafrodita já havia mudado. O monstro hermafrodita já não era mais o *misto* e a natureza parece ter, assim, sido reinterpretada. A direção mudou, completamente, e o que antes tinha como “causa” a natureza, agora vem abraçar-se a gostos perversos que a ciência não conseguia explicar completamente, mas que a moral conseguia nomear e valorizar. Como nos afirma Foucault a respeito da nova ideia a respeito do monstro

[...] existem indivíduos “que têm um sexo [predominante], mas cujas partes de geração são tão mal conformadas que não podem gerar [neles nem fora deles]. E, por conseguinte, o que se chama hermafroditismo não passa de uma má conformação acompanhada de uma impotência (FOUCAULT, 2002: 90)

A autoridade científica, a ciência médica, assim, terá de produzir novos discursos pra poder representar e dominar o que já não mais podia ser sustentado e dominado com apenas sugestões corriqueiras da moral da época. A natureza, pois, não podia ser a responsável por atos abjetos, ações impuras, atos contrários a si própria – em todo caso um contra-senso, uma contradição flagrante -. Uma má formação congênita não poderia ser a causa dos desvios, das loucuras, de atos tão inescrupulosamente imorais. A ciência a este respeito ainda não podia oferecer melhores reflexões e conclusões do que aquelas de matriz religiosa e moral. Portanto, para aqueles que defendiam a condenação de Anne Grandjean respaldavam-se não em estudos laboriosamente científicos, mas tiravam suas conclusões de cartilhas morais de sua época. A conclusão a que chega Champeux como nos lembra Foucault é que

O que deve suscitar, a propósito de Grandjean, o que deve provocar a condenação – diz Champeaux – não é o fato dela ser hermafrodita. É simplesmente o fato de que, sendo mulher, ela tem gostos perversos, gostar de mulheres, e **essa monstruosidade, não da natureza mas do comportamento, que deve provocar a condenação** (FOUCAULT, 2002: 91) O grifo em negrito é meu.

Já neste ponto podemos voltar ao *indivíduo transformado* do séc. XIX da Bahia a respeito do qual nos relata em sua pesquisa Jocélio Santos. Foi preciso, pois, absolver a natureza contra tamanha monstruosidade – não física -, mas moral. Se havia, porquanto, algo de monstruoso em Anne Grandjean não era o seu suposto ou configurado hermafroditismo, mas o fato de que sendo ela uma mulher amar e/ou desejar sexualmente outras mulheres. Se havia, assim, algum crime a ser julgado e condenado, o crime era menos de natureza constitucional do que social, moral. Daí da defesa de Champeux na condenação de Grandjean. Libertos pela natureza de seus antigos crimes, mas, rapidamente, transformados em, novamente, criminosos pela moral da época, os monstros serão reinventados pelas malhas discursivas da ciência e da moral do século posterior.

1.3. INEVITÁVEIS E PERIGOSOS: A PSIQUIATRIA E OS HOMOSSEXUAIS

Livres de sua antiga natureza monstruosa as práticas sociais¹⁶, sexuais¹⁷ dessa classe de indivíduos (os monstros) passou a ser alvo de incontáveis, inumeráveis ações tanto no campo da moral – de seus controles – quanto de ações cientificamente elaboradas. Vemos nascer, então, toda uma nova formação discursiva e um campo novo de saber mais específico: a psiquiatria como uma especialidade do saber médico¹⁸. Como nos lembra Foucault

Antes de ser especialidade da medicina, a psiquiatria se institucionalizou como domínio particular da proteção social, contra todos os perigos que o fato da doença, ou de tudo que possa assimilar direta ou indiretamente à doença, pode acarretar à sociedade. Foi como precaução social, foi como higiene do corpo social inteiro que a psiquiatria se institucionalizou (FOUCAULT, 2002: 148-9)

A “*higiene do corpo social inteiro*” diz respeito à nova maneira de ler as condutas e suas ameaças, as perturbações e seu controle e diagnóstico, de tornar inteligíveis as

¹⁶ Do ponto de vista do comportamento

¹⁷ Referente à própria sexualidade

¹⁸ Para um melhor aprofundamento, por favor, cf. Foucault, 2002

desordens e, assim, garantir o efetivo controle da ordem público-social. Enfim, a figura central deste novo cenário moral e científico é o homossexual. O homossexual deixa de ser, como diz Foucault, uma criatura reincidente em “crimes” contra a natureza, um desordeiro, um indivíduo imoral. Não, o homossexual transcende todos os seres estranhos, esquisitos que o antecederam para em seu lugar

[...] torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa [...] A homossexualidade apareceu como uma figura da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androginia interior, um **hermafroditismo da alma**. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 2007: 50-1) Grifo em negrito é meu

E é aqui, justamente, onde todas as complicações, onde todas as complexidades, onde todas as confusões mais gerais, também as mais específicas, parecem querer se delinear, se esboçar e ganhar vida própria. O “*homossexual*” como “*um passado, uma história*”, mas também como a unidade sintética, o elemento unificador de todas aquelas outras realidades monstruosas do passado. O homossexual, pois, deixa para trás a reincidência dos hábitos – e mesmo sua natureza criminosa - e passa a figurar como “uma espécie” nova o que o inserirá num complexo jogo político-científico de verdades e consequências. Essa ideia de tomar o homossexual como “espécie” levará de futuro a erros drásticos, dramáticos e grosseiros que perdurarão por mais ou menos um século de história (1870 a 1970)¹⁹. Chegamos, pois, a este primeiro princípio insidioso bem entendido, de vermos aqui travestis da segunda metade do século XX e já no início do século XXI terem, enfim, encontrado um determinado correlato histórico que possibilite afirmar, portanto, que a sua história começa neste ponto, isto é, que uma espécie de formação discursiva bem arcaica, confusa, mas já contendo os germes do que seria uma espécie de discurso próprio, tivesse a partir daí sido deflagrado. É, neste contexto, portanto, que vemos se multiplicar

¹⁹ Tentarei esclarecer isto no próximo capítulo

todo um arsenal científico, analítico, com escopo bem desenvolvido. O homossexual como espécie traz potencialmente²⁰ dentro de si o gérmen do que nós apelidaremos um pouco mais tarde de travesti.

Outro fato que marcará bastante os estudos no campo científico é a respeito daquela ideia aludida por Foucault: “*a transferência da prática de sodomia para uma espécie de androginia interior*” com o que foi caracterizado a sexualidade homossexual. Procurar-se-ão os elementos caracterizadores do homossexual, por isto mesmo, os elementos fundantes da sua sexualidade desviada, perversa ou pervertida, invertida ou anormal. Eis aqui, então, uma fina malha analítica se delineando, um grande olho observador estrategicamente posicionado, uma já tradição fisiológica no modo de olhar sendo preparada. Nada irá escapar e o homossexual se determinará no detalhe. Assim é que em 1872(3?), um médico, antropólogo e criminologista ligado a Faculdade de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, Francisco Ferraz de Macedo, apresentou à ciência brasileira sua tese de final de curso²¹. É uma obra importante, porque nela vemos a sutileza do detalhe, a descrição pormenorizada e o profundo arremate moral intrínseco à própria obra que postulava em nome da ciência médica os seus achados, bem como, os seus preconceitos. Como nos diz Macedo,

[...] se virmos um *rapazito* com andar sereno, grave, com os passos curtos acompanhados de movimentos do tronco e dos membros superiores; com as pernas um pouco abertas e o bico do pé muito voltado para fora; enfim, se virmos um rapaz arremedar no andar uma dama (cantoneira bem entendido); que tenha estudado ao seu espelho os movimentos semilascivos do corpo e que os ponha em prática quando passeia, com o fim de excitar e atrair as vistas e desejos dos transeuntes: podemos suspeitar que **é um rapaz infame** que passa (MACEDO, 1872 in Green e Polito, 2006: 28). Grifo em itálico do autor. O grifo em negrito é meu.

Não havia, pois, nada somático, anatômico, fisiológico, enfim, que pudesse ligar o “comportamento imoral²²” destas criaturas a uma causa eficiente. É verdade que surgiram

²⁰ Veremos isto com maior detalhe um pouco mais adiante

²¹ Da prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro, profilaxia da sífilis

²² Por conseguinte, anormal

muitas especulações no campo da medicina, especificamente, no campo da endocrinologia²³ que procurava ligar disfunções orgânicas, isto é, endocrinopatias graves como, por exemplo, a ginecomastia e a andromastia, a comportamentos sexuais desviantes²⁴. Destacaram-se, no entanto, as formas clássicas clínicas de Richard Von Krafft-Ebing²⁵ nas quais se postulou a ideia de homossexualidade psicossomática, geralmente, caracterizada por fortes distúrbios hormonais que agiriam na compleição física do indivíduo, bem como, afetando a sua personalidade; também se destacou aquela forma clínica conhecida por homossexualidade psicopática caracterizada por uma homossexualidade declaradamente ostensiva – desde a mais tenra idade já demonstraria tais tendências -, difícil de esconder e que o indivíduo assim caracterizado não se acharia em face de sua “anormalidade” com nenhum tipo de sofrimento interior; para ele sua “anormalidade” figurava como normal e a última forma clínica, a homossexualidade latente é, justamente, a forma contrária a esta última. Nela o homossexual não demonstra o seu “pendor anormal” para a homossexualidade. Ao contrário, comporta-se como qualquer indivíduo normal (heterossexual), agindo conforme a moral. Não há nenhuma alteração física ou psíquica que o comprometa e o lance, assim, no fosso da anormalidade. No entanto, nenhuma delas pode abdicar de fatores psicológicos/psíquicos para uma apreciação mais detalhada e aprofundada. Algumas manifestações, chamemos assim, sexuais, como é o caso da forma clínica da homossexualidade psicopática era vista apenas como uma variação de uma forma mais geral homossexual, como aquilo que Foucault havia identificado como a infância, o passado, a história, a espécie ou o que tudo isto quer dizer: o fundamento da nova espécie. Mas, nesta forma específica, já podemos identificar, com maior clareza hoje, esta manifestação não como uma variação de algo mais geral (homossexual), mas como uma manifestação bastante específica desde que se desconsidere

²³ Cf. Dourado, 1967

²⁴ O tipo de comportamento fora do padrão moral heterossexual era chamado desviante

²⁵ Cf. nota de nº 13

o fator biológico que sustentava tais estudos dos caracteres ou traços de uma potencialidade travesti sendo configurada. Deste modo, em 1938/40 um estudante do Instituto de Criminologia de São Paulo, Aldo Sinisgalli, publicou uma obra intitulada “*Observações sobre os hábitos, costumes e condições de vida dos homossexuais (pederastas passivos) de São Paulo*”. Nela podemos encontrar os germes já das futuras confusões que iriam pautar as produções científicas sobre gênero atuais. Como nos diz Sinisgalli,

Os homossexuais **são fisicamente masculinos**; mas examinemos os seus modos de agir, suas atitudes e seus gestos. Os invertidos agem como mulheres. Seus gestos e atitudes são, em geral, afetados; **alguns seriam graciosos se de fato fossem mulheres**. O andar é leve. Jogam com o corpo. As ancas, volumosas e salientes, com andar, bamboeiam ritmicamente. Quando se voltam, para olhar para os lados ou para trás, repuxam o ombro de uma maneira singularmente feminina. Olham os seus iguais em sexo com um olhar amortecido, às vezes cheio de desejo. (Os olhos não são o espelho da alma?) (SINISGALLI 1938/40 in Green e Polito, 2006: 47). O grifo em negrito é meu.

Gostaria, então, agora de atentar para o fato de que as análises tinham por base o corpo físico, suas funções, sua fisiologia, sua anatomia e, por conseguinte, os valores sociais, morais (daí suas psicopatias sexuais) que a este vinham agregar-se e, por isto mesmo, formar o que de uma maneira simples chamamos *cultura*. Tais produções, portanto, antecipam em varias décadas, sem que ainda tenhamos podido superá-los, grandes erros²⁶. A ideia geral que norteia tais produções não transcende muito à noção de uma metafísica envergonhada. Poderíamos, então, procurar entender a respeito de onde vem a noção segunda a qual “*homossexuais são fisicamente masculinos*” ou como num correlato seu “*homossexuais/travestis são biologicamente masculinos*”, porque aqui se acha em partes erro e problema. Como se podia identificar naquela época – idos dos anos 1940, como nos dias atuais – que um corpo determinado, um indivíduo, era “fisicamente masculino” sem que para isto se recorresse a noções vulgares dos manuais de anatomia, de

²⁶ Tratarei de esclarecer o que chamo de “grandes erros” um pouco mais adiante

biologia, de medicina, de saberes específicos, portanto, de um discurso de autoridade que o afirmasse, confirmasse, consagrasse e a respeito dele impedisse que qualquer outra noção (poder-saber) viesse assomar-se, isto é, recolocar novamente todo o problema? Assim, o ser “*física ou biologicamente masculino*” – esta categoria disfarçadamente ontológica - já traz/ia em sua concepção toda a relação de poder-saber que se estabeleceu no passado, por conseguinte, a história de sua vitória. O homossexual é, pois, aquela criatura que, de algum modo, obrigou por conta de suas práticas sociais²⁷ e sexuais o restabelecimento das agonias²⁸ – esta releitura da verdade - pelo domínio do campo e do jogo da verdade. Só um pouco mais tarde é que a noção vulgar de *homossexual* perderá um pouco do seu, digamos assim, conceito guarda-chuva. Determinadas manifestações sexuais não se encaixavam muito bem na noção puramente homossexual. Novas formações discursivas foram inventadas, novos seres e objetos apareceram. Mas, não se pode exagerar, as disposições físicas – anatômicas, fisiológicas, biológicas – continuaram lado a lado a disposições, digamos, simbólicas, morais que procuravam explicar a fuga “do natural” – desde o séc. XVIII - destas criaturas ao mesmo tempo em que os ratificava e louvava na medida em que para explicar um e seu desvio necessitava do outro e seu crime, sua desordem, sua perturbação.

1.4. MAIS PERTO DO FIM: A TRAVESTI FETICHISTA DE HIRSCHFELD E STOLLER

Desde o início do séc. XX apareceram novas ideias para tentar dar conta de outras expressões da sexualidade homossexual. Em 1910, então, é lançada a obra “*Die Travestiten*” de Magnus Hirschfeld. Como nos explica Pierre Henri Castel,

²⁷ Subjetivas, comportamentais

²⁸ Leia-se, disputas

O primeiro livro onde é usado o termo "transexual" é o que Magnus Hirschfeld lhe consagrou, *Die Transvestiten*, em 1910. Como se vê no título, não se trata de separar o transexualismo (a palavra figura, de resto, inserida na expressão "transexual psíquico") do conjunto das perversões, mas sobretudo, de um lado, de separar as formas de homossexualidade, e de outro, de estabelecer que o transvestismo não é uma prática especificamente homossexual, em via de destruir a homogeneidade aparente da categoria de "atos contra a natureza" (CASTEL, 2001: 81)

De um modo ou de outro, a categoria, Foucault chamou espécie homossexual, parecia já não ser mais eficiente. Este novo indivíduo – travesti fetichista – continuou na categoria de homossexual, mas as expressões de sua sexualidade receberam um batismo novo. Eram já sinais de que o homossexual como espécie não suportava abarcar todo o conjunto das “perversões”, pois estava demasiadamente saturado. Um salto um pouco mais no tempo²⁹ vemos se desenvolver novas tecnologias³⁰ como é o caso da invenção de hormônios sintéticos, a cirurgia plástica, a descoberta da endocrinologia no início do século XX, etc. Harry Benjamin³¹ irá se opor à concepção de “travestismo/transvestismo/travesti fetichista” do Dr. Hirschfeld e uma disputa científico-conceitual estabelecer-se-á. A discórdia de Harry Benjamin a respeito da ideia de “travesti fetichista” do Dr. Hirschfeld assentava-se na tentativa de estabelecer uma nova categoria, digamos, anormal, mas esta já não podia ser inserida na grande categoria guarda-chuva homossexual. Tratava-se agora de algo diferente, algo novo, do *transexual*. A intenção de Benjamin era isolar esta nova criatura seu “desvio e sofrimento” de manifestações semelhantes, contudo, essencialmente diferente das outras. E Benjamin explica,

El transexualismo, es un problema diferente (del travestismo) y mucho más complicado. Es algo más que representar un papel. El es deseo intenso, y a veces constituye una obsesión, *el deseo de cambiar la condición social por completo, incluyendo la estructura del cuerpo*. Mientras que el travestista masculino desempeña el papel de mujer, *el transexualista quiere ser y funcionar, como mujer, deseando asumir tantas de sus características como le sea posible, física, mental y*

²⁹ Final dos anos 1930

³⁰ Cf. Funch, 2007; Meyerowitz, 2002

³¹ Médico endocrinologista

sexualmente. Transexualismo e travestismo, añade, ocurre con mayor frecuencia *entre hombre*, al igual que todas las otras desviaciones sexuales (BENJAMÍN, 1966 in ALVARADO, 1986: 34)

Eis aqui, então, o que podemos chamar de o primeiro grande corte epistemológico na espécie homossexual. O transexual é outra coisa, é mais perturbador, é mais desestruturador e, por isto mesmo, parece ser mais perigoso. O travesti fetichista, pois, é apenas um homossexual que vez por outra gosta de “usar peças íntimas do vestuário feminino” afim de excitar-se sexualmente, sua ação é apenas uma representação momentânea fruto de excitações emocionais, sexuais. O transexual não; o transexual é um fenômeno novo e, portanto, merece outro *status*. Mas, foi o psicanalista Rober Stoller o primeiro a voltar ao tema travestismo e ver nele algo mais que o “a-normal” homossexual restabelecendo, pois, a agonia entre “o travesti” e “o transexual”. Como nos explica Stoller,

Estamos vendo um número crescente de tais pessoas que há vinte anos eram desconhecidas. [...] Esse grupo de indivíduos foi liberado pela publicidade e pela atitude mais branda do público em relação ao **comportamento genérico invertido**. Eles ousam travestir-se e mesmo passar por mulheres; as leis, a polícia e os tribunais tendem a tratar benignamente com eles [...] Tais homens são um outro teste para a hipótese transexual, que confirmam pelo contraste. Olhemos brevemente para esses homens. Começando na adolescência com experiências eróticas precipitadas simplesmente por peças de roupas femininas, o comportamento travestido ampliou-se à medida que os anos passaram, de forma que agora, na meia idade, **excitação fetichista não é mais seu aspecto exclusivo**. Embora ainda aprecie sua excitação sexual com roupas de mulheres, ele agora organizou sua vida de tal forma que vive como uma mulher por todo o tempo [...] Ele pensa sobre si, é aceito pelo mundo como uma mulher, e mantém-se como tal. **Mas ainda ama seu pênis e suas ereções**. Não deseja uma operação para “mudança de sexo”. Por muitos anos de experimentação e aprendizado esse homem trabalhou laboriosamente na criação de uma identidade feminina. (Não se vê tal trabalho no transexual). **Esse processo faz uso de imitações conscientes, arremedo** (com suas hostilidades) e representação, assim como de técnicas não conscientes semelhantes àsquelas usadas por impostores e por aqueles atores que não podem apenas representar a si próprios (STOLLER, 1982: 180-1). O grifo em negrito é meu.

Como se pode perceber, Stoller (1982) buscou compreender de mais perto o que eram essas criaturas que desde 1910 receberam um nome de batismo: travestis. Já não eram mais aqueles homossexuais dos anos 1940 – da forma clínica psicopática - que adoravam os vestidos e o carnaval como também não podiam ser inseridos nesta nova categoria inventada por Harry Benjamin lá na década de 1950, os transexuais. Como afirma Stoller (1982), “os travestis” (sic) não se sentem infelizes com o seu penis e até veem nele algum prazer ao contrario dos transexuais que desejam veementemente mudar o seu aparelho genital. As pesquisas futuras confirmariam as invenções de Harry Benjamim, especificamente, no que elas têm de conteúdo diferenciador das duas categorias e a linguagem de Stoller (1982) no que ela tem de metafísica.

1.5. ANTIGOS PROBLEMAS, ANTIGAS RESPOSTAS: A ‘AMBIGUIDADE’ TRAVESTI

E afinal de contas, o que são travestis? Penso que para responder a esta pergunta há duas maneiras possíveis. A primeira, seguindo todos os passos daqueles que nos antecederam. A segunda abandonando suas ideias e inventando algo novo. Parece-me, entretanto, que foi a primeira maneira que fez mais sucesso entre os pesquisadores, digamos, de nosso tempo. A ampla maioria deles não inventou novas ideias, nem questionaram as antigas, nem restabeleceram o campo das agonias. Procederam com o que já havia de resposta e “inventaram novas palavras” ou apenas fizeram uso de novos verbetes para classificar o que já tinha classe. Portanto, se indagássemos ao conjunto das pesquisas atuais o que afinal de contas³² são travestis sua resposta não seria *qualitativamente* melhor do que aquelas apresentadas pelos cientistas que “conceituavam” o homossexual nos anos 1930-40. Podemos acusar estes cientistas de pactuarem com a moral de sua época? Suas análises não traduziriam em parte os desejos da moral de sua

³² Qual é a medida de suas contribuições?

época? Contudo, deixo-lhes o exercício moral a este respeito, deixo que julgue suas próprias obras. Já não usamos mais aquele vocabulário científico dos anos 1940 próprio à moral de sua época.

Figuramos ser superiores aos analistas do passado quando inventamos toda uma nova verborragia de novos termos para dimensionarmos o universo ou processo de formação/constituição da força travesti. É assim que os analistas a este respeito se expressam:

Parecer, inserir, fabricar, montar, suprimir, construir, modificar, jogar, redesenhar, transformar, performar, incorporar, interferir, remeter, arredondar, interpretar, modelar, apresentar, representar, moldar, emblocar, encaixotar, perseguir, animar, configurar, figurar, imitar, intuir, potencializar (verbos retirados ao conjunto das produções que analisei e que se encontram inseridos mais ou menos nas citações posteriores)

Todos estes verbos nos teletransportam imediatamente para um tipo de realidade, digamos, ficcional. Quero dizer, exatamente, que a linguagem usada por mais bem intencionada que ela seja e mesmo que a sua arquitetura epistemológica queira parecer demonstrar alguma modernidade, portanto, o contrário daquilo que nega, ela ratifica a realidade ficcional da travesti. Isto é, a travesti por melhor que tenha estudado ao espelho todos os detalhes da subjetividade feminina, sua essência, eis aqui uma palavra de ordem, mas tão rejeitada, não é feminina, mas efeminada³³ e figura, por assim, dizer, como sendo, como diz determinados autores “um homem dentro do corpo de uma mulher”. Um exemplo disto podemos encontrar na seguinte apreciação:

Travestis são homossexuais singulares, diferentes das transformistas, da *drag Queen* (sic), e dos próprios transexuais. (OLIVEIRA, 1997). **São eles antes de tudo homens**, que assim se percebem (enquanto homens), e que relacionam-se (sic) com outros [homens]. São homens, que ainda se

³³ A este respeito cf. Stoller, 1982

compreendendo enquanto tais, pertencem ao gênero “oposto”, são femininos. **Homens que tem (sic) corpo de mulher, e órgão sexual de homem** (MACHADO, et.al. 2010 (?): 6). Grifo em itálico dos autores. O grifo em negrito é meu.

Parece-me, então, que tais considerações a respeito das travestis são frutos mais de uma esquizofrenia teórica do que fruto de longas, demoradas pesquisas. A travesti, portanto, é transformada numa espécie de síntese arquitetônico-epistemológica das modernas análises discursivas de gênero e sexualidade. Isto é, a travesti está condenada a consagrar o que, aparentemente, nega: todo o processo essencializador do binário de gênero criticado, por exemplo, por Judith Butler³⁴. Ou seja, a travesti é homem e mulher ao mesmo tempo, é a síntese ou a unidade sintética – a figuração monstruosa envergonhada - do binarismo. No entanto, há ainda alguns pesquisadores com serias dúvidas de até mesmo como tratar estes indivíduos como aparece aqui:

Como se referir a essas pessoas? Aqui **as tratarei como** “as travestis”, considerando que **são como mulheres** que estas se apresentam e querem ser vistas. Ao construírem para si uma imagem feminina, adotando, inclusive, nome de mulher, me parece que preferem ser tratadas no feminino. Aliás, é assim que se tratam entre si. Mesmo não havendo um consenso entre elas sobre que artigo deve preceder a palavra travesti, os pronomes de tratamento vêm sempre no feminino quando uma se dirige à outra (PELÚCIO, 2004: 125). O grifo em negrito é meu.

Aqui, então, diante desta citação eu me recordo da dúvida cruel – e dos gloriosos embates intelectuais - dos cientistas das décadas de 1930 e 1940 a respeito da incapacidade nata dos homossexuais de não conseguirem assoviar³⁵, afinal de contas, assoviar era uma capacidade masculina e que só homens normais teriam esta condição. Portanto, não saber como tratar “essas pessoas” significa não saber a que determinação – natural ou social/simbólica, intelectual ou emocional – se deve obedecer. De outro modo também, reflete o grau de comprometimento com a verdade. Como se percebe, não dá para afirmar que travestis são mulheres mesmo que elas se considerem ou se comportem como uma das

³⁴ Cf. Butler, 2003

³⁵ Cf. Green e Polito, 2006

tais. A palavra travesti, então, entra na ordem da concessão intelectual – de querer tratá-las assim, como mulheres travetis -, naquilo que poderíamos chamar de campo de poder. Como se diz no meio intelectual a este respeito,

Ao procurar pela definição da palavra travesti, é possível encontrar uma variedade de significados, o que talvez reflita o incômodo e a perplexidade frente a esse **“algo” que parece ser impossível enquadrar**. De “travestismo” a “travestilidade”, passando por “homem que se veste de mulher ou mulher que se veste de homem”, ocupando um lugar cativo nos Transtornos da Identidade Sexual ou “fisiologicamente um homem, mas que se relaciona com o mundo como mulher”... (JUSTA, 2006). **Apesar da diversidade conceitual, é possível observar que a referência ao uso de roupas atribuídas ao sexo oposto é um elemento presente em todas as conceituações**, sejam imbuídas de um cunho patológico ou não. Questiono-me: por que é dada uma ênfase tão grande ao modo como as pessoas se vestem? (COELHO, 2010 (?): 2). O grifo em negrito é meu

Durante todo o longo percurso da minha pesquisa não encontrei um único pesquisador que se tivesse posto o desafio de restabelecer o campo das agonias a respeito do tema travesti. As pesquisas do meu arquivo parecem reproduzir umas as outras intermitentemente. Há um lugar-comum a respeito das travestis, um *status quo* a respeito delas; há um já olhar definidor, uma espécie de fisiologismo pronto a captar todos os seus movimentos e um cérebro pronto a reproduzir os achados. Escrevem todos sobre travestis, mas sem saber muito que estão fazendo senão apenas descrever algumas de suas ações. Há quase uma unanimidade intelectual em descrever travestis como homens ou termos que o equivalha como: fisicamente masculino, sexo masculino, etc. etc. Como nos afirma um pesquisador,

A Travesti nos aponta as possibilidades do ser humano se redesenhar por meio de **artifícios incomuns a sua natureza biológica**, que virão a produzir novos significados, tendo o seu universo cultural como alicerce de construção para as significações que compõem a sua apresentação visual, ou seja, é o universo feminino estabelecido pela cultura ocidental que servirá de repertório para construção **da aparência feminina no corpo masculino** da mesma. (LIMA, 2007: 2). O grifo em negrito é meu

Não coube ao pesquisador, como fadidamente se percebe, indagar-se a respeito do que ele chama de “a [...] natureza biológica”. O que é esta “natureza biológica”, qual o seu domínio, a sua extensão? Por que o domínio do campo biológico tem maior força, mais poder em relação ao campo simbólico, da aparência, não seria aí, então, o biológico a melhor expressão do poder disciplinar? Afinal de contas, a “natureza biológica” sempre tão presente na confecção deste conjunto de pesquisas não corresponde à essência desta espécie de indivíduo? Não estará atuando por debaixo da noção de “natureza biológica” noções mais fundamentais de “natureza filosófica” (metafísicas)? Não estamos, assim, sujeitados ainda a um certo platonismo nas análises? Larissa Pelúcio, então, afirma que,

“Ser travesti” é um processo, nunca se encerra. Construir um corpo e cuidar deste é uma das maiores preocupações das travestis. **Estão sempre buscando o que eles chamam de “perfeição”, o que significa “passar por mulher”.** Não por qualquer mulher, mas por uma bonita e desejável. Isto é: geralmente, a branca e burguesa. **Em busca desta imagem** afinam seus braços, escolhem nomes comuns a atrizes e musas hollywoodianas ou a cantoras *pop*. Desta forma **não subvertem a norma, mas a ela se submetem** (PELUCIO, 2005: 98) O grifo em negrito e o sublinhado são meus; o itálico é da autora

A ‘ciência do gênero’³⁶ não renovou, nem re-inventou novos discursos, nem mesmo se deu ao trabalho de inserir novas questões senão politizar as que já existiam. Escamoteou o moralismo flagrante com que se expressavam abertamente os cientistas do passado inserindo perspectivas políticas na questão. Daí do conjunto dos pesquisadores sobre o tema não saber bem como referir-se ou se comportar em relação a “*essas pessoas*” restando-lhes apenas confeccionar algumas dezenas de defesas políticas *pró-queer*. Na verdade, “*essas pessoas*” continuam tão enigmáticas quanto o eram no início do século XX. Isto é, se o fundamento do gênero ainda é considerado, embora que negado, biológico³⁷ (metafísico), a resposta que dão para uma série de problemas que se apresenta os pesquisadores é de natureza política (cultural), ou seja, algo extremamente

³⁶ Pelo menos esta que se apresenta no conjunto das produções que analisei

³⁷ Porque tal é a recorrência à ideia de “natureza biológica” em relação ao gênero

descompassado. Talvez, seja deste quíprocó que nasça o que os pesquisadores chamam de “perspectivas ambíguas” para referirem-se às travestis. De qualquer modo já temos uma ideia geral de como a palavra travesti apareceu, em que condições, isto é, o seu *como*. Como nos garante um já afamado pesquisador,

Travestis são aquelas que promovem modificações nas formas de seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina (BENEDETTI, 2005: 18). O grifo em negrito é meu

Aqui, então, temos uma noção ainda mais clara, quanto vulgar, do que, enfim, poder-se-ia dizer o que travestis são. Tenderíamos mesmo a creditar algum valor àquelas ideias, das quais estas últimas são mero reflexo, de que a natureza travesti é ambígua. É ambígua porque a travesti convive com o mundo masculino e de sua natureza biologicamente determinista e por outro lado se lança em direção ao mundo da feminilidade e de sua, neste e para este caso, determinação simbólica, social. Assim, os pesquisadores encontram-se numa espécie de encruzilhada moral, ou seja, *da regra do jogo científico, o seu status quo dominante*, bastante difícil de superar. A natureza ambígua com que revestiram as práticas sociais das travestis, na verdade, não transcende muito ao nível de desenvolvimento intelectual em que se acham os intelectuais/pesquisadores em face das travestis e de suas práticas desassujeitadoras, assim, tenho a leve impressão que a ambiguidade com que as dotaram (travestis) é menos das travestis do que dos pesquisadores. O que dizer de um ser “fisicamente masculino”, então, que age, comporta-se, diga-se social e moralmente, como uma mulher? Um pesquisador parece ter nos aberto e descoberto o caminho para uma provável solução. Diz-nos ele que,

As travestis [...] demonstram **o caráter performático das identidades, em especial as de gênero e de sexo**. Elas utilizam de instrumentos disponibilizados pela matriz heterossexista e falocêntrica, **fabricando um corpo considerado feminino sobre um suporte primário que é o corpo**

do macho, comprovando que a feminilidade não está atrelada à fêmea, mas pode ser inventada, assim como a masculinidade (SERAFIM, 2006: 4)

A recorrência às disposições físicas, anatômicas, por conseguinte, fisiológicas em relação às formações de um discurso de gênero, parece-me, mexe realmente com a cabeça da maior parcela dos intelectuais/pesquisadores do tema e que de nenhuma maneira consegue dela se livrar. Mas, os equívocos de que falava anteriormente em relação às travestis diz menos respeito aos grandes pensadores do tema do que aos seus discípulos apaixonados. Um pouco mais de atenção e dedicação ao pensamento dos consagrados pensadores de que fazem uso os pesquisadores poderia evitar a propagação de problemas já resolvidos fazendo assim com que o campo específico deste saber pudesse ganhar novas disputas. Fazendo relação entre o que afirma Serafim³⁸ (2006) com o pensamento do qual ele faz uso podemos ler o seguinte:

É “o corpo” ou “o corpo sexuado” a base sólida sobre a qual operam o gênero e os sistemas da sexualidade compulsória? Ou será que “o corpo” em si é modelado por forças políticas com interesses estratégicos em mantê-lo limitado e constituído pelos marcadores sexuais? (Butler, 2003: 185)

Não será, pois, lícito nos indagar, conforme o pensamento de Butler, se a recorrência a disposições físicas para tratar questões de gênero – leia-se, ao corpo biológico – não significa de algum modo reproduzir e manter uma ordem discursiva a qual se pretende derrubar? Não é aqui, pois, que se acha a fonte do que chamam de ambiguidade travesti? A dúvida, talvez, seja esta: como tratar/estudar o que chamamos travestis sem as categorias de “macho” e “fêmea” com as quais nos acostumamos pesquisar, sem esta ambiguidade corporal (pré-discurso) que dotaram as infelizes travestis? Para onde correr, que saída tomar? A reprodução destas ideias é bastante sintomática e revela mais do que desejaria: a desnutrição, a inanição do pensar.

³⁸ A respeito da performatividade de gênero

O que é agora a aparência para mim! Não será certamente o contrario de uma essência... Que saberia eu dizer de qualquer essência que não fosse os atributos da sua aparência?

Nietzsche in “A Gaia ciencia” (69)

CAPÍTULO II

1. A ‘CONSTRUÇÃO’ DO GÊNERO

É bastante interessante perceber a recorrência em estudos de gênero, especificamente, aqueles dedicados à compreensão e ao estudo das travestis no que toca a um certo determinismo biológico disfarçado, uma vez que, a própria categoria analítica – gênero – surge entre as feministas americanas com a intenção veemente de negar aquele determinismo. Como nos explica a respeito da categoria gênero Joan Scott,

[...] **Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas**, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior (Scott, 1995: 75) O grifo em negrito é meu

Portanto, afirmar que mulheres são frágeis, dóceis e que necessitam da proteção masculina tomando por base a estrutura física “delicada” de seu corpo passou a ser rejeitado como determinação biológica absurda, no entanto, a própria identidade de gênero (mulher, fêmea, etc.) continuou sendo metafisicamente – biologicamente como sendo o disfarce metafísico – sustentada, mantida, cultivada e politizada. Isto também implicou problematizar como foi possível e em que bases filosóficas, científicas e culturais a mulher “se tornou” mulher onde se tornar mulher aí significa como e por que ela aceitou a dominação masculina durante tantos séculos. Portanto, as bases filosóficas que sustentavam a natureza do “ser mulher” ruíram diante de uma série de problematizações alavancada pelas próprias mulheres. O determinismo biológico (sua dimensão política) que

durante tantos anos serviu de bagagem cultural sacada a toda hora pelos homens para explicar a fragilidade feminina e, justificar a sua condição dominante, também foi questionada. Diante das problematizações das feministas³⁹ em relação ao “gênero” já não se podia mais sustentar nem filosoficamente, nem biologicamente a determinação de “ser mulher” – sua condição natural de dominada. Em substituição àquelas antigas ideias, a ideia nova que apareceu entre as feministas foi a de que o gênero é muito mais o resultado de uma relação, a construção desta relação, uma complexa construção histórico-relacional, social, cultural, política, uma relação de forças sobrepujando-se em disputas do que uma determinação natural (biológica), etc. Como bem nos chama a atenção Judith Butler,

[...] o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe *em relação* a outro significado oposto. Algumas teóricas feministas afirmaram ser o gênero “uma relação”, aliás um conjunto de relações, e não um atributo individual (Butler, 2003: 24)

Relação ou conjunto de relações históricas que explica/m como as mulheres foram dominadas e como a seu respeito foi inventada toda uma série discursiva que justificou por séculos a sua dominação. Contudo, ao que parece, ainda existem focos de resistência intelectual por parte de algumas “feministas” em aceitar categoricamente “gênero” como sendo uma forma/categoria de análise (histórica) das relações sociais entre homens e mulheres (o fundamento do gênero) e rejeitar peremptoriamente o “sexo biológico” como o elemento fundante individual, social e culturalmente do próprio gênero. Como nos fala Colette Chiland,

O gênero é apresentado como uma distinção puramente social, sem fundamento biológico. Depois de uma amadurecida reflexão, acabei por compreender, ao que me parece, como se pôde chegar a uma proposição tão irracional. [...] **as variações nas representações não impedem a existência do corpo desde sempre** e a de uma diferença entre os machos e as fêmeas que pode ser designada como a “diferença sexual” (Chiland, 2008: 20). O grifo em negrito é meu

Se não faço tão má leitura a respeito destas palavras de Chiland (2008) o que me pareceu é que ela toma a categoria de gênero como resultado de uma construção histórica

³⁹ Cf. Butler, 2003; Scott, 1995

(variantes históricas da representação) – cujo alcance é bastante limitado - e admite que o sexo é fundante (existe desde sempre e é universal em sua característica binária), isto é, é pré-discursivo ou é o próprio discurso da natureza, portanto, a verdade sobre os homens e as mulheres e o que me parece, assim, sai em defesa do caráter essencial que faz da mulher ser mulher: sua distinção de sexo inquestionável. Desta reflexão tão amadurecida ela pôde concluir que existe sim uma diferença sexual fundante entre machos e fêmeas, mas que tal diferença sexual fundante não autoriza a dominação⁴⁰ masculina sobre a feminina e, neste aspecto, ao que parece, Chiland (2008) vê na realidade de gênero uma defesa política, não uma reinvenção essencial⁴¹ e, portanto, o motivo para ser também uma feminista. Mas, de outro modo, Judith Butler nos chama para a seguinte reflexão:

Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma (Butler, 2003; 25)

Butler desfez o *nó de Górdio*, isto é, para Butler o “sexo” é também uma categoria inventada, uma categoria culturalmente construída que intenta estabelecer sua naturalidade procurando esconder os artifícios ideológicos de sua construção numa espécie de diferença ontologicamente percebida, anatomicamente demonstrável e que, portanto, daí resultaria o seu caráter de inquestionabilidade. Assim, o gênero não pode ser considerado só e apenas a maneira pela qual as inscrições culturais agem sobre um corpo determinado (expressão de múltiplas batalhas), isto é, que o gênero seja uma espécie de interpretação cultural da natureza dada, ou como diz Chiland que existam “*desde sempre*”. Portanto, o sexo passa a ser identificado/interpretado também como uma espécie de meio-discursivo pelo qual o que chamamos de “sexo natural” é estabelecido, como diz Butler, como “pré-discursivo”,

⁴⁰ A conclusão lógica a que chegaram os homens

⁴¹ Do sexo, do gênero

isto é, anterior à própria cultura, ou como melhor ainda diz Butler: “*uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura*” (Butler, 2003: 25). O que resulta é mais um absurdo, uma vez que, o pré-discursivo seria uma forma de irracionalidade, uma vez que, o nosso mundo, a nossa realidade é uma realidade só possível pela invenção possível dos discursos.

2. 1. COMO ESTÃO REPRESENTADAS AS TRAVESTIS NO ESTADO DA ARTE

As travestis, pois, estão representadas numa dimensão epistemológica que o conjunto das pesquisas que me serviu de base chama de “ambiguidade”. Mas, afinal de contas o que é ou que significa analiticamente esta “ambiguidade”? A “ambiguidade” aí aparece em primeiro plano como o lugar da dúvida ou do espanto, da incerteza ou da falta sensível de compreensão, da estranheza ou da indelicadeza, da inverdade ou da falta de sensibilidade, da falsidade ou da negação da aparência como causa, para depois a “ambiguidade” aparecer como um lugar de síntese entre o biológico e o simbólico, entre o masculino e o feminino. As análises do conjunto de pesquisas que analisei recaem todas, sem exceção ou salvo raríssima exceção, na procura de melhor dimensionar a passagem de uma representatividade natural, biológica, constitucionalmente dada, do masculino para uma interpretação/construção social, simbólica “da” feminilidade na travesti, seu simulacro. Pareceu-me, assim, que tais análises deram atenção demais a “fundamentos biológicos” quando a perspectiva de gênero a que estavam filiadas exigia, justamente, o contrário. Como nos explica um determinado autor,

Grosso modo, **travestis são indivíduos biologicamente masculinos** que, através da utilização de um complexo de *techniques du corps*, moldam seus corpos com características ideologicamente associadas ao feminino (BORBA, et. al., 2008: 410). O grifo em negrito é meu

Realmente, não espanta que o estado de desenvolvimento epistemológico mais profundo a respeito destas criaturas – as travestis - recaia, sem dúvidas, sobre dúvidas, incertezas, ambiguidades. Evidentemente que se tomarmos como faz a maioria dos pesquisadores a ideia de que “*travestis são indivíduos biologicamente masculinos*” as conclusões que se seguem a esta afirmação são previsivelmente esperadas e lógicas. Assim, todo o trabalho em detalhes que realizam as travestis generifica-se na interpretação de um conjunto de análises como obra de tentativa vã ideologicamente orientada. Claro que não há afirmações em tais termos, mas suas análises, suas explicações podem ser tomadas, entendidas de um modo ou de outro desta maneira. Como nos esclarece um pesquisador,

[...] **a ambigüidade** (sic) **é característica marcante da identidade travesti**, como pude constatar na entrevista também cedida ao site Espaço GLS pela travesti Paola: “Eu não odeio o meu órgão (sic) sexual... O que eu mais quero ter hoje é uma vida de mulher, não importando se eu tenho um órgão (sic) genital masculino (PAOLA in DUQUE, 2005: 45) O grifo em negrito é meu.

A fala da informante de Duque (2005) é bastante contundente e poderia tê-lo levado para dimensões analíticas mais profundas. Mas já se vê que Duque (2005) não conseguiu transcender ao *estado da arte*. Tomar a “ambiguidade” como característica substancialmente “marcante da identidade travesti” significa ratificar a primazia ou o *a priori* do discurso biológico de gênero sobre a teoria de gênero ou os estudos de gênero que postulam a rejeição do discurso biológico sobre a constitucionalidade de gênero. Ratificar, pois, a condição de “macho” ou “masculino” – representado pelo pênis - para referir-se às travestis, assumir o discurso da teoria feminista de gênero – na procura de fundir ambas - que havia questionado as bases sobre as quais o elemento fundante do gênero encontrava-se na biologia, fato, não poderia levar os pesquisadores que se jogaram neste breu, nestas sombras analíticas a análises mais precisas e o resultado é este que

vemos compartilhado como que numa espécie de conjunto. Chiland a este respeito nos faz uma provocação, diz-nos ela que,

Desde que se conhece a existência dos cromossomos, a diferença entre a fórmula macho (XX) e a fórmula fêmea (XY), o papel dos genes comportados pelos cromossomos, cada um codificando para uma proteína e comandando todo o desenvolvimento, tende-se a dar a primazia aos cromossomos na determinação do sexo. [...] E então: o pênis ou os cromossomos? (Chiland, 2008: 83-84)

Chiland (2008) ergue toda uma argumentação contrária ao fenômeno transexual – mas, que de alguma maneira faz referencia à condição travesti – no que tange ao seu aspecto de redesignação genital/sexual. Para Chiland o fato de que “um homem” por meio de intervenções cirúrgicas possa mudar o seu aparelho genital masculino, isto é, o seu sexo masculino para feminino não faz dele, por isto mesmo, um novo ser, isto é, não muda a sua essência (constituição cromossômica/biológica) ou o seu conjunto cromossômico. No máximo, então, diz-nos Chiland, teremos um homem castrado⁴² com *aparência* feminina. Pode-se inferir, pois, destas suas conclusões algo parecido em relação ao conjunto dos estudos de gênero que estão dedicados às travestis. O fato de que um indivíduo seja/esteja marcado/identificado como “*biologicamente masculino*” por meio de determinados artifícios como uso de hormônios femininos, cirurgias plásticas, uso inadvertido ou inapropriado, segundo pesquisas nesta área, de silicone industrial, por meio de todo um estudo e prática detalhados da subjetividade feminina, não faz de um “homem” uma mulher. De um modo ou de outro, os estudos de gênero que se dedicam a analisar/interpretar o fenômeno travesti estão muito mais preocupados em delinear as condições e as técnicas desta transformação do que, propriamente, com o *acontecimento*. Quero dizer, exatamente, que tais estudos preocupam-se menos com questões fundamentais, porque a este respeito fazem uso de uma síntese proteica das teorias biológicas que foram consagradas ao assunto e de outro modo fazem uma pasteurização

⁴² Cf. Chiland, 2008

política do que chamam de “ambiguidade” travesti. Dá-nos um exemplo disto um pesquisador,

A Travesti nos aponta as possibilidades do ser humano se redesenhar por meio de **artifícios incomuns a sua natureza biológica**, que virão a produzir novos significados, tendo o seu universo cultural como alicerce de construção para as significações que compõem a sua apresentação visual, ou seja, é **o universo feminino estabelecido pela cultura ocidental que servirá de repertório para construção da aparência feminina** no corpo masculino da mesma. (LIMA, 2007: 2) O grifo em negrito é meu

Qual é, pois, a conclusão lógica a que se chega diante de uma consideração/explicação/explanação como esta que faz Lima (2007)? Parece-me que não há fidelidade, nem coerência com as teorias biológicas, menos ainda com a teoria (feminista) do gênero. Se a questão de gênero é tratada no mais das vezes com um *status* de natureza (biológica) – e natureza significa aqui metafisicamente uma substância⁴³ – como seria possível mudá-la? Se a questão de gênero de repente é tratada de modo a rejeitar fundamentos biológicos – como recomenda a teoria feminista de gênero – como incluir em sua agenda de estudos fundamentos biológicos para o explicar? Só há, realmente, um modo de sintetizar tudo isto: numa categoria analítica, a ambiguidade. A ambiguidade, assim, aparece com uma notabilíssima característica política como veremos mais adiante.

2.2. O ALICERCE POLÍTICO: TRAVESTIS COMO UMA CATEGORIA POLÍTICA DE ANÁLISE DE GÊNERO

“*Ser ou não ser*”, neste caso, realmente é a questão. O caráter político, e caráter forte, de que foram investidas as travestis reside, justamente, conforme o conjunto de análises a que tive acesso, nesta falta de “indefinição”, neste modo de sequer saber como se referir a essas pessoas. Os pesquisadores viram, pois, nesta situação ‘indefinidora’ das travestis um elemento forte de contestação do *status quo* do gênero. Situadas – as travestis – numa espécie de fronteira ente o lá e o aqui, isto é, entre o masculino e feminino, as travestis seguiram sendo delineadas como indivíduos políticos contestadores. Mas, esta sua

⁴³ Cf. Butler, 2003

condição de “contestadoras” não se tornou uma unanimidade e muitos analistas não conseguiram enxergar nas travestis nada mais do que uma reprodução social, do ponto de vista das práticas e dos valores, do feminino dominado e objeto de crítica do feminismo.

Afirma Chiland que,

Compreende-se a dificuldade dos transexuais [travestis] de definir a feminilidade e a masculinidade. [...] O que os tortura é fazer-se aceitar como mulher ou como homem em sua cultura. [...] todos os que encontrei anteriormente apresentavam como ideais de vida para uma mulher o que as feministas tinham combatido com todas as suas forças [...] “Ficarei em casa, farei a comida, passearei com meu filho (adotado) no carrinho” (Chiland, 2008: 90)

É verdade que boa parte das críticas que é destinada às travestis toca neste ponto que Chiland também critica. Mas, verdade é que não encontrei em nenhuma das informantes travestis presentes nos textos pesquisados e em nenhuma pesquisa bem produzida, elas afirmando ou ratificando o que se diz ou se afirma sobre elas. Quero dizer, exatamente, que o conjunto das pesquisas a que tive acesso criou um tipo e sua ação, isto é, um tipo político e sua ação política e ao que parece não procurou indagar-se se estes tipos inventados correspondiam minimamente à realidade a que pretendiam descrever. De outro modo, não teria faltado sensibilidade dos críticos? Como as travestis poderiam mostrar-se, digamos, feministas se o seu *status* ontológico (macho por natureza), se a sua estrutura física, anatômica, biológica, o seu estatuto de gênero continuavam a afirmar, ou antes, a negar suas ações? Encontrei uma pesquisadora sensível à questão. Diz-nos ela,

De uma forma geral, **os/as transexuais [travestis] sentem dificuldades de falar de seus conflitos porque não sabem como nomeá-los**. Como explicar às pessoas que seu desejo é vivenciar a experiência do outro gênero se seu órgão (sic) genital atua subjetivamente como o obstaculizador dessa possibilidade de trânsito? Para ter mais segurança no processo [...] é certo que muitos tentam reproduzir o modelo da mulher submissa e do homem viril, pondo em destaque traços identificados com as normas de gênero (Bento, 2006: 101) O grifo em negrito é meu

A dificuldade de nomear aquilo que Bento (2006) chama de “*dificuldades de falar*” não é apenas e somente das travestis. Encontrei profundas e não raras dificuldades em se

tratar do tema travesti entre os mais variados pesquisadores. Tais dificuldades resultam, evidente, da arquitetura epistemológica com a qual os pesquisadores tentaram explicar as travestis sem muito sucesso. As travestis quando falam de si mesmas, isto é, quando falam do (seu) gênero refletem uma ordem discursiva contra a qual tais pesquisas e pesquisadores lutam para combatê-la. Não é difícil, assim, encontrar nas falas das informantes travestis construções do tipo: “*sou homem com cabeça⁴⁴ de mulher*”. Ser homem aí significa ter nascido com um pênis. Outro fato curioso na apreciação de Bento (2006) é o fato de ela ter usado a palavra “*conflito*” para referir-se, provavelmente, a estados emocionais conflitantes com regras estabelecidas para o gênero biológico com os quais “as travestis” lidam. Talvez, o que Bento (2006) chama aí de “*conflito*” seja menos das travestis do que próprio dos pesquisadores diante de um fato para o qual não acham em sua lógica epistemológica uma resolução cabal para os inúmeros problemas que lhe são apresentados. Não encontrei nas travestis⁴⁵ “*conflitos*” como aqueles que Bento (2006) encontrou em relação às transexuais. Como nos assevera um determinado pesquisador,

As **travestis** *dizem que são mulheres* de dia e de noite, pois interferem no corpo por meio de roupas, maquiagem, cabelo e trejeitos femininos e através de medicamentos (hormônios femininos) e silicone em partes do corpo. No entanto, afirmam que não desejam fazer a cirurgia de transgenitalização, querem manter o órgão sexual masculino (JAYME, 2009: 2-3) Grifo em negrito do autor; em itálico e sublinhado, meu.

O que parece disto, então, surgir são ‘conflitos’ de outra natureza e magnitude. Surgem, então, o que podemos chamar de conflitos das “identidades”, todavia, com muito mais segurança se pode chamar este estado de coisas de conflitos de identificação. Tais conflitos, assim, tiveram resoluções radicais, o que gerou o processo patologizador destas criaturas. Vemos, então, nascer uma nova formação discursiva que dará conta de produzir

⁴⁴ A respeito da categoria cabeça Marcos Benedetti dedicou alguma atenção, por favor, cf. Benedetti, 2005

⁴⁵ O objeto de investigação de Bento (2006) é o transexual

resultados mais positivos para tratar a respeito das travestis. A questão identitária passa, então, a ter certa centralidade nos estudos de gênero que trabalham o tema.

2.3. A TRAVESTI E SUA IDENTIDADE

A identidade é um modo de expressar-se idêntico a alguma coisa, mas também é o modo como as pessoas percebem/identificam e são percebidas/identificadas umas as outras em relação às suas práticas sociais o que elas “são”. É também uma espécie de marcador lógico. Evidente que se esta explanação findasse aqui resultaria em muitos problemas. Parece-me que as primeiras considerações que fiz a respeito da “identidade” são bastante vulgares. Identidade, contudo, aplicada aos estudos de gênero e sexualidade está longe de significar coisa tão simples. E hoje nem se fala mais em identidade, assim, no singular. A nova ordem discursiva estabeleceu a sua pluralização e por quê? Creio que tenha sido uma tentativa de fugir às essências ou, pelo menos, aos processos de essencialização não raro. Stuart Hall⁴⁶ parece ter se notabilizado como uma das principais referências – senão a principal - quando o assunto é identidade. Hall, para efeitos didáticos, apresenta-nos esta questão em três concepções de identidade: identidade do sujeito do período iluminista, identidade sociológica e identidade do sujeito na pós-modernidade. Para Hall (1992) o sujeito no período do Iluminismo era um sujeito centrado, unificado, dotado de consciência e de razão, ou seja, era um sujeito substancial, um sujeito cuja identidade nascia com ele, um sujeito, por conseguinte, sempre idêntico a essa substância, a si mesmo, auto-suficiente. O mundo moderno e suas transformações apresentaram uma nova concepção de sujeito não mais tão centrado, unificado, auto-suficiente; agora o sujeito dependia de suas relações sociais e sua formação de sujeito residia, justamente, aí, neste conjunto de relações interpessoais. Esta concepção de sujeito, pois, liga, ou como diz Hall “sutura” o

⁴⁶ Cf. Hall, 1992

sujeito à estrutura de suas relações e o resultado desta ligação ou “sutura” é a estabilização entre sujeitos e culturas tornando-os unificados e predizíveis. Parece, entretanto, que é, justamente, a respeito do “sujeito sociológico” que um mundo de argumentações críticas está se desenvolvendo. Um tipo de indivíduo centrado, unificado, estável ou predizível está em processo de fragmentação: eis, então, o que é o sujeito da pós-modernidade. É um sujeito não apenas identitário, mas pluridentitário nem sempre coeso, mas às vezes contraditório e “mal resolvido”. Pois bem, os estudos que se dedicam/ram a explicar o “fenômeno travesti” encontraram nesta última concepção de identidade apresentada por Hall (1992) terreno muito fértil para o cultivo de suas ideias. Viram nas travestis e no seu processo de formação/constituição (construção como gostam mais de falar) inúmeras identidades. Como nos garante um determinado pesquisador,

Travesti: um misto de comportamentos femininos e masculinos. Uma identidade formada, muitas vezes, por uma desorientação da sexualidade. “O travesti na verdade não é do outro sexo. Ele **migra de mulher para homem ou de homem para mulher na hora em que ele quer.** Mas não existe nada **anatômico no cérebro** que identifique isso” afirma o psiquiatra Jerson Laks (SALLES et. al 2003: 38) O grifo em negrito é meu

Concepções pós-modernas, pois, não apenas estritamente em relação à identidade. Elas revelam no conjunto das produções “um misto” de ideias antigas que intentam a todo custo renovar-se. Temos, então, que mesmo não sendo “do outro sexo” – feminino, neste caso – “o travesti” assume uma identidade feminina revelando em parte a sua “desorientação” sexual e em parte a busca por uma espécie de estabilidade de gênero. Basta, então, lembrar que para Chiland (2003) o que tortura travestis/transsexuais é fazerem-se aceitar como homens ou como mulheres. Se, no entanto, tomássemos esta ideia de Chiland por verdadeira não seríamos forçados a afirmar, pelo menos, em relação às travestis que a questão central aqui é a *centralidade, a estabilidade, a unidade* do sujeito e não o seu contrário? Como assegura mais outro pesquisador,

Como as próprias travestis costumam explicar, **ser travesti é apresentar-se socialmente como mulher em tempo integral**, ou como elas costumam dizer, “[...] travesti é quem passa 24 horas por dia como mulher [...]”. E nessa representação não basta somente vestir-se com

roupas do universo feminino. (FERREIRA, 2009: 38) O grifo em negrito é meu

Parece-me, então e, talvez, contrariando os meus iguais, e se não faço tão má leitura a respeito da questão identidade, uma espécie de tendência a uma centralização identitária, que chamarei aqui de identidade primária a despeito da qual se estabelece uma órbita de fragmentos gregários a esta identidade primária, parece querer estabelecer-se na figura de uma pluralização independente destes fragmentos. Assim, para que surjam novas identidades – ou características relacionais da identidade primária - é fundamental que exista um centro lógico de comando para o qual convirjam ou orbitem os seus fragmentos. Assim, por exemplo, uma travesti pode declarar que sua identidade é feminina e declarar-se com uma identidade de puta, contudo, a puta só existe em detrimento da identidade feminina (identidade primária: centro identitário) sem a qual inexistiria como fator lógico relacional e de continuidade. Assim, para que uma identidade seja constituída não basta apenas uma declaração do tipo “sou isto, sou aquilo, sou aquilo outro”. Como nos diz Ferreira (2009) para que uma identidade seja razoável, digamos, na sua contrariedade, é preciso que ela expresse o desejo ou que esteja subordinada à lógica da norma cultural. Daí de travestis para conseguirem os efeitos pretendidos, segundo o conjunto das produções “*passar-se por mulher*” ela precisa seguir religiosamente o que a norma cultural estabeleceu como sendo coisas de mulher, como sendo o feminino. Aprofundando um pouco mais a questão nos diz Butler que,

No desafio de repensar as categorias do gênero fora da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em *A genealogia da moral*, de que “não há ser” por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o “fazedor” é uma mera ficção acrescentada à obra – a obra é tudo”. Numa aplicação que o próprio Nietzsche não teria antecipado ou aprovado, nós afirmaríamos como corolário: **não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero**; essa identidade é *performatividade* constituída, pelas própria “expressões” tidas como seus resultados (Butler, 2003: 48) O grifo em negrito é meu

No entanto, o conjunto das produções que analisei como que numa investigação do *estado da arte* parece afirmar o contrário do que afirma a despeito das ideias nietzschianas como corolário Butler (2003) em relação à perspectiva do gênero. Mas, então, como explicar que os pesquisadores ainda busquem os autores/fazedores do que as obras, quer dizer, como explicar que os pesquisadores estejam demasiadamente preocupados e destinados a encontrar uma resposta para uma pergunta que aparentemente só tem como resposta uma gargalhada? E que pergunta é esta? Evidente: o que são travestis? Então, se Butler (2003) nega a identidade de gênero com a qual os pesquisadores estão bastante familiarizados, o que existe? Como podemos, então, identificar travestis? Que diferença existe entre a travesti e a mulher? O gênero se torna *performatividade*. Não existe uma identidade porque não existe um “ser” anterior ao próprio ato, um ser como causa do ato (como a exemplo do sujeito do iluminismo), ou seja, o que encontramos no conjunto das produções identidades ligadas a ações, na verdade, não ultrapassa muito à dimensão da ação em execução, ou seja, a própria força, apenas o ato. O que tudo isto quer dizer, então? Que não existe um **ser travesti**, mas determinadas ações ou conjunto de ações inteligíveis ou antes relações de força que tendem a uma estética – que Butler chama performatividade – que determinadas pessoas realizam e por isto são caricaturadas como travestis, como homens, como mulheres, etc. Assim, o que chamamos travestis está muito mais para atos, determinadas práticas do que para a constituição de uma determinada entidade (ser, aquilo que é). Assim, travestis são meras ficções (estratégias do poder: o saber) acrescidas às ações, aos atos, aos acontecimentos; a *performance* é tudo. Tratar, pois, as travestis nos termos de uma identidade significa voltar ao tempo em que o gênero ainda era tratado na base da metafísica da substância⁴⁷. Talvez, isto explique porque as travestis se tornaram para o conjunto das produções seres *ambíguos* ou como afirma tão categoricamente Salles

⁴⁷ Cf. Butler, 2003

et.al (2003) seres “mistos” onde “mistos” quer dizer aqui e exatamente homem e mulher ao mesmo tempo.

2.4. O QUE “É” GÊNERO⁴⁸

Há duas maneiras “bem” distintas, mas correlacionadoras e às vezes osmótica/simbiótica de tratar a respeito de gênero. A primeira repousa no fato naturalista de se encarar gênero. É metafísico, é somático, é anatômico, é fisiológico, é biológico, portanto, é *gen-diferenciador*⁴⁹: isto que dizer que é, sobretudo, e fundamentalmente *binário*. Ou seja, é determinista e contra suas determinações o indivíduo nada pode fazer (na estrutura a que está sujeito) que não a elas se sujeitar; é, por assim dizer, a determinação, sua *essência*. A segunda maneira de se enxergar gênero repousa no fato de encarmos gênero não como uma categoria natural, mas a seu respeito implica uma ordem política⁵⁰ de determinação – uma invenção -, ou seja, é existencialista e, assim, a coisa percebida precede a generificação *ab ovo* para constituir-se num ato da vontade (da intencionalidade) determinado não pelo sujeito que a ele está sujeito, mas pela vontade política – da relação - estabelecida por uma coletividade (social, cultural, científica, sexual, etc.), assim, esta perspectiva começa existencialista – na senda da fenomenologia ontológica sartreana⁵¹ – e termina ou culmina na teoria butleriana⁵² da *performatividade* de gênero⁵³: que é uma de suas formas de expressão. Contudo, é necessário que se diga que a

⁴⁸ Gênero enquanto categoria analítica, enquanto campo político de ação pessoal

⁴⁹ Isto significa que o fundamento de tal percepção, concepção, teoria está nas diferenças percebidas e prováveis

⁵⁰ construcionista

⁵¹ Cf. Sartre, 2002

⁵² Sob forte inspiração foucaultiana

⁵³ Cf. Butler, 2003

categoria gênero apareceu primeiramente entre as feministas norte-americanas⁵⁴ numa tentativa de isolar determinada espécie de fenômeno (problema) – de gênero – para criticar as diferenças metafísicas e biologicamente percebidas em padrões de constituição político-sociais. Portanto, aí já se percebe o desejo, a vontade, a gana em livrar-se das determinações biológicas de sexo-gênero⁵⁵ e o próprio clima em que gênero como categoria de análise surgiu. Assim, a categoria gênero pareceu melhor corresponder aos ideais libertários ou antideterministas das questões sexo-gênero. Gênero, pois, como fora inicialmente utilizado pelas feministas comportava (ainda comporta, pois aí se acha sua máxima expressão) uma dimensão relacional⁵⁶ – chamemo-la de política - e o que isto implica em seu fundamento: a luta. No entanto, muitíssimos estudos têm se socorrido pelo senso histórico, principalmente, em trabalhos como o que realizou Thomas Lacqueur⁵⁷ para ampliar as próprias análises ou críticas de gênero que são feitas aos determinismos. Mas, a este respeito uma feminista se expressa opositoramente afirmando que,

Os sociólogos e as feministas retomaram o termo “gênero”, que conhece desde então uma extensão considerável. Mas ocorreu um desvio, a ênfase foi posta no social, a tal ponto que o biológico foi esquecido e, depois, até mesmo recusado. [...] **Só percebemos as realidades biológicas por meio das representações sociais que variam de acordo com o tempo** e a cultura, proposição verdadeira. Mas **as variações nas representações não impedem a existência do corpo desde sempre** e a de uma diferença entre os machos e as fêmeas que pode ser designada como “diferença sexual” (CHILAND, 2008: 20) Os grifos são meus

Chiland (2008) quer ratificar o elemento fundante diferenciador não mais para justificar ou negar o domínio do macho sobre a fêmea⁵⁸, mas para que seja de uma vez por todas re-estabelecida a diferença fundante (nominal) e isto quer dizer, exatamente, ou antes, isto significa o último esperneio metafísico ou a última tentativa de superação do

⁵⁴ Cf. Butler, 2003; Scott, 1989 (?)

⁵⁵ O efeito positivo desta instrução nova fez com que as constituições de sexo-gênero fossem derrubadas em suas determinações biológicas, mas reafirmadas por outro meio: a política. A “mulher” liberta continuava mulher, claro, para as feministas menos radicais como Simone Beauvoir. Cf. Beauvoir, 1970.

⁵⁶ Relação entre o masculino e o feminino

⁵⁷ Cf. Lacqueur, 2001

⁵⁸ O poder disciplinar teve de recuar ante as críticas vorazes e ferozes para poder superar-se

poder disciplinar até aqui. Ou seja, se já não se pode salvar o pleno domínio – garantir o seu exercício –, o antigo regime de gênero, ao menos, que seja possível manter – por questões estratégicas – o *estabelecido*: o campo, isto é, o marco diferenciador, o próprio corpo. Na prática, esta perspectiva de Chiland (2008) triunfou e pouco adianta as críticas que façamos a ela. Afinal de contas que é a *ambiguidade* ou os prefixos “re”, “novo”, etc. – o grande elogio da travestilidade – que não isto? Se por um lado – o lado mais teórico – as investidas de Chiland (2008) são rechaçadas, por outro – o lado da práxis – suas investidas são bem-vindas e aceitas quando todo um conjunto de trabalhos aceita e divulga que o fundamento da travestilidade é a *ambiguidade*. Já os grandes nomes e seus seguidores – Judith Butler e seus discípulos, por exemplo – desejam superar tal perspectiva ao reforçar e afirmar a *performatividade* como fundamento de gênero.

A performance/performatividade necessita de um corpo marcado⁵⁹ previamente, necessita de um corpo significado com ou sobre o qual agir, isto é, necessita por assim dizer daquela herança genética contra a qual faz sua oposição. Quero dizer mais exatamente que a performatividade/performance não age no vazio do significado⁶⁰, do símbolo, criando a partir de si mesmo um universo de significados novos tendo apenas o corpo como seu significante⁶¹. A ação performativa é uma ação sobre uma ação – a redução a Foucault aqui é magnífica – ou como prefiro dizer: a ação performativa é uma reação performatizada que procura negar verdades mais fundamentais – histórica e politicamente constituídas e estabelecidas – e estabelecer “novas” em seu lugar e, deste ponto de vista, para mim, não traz nenhuma serventia e/ou novidade embora que eu reconheça a originalidade de sua perspectiva. Um bom exemplo disto dado por Butler (2003) e que lhe ajudou a construir o seu edifício crítico-epistemológico é a *drag-queen*.

⁵⁹ A marca é o referencial de partida e pode ser uma marca física (anatômica), social (as práticas do sujeito), cultural (regulação)

⁶⁰ A performatividade não cria o significado; ela re-significa, ou seja, atualiza significados de acordo com o seu interesse

⁶¹ Encontramos aqui, então, a máxima que diz que o corpo é uma invenção

Pela *drag-queen* Butler (2003) demonstrou toda a liquidez das ideias metafísicas e lançou as bases, inspirada na linguística performativa de Austin, do que ela chamou de performatividade de gênero⁶². Como afirma ela própria,

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (BUTLER, 2003:19) O grifo é meu

Por esta perspectiva poder-se-ia afirmar que gênero é aquilo (a ação, o ato) que não-é sendo, isto é, não existe um ser (de gênero) anterior ao fazer (de gênero); ou de outro modo, é um ser sem essência ou se preferir é um ato de potência, ainda mais, é uma ação sem inteligência sujeitada a uma inteligência política aplicada à sexualidade e ao gênero. Butler (2003) questiona todas as colunas onto-epistemológicas que sustentaram gênero-sexualidade numa estrutura binária, “fixa”⁶³ e rigidamente regulada. O que resultou desta prática foi a substancialização das práticas em detrimento do tempo, ou seja, essencializamos práticas, fundamos regras e, disto tudo, resultou a nossa cultura/estrutura de gênero, a dimensão social, a sua transmissão (germinação) de geração a geração. Como se percebe, a proposta de Butler não é pelo fim do gênero, mas por sua oxigenação (liberação/libertação, pluralização etc.), é por retirar do gênero uma espécie de política (heteronormativa) “perversa” a seu entender, dominadora, constitucional e arbitrária para dotá-lo, pelo menos, aceitá-lo também em uma dimensão artística: do tornar-se, do fazer-se, do estetizar-se. Portanto, o grande desafio de Butler (2003) é vencer os fundamentos políticos dominantes e desestabilizá-los ou, como se costuma dizer, *re-significá-los*. A este respeito se posiciona Berenice Bento:

O gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São esses sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo. Essas infindáveis repetições funcionam como citações, e cada ato é uma citação daquelas verdades estabelecidas para os gêneros, tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza (Bento, 2013: 553) O grifo é meu

A virada de perspectiva, então, resulta magnífica. O gênero não está no corpo, quero dizer, nas combinações cromossômicas, não é uma substância designada que surge

⁶² Cf. Butler, 2003

⁶³

conosco a partir do nascimento ou mesmo pré-discursivamente passa ao berço e transcendendo a este nos brindaria cotidianamente desde a epigênese da infância à vida adulta. Não. O gênero aqui entendido formaliza-se a partir de um estilo – entre fluxos e refluxos –, de uma estilização – que pode ser de carne, no entender de Butler -. Como Bento (2013), então, caracteriza-o, o gênero aproxima-se do fazer artístico e suas infindáveis possibilidades de feitura, de construção. Portanto, todo o jogo de cena, isto é, de luta, não gira mais em torno de essências, substâncias, mas de aparências, em torno de políticas e suas efetividades. Faz melhor gênero, parece, quem faz melhor política. A grande conquista, então, destas novas perspectivas foi ter com bom êxito conseguido destruir a natureza que persistia existir como fundamento de gênero na constitucionalidade física, corporal, ou seja, foi ter revelado, demonstrado que o que se chamava de substância, essência, natureza não passavam mesmo de uma outorga político-reguladora destas formações que, em tese, continuarão a ter vida longa nos modos e modas de gênero. O corpo agora passou daí em diante a figurar desnaturalizado, desfigurado, dessubstancializado, ou antes, necessitando a todo instante de inteligibilidade, ser revestido com um manto inteligibilíssimo de gênero para que possa figurar no descontínuo da antiga práxis à nova realidade. No entanto, resultou que toda a metafísica que se imaginava aplicada ao corpo persistiu sendo aplicada às roupas, aos gestos e mesmo ao imaginário. Difícil, então, será superar agora a metafísica dos costumes, dos gestos, do vestuário, etc.

2.4.1. REPETIÇÃO E ESTILIZAÇÃO: FUNDAMENTO DE GÊNERO

O fundamento de gênero assim aceito – pela repetição e estilização do corpo – nos lança para um problema que muitos pesquisadores procuraram em suas problematizações evitar, escapar ou mesmo mascarar. Para aceitarmos plenamente as ideias de Butler (2003) temos também de aceitar a ideia de que não existe uma diferença essencial, substancial, ontológica entre homens e mulheres, mas apenas uma igualdade nas condições de partida – chamemos estas condições de partida de pré-discursivas - regulada por uma inteligibilidade político-normativa – ao alcance de uma narratividade universal de gênero - preme de intenções. Nas condições, pois, de não aceitarmos que um indivíduo naturalmente nasça

com um ou outro gênero aceitamos, como nos diz Simone de Beauvoir⁶⁴, que nos tornamos⁶⁵ um gênero. Parece-me, portanto, que este “tornar-se” usado por Beauvoir funciona como um espectro processual cuja base estabilizadora, digamos assim, é inacessível ou mesmo inalcançável e, assim, não é só e apenas travestis que são seres inacabados⁶⁶, mas todos os indivíduos que passam pela formação ou processo de generificação. É este um ponto essencial neste íterim a meu ver. Mas, assim dizendo, creio eu, que nem Butler com sua teoria da performatividade, menos ainda Beauvoir com suas ideias de processualidade quanto ao gênero, afirmaram datas iniciais, espaços limítrofes de quando estes processos formativos deveriam ocorrer – começo e fim - na vida dos indivíduos. E eis aqui, pois, um segundo ponto de mesma importância, grandeza que muito, individualmente, acredito, para quem estuda gênero e sexualidade.

Por injunções feitas até aqui, então, somos forçados a crer que as diferenças ontológicas, essencializadoras, substancializadoras relativas ao gênero dos seres humanos devem cair no descrédito para daí aplicarmos a profunda separação diferenciadora entre metafísica da substância e biologia sendo que esta última não pode figurar veladamente como a autêntica expressão daquela. Isto é, o organismo físico – o corpo físico - é a base sobre a qual a cultura imaterial (simbólica) relativa ao gênero age e se desdobra e se fixa ou se instala, mas não é o mecanismo fundante desta cultura no próprio corpo (como seu fundamento) – como que um desdobramento da sua constitucionalidade. O que se depreende de tais ideias na hipótese do seu acato?

Muito provavelmente um pesquisador de linha foucaultiana, por acaso é por onde caminho, diria que se em aceitando a inexistência de uma substancialidade reguladora pré-discursiva relativa ao gênero, bem como, admitindo-se verdadeiramente sem quaisquer

⁶⁴ Cf. Beauvoir *in* Butler, 2003

⁶⁵ O tornar aí é a margem do gênero

⁶⁶ Todo bom estudo a respeito do gênero das travestis afirma que elas são “seres inacabados”

subterfúgios de quaisquer naturezas ideias contraditórias a este respeito, encontramos primeiramente aquela ideia de Beauvoir em bastante evidência – na hipótese da negação do fundante metafísico -, também encontramos as ideias de Butler relativas a uma performatividade e, por fim e, sobretudo, encontramos na base destas duas últimas ideias o jogo de correlações de forças, as relações de poder aventadas por Foucault como, digamos assim, o mecanismo ou a força universal que dá sentido e regula as relações humanas em suas mais variadas esferas no mundo social em que vivem. Chegamos, então, a um ponto do qual não podemos senão afirmar que o gênero por ser uma realidade social é uma de suas invenções, mas por está lotado num jogo de forças, num jogo de relações de poder (desejo, a vontade de poder, etc.), o gênero deve ser considerado mais do que um *locus normatizante* sendo este a sua expressão final – social e pelo qual se busca libertá-lo ou limitá-lo, reduzi-lo ou conhecê-lo -, mas como uma conquista que se conquista pela luta – sobretudo, nalguns casos, individual -, pelo jogo das correlações de forças, pelo jogo das relações de poder. Ou seja, na conquista do gênero é o gênero – sua estética inteligibilizadora - o que menos importa e o que menos se procura conquistar⁶⁷, pois ao estudar gênero devemos procurar as lutas, as batalhas que ele encobre, mas que o fundamenta. O gênero – estética inteligibilizadora -, assim, está na ordem da superficialidade, da aparência significadora, identificadora, o elemento propagandista das glórias e derrotas destas batalhas – o fundamento ou o jogo de relações de forças -. O que importa, pois? O importante são os meios pretendidos e utilizados de batalha, as estratégias e as táticas montadas e executadas, todos os mecanismos de ataque e defesa, toda a formação arquitetônica da batalha, cada passo em direção do gênero que é troféu, isto é, expressão da *glória*, da violência, do poder conquistado; o que importa mesmo é a sua *intelligentsia*. O gênero conquistado, pois, confere a quem o conquista a qualidade da força

⁶⁷ O gênero como uma marca, uma identidade encobre toda a luta, toda a batalha pelo emblema que passa a ostentar.

utilizada na batalha algo negligenciado até aqui, uma vez que, pareceu aos pesquisadores de gênero muito mais importante as guerrilhas em nomes das assunções e o próprio emblema do que a qualidade da força empregada na conquista do gênero. O gênero conquistado deve, pois, indicar menos para ele próprio – sua aparência - do que para a qualidade da força que o indivíduo emprega/ou para ostentá-lo. Assim, o gênero não pode recair em repetições e estilizações apenas – a repetição/estilização é garantia apenas de sua sobrevivência, existência estética – no cenário social, cultural, histórico, espacial - tal qual aparece não garantindo, assim, a qualidade da força que é o seu fundamento estético -. O conceito de gênero deve, portanto, a meu ver passar pelo emprego da força e sua qualificação. O que esta Tese procura demonstrar é que o gênero não se alcança simples ou meramente por uma batalha ao nível das instituições políticas – o jogo entre as dominâncias e as ações libertárias ou insurrecionais -, mas pelo fragor e beligerância que resulta por intermédio de sua força em luta, batalha e a qualidade/quantidade desta força em meio a estas batalhas.

O corpo é a grande razão, uma multiplicidade unânime, um estado de guerra e paz, um rebanho e o seu pastor.

Nietzsche in “Assim falava Zaratustra” (38)

CAPÍTULO III

3. O CORPO TRAVESTI

O corpo parece ser uma coisa bastante óbvia e como podemos perceber ele é assim tratado no conjunto das produções do arquivo analisado. Dizendo que o corpo é uma coisa bastante óbvia quero dizer, exatamente, que marcadores sexuais biológicos ainda são eles quem estruturam o que poderíamos chamar de as nossas cultura e estrutura de gênero. E como se forma a estrutura? Em diferenças percebidas entre os corpos e em papéis sociais ontologicamente distribuídos a ambos os gêneros com bases nas diferenças percebidas. Pois bem, então, a primeira noção, talvez, a noção mais vulgar que temos a respeito do corpo é que ele é uma determinação biológica⁶⁸. Como diz Bento,

Para Foucault (1985a), entre os anos de 1860-1870, há uma considerável proliferação de discursos médicos que buscam provar que os comportamentos de todas as ordens e, principalmente, os sexuais têm origem na biologia dos corpos. A busca do sexo verdadeiro e da correção de possíveis “disfarces” da natureza também está em curso, embora apenas em meados do século XX isso se torne realidade, com as cirurgias de “correção” das genitálias dos hermafroditas (Bento, 2006: 113)

No entanto, só a partir dos séculos XVII e XVIII mais precisamente é que textos que faziam referência à moral dos gêneros começaram a ser publicados. Como nos diz Thomas Lacqueur,

Em alguma época do século XVIII, o sexo que nós conhecemos foi inventado. Os órgãos reprodutivos passaram de pontos paradigmáticos para mostrar a hierarquia ressonante através do cosmo ao

⁶⁸ Biológica quer dizer aqui natural

fundamento da diferença incomensurável: “as mulheres devem seu temperamento aos seus órgãos reprodutivos, especialmente ao útero”, conforme disse um médico do século XVIII (Lacqueur, 2001:189) O grifo em negrito é meu

O fato é que agora já podemos entender que nem sempre houve esta divisão dos gêneros baseado em diferenças anatomicamente percebidas⁶⁹. O que disto resulta? Que o corpo, o corpo que nós conhecemos hoje e que surge em todo o seu esplendor tem uma história. E se tem uma história tem também lutas por seu estabelecimento e domínio, pelos mecanismos de produção da verdade. Eis, aqui, pois a questão. O corpo tem uma história e tendo, pois, o corpo uma história é preciso a partir de agora, então, enxergá-lo em suas dimensões discursivas, é preciso, pois, encontrar os meios de produção da verdade que o estabeleceu tal como ainda sob múltiplos aspectos o enxergamos. Retirar o corpo, assim, daquela aura biológica, natural, metafísica com que estávamos acostumados a vê-lo significa, deste modo, captarmos o desejo, a potência, o jogo de interesses, as ficções que sobre ele foram criadas e sob as quais se precisou criar imagens fortes para esconder a sua falta de naturalidade, mesmo, de escamotear a luta para o seu estabelecimento. Assim, se partimos para estudar travestis desde a perspectiva de seus corpos significa ante qualquer coisa partirmos em busca de revelar a luta discursiva para estabelecer a verdade sobre a travesti e seu corpo. Como nos adverte um determinado pesquisador,

A construção do corpo da travesti se espelha na imagem feminina, porém essa imagem em nenhum momento é tomada como acabada e absoluta, sempre variando, processando-se uma feminilidade em construção permanente, que **vai se transformando por meio de hormônios e aplicação de silicone, mas também por depilação, maquiagem e maneirismos** (PERES, 2005: 58) O grifo em negritos é meu

Supor, então, que travestis constroem seus corpos falso-femininos espelhando-se na “imagem feminina” e que o trabalho de tal construção nunca se encerra, pois que é fruto de uma obra bio e, ao que parece ontologicamente inacabada, ou melhor, de impossível

⁶⁹ Cf. Lacqueur, 2001 a respeito do isomorfismo

transcendentalidade, não seria igualmente supor e voltar grosseiramente, mas procurando demonstrar um alto grau de desenvolvimento e inteligência modernos, que existe um corpo acabado, pronto, perfeito, um *aí-feminino* contra o qual as travestis lutam incansável e embaldemente? Mas, afinal de contas, que querem as travestis com essa “transformação” por meio de “hormônios, de silicone industrial, depilação, maquiagem e maneirismos”? A consideração mais profunda que parece calar-fundo no conjunto das produções que analisei é que todo esse processo de “transformação/construção” que travestis realizam parte do seu desejo, da sua vontade de viver conforme o gênero feminino é um desejo, uma vontade classificados no mais das vezes como de natureza ambígua ou contraditória. É uma vulgaridade. Um determinado autor, então, parece querer desencontrar um pouco do que afirma Peres (2005) e, assim, diz-nos que,

O principal trabalho da **travesti** é a “correção” da própria natureza. (SILVA 1993). É um processo árduo, cotidiano que requer o consumo diário de altas doses de hormônios femininos e infinitas sessões de aplicação de silicone industrial. As **travestis** arriscam a vida e a saúde na busca do *corpo feminino perfeito*. Esquecendo que as verdadeiras mulheres não são perfeitas e que o “corpo perfeito” está muito mais relacionado com a aceitação pessoal do indivíduo com a sua imagem (LOURENÇO, 2009: 22).

Há, então, um modo, uma maneira, uma possibilidade que seja de “corrigir a própria natureza”? O que significa, assim, a expressão “correção da própria natureza” relacionada às travestis? De que natureza, portanto, os nossos pesquisadores estão falando e que é passível de uma “correção”? Aqui, então, vemos reverberar certa inteligibilidade de gênero⁷⁰ aplicada às travestis. Há toda uma feitura, uma estrutura, uma arquitetura corporal de destino sem a qual travestis seriam impossíveis, pelo menos, para as grandes interpretações de nossa análise brasileira. A feitura, a estruturação, a arquitetura corporal (a linha, a reta, o traço, a curva), pois, tudo isto recebe um título que parte das próprias travestis: a arte da montaria.

⁷⁰ Cf. Butler, 2003

Ninguém distingue a leve sombra/ que o autêntico desenho mata./ E para os outros vou ficando a mesma, continuada e exata.

(Cecília Meireles in “*Quem sou “Eu” neste instante?*”)

3.1. DA ARTE DA MONTARIA À DISCIPLINA DO CORPO

Encontrar a harmonia para dotar de novos significados a linha, a reta, o traço, a curva; trabalho de ourivesaria; não só. É muito mais. É a busca incessante, empedernida, audaciosa do detalhe, de sua anatomia. Mas, não só. É muito mais; é a invenção do próprio detalhe (o ato de criar valores) lá onde ele inexistia ou não se configura⁷¹. Contudo, todo o trabalho realizado pelas travestis parece perder o seu valor diante da fria interpretação das análises. Para uns, travestis não passam muito de “vítimas” da sociedade e de seus modelos simbólico e econômico e, rapidamente, de “vítimas”, passam a indivíduos “conservadores” do ponto de vista político; como nos lembra Dom Kulick a respeito do “estado da arte”:

Neuza Maria de Oliveira, que estudou as travestis de Salvador nos anos 1980 [...] conclui que o travesti “**tem seu corpo adequado ao gosto do cliente através do mecanismo de disciplina corporal, que proporciona uma sexualidade política e economicamente conservadora. É um corpo dócil e útil das ruas**, de prostituição de rua, tal qual o da rotina fabril. Um corpo produto mercadoria” (1994: 129) (KULICK, 2008: 106)
O grifo em negrito é meu

Entretanto, para outros, travestis são o tipo contestador, o tipo que questiona a realidade vivida, o tipo borrador, o tipo desestabilizador, o tipo que procura inverter a ordem das coisas, a ordem dos discursos como nos adverte outro pesquisador:

Importante salientar que o processo de construção dessa **corporeidade desestabilizadora, e os significados a ela atrelados**, se faz no centro das relações de poder [...] Assim o corpo será pensado como lugar de inscrição simbólica que refletirá posições sociais na estrutura de 'todas as' relações de poder (DAMÁSIO, 2011: 215)

⁷¹ O que dá a impressão de uma “feminilidade” nova ou renovada, revisitada ou contundentemente própria a travestis

Longe de haver um consenso entre os pesquisadores, há muitas perspectivas analíticas em disputa. Mas, permita-me, todavia, detalhar mais um pouco o que o conjunto das produções fala a respeito da “montaria” ou “montagem” que travestis realizam e, por isto mesmo, isto é, por meio desta técnica e usando de determinadas tecnologias conseguem “corrigir e/ou “construir” e/ou “transformar” a sua “natureza” numa espécie de artifício. Encontrei em Marcos Benedetti, pesquisador do tema travesti, talvez, o que se possa chamar de “unidade” intelecto-ideal a respeito do que quer dizer a palavra “montagem” e/ou “montaria”. Diz-nos ele, então, que

A montagem é um processo de manipulação e construção de uma apresentação que seja suficientemente convincente, sob o ponto de vista das travestis, de sua qualidade feminina. Consiste num importante processo na construção da travesti, por ser uma das primeiras estratégias (sic) acionadas para dar visibilidade ao desejo de transformação e também porque constitui um ritual diário (sic), no qual se gastam horas decidindo e provando o modelo da noite (BENEDETTI, 2005: 67) O grifo em negrito é meu

As interpretações, assim, são ora levadas para perspectivas político-econômicas como fez Neuza Maria de Oliveira (nos anos 1980) citada e comentada por Dom Kulick (2008), ora analisada desde perspectivas políticas de gênero e sexualidade e o que chamam de “transformações”, “construções” ou mesmo “correções da natureza” como esta elaborada por Benedetti (2005). Não encontrei, entretanto, nenhum pesquisador, nenhuma perspectiva analítica que houvesse colocado do ponto de vista da utilidade individual (para travestis) e o que isto implica ou representa a questão travesti⁷². Assim, travestis aparecem em meio a utilitarismos político-econômicos (pela via da exploração sexual de uma classe pela outra) ou como indivíduos dominados pela heteronormatividade a quem se opõem ou a quem, pelo menos, devem ou deveriam opor-se. Não é exagero dizer que uma perspectiva reduz-se à outra ou que de lado a lado, pontos de cruzamento existem. Quero, então, a partir de agora voltar a determinadas ideias – constructos teórico-conceituais –

⁷² Colocarei em perspectiva esta questão nos próximos capítulos

que, parece, não foram muito bem assimilados ou que estão sendo ideologicamente usados para fundamentar determinadas teses. Volto, pois, à questão do *corpo dócil* aludido por Neuza Maria de Oliveira (1980) in Kulick (2008) e à questão das *disciplinas*.

É sabido que estas ideias partem de Michel Foucault e muito antes de F. Nietzsche⁷³ a quem Foucault o tomou como referencia filosófica. Pois bem, depois que as ideias são lançadas já não pertence mais ou apenas a quem as lançou e menos ainda o seu uso. Por isto, é importante voltarmos sempre que possível ao seu “criador” pelo menos como referencial. Foucault, então, lança mão destes conceitos – *disciplina e corpo dócil* – para nos fazer entender o processo de fabricação⁷⁴ dos corpos (dentro das estruturas de poder (instituições específicas) retirando daí, então, perspectivas essencialista ou de naturalidade como que até o séc. XVII eram vistas. Mas, a partir do séc. XVIII tudo parece mudar e a naturalidade com que os corpos eram encarados passa a dar lugar a determinados artifícios ou manipulações fabris realizados pelo poder⁷⁵: nasce o que Foucault chamou de disciplina:

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de disciplinas [...] **as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação** (FOUCAULT, 2006: 118)
O grifo em negrito é meu

Cabe-nos, portanto, uma vez mais indagar se real e fatidicamente, tomando como referência o nascedouro de tal perspectiva analítica (corpo dócil e disciplina), se travestis estão mesmo disciplinadas e se seus corpos podem ser ditos dóceis desde este marco teórico. Voltando um pouco mais a Foucault de onde os pesquisadores retiram parte de sua inteligência teórica, diz-nos o filósofo a respeito do corpo dócil que “***é dócil um corpo que***

⁷³ Nietzsche falava em “instinto de máquina” antecipando o que Foucault chamaria mais tarde de “corpo dócil” e “disciplina”

⁷⁴ Nietzsche chamaria a fabricação de Foucault de rebaixamento, nivelamento, igualação, etc. No caso desta igualação não se vê entre travestis este ideal, uma vez que, a competição, a *disputa* entre elas pelo melhor peito, melhor cabelo, etc. é o próprio fundamento.

⁷⁵ Pelas instituições sociais (hospitais, escolas, exército, etc.)

pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado
(FOUCAULT, 2006: 118)”.
 11

Poderíamos agora com muito mais segurança nos perguntar a que espécie de submissão/sujeição – de gênero – estariam sujeitas as travestis, uma vez que, elas invertem a ordem natural dos discursos corrigindo, segundo alguns, sua “própria natureza”? A que utilidade seu corpo travestido, enfim, prestar-se-ia, isto é, que proveito tirariam as instituições sociais – desde o ponto de vista dos valores morais e das práticas de vida “normais” - ou os organismos sociais da suposta ou configurada *docilidade* travesti já que a própria “construção/correção/transformação” apontar-nos-ia menos docilidade do que aquela vista por alguns pesquisadores e, especialmente, Neuza Maria de Oliveira? Afinal, como o ato de travestir-se poderia significar um aperfeiçoamento de gênero – mediante os quadros normais de gênero e sexualidade - tomando por base a categoria ambígua⁷⁶ travesti como aparece no conjunto das produções? A perspectiva, pois, sob a qual a maior parcela das análises retira parte de sua inteligência teórica parece pouco adequada às conclusões a que chegam os pesquisadores. Primeiro porque as travestis parecem não confirmar sua sujeição ao binário de gênero, portanto, sua prática social, de vida, parece muito mais fruto de insurreições/audácias/desobediências pessoais do que política e economicamente engajadas. Quero dizer, exatamente, que as grandes instituições sociais (família, escola, igreja, etc.) que administram, digamos, as diversas formas de controle/manipulação dos corpos falham fundamentalmente quando o assunto, quando o tema é travestis.

Contudo, não posso negar que travestis não estejam sob um fortíssimo esquema disciplinar⁷⁷ e a despeito disto que não possamos entrever com que aproveitamento o seu corpo magnificamente se dociliza ou é docilizado. O problema que aponto, pois, não é a

⁷⁶ Que é macho e fêmea ao mesmo tempo; que é homem e mulher ao mesmo tempo; que é masculino e feminino ao mesmo

⁷⁷ Retomarei esta perspectiva nos capítulos finais

respeito dos conceitos “*disciplina*” e “*corpo dócil*”, mas a respeito do seu uso ideológico nas mais generalizadas interpretações. Tomo as afirmações de Neuza Maria de Oliveira (1980) porque me pareceram fundantes. Chegar a afirmar que a “disciplina” e a “docilidade” do corpo travesti dão-se em detrimento de relações econômicas resultando por isto mesmo em certo conservadorismo travesti é demonstrar que pouco ou absolutamente nada se compreendeu a respeito destes conceitos ou que se faz intencionalmente mau uso deles.

Portanto, a tendência que se encontra a respeito do corpo travesti desde a perspectiva de sua “montagem” é considerar que as “transformações, correções ou construções” são fruto por um lado de determinadas relações de poder fracas⁷⁸ ou por outro lado fruto de um inexplicável ou misterioso desejo das travestis em assim o fazer, como nos diz Kulick:

Por que eles se transformam ‘dessa’ maneira? E se seu objetivo é aproximar o corpo de formas femininas, o que eles pensam de seus órgãos (sic) genitais masculinos? [...] Eu geralmente insistia: mas por que você deseja ter um corpo de mulher? [...] **Travesti não é mulher e não pode ser mulher, dizem umas às outras, porque Deus as fez homens** (KULICK, 2008: 100) O grifo em negrito é meu

É verdade que, geralmente, travestis não dizem que **são** – onde *ser* significa nascer – mulheres, afinal, aprenderam desde cedo que a sua marca biológica genital determina essencialmente a sua situação de macho, de homem, de masculino em determinadas sociedades ou meios culturais onde vivem. Quando, pois, numa tentativa tresloucada de pesquisadores que intentam tirar delas ou as influenciar a lhes dizer o que querem ouvir, resultam quase sempre fracassadas suas iniciativas. Mas, afinal, que afirmam as travestis a respeito de si mesmas? Como se enxergam? Qual é sua própria interpretação? Que podemos aproveitar de sua perspectiva singular?

⁷⁸ Em que neste tipo de relação travestis são sujeitadas à moral, à ordem de gênero, daí o resultado a que chega Oliveira (1980): de que os corpos (travestis) fabricados ao “estilo feminino” estão sujeitos à ordem dominante de representação política e econômica.

3.2 TRAVESTIS POR ELAS MESMAS: UMA DOCE ‘REBELDIA’

As opiniões que podem ser colhidas entre travestis de todo o Brasil, segundo os dados das pesquisas levadas a cabo nas Ciências Sociais a respeito do que “elas são”, isto é, quando indagadas a respeito de sua situação de gênero com o que se identificam melhor, encontramos ideias bastante diversificadas e demasiadamente contrastantes. Umas confirmam o que já sabemos⁷⁹, outras querem libertar-se do lugar-comum das opiniões⁸⁰, mais outras sequer conseguem dizer categoricamente, para um ou outro lado, o que são. Dom Kulick⁸¹ entrevistou e estudou as travestis de Salvador, na Bahia, nordeste brasileiro, e é categórico ao afirmar que as travestis de Salvador não se afirmam “mulher”. Kulick chegou ao Brasil falando nada ou quase nada do português, talvez, algumas de suas conclusões se deva a isto, porque nas falas das suas informantes encontram-se algumas oposições às suas afirmações categóricas.

Uma informante de Diego Pontes Gonçalves diz que,

(...) “Quando me recusei a ser homem, a me olhar no espelho e ver barba, que sempre odiei ter, ver roupas simples e largas, me recusei também a me ver como homem, **por dentro sempre fui mulher**, mesmo quando tinha barba (...) **hoje sou uma mulher de verdade.**” (...) (diário de campo, 03/07/09) (GONÇALVES, 2010: 145)

Desfazem-se, então, perspectivas generalistas que intentem encontrar ou a *dibujar* (desenhar) uma noção universal com a qual possamos conceituar travestis? Algumas ideias que travestis fazem a seu próprio respeito parecem, fatidicamente, ir de encontro a noções bastante vulgares que encontramos no conjunto das produções. Não quero, enfaticamente, dizer com isto que o resultado a que chegam determinados pesquisadores é explicitamente um erro, contudo, parece-me é fruto de pesadas seduções a que se submeteram alguns até

⁷⁹ Que se nasce homem ou mulher

⁸⁰ Que se pode tornar homens ou mulheres

⁸¹ Cf. Kulick, 2008

ingenuamente. Hugo Denizart⁸² em uma obra bem interessante indaga às travestis, objeto de sua pesquisa artística, como se enxergam, como fez Gonçalves (2010), Kulick (2008) e tantos outros. A resposta de uma das informantes de Denizart é surpreendente; diz-nos ela que

Mulher é normal, ninguém olha... Quando vêem (sic) que você é um travesti, se interessam mais... Ficam na dúvida. O que atrai é uma relação dupla [de ser homem e mulher ao mesmo tempo]... A gente complementa isso (Luciana *in* Denizart, 1997: 18) O grifo em negrito é meu

Poderíamos indagar se há entre as informantes dos pesquisadores pontos de ligação e o que teríamos como resposta? Também poderíamos ceder a uma diversidade de sedução e procurar em interpretações ou análises apressadas uma verdade para determinada informação. Seríamos, então, rapidamente conduzidos para os mesmos abismos e, certamente, cairíamos até ao fundo, se nos deixássemos de ponderação em ponderação superficial tentar “traduzir” palavra a palavra o que afirmam ou explicitam, o que negam ou apenas dissimulam as travestis. Não veríamos, então, na afirmação da informante de Gonçalves (2010) a negação de sua condição feminina? Esta inexplicável, imponderável ideia de ser mulher “por dentro” não marcaria ou justificaria determinado tipo de análise que afirma que travestis jamais serão mulheres e que elas próprias sabem disto? E quanto à informante de Denizart? Também não nos encontraríamos em face de conclusões psicológicas muito fáceis? A este respeito Marcos Benedetti tem a seguinte opinião:

[...] uma das instâncias importantes acionadas pelas travestis para a explicação do gênero e sua relevância na constituição dos sujeitos é aquilo que poderia ser chamado de “dimensão interna”, concebida como uma realidade imutável e natural que, em sua perspectiva, é responsável por uma série (sic) de processos na constituição do sujeito enquanto social. (BENEDETTI, 2005: 106) O grifo em negrito é meu

⁸² Cf. Denizart, 1997

“*Dimensão interna*” é o correlato de *substância, essência* e no discurso que desconstrói ou desestrutura é o correlato de *descontinuidade*, isto é, o espírito diz que é, mas o corpo não pode atestar, uma vez que, as travestis corrompem a literalidade, - a inteligibilidade de gênero como preferiu Butler (2003) falar. No fundo, todas estas construções, invenções intelecto-conceituais só cabem desde que se considere o campo de saber – os mecanismos de suas produções – em disputa. A disputa que travestis realmente travam é, digamos, de uma natureza mais nobre e pode ser sintetizada assim:

Anaciclin, sempre quatro comprimidos por dia. **Fernando se consome lentamente. O pau minguia, os testículos encolhem. Os pêlos (sic) diminuem, os quadris se alargam. Fernanda cresce.** Um pedaço depois do outro, gesto sobre gesto, desço dos céus à terra (sic), um diabo – um espelho. Minha viagem (ALBUQUERQUE e JANNELLI, 1985: 79) O grifo em negrito é meu

Que perspectiva analítica, política ousou recolocar a questão travesti em tais termos? Quando, pois, voltamo-nos para as questões que são propostas pelas mais diversas interpretações, pelos mais diversos pesquisadores seus problemas e respostas não transcendem muito ao universo de uma luta pelo estabelecimento de verdades – a luta pelo domínio dos campos e dos meios de produção da verdade de maneira muito superficial. Suas interpretações e/ou análises nunca ou quase nunca são úteis para travestis, porque elas nascem, partem, desenvolvem-se a partir daquilo que pretendem negar: o binário de gênero. Tomando por um momento a fala de uma informante de Dom Kulick, o que vemos?

Banana sintetizou o pensamento da maioria das travestis sobre esse tema, quando me disse, *tout court*: “**Eu nasci homem e vou morrer homem.** Como eu posso ser mulher um dia, se eu nasci homem? **Se eu por acaso me castrasse e pusesse uma buceta, isso faria de mim uma mulher?**” (KULICK, 2008: 101) O grifo em negrito é meu

E mesmo que ela, a travesti, optasse por intervenções cirúrgicas e mudasse ou corrigisse sua “natureza” como nos lembra Silva (1993 *in* Lourenço, 2009) dificilmente ela se livraria de quem é (com que aparelho genital nasceu), porque não pode existir um

passado biológico, nem uma descontinuidade, digamos, metafísica. As descontinuidades percebidas são da ordem da história, não fruto de determinações ontológicas. Como diz Chiland,

Não se pode esperar que os progressos da cirurgia cheguem a mudar o corpo todo, os cromossomos e os órgãos (sic) internos; mesmo que fosse possível, isso não apagaria a história vivida. Portanto, é importante que se consiga encontrar um tratamento que se distinga da reatribuição hormonal-cirúrgica do sexo (CHILAND, 2008: 121) O grifo em negrito é meu

Realmente, não se pode apagar a “história vivida” e isto significa, exatamente, dizer que não se pode apagar pela intervenção cirúrgica todo o conjunto de relações e significações – morais e axiológicas - que a travesti viveu, não pode apagar das mentes das pessoas de suas relações, nem mesmo esconder das futuras relações – sociais e sexuais – com quem trará a história vindoura de sua vida, assim, travestir-se não significa um recomeço, mas parte de um processo: ideia dominante. A consequência é que entre as que afirmam e negam seu “passado biológico” e as que não procuram negar, mas afirmam a sua “essência”, digamos assim, será estabelecida uma luta sem vencedores, inglória. E o pesquisador diante disto e tendo que batalhar pela própria sobrevivência no campo especial de suas batalhas tomará partido para um ou outro lado conforme lhe parecer melhor um ou outro lado. Partidarizemo-nos ou faliremos eis a sentença. Mesmo que as noções, as análises, as interpretações não cheguem todas a um só resultado a respeito das travestis é ponto pacífico entre elas que travestis utilizam determinadas tecnologias, bem como, fazem uso de determinadas técnicas para aproximarem-se esteticamente (na feitura e estrutura físicas femininas) das mulheres. Tais usos, para alguns pesquisadores, abusos, levaram as travestis, mas não apenas elas, a darem “adeus ao corpo”.

3.3. CORPO-PROTÉTICO: AFINAL, O QUE É O CORPO TRAVESTI?

Em dezenas de artigos seus autores copiam-se uns aos outros ao afirmar que travestis **fabricam** uma prótese inacabada, imperfeita (corpo) para suas almas. Tal ideia me chamou rapidamente a atenção desde que comecei a levantar material para o estudo do *estado da arte*. Não tenho como contradizer tais estudos. Se tomarmos a mesma perspectiva que tomam tais pesquisadores não há o que contestar, nem mesmo criticar. O trabalho travesti, de fato, torna-se uma atividade fabril, arte de engenharia simbólica. No entanto, se conseguirmos por algum momento que seja fugirmos das perspectivas naturalistas de tais análises, talvez, possamos encontrar no verbo *fabricar* algo muito mais fundamental. Ou seja, talvez, pudéssemos encontrar um modo de valorizar melhor o trabalho travesti. A ideia de “fabricação/construção” adquire um valor negativo para as próprias travestis e, assim, todo o seu trabalho nunca é avaliado do ponto de vista da utilidade individual que ele representa, menos da ainda da *força* que elas empregam. Os pesquisadores afirmam este caráter de coisa quando em suas interpretações procuram demonstrar a contradição aparente que envolve todo o trabalho travesti. Como nos diz determinado pesquisador, os

[...] travestis “constroem” seus corpos, por meio de um longo trabalho de “engenharia” física. [...] É justamente no corpo que elas manifestam os principais dados simbólicos, daquilo que é considerado masculino e feminino pelas normas de gênero (ANTUNES, 2010: 71) O grifo em negrito é meu

Afinal de contas que corpo não é fabricado/construído? Por que o trabalho das travestis aparece como um trabalho de engenharia à parte? Que querem as análises, as interpretações, os pesquisadores ao insistir na perspectiva *anti-natural* da fabricação de seus corpos? Afirmar que travestis “constroem [*fabricam*] seus corpos por meio de um trabalho [...] de engenharia” e tal ideia só existe em relação com corpos perfeitamente dados não significa em última análise afirmar – querendo negar – que tais corpos são do ponto de vista do valor o que menos importam? Ou de outro modo, não significa, assim, na

relação entre o “corpo natural” e o corpo fabricado reafirmar que um é verdadeiro e o outro falso? Não significa reacender a perspectiva que afirma que o corpo assim entendido é um “ser”? Mas, como nos lembra Butler,

Se o corpo não é um “ser”, mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero [...] **então que linguagem resta para compreender esta representação corporal, esse gênero, que constitui sua significação “interna” em sua superfície?** Sartre talvez chamasse este ato de “estilo de ser”; Foucault de “estilística da existência” (sic). Em minha leitura de Beauvoir, sugeri que os corpos marcados pelo gênero são “estilos de carne”. Esses estilos nunca são plenamente originais, pois os estilos têm uma história, e suas histórias condicionam e limitam suas possibilidades. Consideremos o gênero, por exemplo, como um estilo *corporal*, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como *performativo*, onde “*performativo*” sugere uma construção dramática e contingente do sentido (BUTLER, 2003: 198-9) O grifo em negrito é meu

Talvez, o problema não seja apenas o de inventar uma nova linguagem que seja capaz de dar conta destes novos fenômenos, mas o de fazer girar a roda das perspectivas e dos valores. As pesquisas ainda ressentem os impactos de um pensamento que bravamente resiste a sair de cena: o pensamento metafísico cuja ação é por vezes disfarçada em determinadas formas de linguagem como “*corpo masculino*”, “*biologicamente masculino*” ou “*corrigir a natureza*”, etc. A forma como aparecem nas análises, nas pesquisas, nas interpretações a intenção e execução das práticas travestis de reformatarem seus corpos é muito negativa e, às vezes, o único valor positivo é dedicado a apreciações políticas num quadro de luta de classe: heterossexuais e suas normas X *queers* e suas contestadoras ações. Como, então, apareceriam as travestis em tais pesquisas se tomássemos a perspectiva que nos oferece David Le Breton? Diz-nos ele que

Em nossas sociedades, a parcela de manipulação simbólica amplia-se, [...] a plasticidade do corpo tornam-se lugares-comuns. A anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao *design* do momento (LE BRETON, 2003: 27-8) O grifo em negrito é meu

Já não se faz mais a menor distinção aqui, então, de como os corpos são lançados ao mundo. Sua igualdade, pois, aparentemente, é a falta de igualdade cultural-simbólica. Apagam-se todas as marcas e registros naturais⁸³ para em seu lugar surgir a vontade, o desejo individual de cada um, o *querer interno* da vontade (da força). As determinações anteriores são rapidamente transformadas em valores culturais, simbólicos dos quais os indivíduos fazem uso para levar seu corpo, uma espécie de massa informe, a novos patamares de significações simbólicas, quer dizer, a novas inscrições, novas tabuas de valores e aqui, então, sobressai todo o trabalho travesti e a qualidade/quantidade de força que ela emprega para obter sua vitória. A cultura, a determinação natural, os constructos históricos passam a ser ferramentas úteis a cada individualidade no rumo que deseja dar à sua vida. Enfim, empurram-se as análises, as interpretações para novos lugares, novas linguagens, novas razoabilidades.

Mas, afinal, o que é o corpo travesti? Não é uma oposição a uma naturalidade dada – mas, se poderia dizer que ele pode ser lido do ponto de vista político-partidário como uma oposição discursiva desde que se tome o corpo como um discurso determinado –, nem uma reinvenção ou atualização do que já existe, ele reflete para um ou outro lado na perspectiva de gênero o masculino ou feminino. A este respeito poderíamos usar a perspectiva foucaultiana da “*estética da existência*” para o dotar de alguma razoabilidade ou sartriana como talvez diria, segundo Butler (2003), Sartre “*estilo de ser*” ou mesmo como a própria Butler (2003) preferiu chamar “*estilo de carne*”. Qualquer dos casos resulta o mesmo. De todas elas gosto mais da “*estética da existência*” usada por Foucault por conter nela um maior teor artístico. Contudo, ainda trabalhando nesta mesma perspectiva esclarece-nos Bento que

A verdade dos gêneros, no entanto, não está nos corpos; estes, inclusive, devem ser observados como efeitos de um regime que não

⁸³ A anatomia é obrigada a se refazer

só regula, mas cria as diferenças entre os gêneros [...] A própria idéia (sic) de origem perde o sentido e a/o “mulher/homem de verdade” passa a ser considerado também cópia, uma vez que tem de assumir o gênero da mesma forma: por intermédio da reiteração dos atos (BENTO, 2006: 1004)

O que nos interessa agora considerar é que não havendo uma verdade *a priori* em relação ao corpo cabe indagar se existe uma verdade *a priori* para os gêneros⁸⁴. Naturalmente, se levadas às últimas conseqüências tal indagação resultaria também como resposta uma provável negação. Tanto quanto os corpos os gêneros também fazem parte das invenções com que somos designados ou auto nos designamos, identificados ou auto nos identificamos e cujos valores obedecem, na escala social, ao domínio daqueles que conseguiram estabelecer determinadas ideias (domínios), isto é, como verdade ou mais precisamente, como diz Bento (2008) influenciado por Foucault, regimes de verdade. O que quero dizer, exatamente, é que a verdade, se preferir, as verdades, são resultados das relações de saber e de poder, pelo menos, neste campo específico da análise. Estabelecem verdades quem neste jogo de forças beligerantes consegue demonstrar melhor inteligência de guerra e força de combate.

3.4. TRAVESTIS E AS RELAÇÕES DE PODER: SUA REALIDADE CIENTÍFICA

Não parece muito inteligente querer sair de uma luta entrando nela. Ou de outro modo, não parece muito inteligente entrar numa luta e ter de lutar com as armas que o opositor/inimigo oferece mas, no entanto, alguém dirá: “ao menos temos uma arma”. Parece-me, então, que é confiar demais nas boas intenções de um opositor. Por uma questão de estratégia é preciso, pericialmente, proteger os fortes contra os fracos. Quero dizer, exatamente, que é preciso proteger aquela gente ousada contra os ferros e as fornalhas daqueles que dominam e oferecem armas para que lhe façam oposição. É preciso, então, começar a criar os mecanismos de sua defesa. Pois bem, cabe identificar

⁸⁴ Se não há um gênero *a priori* nada impede que a força emprega por um indivíduo (chamemo-lo homem) possa resultar em uma mulher

numa suposta ou configurada relação quem é o forte e quem é o fraco desde a perspectiva de valor que damos ao forte e ao fraco. Quero dizer, exatamente, identificar o forte e sua coragem, o forte e sua ousadia, o forte e o seu deboche, o forte e a sua crueldade, violência e qualidade. Reencontrar antigos valores e reavivá-los. Mas, não é justa e exatamente o contrário o que se pode encontrar no conjunto das pesquisas sobre travestis? Isto é, não é justamente esta inversão de valores e de práticas a respeito das travestis que realizam as pesquisas ao colocarem as travestis em determinadas situações que jamais caberia situá-las? Um exemplo disto encontramos em Didier Eribon que nos diz que

No começo, há injúria. Aquela que todo gay pode ouvir num momento ou outro da vida, e que é o sinal de sua vulnerabilidade psicológica e social. [...] **E uma das consequências (sic) da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo. E, por conseguinte, moldar a personalidade, a subjetividade, o próprio ser de um indivíduo** (Eribon, 2008: 27) O grifo em negrito é meu

A configuração de uma relação injuriosa⁸⁵ resulta num esquema bastante prático⁸⁶. Os que dominam no campo social das relações instituem por isto mesmo os valores, as regras de conduta (a moral) a que todos devem estar sujeitos e, assim, tornam-se fortes e poderosos. Os que são dominados rapidamente são reduzidos a fracos, covardes, frágeis. Ou em outros termos, digamos, os que dominam transformam-se no olhar daqueles que são dominados em antipáticos, intolerantes, antidemocráticos e tantos outros termos que arranjam para tal designação⁸⁷. Assim, travestis se vistas por este lado e, geralmente, é assim que são, fisiologicamente, olhadas não passam muito de um ser cuja vulnerabilidade “psicológica e social” as transforma em vítimas. Este, no entanto, é um modo muito simplista, fisiológico de olhar as coisas, ou antes, é um modo ideologicamente orientando de olhar as coisas. Se tomássemos, por exemplo, a ideia de Michel Foucault⁸⁸ que diz que “o” poder não é uma coisa que se possua, que exista aí desde sempre, não é um instrumento com que uns trazem do berço, que uns têm e outros não, mas que é o resultado das múltiplas relações que cada indivíduo trava cotidianamente em sua vida creio, então, que a perspectiva sob a qual olha Eribon (2008) e a maior parte dos pesquisadores tenderia

⁸⁵ A injúria, neste caso, é elemento fundante da relação

⁸⁶ Do ponto de vista política ou do ponto de vista da relação de poder

⁸⁷ Parece muito mais obra de um ressentimento

⁸⁸ Cf. Foucault, 2007

a sofrer uma profundíssima modificação em sua realidade analítica. Como nos ensina Foucault,

Parece-me que se deve compreender **o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização**; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, nas formulações da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 2007: 102-3) O grifo em negrito é meu

No entanto, as pesquisas estão cheias de partidarismos e partidários. Focam menos na realidade de determinadas relações, isto é, focam menos no próprio objeto e sua realidade relacional e praticam muito mais uma espécie de lobby científico-político que parece muito mais fácil realizar. Isto faz com que, a exemplo, travestis sejam transformadas em indivíduos vitimizados, acovardados, fracos, dominados (injuriados) ou reduzidos a uma determinada relação de poder em que saem sempre como perdedores ou clamando por favores (direitos). O que me pareceu mais de perto ao estudar o conjunto das produções sobre travestis (o estado da arte) é que as travestis são sempre desenhadas sob fortes contornos de humilhação, são as vítimas de um poder cruelíssimo e que não poupa maldade. As análises, geralmente, são sempre construídas desde a perspectiva do direito, de valores político-democráticos (ou de sua ausência). Como diz um determinado pesquisador,

Marginais, criminosas, vergonhosas, obscenas, desocupadas, inferiores. Desqualificações dessa ordem são projetadas pela sociedade maior sobre as travestis, notadamente por serem homossexuais e viverem da prostituição nas ruas. De fato os corpos das travestis parecem constituir a fonte de todo o estigma atribuído a elas, pois sua morfologia semelhante à da mulher é o elemento mais visível do desvio que cometeram ao violar o sistema de gênero. É a partir dessa diferença tão evidente que os indivíduos (sic) que se consideram “normais” passam a atribuir todo tipo de defeitos a eles para (re) afirmarem sua “normalidade” (FERREIRA, 2009: 42-3) O grifo em negrito é meu

Não se pode, pois, sentir o aroma da piedade científica que trabalha para restabelecer o direito à verdade em relação às travestis? Então, vemos rapidamente nascer determinados discursos que põem à prova ou contra a parede determinados valores políticos, que clamam justiça social à justiça e às formas de governo determinado, que acusam este grande leviatã, a sociedade, de não se pautar em princípios democráticos de direito. As travestis ou, pelo menos, o que restou de sua assombrosa imagem, já se encontra bem longe de todo este heroico e piedoso discurso político-jurídico. Como lembra outro pesquisador,

Marcadas por nossa sociedade conservadora e influenciada pelas premissas do heterossexismo e do patriarcalismo, as travestis experimentam todo tipo de discriminação, desde serem travestis profissionais do sexo até outras complicações, dadas as associações com a pobreza, com a cor da pele, as práticas sexuais e as classificações de gênero (PERES, 2005: 64) O grifo em negrito é meu

Somos, então, admoestadamente levados, às vezes, sem refletir muito sobre o assunto, a assumir determinadas posturas das quais, aparentemente, não concordaríamos praticar se uma reflexão um pouco mais demorada sobre nós viesse se instalar. Somos como que levados por uma corrente de pensamento que sem percebermos já instituiu o modo de ver as coisas e as valorar. Todavia, se conseguíssemos transcender aos partidarismos das análises, das interpretações sobre travestis que novo quadro diante de nós se apresentaria? E se, realmente, tivéssemos a coragem de tratar na perspectiva das relações de poder a questão travesti o que a respeito disto tudo mudaria? O analista, o pesquisador, o intérprete chega, então, a uma conclusão a respeito da intolerância social que a sociedade dedica às travestis: são “homossexuais” e vivem “da prostituição de rua” (FERREIRA, 2009). Conclui o mesmo pesquisador que semelhante intolerância e/ou discriminação que a sociedade dedica às travestis é resultado perceptível do desvio “morfológico” que travestis praticam ao levar ou a destruir ou a borrar a naturalidade concebida de seu corpo a patamares de falsidade, isto é, de construção, de reinvenção –

termos em moda. É a despeito disto que a “normalidade”, isto é, em face de tal diferença, que a “normalidade” constroi castelos morais e suas respectivas masmorras para onde a respeito destas últimas são enviadas as travestis. O pesquisador, pois, em face de uma cena tão antirepublicana, tão antidemocrática, tão bárbara, evidente, apieda-se e em suas investigações sobre os constructos morais daqueles indivíduos que se acham “normais” – e em face de seus valores constituídos - encontra falhas e as denuncia, as desnuda, as ridiculariza. E, de um modo bastante verdadeiro, nomeia a sua análise de *desconstrução*. Esta sua análise, pois, ganha um valor de ofício e o seu pesquisador gozará de determinado *status*, digamos, científico. De lado a lado, troca de acusações. Termos novos surgem para contra-guerrear. Temos, então, agora uma sociedade *patriarcalista*, *heterossexista*, *heteronormativa* e tantos outros termos que servem para diagnosticar as farpas, bem como o atraso moral, os arranhões, os beliscões da realidade desta relação. E, no fundo, não há verdade alguma. Apenas táticas, estratégias, enfrentamentos, medição de forças, distorções, invenções, lutas eternas pelos mecanismos de produção da verdade e da vantagem que se pode disto resultar. Ou como diz o próprio Foucault,

O importante, creio é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] **A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder.** [...] Há um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” (FOUCAULT, 2009: 12-3) O grifo em negrito é meu

O que mais interessa, pois, então, deste ponto de vista, é revelar as estratégias discursivas que estabeleceram algumas *verdades* sobre travestis. É tatear e revelar as táticas que possibilitaram a formação de um novo discurso. Não há, assim, “verdade” que não seja deste mundo, nem discurso que não tenha a marca, as digitais do interesse. Como, então, em meio a este quadro teórico as travestis são representadas do ponto de vista das relações de poder? Diz-nos um pesquisador que,

[...] **a necessidade da subversão pelos corpos**, apresenta-se também como a capacidade de expressão política. Fortes maquiagens, saltos bem altos, roupas extravagantes, enfim, **características femininas socialmente impostas, expressas nos corpos travestidos de forma**

glamourosa representam subversão, reconhecimento, expressão (GONÇALVES, 2010: 145-6). Os grifos em negrito são meus

Em face destas afirmações de Gonçalves (2010) podemos traçar dois pontos importantes. O primeiro ponto é que a análise, a interpretação, a perspectiva pela qual se joga o pesquisador para criar pontos de inteligibilidade travesti constitui ela própria uma relação; uma relação de poder e aí, então, começamos a perceber que se há entre o, digamos assim, fenômeno e seu intérprete uma relação e se tal relação tende para o domínio – em que a análise, a interpretação é o mecanismo da dominação porque produz por meio dela uma verdade que é o fundamento ou o estabelecimento da luta – não seria preciso também livrar as travestis deste campo de domínio, ou antes, livrar-lhas deste campo que não é seu, de sua significação própria, mas um campo de ações que sobre elas age e quer dominá-las e, no limite, as domina? O segundo ponto é que a interpretação, a análise, a crítica feita por um pesquisador – aqui se encontram em parte ódio, ilusão, ingenuidade e maldade - não é mais uma análise, uma interpretação, uma crítica simplesmente a uma forma de domínio específica, mas a defesa e garantia de uma espécie de mais uma ou uma nova forma de dominação⁸⁹ que aparece discursiva e subrepticamente como fundamentos críticos-político para a libertação travesti. Como melhor diz o “pai da criança”,

Uma relação de poder [...] se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que “o outro” (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis. [...] O exercício do poder pode perfeitamente suscitar tanto aceitação quanto se queira [...] Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995: 243)

⁸⁹ Que quer se estabelecer, vencer

O modo de operação desses discursos libertadores é fazer ver o mais que possível a condição miserável, frágil e, no limite, criar esta condição em que travestis se encontram. É imputar tal condição às instituições sociais, ao modelo econômico e moral vigentes, às formas de governo determinadas, ao atraso intelectual, à sociedade, isto já constitui um vício. Como diz um pesquisador,

Apesar de todo o “glamour”, de toda a “fechação” e da exuberância em torno da travestilidade, o viver esta experiência também se aloja nas esferas mais baixas da hierarquia social. É uma experiência que muitas vezes está pautada em conflitos, ojeriza e preconceitos, é sob esta condição que viver a travestilidade muitas vezes chega a sua “totalidade”, se é que ela existe (NOGUEIRA: 2012: 59) O grifo em negrito é meu

Que aparente contraste é este que existe entre a exuberância, isto é, entre o “glamour/fechação” e a experiência de viver “nas esferas mais baixas da hierarquia social”? O pesquisador parece querer nos convencer e convencer ao objeto de sua crítica, de sua interpretação, de sua análise que o “glamour/fechação” é uma condição falseadora da própria condição miserável – realidade discursivo-reveladora - em que vivem as travestis e, rapidamente, tal condição é rompida por sua situação político-econômica-social. O “glamour” é, então, tão falso quanto a própria travesti. Faltou aos pesquisadores, imagino, a arte mais fundamental de todas a quem pretende oferecer análises: a arte de ruminar. Creio, enfim, que existem outras formas possíveis de encarar as travestis. Formas que sejam melhores adequadas ao aproveitamento pessoal, individual das travestis, que as arranque dessas espessas caricaturas que foram construídas para aprisioná-las. Não mais a vítima, a injúria, a miséria, não mais esta fisiologia decadente com que estamos acostumados a narrá-las. Não mais as sedução frias com que se lançam a nós análises economicistas. Não mais o direito, a moral, preceitos religiosos. Os analistas cederam às sedução das análises econômicas porque estas lhes pareceram mais fáceis. Viver, pois, nas *esferas mais baixas da hierarquia social* é humilhante, degradante, desrespeitoso porque o valor que a vida, a existência aí encontra, rapidamente, nas correlações que são construídas pelos analistas, resulta em inferioridade: é muito mais um ataque a um modelo econômico. Assim, todo o luxo, o “glamour”, o brilho da purpurina, a “fechação” são máscaras que o pesquisador descobre para revelar a verdade da situação travesti. Tudo isto para dizer, simplesmente, que

[...] uma coisa deve ser sublinhada: a análise do discurso [...] não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo da rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante (FOUCAULT, 1996: 70) O grifo em negrito é meu

É hora, então, de ajustarmos os termos. As travestis entraram no jogo das multiplicidades discursivas. E o que isto quer dizer? Que no jogo destas multiplicidades discursivas são menos as travestis que estão sendo disputadas e mais o poder fundamental da afirmação que se dá, obviamente, por meio do domínio dos mecanismos de produção da verdade. Afirmar-se enquanto poder significa expandir para mais longe o seu domínio, querer mais domínio. No fundo, as lutas estabelecidas entre os poderes e os saberes são sempre por mais poder. Portanto, fugir a esta luta já em curso – com objeto interpretado, delineado - significa recolocar todas as perguntas, todos os problemas novamente oferecendo novas respostas, melhores soluções. Como nos diz F. Nietzsche,

[...] uma doçura como a do mel torna viscosa a palavra. Aquilo que deve ser onde a mentira transforma a fraqueza em mérito; não há dúvida; é como disseste! [...] - Aqui a mentira chama bondade à impotência, humildade à baixeza, obediência a submissão forçada [...] (NIETZSCHE, 1985: 19)

Recolocar, pois, a questão travesti não é fácil. É preciso ter coragem, ousadia para como um iconoclasta quebrar as imagens de um terrível sonho. Inverter a ordem da multiplicidade discursiva significa retirar ao injuriado a outorga de sua injúria, ao fraco a outorga de sua fraqueza e à vítima devolver-lhe sua crueldade, sua maldade, sua maledicência, a fanfarrice da sua ação e o prazer que daí resulta. Significa, em última análise, retirar das travestis todos estes decalques caricaturescos com que durante algumas décadas foram analisadas do ponto de vista do interesse “científico”. Aqui, então, pois já seria possível rever insidiosamente como foram situados os fortes e os fracos nestas tramas que as relações de poder-saber forjam.

Por que tememos e detestamos a possibilidade de retorno à barbárie? Seria talvez porque a barbárie tornaria os homens mais infelizes do que são? De modo algum!

Nietzsche

CAPÍTULO IV

4. O PONTO DE VISTA MORAL

Os analistas, os grandes intérpretes objetivaram-se, limitaram-se, no que eu chamaria aqui de prática ascético-científica, a apontar características identitárias, características do que chamam “construção” ou “reinvenção” do corpo (ou de sua natureza) das travestis ou, simplesmente, a reproduzir de um ponto de vista *mezzo* crítico os valores sociais com que, geralmente, elas, as travestis, são designadas ou simplesmente a lastimar a sua má fortuna. Não me assombra, pois, que as travestis figurem no mais das vezes como seres - lutando contra tais designações -: *inferiores, marginalizadas, criminosas, desrespeitosas, obscenas*⁹⁰, pois toda esta predicalização faz parte de um quadro moral (verdadeiro imperativo sociológico) de época. Assusta-me, no entanto, que se reproduzam tais características de um ponto de vista crítico, político-científico, mas que não se enxergue ou se traduza do ponto de vista do labor individual da travesti ou das travestis os valores que daí poderia resultar. Parece que a única coisa que interessa na análise é isto:

Entre as travestis ser belíssima é uma classificação estético-moral que aponta para **um conjunto de cuidados que estas dedicam ao corpo e, assim, à construção da pessoa. É este “se cuidar” que atesta a determinação travesti em se transformar e assim adequar seu corpo “de homem” aos seus desejos e práticas sexuais, construindo para si o que Butler (2002) chama de “gêneros inteligíveis”. [...] Essa inteligibilidade dada pela norma heterossexual é a mesma que as torna seres “abjetos”**. Isto é, aqueles que são colocados alocados pelo discurso hegemônico nas “zonas inabitáveis” onde, segundo Butler, estão os seres que não são propriamente generificados (PELÚCIO, 2005: 97)
Os destaques são meus

Intriga-me, no entanto, a pressa com que os analistas procuram ou procuraram encaixar as travestis nos quadros gerais da *inteligência teórica*. Neuza Maria de Oliveira citada por Dom Kulick (2008) havia identificado a respeito das travestis sua “*disciplina*” e “*docilidade*”; Larissa Pelúcio (2005) agora nos fala do labor travesti como uma espécie de

⁹⁰ Cf. Ferreira, 2009

adequação ao binário de gênero ou, especificamente, a um labor que procura atingir o que Butler (2003) chama de “*inteligibilidade de gênero*”. Tratarei de aprofundar a questão proposta por Neuza Maria de Oliveira nos próximos tópicos. Pelúcio (2005), então, conclui que o que tornam as travestis seres “*abjetos*” é, justamente, esta tendência ou fascínio das travestis em se submeterem à “*norma heterossexual*” da construção do gênero. Pelúcio (2005) até encontra um novo termo com o que designar o labor travesti: *estético-moral* como um conjunto de cuidados e procedimentos destinados à construção “*da pessoa*” travesti. Cabe indagar, então, se as travestis não corresponderiam muito mais aos *espectros de descontinuidade* em relação ao que Butler (2003) designou como “*gêneros inteligíveis*”. A este respeito nos diz Butler (2003: 38) que “*Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo [biológico], gênero, prática sexual e desejo*”, desta forma, como podem, pois, travestis levarem seus corpos a uma *inteligibilidade de gênero* interpretada assim desde esta perspectiva, isto é, desde a perspectiva de Butler? No entanto, é bastante compreensível que os pesquisadores, os analistas, os intérpretes procurem nas demasiadas interrogações que fazem a si mesmos a melhor perspectiva que lhes facilite interpretar. Há, entretanto, pesquisador mais ousado, muito mais categórico, que vai muito mais fundo quanto mais longe ao afirmar que

Em que pese a *performance* travesti se **revestir de um semblante feminino**, as entrevistadas, em muitos momentos, trocam os artigos ao se autoreferirem (sic) ora no feminino, ora no masculino. Diante dessas glosas, **uma vez lhes perguntado se se sentiam mulheres, elas respondem que não, que sabem que não são mulheres**. Em outras palavras, **as travestis fazem um jogo cênico de feminilidade, mas seu sentimento de pertença é masculino**. Convidadas a se posicionarem na partilha dos sexos tradicionalmente proposta, **não surge em sua fala uma terceira via, mas a reiteração do modelo binário** (HOENICH e PACHECO, 2012: 86). Os destaques são meus

Não há, pois, a menor possibilidade de uma espécie de *terceiro reich* de gênero surgir e como se percebe os “conceitos” sofrem as dores da interpretação. A interpretação,

pois, científica, bem entendido, no afã de encontrar uma explicação, uma razão que fosse suficientemente convincente sobre “o fenômeno” travestis deixou de considerar até mesmo as contextualizações dos conceitos. Salvo, assim, raríssima exceção, não encontrei um único pesquisador no arquivo pesquisado, analista ou intérprete que tivesse reconhecido, mesmo, percebido de longe, que no jogo das relações de poder – o caráter da constituição/invenção travesti – as travestis eram menos do que quaisquer um, vítimas. Só no jogo das relações de saber é que elas aparecem estrategicamente vitimadas/zadas⁹¹ e isto para mim constitui um verdadeiro sintoma. Não raro as relações de saber figuram também como as relações de poder, é o seu caráter indissociável. A dupla *poder-saber* aparece indissoluvelmente nas interpretações e isto, a meu ver, constitui um problema fazendo com que tudo fique ainda mais turvo. Por que, então, taticamente, separo por alguns momentos as *relações de saber e seus discursos* – aquilo que se sabe, que se afirma, que se nega a respeito de algo - das relações de poder – o jogo de forças atuantes, o querer interno das forças - procurando, pois, encontrar no *a priori* destas últimas as *relações de força ou potencia*? Por uma questão bastante prática. A análise, mesmo que idealmente, separada – caso se consiga a contento realizá-la – de uma e de outra forma oferece, digamos, um campo de visão um pouco mais amplo a respeito das várias perspectivas que tratam o mesmo tema. É verdade que Foucault não separa a dupla *poder-saber* de seus contextos analíticos. Entendo que alguns pesquisadores foucaultianos possam se sentir ofendidos, até desrespeitados com esta minha tentativa. Mas, afinal, faz parte da minha estratégia e tática de análise. Para os fins a que pretendo tal **divisão momentânea** é necessária. Vejamos o que nos diz uma dupla de analistas:

[...] na travestilidade o processo de constituição [...] se expressa [...] num estranhamento e construção de complexas transformações em

⁹¹ Os ideais republicanos e democráticos atrelados a perspectivas de direito são, pois, os mecanismos pelos quais tais interpretações vigorosas movimentam-se procurando demonstrar ações perniciosas, antidemocráticas – um verdadeiro atentado ao sistema inteiro – com que travestis são tratadas.

relação ao corpo genético [...] A construção estética do corpo da travestilidade é o produto final de uma série (sic) de processos de produção de subjetividades, que a marca da sexualidade encontra um caminho para transitar em seu contexto sócio-histórico-cultural (ROSA e KAHHALE, s/d: s/p) Destaques meus

A esta altura, então, com ***profundíssimo respeito*** – porque reconheço a sensibilidade intelectual quando afetada – poderíamos a título de uma exemplificação melhor desenhada tentar idealmente separar aquilo que sabemos sobre as travestis – o discurso e o valor – do jogo de forças atuantes⁹² – as relações de poder (aquilo que cada um no jogo das relações poder. O meu interesse nesta separação quase traumática? Encontrar o jogo de forças que acredito ser muito mais fundamental: relações de força ou potência. Porque como as coisas estão estabelecidas – poder-saber – a única coisa que aparece, que chega à superfície de nossos sonhos acadêmicos é um poder-saber científico, acadêmico e não a luta real das travestis, a batalha possível, a própria travesti e sua perspectiva singular. Ou dito de outro modo: a única disputa, guerra, luta que aparece no conjunto das produções sobre travesti é a luta ou disputa de perspectivas analíticas (de seus valores) ou a luta pelo domínio do *já interpretado*; lutam pela soberania de uma perspectiva, pela instituição de uma verdade tentando dominar todos os meios de produção desta. Procedamos a uma provável separação, então. O que temos de consciência de valor, de saber e de poder sobre as travestis nesta última citação?

Saber (o que se sabe ou se diz ou se afirma ou se nega) ou relações de saber (o discurso e suas perspectivas)

Processo de constituição/ estranhamento e construção de complexas transformações em relação ao corpo genético (produção da verdade) – corpo genético?

Poder do objeto interpretado (o jogo de forças atuantes, o relacional de sua ação)

Construção estética do corpo da travestilidade/ produto final de uma série de processos de produção (produção da verdade) – à procura da verdade deste corpo que se fabrica

Valor (jogo de afirmações e negações)

⁹² Materialidade da ação, isto é, os instrumentos que servem materialmente para medir forças

Inexiste o valor ou quando muito existe uma afirmação e uma negação ao mesmo tempo do ponto de vista do valor científico com que brigam as perspectivas analíticas: uma afirma e a outra nega determinada afirmação uma da outra.

O que temos aqui, então? Luta, mas luta de perspectivas analítico-científicas. A ação travesti do ponto de vista do valor (da significação própria, individual) nunca ou quase nunca é colocada em questão, só há lugar para a citação acadêmica como um discurso de autoridade. Ou temos uma interpretação política travesti em função da moral, geralmente, determinados textos trabalham o aspecto político-cultural ou temos textos que procuram pôr em perspectiva a naturalidade física do corpo (sua genética (o corpo genético) como dizem) e a antipatia travesti a esta naturalidade e consequentemente a luta ou batalha pela transformação⁹³ física – nunca pelas metamorfoses do poder travesti - ou como diz ainda Chiland (2008), nesta perspectiva analítica, o incômodo da não aceitação é o que deve aparecer mais do que próprio podem travestis realizar. Nesta última citação temos *o misto*. Geralmente, todos os pesquisadores, analistas, intérpretes dificilmente conseguem escapar desta *epopeia* científica. De todo modo, temos que o poder e o saber são redutíveis um ao outro. Pelo menos, nesta perspectiva analítica. É tão natural que enxerguemos esta relação poder-saber indissolúvel (socratização da análise) que dificilmente um pesquisador, um analista, um intérprete busque lha questionar. Só compreendemos melhor esta dupla quando nos voltamos para as *relações de força* (potência). É aqui onde a dupla poder-saber tende a se revelar. Quem, pois, teve a ousadia, a petulância ou mesmo o disparate de colocar em perspectiva as relações poder-saber (discursiva) para questionar, para avaliar em detrimento das *relações de força* que constituem travestis? As relações de força (o que realmente podem) são anteriores ou posteriores às relações de poder-saber (discursivas), ou antes, estas são expressões daquela, vice-versa? As relações de força são mais ou menos relevantes em relação a estas últimas?

⁹³ Eu diria que se existe uma batalha é menos por *transformação* do que por *superação*, ou antes, que a transformação é o aparente da superação ou é o resultado vitorioso, positivo, afirmador, triunfante travesti.

E qual o perímetro de que se deve olhar para enxergar as relações de força? Mas, afinal, o que é esta *força* que constitui tais relações? O que chamo, pois, de *força* é um querer individual forte cuja consequência é a destruição de uma relação estrutural ou de dominação e, por isto mesmo, afirmadora de si mesma e instituidora de novos valores (um novo quadro criativo de significações), um princípio de grandeza física que desloca, põe em movimento algo – certeza, verdade, etc. – a fim de sobre tudo isto dar uma nova direção, um novo significado, por isto mesmo, um novo valor; é um desejo, uma vontade, um destemor, uma coragem heroica; é heroísmo e afirmação de si mesmo, uma superação. Está na ordem da singularidade. Mas, por outro lado, força pode também ser o contrário disto tudo e é aqui que *força* recebe a comenda ou o título de *poder* e o seu triunfo nas relações é louvado com a instituição de uma instituição/função, as invenções do *saber*. É aqui, pois, onde tudo se deprime, inverte, pauperiza, envergonha, estabelece-se numa forma universalizante de moral. As relações de poder-saber, pois, criaram mecanismos de defesa, de conservação da sua força, criaram as regras da disputa, da batalha, da luta, instituíram verdades pelas quais se luta. Levaram as relações de força, um dia livres das determinações morais externas, da espiritualização da batalha, para patamares moralizadores/espiritualizadores: o saber, a ideologia, a consciência, etc. Mas, não me confundam. Chamo moral aqui a um extenso sistema de juízo de valor que está em relação com as condições de existência de um ser e de suas relações⁹⁴. Creio, porquanto, já ser possível invertermos um pouco as lentes pelas quais estávamos acostumados a preparar os nossos diagnósticos científicos. Como nos diz um determinado analista,

A experiência travesti **desnaturaliza normas sociais binárias**, nas quais o masculino e o feminino teriam seus lugares e condutas permitidas ou não. **Na medida em que os sujeitos vivenciam essa experiência, eles são considerados fora das normas de gênero**. Como lembra Araujo Jr: “Aquele que se traveste está de certa forma, invadindo território alheio, desestruturando a noção de papéis, invertendo regras

⁹⁴ E que é preciso, pois, no caso das travestis, inverter

ludicamente” (ARAUJO, 2006: 12 *in* VERAS, 2011: 3). O grifo em negrito é meu

Quem agora poderá afirmar que travestis são vítimas de um determinado sistema de juízos de valor, afinal, que têm as travestis com todos os seus poderosos analistas? Quem poderá dizer que travestis estão fora “*das normas de gênero*”, senão que elas destroem tais normas, sem que com isto não dêem uma macabra gargalhada? Quem poderá dizer que o poderoso leviatã humilha as travestis sem que não perceba que o poderoso leviatã se consome e ressentido, deseja se vingar da força, coragem, saúde travesti? Quem não ouvirá já o sinfônico *canto do cisne* em que tais perspectivas analíticas se apoiam desesperadamente para não sucumbirem diante de uma realidade tão próxima: a de sua morte? O que ainda sustenta tais perspectivas analíticas é a reatividade das forças intelectuais, ou antes, a crença intelectual na explicação e disto resulta o seu quinhão, a sua participação nesta ordem de poder, e aí está, então, seu interesse, a investidura deste poder. Afirmar, pois, que travestis *invertem, borram, desestruturam* ou seja lá mais qual termo usam para tornar inteligível a ação travesti é ainda uma forma, uma estratégia de manter aprisionadas as travestis no campo analítico do poder-saber científico, é ainda tal como diríamos, como Foucault assegura, manter uma determinada *ordem no discurso*. Podemos, ainda assim, extrair de determinadas análises a ousada ação travesti. Como revela Benedetti,

Para as travestis, as características corporais são fundamentais no esquema de diferenciação dos gêneros. Elas consideram os pêlos, e especificamente a barba, como um dos signos que mais fortemente representam o masculino. **Os pêlos, portanto, são considerados um obstáculo constante na fabricação/construção do corpo travesti. As travestis lutam cotidianamente contra a proliferação dos pêlos no corpo, especialmente os da barba** – pois o rosto, sendo a apresentação da pessoa, é a parte do corpo que, segundo o ponto de vista nativo, deve dar a ver o maior número possível de atributos femininos (BENEDETTI, 2005: 58-9) O grifo em negrito é meu

E eis aí, então, o que se poderia pensar ser uma futilidade, uma ação de menor valor. É um triunfo, uma vitória, uma superação de si mesma, porque aí encontramos os

elementos de uma existência forte (aquilo que se pode e faz), revigorante, afirmadora de si mesma. Se no mais das vezes travestis aparecem figurando papéis de menor valor e importância isto se dá porque elas resultam ser muito mais fortes do que o conjunto da sociedade inteiro. Aí, então, se encontra o resultado de sua vitimização, criminalidade, de sua degenerescência ou os outros termos que se quiser. Voltarei novamente a este ponto. Antes, preciso voltar ao pensamento de Neuza Maria de Oliveira a respeito da docilização e disciplinarização travesti, como prometido, para aprofundá-lo.

4.1. DOCILIDADE E DISCIPLINA TRAVESTIS

Para muitos pesquisadores a fatídica ideia de que travestis transformam seus corpos por meio de artifícios técnico e tecnológico em arremedos/simulacros femininos (de mulher) já indica aí toda uma sintomatologia de dominação. No entanto, pouquíssimos pesquisadores refizeram suas análises ou ousaram questionar - ou recolocar novamente todas as questões - as que encontraram prontas e dominantes. É sempre mais simples quanto mais fácil não enfrentar a aridez e a sanha de um campo de saber já muito bem dominado, bem estruturado. Eu havia discordado, entretanto, parcialmente de Neuza Maria de Oliveira a respeito da docilidade e disciplina travesti que ela havia encontrado como elementos constituidores das travestis. Opus-me a aceitar categoricamente os seus achados. Na perspectiva que Neuza Maria de Oliveira usa os conceitos de “*disciplina*” e “*corpo dócil*” para referir-se às travestis é impossível levar adiante uma análise fundamentada. Então, o que me ocorreu imediatamente problematizar foi: no interior de qual instituição social – hospital, colégio, igreja, exército, etc. - as travestis se achavam para que sobre seus corpos viesse atuar um poder suficientemente forte que com êxito conseguisse manipulá-los/discipliná-los a fim de extrair deles o máximo de utilidade possível com o mínimo de resistência provável? Desde que se fixe na “letra” do que Foucault teorizou creio ser impossível responder positivamente a este problema. Assim, entre os séc. XVII e XVIII – do camponês ao soldado (da soberania ao poder disciplinar), respectivamente – é que se

pode encontrar outros tipos de relações às quais Foucault denominou de *disciplina* e *corpo dócil*. Ele se expressa desta maneira:

Segunda metade do século XVIII: **o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível**, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, **foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia de soldado”** (FOUCAULT, 2006: 117) O grifo em negrito é meu

O verbo *fabricar*, então, ganhou o mundo e inúmeros adeptos apressados. Não demoraria muito para que inúmeras produções comesçassem a ver as travestis como seres *docilizados* e *disciplinados*⁹⁵ ou como artifício humano fabril. Há, então, toda uma engenharia/anatomia/fisiologia na construção do soldado e, evidente, um valor. Foucault refere-se, então, ao corpo do camponês como uma “*massa informe*”, um “*corpo inapto*” que para os fins a que se destinava o soldado, o camponês precisava ser “corrigido” ou habilitado/disciplinado/docilizado. Tal correção, pois, só se poderia dar no interior de determinadas instituições. E a correção se dá, evidente, na aceitação passiva da regra. Eis aí, então, o que Foucault chama de “*corpo dócil*”, ou seja, um corpo no interior de uma instituição determinada que aceita sem obstar as intervenções que a instituição achar necessárias. A correção ou disciplina, pois, encarregar-se-á de tornar cada exercício ou grupo de exercícios repetido à exaustão (a manipulação ou o que mais tarde em relação ao gênero Butler [2003] chamará de compulsão) em algo natural, perfeito e imperceptível ou que Foucault chama de “*automatismo dos hábitos*” ao final do processo disciplinar. Disto resultou, pois, que se vivemos em uma sociedade que funciona à base de disciplinas (correções, fabricações, etc.), vivemos em uma sociedade disciplinar. Bom, então, temos que o corpo heterossexual não é menos, nem mais dócil ou disciplinado do que o corpo

⁹⁵ A relação toda ela é metafísica. Ou seja, para o conjunto das produções a travesti ao dar uma *fisionomia de mulher* a si própria não expulsa o homem que ela é.

travesti, uma vez que, a travesti não vive em uma sociedade à parte da “nossa sociedade disciplinar” e aqui, pois, encontramos um ponto comum. O novo problema, então, que se nos apresenta é: que utilidade teria o corpo da travesti para o conjunto, digamos, das instituições sociais? Ou de outro modo, que aproveitamento teria tal corpo ou como ele poderia ser dito aperfeiçoado – onde aperfeiçoar, leia-se: melhorar – em relação à dinâmica sexo/gênero? Ou o que quero dizer mais, especificamente, o corpo travesti não é fruto de uma submissão voluntária a uma forma específica de poder (docilização) e consequente disciplinarização (correção) institucional, uma vez que, a docilidade e a disciplina se dão no interior das instituições. Pelo menos não para esta perspectiva de análise, tal como se acha nela inscrita seus postulados.

Aqui, então, é preciso que superemos Neuza Maria de Oliveira. A análise, então, deve tomar outro rumo, afastar um pouco as relações de produção, o caráter econômico-útil que Neuza havia enxergado na construção do corpo disciplinado travesti, o que ela chama de “*corpo dócil e útil das ruas*”. Portanto, se não podemos mais afirmar a docilidade e disciplina apontadas em termos por Neuza Maria de Oliveira, uma vez que, não se encontra respaldo teórico, porque como vimos as travestis não se acham – tais como colegiais, soldados, universitários, noviços, presidiários, etc. – presas a nenhuma instituição que por isto mesmo lhe tenha submetido ou tenha submetido seus corpos a fim de retirar deles algum aproveitamento, por conseguinte, procedido a uma espécie de melhoramento útil, ou utilidade econômica reduzindo, assim, as características políticas de resistência, precisamos, então, abandonar tais ideias ou, então, do contrário, inverter a teoria, fazer Foucault gemer, gritar. O problema, então, que aparece é: é possível trabalhar as questões teorizadas por Foucault como a do “*corpo dócil*” e da “*disciplina*” fora do âmbito das instituições sociais? De outro modo, é possível invertermos a ideia de que as disciplinas só são possíveis mediante o trabalho institucional de modo que a disciplina e a

docilidade só sejam úteis às instituições que docilizam e disciplinam, que deste processo retirem vantagens políticas (obediência) e econômicas (utilidade)? Como nos diz Foucault,

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 2006: 119) O grifo em negrito é meu

Como se percebe nesta formulação de Foucault “*disciplina*”, “*corpo dócil*” e “*instituições*” são indissociáveis. Ou seja, um corpo, aparentemente, só pode ser disciplinado e o seu caráter de docilidade só existe em relação ou em detrimento da instituição que o disciplina por sua característica de docilidade – uma relação preenhe dos múltiplos interesses de todos os lados – que toma, ao final, característica de naturalidade. Mas, então, como afirmar que as travestis têm corpos disciplinados e dóceis se há uma abundância, até um exagero de textos e pesquisadores afirmando que travestis foram expulsas, escoraçadas de todas as instituições sociais? Não lhes cabe no exército, nem nas escolas, nem nas famílias tradicionais, nem há postos de trabalho formais que as aproveitem. Contudo, alguém poderia argumentar que se as travestis não estão no interior de nenhuma das instituições sociais, entretanto, as instituições sociais estão todas, de algum modo, dentro delas e que, portanto, o que travestis são hoje é resultado de disciplinas, pelo menos, desta forma simplista e tradicional, quase uma ignorância, de enxergar as coisas. O raciocínio pareceria interessante se não ofendesse demasiadamente a inteligência.

Contudo não me nego a aceitar desde que mudada, superada, a perspectiva de interpretação que travestis entram, digamos, num processo de *docilização* e *disciplinarização* de seus corpos. Creio, então, que estamos em face do que poderíamos

chamar a dobra analítica. Já não temos mais um aproveitamento ou melhoramento útil de tal processo em deferência às instituições, elas abominam o “anormal”. O processo aqui é inverso, outro, está de ponta cabeça. A docilidade travesti diz respeito a um aproveitamento e melhoramento – e só assim poderá ser avaliado creio eu - próprios à sua vontade, ao seu querer, ou antes, é resultado da sua vontade, portanto, a medida de todo este processo deve ser vista ou avaliada no quanto de aproveitamento ou *utilidade ou aproveitamento individual* ele representa para as próprias travestis. A disciplina, assim, não é um mecanismo externo – institucional – de manipulação, de sujeição; é antes, o meio pelo qual as travestis se superam enquanto pessoas e superam um modo ou vários modos correlatos de dominação, de sujeição. A disciplina, pois, expressa em relação às travestis não uma relação de sujeição que fosse possível e provável superar, mas uma afirmação de existência e, neste caso, mais do que sujeitar, leia-se, torna-a livre para criar. Os pesquisadores, analistas e intérpretes enxergaram, mas de forma bastante viciada, o processo de docilização e disciplinarização porque passam as travestis. Mas, fizeram-no a partir de um ponto fraco do poder-saber – e se não deram atenção ou não souberam autoavaliar-se em detrimento do seu próprio saber como poderiam saber avaliar as ações dos outros tangenciando sempre para seu próprio lado todas as questões? - a que estão sujeitos e que é para travestis, justamente, o ponto mais alto, por isto mesmo o seu contrário, o de sua superação.

Um exemplo disto podemos encontrar em um depoimento bastante interessante que diz,

Os hormônios começaram a produzir os primeiros efeitos. Dois esboços, dois peitinhos pequenos, um alívio. Dia após dia os bicos germinavam, se intumesciam. Duas auréolas escuras se alargaram em volta para sustentar o florescimento. Pontas sensíveis a cada carícia, ao toque do algodão da camiseta. Cresciam. Para espanto de Rosa, puta do coração alegre; para mim, que consumia espelhos e sonhos, **Fernanda tomava forma.** Fora de mim também [...] eu me dava conta por mil

detalhes. [...] **Aprendi a me despir e me vestir com mil malícias para capturar o desejo dos Josés** (ALBUQUERQUE e JANNELLI, 1995: 68) O grifo em negrito é meu

Ali, então, onde se poderia ler, analisar, interpretar como “*reinvenção*”, como “*construção*” – noções de estilização, repetição, encenação, etc. - de um corpo específico agora passa a ser lido como “um querer” útil ao domínio de si mesmo, como “uma vontade”, como “uma determinação”, como “uma potência”, como uma “quantidade de força” e que, portanto, não guarda nenhuma relação contestadora com as demais: impor-se é diferente de contestar, subverter, etc. Já não estamos mais apenas no campo político científico das ações, digo, político partidário para onde foram lançadas, obrigadas a estar as travestis. A análise, a interpretação aqui vira de ponta-cabeça. É um outro olhar, uma nova fisiologia no olhar. Travestis, então, não podem mais ser avaliadas a partir do ponto de vista da sua *performance*. Elas instituíram novas tabuas de valores. Que é, então, a anatomia para uma travesti? Que são as instituições sociais para as travestis? Pode-se, então, afirmar com todos os pesquisadores, pelo menos, com a maior parte deles, que travestis são conformistas, que seus corpos são corpos úteis das ruas ou o que mais se quiser? Há um gênero travesti? Há uma inteligibilidade de gênero travesti? Que são, afinal, travestis? Homens e mulheres ao mesmo tempo, uma doce e dócil ambiguidade? Homem com cabeça de mulher? São indivíduos reinventados, reconstruídos, ressignificados, naturalmente corrigidos? Não há, pois, nisto tudo uma tendência nas análises em querer conservar o já interpretado, em manter já este domínio? Encontrei em apenas um pesquisador algo do que estava eu mesmo cheio. Diz-nos ele que,

Nossa maneira de pensar é tão dirigida pelas alternativas do sistema binário sexual que se torna muito difícil representar a sexualidade sem utilizá-la. **Podemos facilmente conceber um corpo que contém características masculinas e femininas, uma conduta que prevê comportamentos de homem e de mulher, um desejo sexual voltado para homens e mulheres, mas é menos fácil conseguir imaginar um ser humano sexuado desejante nem macho nem fêmea, nem homem nem mulher, nem heterossexual nem homossexual** [nem masculino

nem feminino]. Não conseguimos sair dos trilhos da modernidade, nem elaborar essa saída. (BERNINI, 2011: 21) O grifo em negrito é meu

Encontrei em vários analistas, intérpretes, pesquisadores do conjunto do meu arquivo queixas a respeito de qual “*linguagem*” ou de “*como se referir*” a estas pessoas (travestis), uma vez que, o sistema binário de nossa língua não consegue/ia dar conta de as inteligibilizar, de as razoabilizar, de bem identificar travestis. Mas, identifiquei que tal problema era menos de linguagem do que de coragem. Como, então, enfrentar um conjunto sério e poderoso de análises, de interpretações? Como, então, demonstrar que tais interpretações servem muito mais à manutenção de um *status quo* dominante, de um poder-saber que se apoderou das travestis e as inteligibilizou numa forma específica de ser de gênero (gênero travesti)? Como, então, fazer a crítica de si e a si mesmo? A maioria dos pesquisadores optou, sim, porque é também uma opção e uma estratégia de sobrevivência no meio acadêmico, em manter, em conservar o já interpretado e, assim, as travestis só podem/iam existir em relação fundante e opressora com os problemas de gênero: ora como o seu oposto vitimado, intolerado, ora como o seu descontínuo contestador. As análises, as interpretações, assim, não transcendem/ram muito a uma disputa conceitual e de domínio do meio de produção deste conceito. Aqui, então, aparece outra opinião que diz:

Anaciclín, vinte e oito comprimidos por caixa. Não sei esperar e tomo todos de uma vez, misturados com suco de cenoura. Debaixo das cobertas, olhos no teto, espero o amanhecer de dois seios mágicos. [...] Vomitei uma mancha vermelha, me contorci de dor. **Fernando resistia a mim, se rebelava. A dureza do seu corpo. Peito liso, bunda quadrada. Um homem.** [...] **Vou te dominar, Fernando.** Os meus Josés não beijarão um homem. Escondi o vômito e a dor dentro de um silêncio sofrido. Amanheceu e anoiteceu novamente (ALBUQUERQUE e JANNELLI, 1995: 60) O grifo em negrito é meu

Acaso algum pesquisador, analista, intérprete soube dar valor, a emprestar bem seus ouvidos acadêmicos para este tipo de declaração? No campo científico, como na religião, às vezes e no mais das vezes, a tradição (o estado da arte, as pré-noções) fala muito mais alto do que a razão. E é aqui, então, onde se produz *respeito*, imaginando

produzir ciência. É evidente que vivemos, digamos, um período fortemente marcado pelo perspectivismo, pelo menos, é assim que se acha em todas as produções científicas as suas considerações, o espírito de época. Indaguei-me demoradamente durante algum tempo se não havia uma espécie de confusão – entre causa e efeito – latente entre o que se considera perspectivismo e o número plural de pesquisadores, analistas ou intérpretes que tratam de mesmo e determinado tema sob determinadas e múltiplas variações. A mim, pois, pareceu-me num primeiro momento que só existiam duas perspectivas de análise possíveis: a dos que afirmam e negam, um dos outros, suas considerações ou análises, ou seja, uma espécie política de *oposição e situação*.

Ponhamos agora em perspectiva a perspectiva das *relações de força* em relação à *disciplina* e *docilidade* e o que encontramos? Um caráter *forte* e *útil* às travestis. E tal utilidade e aproveitamento que tem a ver com o que dizem a seu respeito? Absolutamente, nada, porque aquele outro ponto de vista é o ponto de vista institucional e sua intenção, função e o seu interesse reside, justamente, em fazer desaparecer tal utilidade ou aproveitamento individual, ou seja, *seu interesse reside em pasteurizar tudo o que podem travestis*. Se de um determinado ponto de vista do poder-saber elas são as vítimas, as humilhadas, as incompreendidas, as defenestradas, as escanteadas, injuriadas e empurradas para os piores setores sociais e os lugares mais insalubres (mas não eliminadas, portanto, constituem ainda elementos destes lugares, destes setores) – o que se julga insalubre desde esta perspectiva – no jogo das relações de força elas se transformam em algozes, águias soberbas (onde soberba aqui, então, adquire um valor positivo) e fazem daquela patética ideia de humilhação/injúria o mote de sua redenção: sua afirmação. Todas as suas ações são um *desrespeito* contínuo e a golpes de machado elas derrubam os edifícios teóricos, morais que as prendiam. Não se vê aí, então, desta perspectiva das relações de força nascer também toda uma nova tabua de valores? Também agora não se revela melhor a dimensão

dos próprios valores que a perspectiva do poder-saber pôs em cena? No que, então, transformam-se termos tais como aqueles elencados por Ferreira (2009)⁹⁶ para desqualificar travestis? Seria, realmente, como afirma Ferreira (2009) o fato de travestis simplesmente fugirem à regra – serem homossexuais (sic) – ou, simplesmente, por tirarem o seu sustento da “prostituição nas ruas” responsáveis por tamanhos bombardeios? Não seria preciso, então, aqui também recolocar tal questão, mas desta vez não em termos meramente político-contestadores, mas em termos de força? Portanto, chegamos a um ponto do qual não podemos fugir ou esquivar. As relações de força são qualificadoras por um lado e instituidoras de novas morais por outro. E eis aqui, então, um belíssimo salto analítico.

4.2. DAS RELAÇÕES DE FORÇA: UMA NOVA PERSPECTIVA DE ANÁLISE TRAVESTI

Encontrei em todas as pesquisas sobre travestis do arquivo pesquisado uma tendência discursiva teleologizante fraca com a qual procuravam marcar as travestis. Todas as pesquisas de um modo ou de outro, sob influência umas das outras, talvez, não sei bem, afirmam que há uma finalidade (inalcançável) no trabalho das travestis. Uns, então, afirmam que o trabalho das travestis é *reinventar o gênero*, outros, no entanto, são mais categóricos e afirmam que o trabalho travesti é *fazer-se aceitar* (pena do seu sofrimento) como mulher como bem nos lembra Chiland:

O que os tortura é fazer-se aceitar como mulher ou como homem em sua cultura. [...] todos os que encontrei [...] apresentavam como ideal de vida para uma mulher o que as feministas tinham combatido com todas as suas forças (falei de crime lesa feminismo) [...] **Para ser aceito, é necessário estar em conformidade, até mesmo ser conformista** (CHILAND, 2008: 90-1)

⁹⁶ Cf. pg 35-6 desta Tese

No entanto, todos de uma forma ou de outra parecem aceitar o fato de que travestis são subversoras de uma ordem e aqui, nesta ideia, já se acha um vício. Contudo, de que ordem⁹⁷? A ordem moral que estabeleceu os fundamentos de tal organização de gênero⁹⁸. A perspectiva singular pela qual, então, enxerga todos estes fatos Chiland (2008) não inverte, nem subverte as noções clássicas a respeito do gênero senão que põe em perspectiva ou revela o fato de quem numa relação de poder figura como o dominado e que busca em detrimento disto se libertar. Estamos, então, no terreno dos discursos e aceitamos o seu jogo – por isto mesmo no terreno estabelecido para as disputas pela dupla poder-saber e nas batalhas imposta por ele. Subverter, no entanto, uma ordem estabelecida não significa destruí-la ou mesmo dominá-la, uma vez que, nos quadros do estabelecimento de tal ordem a desordem ou seus correlatos faz/em parte de sua circunscrição. Portanto, não há nada nas subversões, nas contestações, nas insurreições partidárias ou político-discursivas que altere essencialmente o modelo de tal ordem ou que em seu lugar substancialmente uma nova moral venha a ser estabelecida, ou seja, a moral de quem é dominado é a mesma de quem domina daí que numa disputa se o dominado a vence essencialmente tudo permanece como era antes. Surge, então, o que nós chamamos, em detrimento de toda esta luta contestatória, de toda esta massa produtivo-científica, de *concessões do direito* porque é aí onde tudo parece querer se reduzir. A concessão de um direito é, justamente, o elemento, ou a tática e a estratégia que o poder ou os poderes usam, sob o forte acicate do discurso de oposição de quem em parte é expressão – para preservar um poder determinado e suavizar, deste modo, os focos de resistência, isto é, aqueles mais fortes e que parecem querer fugir ao seu controle e cuja consequência já se sabe: a instituição de uma nova ordem, de uma nova moral. Esta, então, parece ser uma descrição bastante razoável do funcionamento da dupla poder-saber. Isto pode ser magistralmente

⁹⁷ Fala-se aqui, então, da heteronormatividade

⁹⁸ O binário de gênero

visto, lido, interpretado, analisado em relação às conquistas feministas, aos negros e agora aos homossexuais. No entanto, para que uma nova ordem, uma nova moral venha a ser estabelecida de modo a suplantar ou a destruir a que já existe seria preciso que uma força mais potente, mais forte, mais poderosa sujeitasse ou submetesse a que domina, que todos os valores em vigor fossem, assim, invertidos, mudados, transvalorados e a nova marca de quem inverteu a ordem das coisas, a ordem do discurso passasse a ser impressa. Mas, o que vemos, lemos, assistimos, interpretamos é coisa de natureza totalmente diversa disto. O direito preserva não apenas o poder dos que dominam num campo determinados das ações como preserva o domínio do seu valor. Assim, as relações determinadas entre dominantes e dominados nesta dimensão analítica, e aí reside sua farsa, é pela sucessão das ordenações, dos comandos – o querer ou vontade fracas - e se pode dizer que tais relações são do ponto de vista da força, fracas. Não é difícil, pois, entender as pretensões das relações *poder-saber*. Saber, pois, girar a roda dos saberes, o que implica em um pequeno ou grande esforço, o dispêndio de um poder, significa alçar-se no campo determinado da luta para situar-se positivamente, isto é, tomar o comando, distribuir ordenações, investir novos poderes com determinados saberes. Quem, assim, desejaria um reitor machista, um presidente homofóbico ou um@ racista para chefiar determinados departamentos? O que mudou, então? O machismo deixou de existir ou a homofobia ou racismo deixaram de existir e no seu lugar algo novo apareceu em detrimento das conquistas dos negros, mulheres e homossexuais? Os negros assumiram novos valores, os homossexuais receberam alta médica? Que novos valores os negros criaram, que novos valores os homossexuais instituíram, que novos valores o feminismo engendrou? O que, então, resulta o pedido fundamentado das interpretações para que marginais – homossexuais, negros, mulheres, etc. – sejam socialmente incluídos nos quadros das instituições sociais? Por que meios, como, por que, então, tais marginais são incluídos onde antes eram sumariamente

intolerados? Por todo um regime/razão de Estado, contudo, o apelo mais forte recai sobre o direito, somos obrigados a fazer justiça, a lançar os fundamentos contra os próprios fundamentos, levá-los à sua superação sem, no entanto, provocar a sua destruição. O direito deve preservar estes marginais contra os abusos do Estado (que é infinitamente mais forte), contra os abusos sociais (que são infinitamente mais fortes) mesmo que seja ele mesmo, o direito, um abuso. O que há, pois, de novo em todas estas contestações, reivindicações, nestas concessões de direito às mulheres, em legislações específicas para negros e homossexuais? Só há uma novidade nisto tudo: novas concessões de direito que implica numa flexibilização moral e do costume de quem domina, quer dizer, um rearranjo em suas ações, uma superação do próprio poder que domina. Interpreta-se, assim, tal fato como uma mudança profunda na mentalidade e um aproveitamento útil de classe (da classe oprimida ou dominada) quando, na verdade, o que aprofunda e se enraíza, se firma cada vez mais fundo é o que já existe, não restando nada novo no reino destas relações de força senão a sua nova vida constitucional. Tentemos, então, fazer girar a perspectiva singular com que estávamos acostumados a enxergar travestis. Separei com muito cuidado este depoimento de Giselle que nos diz:

Tenho a suavidade para ser forte. Tenho a coragem de ser quem eu sou. [...] Tenho a biologia de um macho e a identidade de uma fêmea (sic) [...] **Vocês podem me odiar por me vestir de mulher. Me hormonizar e dar ao meu corpo o formato da minha alma. [...] Sou feliz assim e nem ligo para o que você julga.** [...] Sou aquela que é apontada na rua e chamada de aberração, e que responde “*Aberração essa que tem uma coragem que você nunca será capaz de ter*”. [...] Agora bato nos peitos que você abomina e posso dizer. “**SOU QUEM SONHEI SER**”, “**REALIZEI O QUE DESEJEI REALIZAR**”, “**SOU BOM CARÁTER E SOU FELIZ**”, e “**ME CHAMO GISELLE E SOU TRAVESTI SIM**” [...] (Giselle, 2013: s/p) ⁹⁹ O grifo em negrito é meu; itálico da autora

Isto tudo não é um espanto, uma feliz novidade e mais, uma barbaridade incomum?

Não temos aqui, então, o que nós poderíamos honestamente chamar de cura da “cultura”

⁹⁹ Cf. Giselle in Aisha Sommerg. Disponível em < <http://casadasbonekas.blogspot.com.br/p/sobre-min.html> >

intelectual funcional? Mas, veja só que positiva e feliz realidade! Não há negação (da heterossexualidade) alguma, pois a única coisa que interessa aqui é a afirmação. Uma santa afirmação de si mesma. Para onde foram, então, todas aquelas abjetas negações que Coelho (2011) e Ferreira (2009) elencaram, dentre tantos outros, e que as produções repetiam/repetem e as revestiam/revestem com características políticas por “natureza”? Como agora, então, encarar Eribon que nos diz que

[...] **o insulto é um veredicto. É uma sentença quase definitiva, uma condenação perpétua**, e com a qual vai ser preciso viver. [...] a injúria é, a um só tempo, perquirição e desapossamento. **Minha consciência é “investida por outrem” e estou desarmado diante dessa agressão.** Como diz [...] Sartre, sempre a respeito de Genet: “Um farol ofuscante o traspassava com suas luzes”. Sozinho, impotente, podia apenas se debater “nessa coluna de luz” que é o olhar do outro, seu poder de nomear” (ERIBON, 2008: 28) O grifo em negrito é meu

No entanto, se há um *veredicto* é menos dos escarnecedores do que dos intelectuais. Creio que o depoimento de Giselle in Aisha Sommerg (2013) é bastante contundente. O que falha na análise de Eribon (2008) e de quem compartilha com ele das mesmas ideias/ideais como que numa espécie de rede é, justamente, a ‘impossibilidade’ – ou o querer - de fugir destas tramas conscienciológicas que vulgarmente dominaram, que se apoderaram das análises. Nas mais diversas interpretações, nas mais diversas análises nem de longe se pressente que o que Eribon (2008) chama de *injúria* poderia ser lido – receber outro tratamento - não como o que afeta, nem como o que investe “por outrem” apenas para constranger, como agressão, mas poderia ser enxergado como degrau por onde se sobe mais alto para mais alto se afirmar; porque não encontrou Eribon (2008) e quem o segue o caminho da inversão do valor? Porque não se chegou a analisar as construções dos insultos, das injúrias – a partir dos insultos e injúrias mesmos, isto é, a partir do seu campo de reação - e não simplesmente detectá-los e aceitá-los como parte superficial do jogo dinâmico das relações de poder-saber e o que tudo por meio delas implica na perspectiva duma reação? Quero dizer, exatamente, que o insulto, a injúria deveria ter sido tomado

como força, e como força deveriam ter sido revelados a sua *qualidade* e o porquê de sua *ação reativa*. Criou-se, pois, um lugar-comum e abjeto, abominável e lançaram aí as travestis. Uma informante de Hugo Denizart nos mostra, assim, coisa diferente quando nos diz que

O fato de eu desejar colocar essa prótese (seios de silicone) é para mostrar a mim mesma que eu tenho capacidade de ostentar uma coisa cara, como um troféu... Como se isso fosse acarretar para mim... Tipo assim... “Luciana é uma favelada, uma joão-ninguém, mas tem uma prótese...”, **talvez para satisfazer o meu ego, distribuir inveja nos outros, me engrandecer no meio da minha classe**. Acho que quem coloca uma prótese é para isso. É uma coisa cara, difícil de arranjar, de batalhar... Não é para qualquer um... (Luciana in DENIZART, 1997: 85)
O grifo em negrito é meu

Aquela leve tendência teleologicamente fraca que se pode encontrar nas análises e que afirma que travestis querem *ser* ou se *sentir* “mulher” encontra aqui, então, grandes dificuldades de sobrevivência. Essa tendência a considerar travestis “seres ambíguos” deve ser superada. Se há algumas revelações neste sentido elas são periféricas, escamoteadoras ou apenas respostas óbvias para perguntas óbvias. O que, pois, caracteriza as relações de força em relação às relações de poder-saber é que as primeiras acontecem ou se dão pela *afirmação*, isto é, elas realizam o que podem, ao passo que, as segundas acontecem ou se dão pela *negação* (reação, socratização, espiritualização) da força. Não tenho medo ou receio de afirmar que todas as interpretações, todas as análises que consegui estudar estavam/estão estruturalmente formatadas na dinâmica das relações de poder-saber e por isto mesmo são o tipo negativo (reativo) ou se se quiser adornar com um nome mais bonito, são o tipo reativo da interpretação pro poder disciplinar. Só mesmo quando se dá ouvidos ao que as próprias travestis falam de si é que encontramos o tipo singular, a sua singularidade analítica, tal interpretação com que poderíamos, então, chamar de o tipo afirmativo ou se se quiser enfeitar o tipo com um nome mais bonito, chamem-no de tipo ativo. Quando, pois, o tipo reativo apodera-se do tipo ativo, então, aqui poderíamos falar

em um tipo sintético-analítico, acadêmico, intelectual, a força mobilizadora que este último tipo emprega reduz-se a análise, reduz a interpretação do tipo ativo também em tipo reativo, é um processo de assimilação/decomposição por baixo.

Encontrei nas análises em tela, nas interpretações sobre travestis demasiada pressa. Imaginei, então, que os seus analistas estivessem demasiadamente saturados com os seus trabalhos, com as suas obrigações acadêmicas e, assim, dependiam de pouquíssimo tempo para aprofundar-se nas análises. Entenderiam os pesquisadores, os analistas, os intérpretes das travestis o que querem dizer aquelas palavras de Luciana, informante de Denizart (1997)? Saberiam, pois, dissertar de outro modo que não o convencional o que querem significar aquelas palavras de Giselle in Aisha Sommerg (2013)? Temos, então, o que jamais travestilidade poderia significar como projeto: *satisfação egoica, distribuição de invejas, engrandecimento entre iguais, realização de sonhos independente das negações sociais, coragem, considerar-se forte*, e sobretudo, considerar-se do ponto de vista moral: *bom*. Todavia, nada, nenhuma destas caracterizações, afirmações devem ficar apenas coladas como decalques às letras que lhes desenham os sentimentos. Elas devem adquirir novas formas de valor, elas devem ser lidas pausadamente, bem devagar, demoradamente e, sobretudo, não devem ser confundidas. Chegamos aqui, então, como creio, ao que realmente importa: tratar travestis na perspectiva própria de sua condição: afirmadoras de suas existências que são.

4.3 A AFIRMAÇÃO TRAVESTI: PARA UMA NOVA PERSPECTIVA

O saber sobre travestis está reduzido a um ideal científico-político. Impôs-se às travestis uma espécie de contestação política (sexual, de gênero, etc.) – violência da interpretação – mas, na verdade, em nenhuma fala, de nenhuma informante, honestamente, encontrei motivo que desse margem para tal interpretação o que me fez ver que isto pouco

ou nada transcendia às intenções e interesses intelectuais. O que soçobra nas falas das informantes é resposta pronta, própria a uma *episteme* singular dentro de uma lógica singular do campo epistêmico-analítico ao qual não se foge. Como muito de costume as pesquisas partem de uma constatação: determinados ‘homens’ vestem-se com roupas de mulher para viver desta forma: algo que já se enxerga como uma verdadeira cultura. Isto lhes é o bastante para mover todas as suas forças em prol de saber como e por que isto acontece. O saber aí, então, implica num apoderar-se, num exercício de poder sobre, numa forma que a própria perspectiva de saber por via da mecânica/analítica do poder-saber rechaça: a violência. Aqui, então, mora o mito do perspectivismo contemporâneo científico das análises. Assim, então, a interpretação figura como a violência que impomos por meio da observação (poder-saber) à coisa observada/interpretada com a pretensão de que sobre a sua própria perspectiva singular – do objeto interpretado - a interpretação, a observação que temos nós outros dela se transforme num corpo superior àquela outra, singular, porque sobre ela um corpo especializado, a racionalidade científica – é a quantidade quem vence! - a julgou: o saber científico. Pois bem.

Mas, muito de quando em vez, alguém resolve contornar toda a situação para recolocar e perturbar as questões que pareciam certas e tranquilas. Mesmo na perspectiva singular do poder-saber as análises que lhes toma como ponto referencial teórico falham, porque mesmo nesta perspectiva as relações de poder-saber explicitam o desejo, a vontade de domínio; seja domínio dos meios de produção da verdade (mecânica, ânima de tal relações) como uma vontade de domínio fraca, seja domínio de uma coisa qualquer pela outra, mas de ponta a ponta, a dinâmica analítica fora sendo substituída por outros termos como, por exemplo, *tolerância*, para caracterizar tais relações. Mas, no entanto, queira alguém me apontar um estudo em que travestis são apontadas no jogo das relações de poder-saber como aquelas que desejam, cuja vontade é dominar e o que implica,

efetivamente, um domínio travesti. A única coisa interpretada que concedem às travestis tais estudos é uma suada *modernidade ambígua* – com o que não sabem nem se reportarem a estas pessoas - e um reconhecimento fabuloso de luta – forjada pela própria interpretação - pela equiparação de direitos – direito de viverem incluídas nos valores da sociedade, abraçadas como filhas das instituições sociais - e aqui demonstram ser verdadeiros mestres de cerimônia e o que significa a arte da dominação.

Então, se por um momento enxergássemos as travestis afirmando-se de uma maneira menos convencional que a de costume não tenderíamos a assumir novas posições? E se tais afirmações travestis contradissem as interpretações científicas sobre o tema não seríamos obrigados a consultar novos doutores? E se travestis pudessem *passar* sem esta apaixonada ajuda das interpretações para um fim mais inclusivo, tolerante, legalista por parte da sociedade, não seríamos forçados a admitir que as interpretações até aqui agiram de má intenção? Mas, afinal, é possível recolocarmos em meio ao jogo analítico o jogo dos interesses, um compreende o outro? Será que toda esta analítica a respeito das travestis guarda algum segredo? Poderíamos, então começar pelos *espantos* do começo e indagar a quem é imprescindível, às próprias travestis: afinal, o que é ‘ser’ travesti? Diz-nos uma informante de Hugo Denizart que

Em primeiro lugar **ser travesti é ser corajoso...** Tem que ter coragem, porque para a pessoa assumir sua sexualidade, enfrentar a sociedade, é preciso ter coragem. [...] **Travesti é luxo, é coragem, como eu já falei, beleza, fantasia, é a realização de tudo no sentido do... glamour... aquela transformação** (Jossy in DENIZART, 1997: 27) O grifo em negrito é meu

Resposta, pois, que implica em mais pergunta, porque não nos damos por satisfeitos nunca e aqui está a razão da nossa *vontade de saber* que é o mesmo que *vontade de dominar*. Pois, com que regua, medida e compasso, com que métrica poética ou científica, com que diapasão e conceituação poderíamos constatar, medir, avaliar e julgar a “coragem” com o que Jossy identifica, melhor dizendo, qualifica travestis? O que é esta

coragem, de onde vem, para que fim se destina, quais condições de existência regula? Afinal, qual é a medida de sua força? Sabemos, no entanto, o que significa *coragem*: destemor, uma forma de impor-se, uma demonstração de soberania, uma forma de enfrentamento; ter coragem, pois, significa querer assenhorear-se, romper barreiras sem temer o acontecimento, é, na verdade, enfrentar uma miríade ou multiplicidade de acontecimentos que não se sabe bem onde tudo pode parar; é colocar-se diante de outrem e afirmar-se, antepor-se às determinações sem que com isto se exija a concessão de um direito, isto é, aquilo que se pode *realizar pela força* independe da caridade alheia: a permissão, valorização, a concessão do direito - e a vida da travesti não é marcada deste modo? Encontrei, pois, aqui, a primeira grande característica separatista das travestis: o *desprezo pela política e pelo direito*, mas também, o primeiro fio por onde começam a tecer sua rede de dominação as produções científicas. Jossy afirma também que travesti é “*glamour*” e tenho eu acompanhado o que dizem a respeito do “*glamour*” todos os pesquisadores do assunto. Diz-nos uma pesquisadora, e de uma forma geral respaldada por todos os pesquisadores do seu círculo analítico, que

O glamour relaciona-se com a vida artística, [...]. [...] **o glamour se coloca [...] no contraste entre a aceitação versus o escárnio** [...]; ser uma diva versus ser um “viado de peito”. **O seu oposto é, portanto, a abjeção. Quanto ao luxo, proponho que este se refere (sic) não só a possibilidade de ascensão social e de fruição de bens materiais, mas o de poder viver legitimamente uma vida travesti.** Isto inclui circular pelas ruas de dia sem sofrer humilhações; poder ter um marido; ser tratada no feminino, entre outros “luxos” (PELÚCIO, 2011: 78) O grifo em negrito é meu

O “*glamour*” como o encontrei nas travestis citadas nos textos – não existe, portanto, uma forma característica universal de o interpretar – nem de longe se referia a “*aceitação*” e ao seu relacional, o “*escárnio*”. Referia-se primeiro a uma forma de afirmação/imposição frente a isto tudo – e uma forma de afirmação final -, a um mecanismo forte de soberania, a uma forma de, como dizia Luciana, informante de

Denizart (1997), “engrandecimento” no meio e fora de sua “classe”. Não encontrei, pois, em minhas pesquisas nada que pudesse sustentar que o “*glamour*” que tanto falam travestis estaria ligado a uma forma específica de aceitação em relação com o escárnio. E o que querem dizer com “luxo” as travestis? O luxo é ainda expressão da afirmação, não está diretamente relacionado ou que tenha como fundamento – embora algumas vezes a questão econômica sirva de fundamento – questões meramente econômicas. Afirmando como fez Jossy, pois, que “*travesti é luxo*” é mais razoável afirmar que travestis superam em termos de valor aquela determinação moral, valorativa excludente que as nega instituindo, assim, a sua própria moral: uma moral de *per se*. O luxo aí serve como emblema, marcador de diferenças, portanto, uma rejeição ao nivelamento, uma rejeição a igualdade. Como nos afirma outra informante de Denizart a respeito do que “é ser travesti”:

Não é querer ser mulher... **É mais** que uma mulher... É mais bonito que uma mulher, **é melhor** do que uma mulher! Você passa na rua e dizem: você é mais que uma mulher... Você **é perfeita**... **É mil, é muito mais** que uma mulher! (DENIZART, 1997: 18) O grifo em negrito é meu

Aqui, então, encontramos a *nobreza* travesti. É uma *nobreza* que se afirma, que não *nega* para poder afirmar-se; e o que faz esta *nobreza* travesti? Torna consciente este seu sentimento de superioridade, faz aparecer e brilhar a medida de sua distância, revela, pois, o seu desejo de domínio nas formas “*mais*”, “*melhor*”, “*perfeita*” ou mesmo superior: é a sua *moral*, o seu evangelho. Algo bem distante, portanto, daquelas reduções com que estão acostumados os seus intérpretes a lhes designar *modernamente*. Há, pois, uma superioridade naquelas “falas” de Giselle in Aisha Sommerg (2013), aquela sensação de plenitude, de querer cada vez mais elevação, a consciência de que se possui uma riqueza extraordinária (para além da receita econômica), a ação livre e insuspeita e de acordo com o bel-prazer. Dirão, então, os analistas que exagero, que carrego nas tintas, nas letras e no sentimento; que faço uma espécie de *manipulação* do dito, do escrito, do ponderável, sobretudo, do *interpretado*. Então, apontarão as condições sub-humanas (este é o seu vício,

enxergar tudo por baixo) em que sobrevivem, vegetam, sub-existem travestis. Tratarão de mostrar, apressadamente como é do feitio, suas etnografias realizadas a custo, a grande e laborioso, suadíssimo trabalho. Ou seja, colocar-me-ão, naturalmente, em face de determinadas seduções que eles mesmos não aprenderam a resistir e a combater. Eu, no entanto, antecipo-me. A mesma Luciana, dentre tantas outras, informante de Denizart nos diz que

Ser travesti? Hoje, é uma grande frustração. Eu não tinha idéia (sic) das coisas pelas quais eu ia passar. [...] **Eu não tinha idéia (sic) de como as pessoas iam me fechar as portas... Muito desagradável, muita coisa desagradável... Não te abrem as portas para trabalho, te empurram para a prostituição** (DENIZART, 1997: 20) O grifo em negrito é meu

Pois, aqui estão as imagens com que se deleitam e confabulam entre si, com que erigem o seu sistema de pensamento e refinam os seus métodos de análise político-científicos os intérpretes das travestis. Contra minhas revelações, as suas constatações. Não é justo, então, porque tudo agora se reduz a uma questão de justiça, que trabalhemos a nossa ciência, o nosso pensamento, a fim de incluir e garantir o direito a estas pessoas, os direitos fundamentais de todo cidadão? Mas, então, o que implica o direito para uma pessoa que a vida inteira aprendeu a tomar tudo pela força, que se encorajou a afirmar-se, que se assenhoreou dos seus desejos, das suas vontades, que realizou o que quis realizar, que aprendeu a só dizer *sim* a si mesma? Não é um rebaixá-la, um amesquinhá-la, um inferiorizá-la? Mas, do contrário, assim procedendo, não cresce em vigor, em força, em vantagem, em saber, em poder quem assim procede, enfim, não lhes é *útil* assim proceder? Não nos seduz facilmente apelando para a nossa sentimentalidade que devemos lutar em favor dos direitos travestis? De sua “livre” circulação em todas as instituições sociais? Não é desejo de todo *bom* coração a paz e não a espada? E, assim, não fazemos da liberdade de ação, da vontade de dominar, um desejo amesquinhado de inclusão, de igualdade de direitos, de valor e de moral, de tolerância, aceitação, pudor, um desejo de *ordem*

alargada? Portanto, quem está sujeito a um direito está também sujeito à sua moral e à sua tábua de valores, às suas medições, as suas procustações¹⁰⁰. E é, fundamentalmente, a isto, que as ações principiológicas travestis resistem: a sujeição a um direito, a uma moral e a um valor externos a si mesmas. Negar, pois, esta realidade que se acha nas ações e nas “falas” das travestis é querer impor pela violência da interpretação um tipo abjeto de sujeição à qual travestis não estão acostumadas, menos ainda precisam sujeitar-se. É preciso, assim, entender que determinados lamentos fazem parte de uma constituição nobiliárquica. Este seu lamento, esta sua “frustração” – que podem ser compartilhados por todas -, este infundável mundo de portas trancadas devem, então, ser recolocados como questão. Travestis, pois, não se acostumaram a pedir, a implorar, mas a arrombar portas e a assustar, esta é sua diferença e o seu valor. Querer, pois, incluí-las – as travestis - num sistema social – que as expulsou do seu interior - que até, então, e ainda, as rechaça, as estigmatiza, que estabelece *diferenças negativas* em nome de uma instituição – o direito - soa a golpe, a um querer fraco, complacente, apaixonado, mesquinho. É, todavia, querer impor uma paixão a quem nunca imaginou, aceitou uma cruz; é baixar o nível. Portanto, é preciso fazer ver que o lamento, a frustração travesti aí impressos são a medida ou expressão de sua vontade de dominar e, no limite, domina, e que a medida de sua reeducação/ressocialização (afeminamento), de sua inclusão, de seu amansamento ou docilização institucional, de sua civilidade, terá como retribuição sua inclusão nos quadros da ‘normalidade’, ou seja, nos quadros das instituições sociais a começar pelo reconhecimento de seus direitos como cidadãs (sujeitas) desta sociedade. Que passemos, então, de agora em diante a enxergar que este quadro de “tormentas”, de “aflições”, “frustrações” e “horrores”, “lamentos” faz parte essencialmente de um quadro de forças, de um quadro de relações de forças em disputa e que o tempo inteiro pretende reduzir, neste

¹⁰⁰ Neologismo criado por mim a partir do mito de Procusto

caso, travestis a um poder-saber para dominá-las. Se por um lado as travestis investiram no seu querer, na sua vontade, no seu desejo como força ativa – e dera início com isto a um ressentimento profundo, a uma inveja e sentimento de inferioridade enormes –, superior, corajosa, afirmadora, por outro, a força contrária que lhes atinge lhes impõe determinadas restrições que as faz lamentar, frustrar, mas, no entanto, sentir-se plenas, sobretudo, realizadas, confortáveis, fluentes, poderosas, nobres, ricas, *invictas* – como diz uma informante de Denizart (1997) - ou como melhor poderíamos resumir na sua própria linguagem arcana: *glamourosas*. Aqui está, pois, a dinâmica das relações de força em detrimento das relações de poder-saber como as enxergo e como, então, ressurge para uma nova interpretação singular: travestis.

4.4. COSTUMIZANDO O CORPO: ESTILIZANDO A ALMA

Eu lhes havia mostrado como o conjunto das produções contemporâneas trata o que se costumou chamar de a construção/fabricação ou mesmo montagem travesti. Todos os pressupostos desta engenharia simbólica estão baseados no que chamam alguns de “*reinvenção do gênero*” e no que outros chamam de “*construção e/ou fabricação dos corpos*” e entre ambos os lados múltiplos e variados pontos de relação. Havia-lhes demonstrado, caso tenha sido bem compreendido, o teor fulcral de tal situação analítica. Um intérprete, analista, pesquisador, então, chega categoricamente a afirmar – como unidade sintética de um campo analítico - que, chamemos assim, *a condição travesti* parece resultar de uma estranha necessidade que as travestis têm de subversão e que tal necessidade de subversão se expressa melhor na *reconstrução, transformação, fabricação* ou mesmo *montagem* de um *novo corpo*; falo, especificamente, de Gonçalves¹⁰¹ (2010), ou seja, que todo o seu trabalho (trabalho travesti), para além dos dividendos pessoais que daí

¹⁰¹ Cf. Cap. 3, sessão 3.2 desta Tese

possa resultar a sua maior expressão ainda é *política*. Não encontrei, entretanto, em nenhuma fala de informantes travestis qualquer informação que afirmasse que a sua necessidade fosse uma *necessidade política* de transformação. Encontrei, por outro lado, uma abundância de informações em que travestis afirmam qual é a sua “necessidade”. A este respeito (sobre o que chamam transformação) diz uma informante de Hugo Denizart que

Eu comecei novinho e, por ainda não ter pêlos e tomar hormônios, eu me transformei rápido... Em um mês, fiquei gorda, fiquei bonita... Minha família toda percebeu. Fiquei parecendo bastante mulher: não tenho músculos, não tenho pêlos, porque eu me transformei novinho. Quem se acha mulher é louca. Eu sou travesti e estou feliz assim (Vanessa in DERNIZART, 1997: 34) O grifo em negrito é meu

As opiniões a respeito do “*ser ou não ser mulher*” na qual, fatidicamente, estão mergulhadas a maioria das interpretações sobre travestis, isto é, aquela do poder-saber, devem ser desprezadas para que em seu lugar apareça a luta, a disputa, a vontade, o querer, a vontade de dominar próprios e inalienáveis do universo travesti. O “ser ou não ser mulher” refletidos imagetivamente como problema no conjunto das produções contemporâneas a respeito das travestis falha, justamente, onde deveria encontrar, digamos, um ponto de transcendência do comum, da simples opinião popular ou da simples maquiagem científica. E falha também, justamente, por reduzir as ações travestis a contextos de contestação ou insurreição ou ainda de subversão política do gênero. Assim, não vejo como continuar a assegurar, a sustentar que travestis reagem politicamente, subversivamente talhando e retalhando seus corpos, isto é, que todo o seu trabalho é um trabalho político e de cujo escopo seja a mudança de mentalidade que visa a uma superação política, de mentalidade e o que todo resto possa implicar por consequência. Mas, é a isto que se reduzem as análises do conjunto de interpretações contemporâneas. Por outro lado, então, tentarei mostrar outra perspectiva, tal como eu vejo travestis e o que se tornou comum chamar de *processo de feitura* travesti. Tal *processo* eu o identifiquei

anteriormente como sendo uma *tendência teleologicamente fraca*, porque para os pesquisadores analisados ele (o processo de transformação travesti) nunca se encerra, ou nunca alcança o que pretende alcançar¹⁰² e esta é a sua opinião científica. Vejamos o que nos diz mais uma informante de Denizart,

Só vou estar **completo** quando **tirar** tudo... Essas **partes de homem**, nariz feio de homem... Tirar toda essa barba feia também... **Colocar um peito maior. A gente quer afrontar a sociedade mesmo**, para pôr na cabeça deles que não tem jeito, que **a gente já nasce assim...** (Maluma in DENIZART, 1997: 40) O grifo em negrito é meu

Surge, então, uma pequena e fundamental contradição entre o que afirma a força que se apropriou das travestis para colocá-la no jogo das relações de poder-saber – que eu chamo de violência discursiva – e aquela interpretação singular, própria, individual, inalienável e sobre a qual não se tem autoridade para contestar, a menos, claro, que por meio do que chamo violência discursiva se imponha sobre a interpretação singular das travestis a perspectiva poderosa do poder-saber científico. Bom, para a perspectiva do poder-saber, travestis não transcendem muito às características de um *processo inacabável, interminável*, esta é a sua luta. Então, qual a lógica das pesquisas lá daquela perspectiva do poder-saber de tal modo que cheguem a este resultado? Miram apenas na *impossibilidade* discursiva de superação travesti, ou seja, partem do pretense *apriorismo* de gênero deterministicamente marcados (metafísica da substância criticada por Judith Butler) embora que o neguem. A conclusão, pois, lógica a que se chega, então e tão pobre, é que “*ser travesti*” como afirma Larissa Pelúcio “*é um processo, nunca se encerra*”¹⁰³ - Pelúcio (2005) afirma ainda que a busca da imagem perfeita e impossível (da mulher, da feminilidade) leva inevitavelmente as travestis a *não subverterem* a ordem, mas a esta se submeterem - e deste modo Pelúcio (2005) entra em rota de colisão com as afirmações de Gonçalves (2010) para quem as travestis são *subversoras da ordem* – justamente, por estas

¹⁰² Cf. Pelúcio, 2005

¹⁰³ Cf. Nota nº 74

reinventarem seus corpos por onde tal ato subversivo se dá – como já visto, para Pelúcio isto não se realiza, não acontece, fica na mera expectativa da ilusão. Mas, deixemos que esta perspectiva espetacularize seus próprios atos.

Fitemos, portanto, no que falam Vanessa e Maluma, ambas, informantes de Hugo Denizart. A perspectiva por onde olham uma e outra parece ser bastante diferente inicialmente, mas no final aparece o ponto que as une e as reduz uma à outra: seu caráter de *afirmação* e não de *contestação*. Eis aqui a sua necessidade: *afirmar-se*. Isto parece refletir primeiro em Vanessa quando põe por terra a ideia de que o seu processo de transformação a reduziria à imagem *imperfeita* de uma mulher e, note-se, tal *imperfeição* não reside no fato da verossimilhança das imagens, dos gestos, da coqueteria e futilidade femininas, mas no fato *apriorístico* de que travestis são genericamente marcadas com pênis é este, então, o motivo dos ataques que sofre e, conseqüentemente, o motivo de sua negação, mas é também como já disse anteriormente o meio pelo qual encontra as travestis a condição necessária de sua afirmação. Já em Maluma aparece o desejo de *afrontamento* deliberado o que poderia rápido e apressadamente figurar como um desejo de contestação política, de subversão da ordem. No entanto, tal *afrontamento* é expressão última e de superfície não de um desejo de inserção social, de inclusão, de cobrança de direito e respeito aos deveres a que deveriam se submeter ou ser submetidas, mas é expressão contundente do desejo de dominar, da sua própria condição superior de afirmação, da sua livre condição de agir (de realizar o que pode). Portanto, entenda-se que, quem se afirma, age em sentido contrário a uma dominação/sujeição moral, quem se afirma, afronta e vê, contudo é menos este o interesse de sua afirmação, no mais das vezes, na afronta, o desrespeito e a crueldade da forma e da imagem, o caminho que o leva ao domínio e à superação de sua antiga condição de sujeitado. Estamos, pois, em perfeitas condições de entender o que quer dizer agora estas palavras de uma “travesti”:

Luz do dia, tiro a roupa e deito na areia. **Vou à praia**. Naquele formigueiro, **sou uma entre muitas**. Confundida na multidão. [...] **Fernanda agora me responde sempre com mais força**, retribuída com mil atenções até então desconhecidas: **um homem que abre a porta, a gentileza de um senhor de idade, a piscadinha de um garoto**. Só depois das aplicações [de hormônio] eu soube para valer o que significava **ser mulher no meio de mil desconhecidos** (ALBUQUERQUE e JANNELLI, 1995: 82) Os grifos em negrito são meus

O que é, pois, para todos os pesquisadores analisados ponto incontestado de confusão, de contradições e ambiguidades, é para mim o ponto mais alto, na verdade, é o triunfo de todo o trabalho travesti, a vitória de sua poderosa afirmação. E por que enxergo o que os pesquisadores que me antecederam ‘não’ enxergaram? É que os que me antecederam privilegiaram as querelas político-contestatórias, isto é, foram seduzidos por ideias, ideais e ideologias de contestação, claro, próprias ao campo analítico do memento histórico no qual se achavam. Procuraram em sua harpa científica cantar apenas os cânticos de uma guerra que já nascia/eu póstuma. Quero dizer mais exatamente que os problemas que se colocaram os pesquisadores, os analistas, os intérpretes travestis nunca eram problemas fundamentalmente retirados da própria travestilidade (de sua singularidade, de sua individualidade), mas problemas de ordem, geralmente, desordem intelectual do sistema que fazem parte. Quer dizer, o fato de que “um homem” passe a vestir-se com roupas de mulher, passe a maquiar-se, passe do ponto de vista subjetivo da feminilidade a comportar-se de modo feminino, resultou para este campo específico da análise em inúmeros problemas políticos e de gênero. O ponto de vista da ciência é, pois, enxergar esta realidade que foge à normalidade como problema. O que é, enfim, um problema? Problema, pois, significa deflagrar, melhor dizendo, é o reiniciar de uma luta, retomá-la lá onde ela parece ter sido vencida, impedida de continuar. E isto acontece por que o *estabelecido* é perturbado, ou antes, que determinadas ações de um determinado indivíduo ou um grupo de indivíduos termina agindo de tal e tal forma com independência dos

preestabelecimentos das ações que põe em cena outra vez o jogo das relações de força. Portanto, o problema ou a problematização que daí resulta não está fora de contexto, nem de esquadro, menos ainda distante dos interesses que impulsionam a uma determinada problematização. A pergunta que se nos assoma é: quem problematiza? Com qual interesse? O que quer quem problematiza com as problematizações? A pretensão é apenas uma: fazer a “voz” do objeto do problema circular de um ponto de vista do estabelecido, isto é, colocá-lo diante do estabelecido para entendê-lo e, no limite, dominá-lo mais uma vez, ou seja, encontrar uma resolução, mais uma vez violentá-lo. É esta a nossa *vontade de saber*. Pois bem, voltemos, então, ao que nos fala “Fernanda” em Albuquerque e Jannelli (1995).

Eu lhes dizia, então, que a necessidade das travestis era menos aquela apontada pelos pesquisadores – aceitação social¹⁰⁴, isto é, querer colocar-se nos quadros da normalidade - do que o seu desejo, a sua vontade, o seu querer dominar. E tal desejo, vontade, querer é expressão do afirmar, que é expressão da vontade de dominar. Tal vontade – de domínio – não se expressa por legalismos – senão aquela já vontade fraca -, então, a força aí decai, mingua, ressurte. Fazer decair, então, em vigor, força, coragem, desejo, vontade, querer, reduzir, pois, a quem com tais características age nas relações e traz esta moral para as relações que trava diante dos acontecimentos de sua vida é tentar reduzi-los aos estabelecimentos de uma força fraca: forças legais. Identifiquei, portanto, que a tão discutida “*aceitação social*” enquanto *querer travesti* (querer fraco), na verdade, não transcendia a um reducionismo legal, a uma estratégia discursiva – que não correspondia às relações de forças - que fora estabelecida para sujeitar as travestis no quadro das legalidades instituídas. Assim, ali onde se ler que “*Fernanda [...] responde com mais força*” para em seguida se dizer da gentileza de um homem que abre uma porta, da

¹⁰⁴ Todos os pesquisadores confundiram AFIRMAÇÃO com aceitação social e daí resultou o caráter político contestador que inexistia no processo de constituição travesti

delicadeza de um senhor de idade ou mesmo um galanteio de um garoto tudo isto é fruto de imposição, de vontade, de domínio, de sujeição do outro pela força travesti. Fernanda, então, diz que só depois das aplicações de hormônio é que soube o que significava *ser mulher* em meio a mil desconhecidos. Enfim, o que Fernanda quer dizer com “ser mulher”? Antes de retomar esta sua fala preciso avaliar o que diz um determinado pesquisador sobre este fato, ou seja, a transformação travesti. Diz-nos ele que,

Contrariando a alegação de que o processo de transformação do gênero vivido pelas travestis tem um fundo moral [...], o que significa concordar com uma deliberação racional e de vontade própria (sic) para tal transformação [...], as *monas* sustentam que o seu processo de construção e transformação já estava marcado, traçado e decidido. **O desejo de transformar-se é um sentimento puro e “ingênuo”, que não traz em seu escopo “malícia” ou “maldade”. É algo que sempre foi assim [...], ([...] como me afirmou Célia) [...] e que dificilmente pode ser mudado ou redirecionado** (BENEDETTI, 2005: 101) O grifo em negrito é meu

Encontra-se aí, então, a síntese das relações de forças. Se por um lado se acham explicações científicas – como aquelas apontadas por Chiland (2008) e tantos outros – que travestis encaram praticamente ao nível da acusação (a deliberação racional da transformação é ideologicamente interpretada, portanto, por um determinado grupo científico de analistas e aqui é onde parecem encontrar elementos políticos contestadores nas travestis porque do contrário teria forçosamente que aceitar que não existem elementos políticos impulsionadores para tal transformação e suas interpretações, assim, estariam fatidicamente ameaçadas), por outro, encontramos a sua própria interpretação singular (das travestis) – mas, de algum modo ainda pautada nos cânones da cientificidade, contudo, negando, pondo em xeque os estabelecidos deste tipo de interpretação – afirmando que a sua transformação é resultado de um *sentimento puro, ingênuo – e individual* - e, por conseguinte, irracional por isto mesmo, porque não consegue encontrar razoabilidade convincente, não da forma que ele é colocado no jogo das relações de poder-saber e, portanto, todo o seu trabalho é menos de “malícia” e “maldade” – onde *malícia e maldade*

seriam palavras correlatas de *político* - do que da realização de um querer, de uma vontade, de um desejo inexplicáveis, mas que vai, que tenta buscar explicações, posto que são forçadas a isto, para se tornarem inteligíveis na estrutura de um saber que as nega, pelo menos, como elas se imaginam ser. Portanto, aquele *sentimento puro, ingênuo* a que fazem alusão e do qual não se foge, não se muda o escopo ou a intenção ou não se pode redirecionar – as travestis o encaram como uma determinação porque não aprenderam uma nova forma de falar – pode bem figurar como uma espécie de *obediência* para poder dominar. E o que quero dizer, exatamente, com *obediência* para poder dominar? A palavra *obediência* sempre que aparece para caracterizar um tipo de relação – qualquer que ela seja - esboça ou explicita uma força superior que se apodera de uma inferior e a partir daí imprime-lhe sua vontade, seu desejo, seu querer e para isto cria uma malha discursiva à sua própria altura, imagem e semelhança, ou seja, torna a força inferior uma *função*. Na nossa visão caritativa torcemos para que os dominados/sujeitados encontrem os meios necessários – geralmente, políticos - para por-se em *igualdade* com aqueles que o dominam/ram; afinal, não é este o nosso ideal democrático, republicano como expressão da nossa condição de existência moderna? Pode-se, portanto, dizer, que esta é a luta contemporânea: colocar em pé de igualdade com os dominadores toda espécie de dominado, sujeitado – não é este o idealismo *queer*? Mas, a obediência a que me refiro e encontrei na prática de vida travesti é de outra natureza, por assim dizer, de outra singularidade. É uma obediência à sua própria força.

É evidente que as travestis – quando estão em poder dos dominantes e de suas ideias - recebem o mesmíssimo *tratamento proprietário* – não deveria eu dizer *prioritário*? E por que não o digo? – do querer “o bem”, “o melhor” – esta sedução com que alguns agem para dominar - primeiro por parte de seus pais, seus familiares? Em seguida, o *tratamento proprietário* (que se apropria) passa também a ser de responsabilidade da

escola (instituição), do professor, do bedel, do *dire-i-tor*, e não é assim que se procede? E não se começa aí toda uma *política* em torno do que “se deve” e “não se deve” fazer, como “se deve” e “não se deve” agir? E não chamamos a este processo de civilizador e não lhe damos um valor de mais alta conta a este processo e não é, justamente, o valor da nobreza que damos ao processo civilizador que se antagoniza ao valor que damos à barbárie rebaixando-a? E não o temos na mais alta conta porque tal processo, pelo menos, seu ideal não é reduzir a si todas as diferenças econômicas, intelectuais a uma determinação da igualdade ideal, quer dizer, pelo menos neste aspecto, não se acham todos os indivíduos reduzidos uns aos outros com claras e largas diferenças na mentalidade, no estilo, na subjetividade? E a regra geral, universal, que regula tal processo não é o de *obediência* a uma vontade? E o “*ser*” desta vontade não o encontramos primeiro em Deus, depois na Sociedade, para depois o encontrarmos na figura do pai, do irmão mais velho, do tio, do senhor de idade, do professor, enfim, das instituições sociais? E tal obediência, pois, não se dá porque reconhecemos na vontade de quem manda uma força muito mais poderosa do que a daquele que deve obedecer e, deste modo, não é de bom tom e resulta-nos em maior utilidade obedecer do que reagir? Ou de outro modo, obedecemos também porque encontramos, como dizem alguns autores, *utilidade* na vontade alheia, principalmente, na vontade de uma autoridade fantástica, como é a vontade social de mandar? Neste aspecto, parece, Foucault e Durkheim estão de acordo. Assim, temos aqui configurada esta noção vulgar de obediência que se levada às últimas consequências resulta em violência; a face real da obediência. Aqui, então, estariam as travestis reduzidas como qualquer indivíduo às leis da obediência não fosse pelo fato de que a obediência que governa as travestis é de outra natureza. A obediência, então, travesti é uma obediência (imoral) a si mesma, ao seu querer, à sua vontade, desejo; é, em todo caso, o que se poderia apelidar de *egoísmo*. Recusam-se, pois, a todos os chamados da ordem, da moral, dos bons costumes, a todos os

conselhos e seduções. No jogo das relações de força travestis querem dominar. Aguentam tudo, todas as restrições e limitações que ‘o’ poder lhes impõe: pobreza, humilhação, torturas, acusação de toda ordem e ainda assim a sua relação com as outras pessoas é um nunca dizer *não*, mas apenas dizer *sim*, que seja este o seu único desejo, a sua única vontade. A sua obediência é a característica fundamental de sua santa afirmação. Creio, então, que agora estamos em condições de voltar àquela afirmação de Fernanda a respeito do “*ser mulher*” e o que isto significa.

Ser mulher, pois, ao longo dos séculos significou sinônimo de opressão, vida privada ou reclusão, dedicação à maternidade ou forçada a tal coisa, e não foi, exatamente, contra essas coisas que as mulheres se manifestaram para cobrar seus *direitos*, lutaram para ser incluídas na vida pública, para participar ativamente das atividades políticas desde a primeira onda feminista? E não é em nome de todas essas coisas que alguns feminismos ojerizaram as travestis e passaram a enxergar as travestis como o retrocesso a um modelo de ser mulher obsoleto e passaram a considerar tal processo – de transformação - um crime de leso-feminismo¹⁰⁵ - algumas chegam a afirmar que é mais um golpe dos homens para dominar as mulheres? Parece, então, que construir um corpo, passar por todo um processo de hormonização para tentar igualar-se à figura da mulher para daí assumir a condição de “escrava” ou se colocar sob o jugo ou domínio de um homem determinado, isto é, sujeitar-se a um homem, é desrespeitar toda a história de luta das mulheres pelos longos dos séculos. Chiland (2008), então, afirma que a condição a tal sujeição reflete apenas o seu desejo – travesti – de ser aceita como mulher na cultura na qual vive e, assim, comete o mesmo erro de confundir *afirmação* com aceitação social. Eu já demonstrei o suficiente que o que menos travestis desejam é sujeitar-se, portanto, a meu ver, as feministas anteciparam-se, apressaram-se no julgamento, ou antes, apressaram-se a combater o que

¹⁰⁵ Cf. Chiland, 2008. Cap. II seção 2.3 desta tese

lhes parecia algo muito mais forte do ponto de vista da força do que elas mesmas. É verdade que a ojeriza entre feministas em relação às travestis não se tornou uma unanimidade, mas adquiriu força suficiente para uma cisão nas ideias e a deflagração de embates entre elas mesmas e suas correntes de pensamento. Mas, deixemos que também este nível da análise espetacularize seus próprios atos¹⁰⁶.

O processo civilizador, a socialização, pois, consagrou determinados atos e os classificou em tábuas de valores e, assim, conseguiu fazer com que o ato diminuísse em importância em relação ao valor. A sociedade – as relações sociais – exige de cada um de nós – como mesmo afirma Durkheim – o curvar-se, ou antes, o obedecer a determinados fatos morais – regras - que se nos impõe de cima, quer dizer, que a coletividade, a força de conjunto, a força das instituições, resulta muito mais forte e nos obriga por isto mesmo – dando-nos uma justificativa útil para tal fim – a realizá-la, isto é, a obedecê-la. É verdade também que podemos ou não, no quadro individual de nossos valores, do nosso desejo, de nossa vontade, aceitá-los (fatos morais) ou não, mas, neste caso, no caso de uma franca oposição a tais valores, antes, a tais fatos morais, sofreremos determinadas sanções que, talvez, não estivéssemos preparados o suficiente para resisti-las. Bom, a cordialidade, a sensibilidade, a negação de si, o galanteio, a obsequialidade, a fraternidade, a caridade pautaram a sociedade que vivemos, mas, não gratuitamente. Todos estes valores não foram estabelecidos do dia para a noite, nem de uma hora para a outra e menos ainda sem uma franca resistência em toda parte. E todos eles continuam como os ideais de uma civilização superior. Pois bem, é aqui onde encontramos por um lado as travestis que do ponto de vista dos fatos morais os superaram ou os transcenderam para afirmar o seu desejo, o seu querer e a sua vontade e por conta disto as forças reativas impuseram-lhes uma sorte pesada de restrições e limitações que todos nós conhecemos. Por outro lado, encontramos numa cena

¹⁰⁶ Cf. Adrião, 2008 e 2011

seguinte, Fernanda “confundida” em meio à multidão, como ela mesma faz questão de dizer. E tal coisa a leva a experimentar o que significa “*ser mulher*” que ela expressa como o galanteio de um garoto, a gentileza de um senhor de idade ou o adiantar-se de um homem para lhe abrir uma porta. “*Ser mulher*” aí, então, longe de significar uma espécie de sujeição, como acusou Chiland (2008) e outras feministas, significa uma imposição de vontade, de desejo, de querer e que, de uma forma ou de outra, tal desejo, querer e vontade estabelecem-se como moral. Ao passo que as feministas provocavam a crise de dominação entre homens e mulheres as travestis a superava numa forma nova de afirmar-se e impor uma nova ordem moral: a sua própria. Portanto, a customização do seu corpo, bem como, a estilização de sua alma não transcendem muito a vontade enorme de dominar e pouco importa onde as relações de forças aconteçam, as travestis desejam dominar e não lhes interessa as limitações e restrições impostas pela reatividade das forças antagônicas que procuram lhes dominar. É domínio o que querem, o que desejam, não aceitação.

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault

CAPÍTULO V

5. PARA UMA NOVA AURORA TRAVESTI

A maioria das *etnografias* analisadas dão demasiada importância, esta é a sua essência, a cada detalhe do que chamam de “*processo de transformação*” travesti. E todas as *etnografias* são abundantes, pródigas no procedimento de comparações, ou antes, de alusões entre o que chamam de gênero feminino e o que se acostumou apelidar de gênero travesti. Tomam, por isto mesmo, cada detalhe da “*transformação*” travesti em si mesmo ou no mínimo apontam a impossibilidade teleológica – em que isto implica, na verdade, é na impossibilidade do próprio intérprete, analista conseguir dar um salto analítico noutra direção - a que se destinam travestis por meio de todo o processo. E em cada detalhe, em cada pequeno enorme esforço travesti, assoma-se um comentário redutor por parte do analista, intérprete que pretende escapar à mera trivialidade deste fazer científico. E de outro modo, todos se repetem tanto, colocam-se, exatamente, os mesmos problemas, que de tanto repetirem-se e colocarem-se os mesmos problemas – como diz uma sentença popular – suas interpretações acabaram por consolidar uma espécie de verdade. Pois bem, o que pretendo aqui é também recolocar as questões dos meus colegas que me antecederam desde a perspectiva das relações de força, porque, como vejo e julgo,

enxergaremos as trágicas e vitoriosas batalhas travestis de um ponto de vista da grande política individual: das micros às macro-relações de força.

A simplicidade com que os analistas, intérpretes tratam as ações travestis no que chamam de seu “*processo de transformação*” e que eu, particularmente, prefiro chamar de *afirmação de si* é verdadeiramente assustadora. O que quero dizer com isto é que desde a perspectiva que se olha as travestis e quem as olham poderemos encontrar seres reduzidos a fósforos ou o que poderíamos aqui chamar de meros contestadores da ordem sem, contudo, modificar a ordem que contestam, ou seres afirmadores de uma outra ordem, a sua própria ordem desde o ponto de vista também de sua moral e que visa a destruição ou a total exclusão de uma ordem/moral cujo escopo ou intenção é assimilá-la. Eu, portanto, já lhes havia demonstrado todo o trabalho atual dos analistas contemporâneos: o de inclusão das travestis na moral ordinária e para isto reduzem as travestis a simples fagulhas contestatórias de gênero ou, simplesmente, à fórmula *sujeito de direitos*. Mas, como vejo e julgo, as coisas não são tão simples como parecem.

É verdade que as travestis fazem uso de determinadas técnicas (corporais), bem como, de determinadas tecnologias que vai desde uma simples aplicação de hormônio feminino comum – como perlutan¹⁰⁷ – até intervenções cirúrgicas mais simples¹⁰⁸ ou mais complexas¹⁰⁹. No entanto, todo o problema daí decorrente recai em fórmulas simples de encaixe de gênero, ou antes, na sua impossibilidade fatídica, uma vez que, considerado o binário de gênero – e ele é sempre considerado para negá-lo ou o afirmar -, todo o processo de transformação travesti resulta apenas naquela tendência teleológica que já apontei ou como dizem os intérpretes, “*travesti é um processo, não se encerra nunca*” e isto implica dizer, sobretudo, qual é a lógica que governa tal afirmação e como as travestis passam a ser

¹⁰⁷ Contraceptivo à base de estradiol, hormônio responsável, no caso das travestis, pela formação em parte pela sua caracterização feminina

¹⁰⁸ Implante de prótese de silicone (mamária)

¹⁰⁹ Cirurgia de redesignação de gênero (vaginoplastia)

interpretadas, analisadas no conjunto das produções contemporâneas. Pois bem, reduzidas a contestadoras, a sua vontade de domínio é desconsiderada, estrategicamente, por nossos analistas. Aqui, então, devo servir-me dos que me antecederam para lhes mostrar o que nos mostram e ao mesmo tempo para superá-los onde acredito poder fazer isto. Começemos, então, pelo início da transformação como os analistas nos mostram. Diz, então, um analista que,

As mãos e a cabeça são as primeiras partes do corpo a serem “feitas”, talvez por ser um processo mais fácil, menos invasivo se comparado ao uso de hormônios e às aplicações de silicone [...] Nas mãos inicia-se um trabalho intenso com as unhas. **O esmalte colorido ainda é um produto fortemente associado às “mulheres” em nossa sociedade** (BENEDETTI, 2005: 55) O grifo em negrito é meu

Todo o “*processo de transformação*” travesti é tratado pelos pesquisadores, intérpretes ou analistas como um trabalho de busca da figura feminina, isto é, de assimilação e assemelhação do feminino sem, no entanto, apontarem que força imperiosa as impele a tal ato (transformação) e qual é o *valor* de tal ato, bem como, qual a *qualidade* de tal força imperiosa que, neste mister, as governa. Tudo é tratado como se as travestis buscassem a imagem feminina pela imagem feminina ou como se estivessem, por alguma razão, contestando *algo* que os analistas, os pesquisadores, os intérpretes aproveitam-se para nomear este *algo* com o emblema de contestação política de gênero. Quer dizer, rebaixaram toda a ação travesti a uma mera contestação política de sobrevivência e a uma questão de justiça pela qual tentam *incluir* as travestis na mesma ordem que os próprios pesquisadores afirmam que elas, as travestis, contestam. Desta sorte, o que mais salta às vistas de um bom analista diante do conjunto das produções, interpretações, análises contemporâneas a respeito das travestis é a pouca fluência e a enorme dificuldade que os pesquisadores, analistas, intérpretes revelam em trabalhar, para tratar travestis, por exemplo, o conceito de gênero. Fazem uso de determinadas análises, procurando-as (as travestis) encaixar a todo custo nos horizontes de determinadas inteligências teóricas como

é o caso das análises elaboradas por Judith Butler e Michel Foucault. O resultado é geralmente desastroso. Voltarei a esta questão um pouco mais tarde. Portanto, o que podemos extrair de qualquer depoimento travesti a respeito do seu “ser travesti” e como mesmo relata o próprio Benedetti (2005) e que as travestis encaram como uma determinação é o fato, digamos, de seu destino já estar traçado e a este respeito não se poder fazer nada para mudá-lo. Há, portanto, uma força que as impulsionam – as travestis – a desejarem “ser” o que “são” e há também, por outro lado, um *querer* “ser” o que se “é” e é em detrimento disto tudo que surge, então, o caráter de sua *afirmação obediente* – aí está, então, o predicado de suas vitoriosas batalhas – a esta força, a este querer que lhes impulsionam à ação. O resultado disto aparece pobremente invertido nas análises, interpretações comuns e contemporâneas.

Assim, a “feitura” de “cabeça e mãos” já não pode ser lida, compreendida, analisada, interpretada apenas como um ato puro e simplesmente que busca, visa apenas assimilar e a assemelhar-se de ações femininas (particularmente sua estética) senão que, no seu bojo, tais ações são o resultado de uma vontade, um desejo, uma força que procura dominar, impor-se às demais no jogo das relações de forças – assim, a feminilidade passa a ser *meio* e não *fim*¹¹⁰ -. Os preconceitos sociais, portanto, impedem, mas também são corroborados por perspectivas teóricas, de enxergamos os detalhes do desenvolvimento de tais forças, de suas qualificações. Portanto, é na cena social, para onde tudo converge, que as interpretações nascem e se politizam e se transformam numa questão de *direito* – quando as relações de força (as ações reais) são transformadas em ações potenciais pelos analistas -. É assim, pois, que de muito boas intenções, agem as análises quando procuram mostrar que as travestis são vítimas dos pré-conceitos e preconceituosos, que na ordem social em que vivem seus direitos de cidadãos são a todo tempo desrespeitados e garantias

¹¹⁰ Compreende-se melhor agora aquele caráter de “não encerramento” travesti

jurídico-constitucionais são lhes negadas. Traduzem mal, portanto, que as relações sociais travadas pelas travestis com o conjunto social – a sociedade – são eminentemente político-jurídicas ou, pelo menos, as interpretações rebaixam-se a isto. Mas, é este o meio pelo qual uma força determinada procurou dominar as travestis. Benedetti ainda nos afirma que,

A base e o pó compacto constituem importantes instrumentos na construção corporal das travestis. [...] É a parte do processo de maquiagem mais caprichada e meticulosamente executada, incessantemente retocada, principalmente durante a noite. É a garantia de que a pele adquira uma aparência macia e suave, o que, no entender das travestis, **são traços importantes na fabricação do “feminino”** (BENEDETTI, 2005: 57) O grifo em negrito é meu

Assim, se tomássemos o jogo das relações de poder para aí qualificar travestis ficaríamos negando às travestis a verdadeira qualificação a que pretendíamos dar. Isto porque no jogo das relações de poder a questão de ordem/limitação/restrrição/imposição é fundamental e pela qual seriam qualificadas e julgadas. De outro modo, analisá-las por este perímetro significaria lançá-las num jogo discursivo-científico em que se procura tomar uns dos outros os mecanismos de produções de verdades para aí instituí-las ou, de outro modo, re-significá-las, contudo, mantendo a ordem do discurso sob uma nova cara aparente. Ou seja, para onde quer que se dirija nesta perspectiva não se dissolvem as ordens dos discursos, algo superior aos indivíduos que fatalmente os atinge, empodera e qualifica independentemente de suas ações e decisões, apenas se inverte a ordem de suas relações. Assim, um dia os homossexuais foram diagnosticados doentes psicod degenerativos¹¹¹ por uma ordem do discurso específica. Tais indivíduos e seus simpatizantes entraram em disputa com a tal ordem a fim de lhe tomar os mecanismos de produção da verdade para fazer ver que tal diagnose homossexual apresentava ‘falhas’ e, no limite, triunfaram. O que temos hoje? Homossexualidade é algo normal, natural, saudável e tais adjetivos expressam bem quem em tal disputa saiu vitorioso e o que com

¹¹¹ Cf. Dourado, 1965; Green e Polito, 2006; Trevisan, 2003.

tudo isto se procurou *manter* e sob o poder de quem: o regime de poder é o mesmo ao diagnosticar tanto a doença como a cura. Temos, então, uma nova ordem na discursividade sobre a homossexualidade. Ou seja, temos uma nova verdade sobre a homossexualidade ou se se quiser, temos uma superação do poder disciplinar, no seu saber. Pois bem.

Aqui, no jogo das relações de força, é a vontade, o querer, o desejo individual e imperioso que impulsiona – a fazer o que se pode -, independente de uma produção discursivo-política da verdade - porque elas, as relações de força, estão fora desse jogo da verdade ou antes são elas as próprias forças, as verdades -, o indivíduo a agir e, no limite, a triunfar por meio de sua *afirmação*¹¹². Assim, não se procura saber o que é certo ou errado, verdadeiro ou falso, respeitoso ou desrespeitoso, cruel, bárbaro, etc. É a vontade de domínio a única coisa que importa; vontade esta que aparece nos discursos no mais das vezes como “loucura”, “desrespeito”, “imoralidade”, “falta de vergonha” ou por outro lado “sanidade”, “respeito”, “regramento ou moralidade”, etc. Quer dizer, são os meios que a ordem do discurso – poder-saber - (específica) encontra para avaliar e avalizar as ações que entram em curso independente e fora do seu circuito analítico e de poder. Não é difícil, assim, identificar que no seio de uma ordem do discurso específica – homossexual ou heterossexual digamos - há uma espécie de hierarquia de forças que irradia de seu centro para a sua periferia e que, no mais das vezes, aquelas forças periféricas também têm querer, desejo, vontade de domínio e, no limite, desejam também dominar, mas dentro de um quadro geral de sua ordem, que tais forças menores são reprodutoras de um modelo de dominação, por isto mesmo, de uma forma específica de poder. Assim é que pesquisadores mais modestos e sem a transcendência intelectual dos grandes teóricos sujeitam-se às suas análises e teorias e as fazem circular no seu meio acadêmico-intelectual – é o que lhe resta na participação destes lucros intelectuais. Mas, enfim, isto é o que menos importa aqui

¹¹² O jogo das relações de poder-saber, então, entram aqui para reduzir uma força à força de suas análises (socratismo), isto é, é uma força que também tem vontade, desejo de dominar, contudo, por estes meios.

agora. *Maquiar-se, pintar-se*, portanto, não é um mero cuidado da *toilete* – cuidados do corpo - reflexiva travesti como que uma tentativa de assemelhar-se o mais fiel que puder ao estereótipo feminino. Quer dizer, faz parte de um “programa/projeto” cujo ápice é a expressão da vontade de poder, domínio, é arma de combate, de batalha, de guerra. Disto, evidente, não resulta nenhum tipo de compensação financeira, política, social. Bem ao contrário, disto resulta toda uma série de vários obstáculos, restrições e limitações que a força contrária – que também deseja conservar o campo de seu domínio, por conseguinte - as impõe e que as travestis encaram com alguma naturalidade, porque daí também resulta, desta imposição de uma força contrária, a sua superação e, evidentemente, o seu domínio. Ou seja, assenhorear-se de uma força que lhe impõe determinadas restrições, limitações e resistências para destruí-las, isto é, vencê-la ou superá-la em sua determinação. Como observa Luciana, uma informante de Denizart (1997),

A busca da perfeição, para nós, se torna tão obsessiva que você vai colocando mais, vai colocando mais, entende? Para nós, vai-se tornando um vício, um círculo vicioso... Porque você tem que ter uma cara bonita, uma perna bonita e, aí, a cartilagem, quer dizer, o corpo da gente não agüenta... Mulher gostosa tem que ter peitão, bundão, pernas torneadas, entende? [...] **o travesti quer superar a mulher em tudo... [...] Se tem uma mulher, uma irmã dele, que tem um busto 42 que ele admira, então ele vai botar 44. Por quê? Porque ele quer superar aquela mulher...** (Luciana in DENIZART (1997: 34) O grifo em negrito é meu

As questões políticas, portanto, não fazem parte do “programa/projeto” travesti e resulta muito mais da caridade intelectual de nossos pesquisadores em assim agir – interpretar, analisar - para que esta parcela esquecida da população tenha seus direitos civis respeitados, ou melhor, garantidos, preservados. Contudo, estão sim muito mais preocupadas com questões, realmente, que lhes parece muito mais fundamentais e que as impulsionam para o jogo das relações de força: a superação de si mesmas, a própria criação. E, aqui, então, podemos encontrar pela primeira vez a tradução fidedigna para tratar as travestis e que apelidei ironicamente de *tendência teleológica travesti*. Como

dizem, *travesti é um processo, não se encerra nunca* e as razões que levam à unanimidade das interpretações, análises, pesquisas a este respeito resultam de seu, por um lado, caráter físico (da travesti), por outro substancial, afinal, a substância e o corpo (físico) são lados da mesma coisa ou como melhor poderíamos dizer, são lados de uma mesma *metafísica envergonhada*. É assim que quando se nota os primeiros impulsos do indivíduo biologicamente marcado – leia-se por isto mesmo substancialmente lançado – a confusão se instala e o fenômeno recebe uma interpretação adequada porque não tem como escapar desta lógica que a governa: a lógica do binarismo de gênero, dois aparelhos genitais. É de tal noção/interpretação que nasce a impossibilidade das travestis fecharem o ciclo de sua “transformação” e se transformam ou são transformadas, assim, numa espécie de obra para sempre *inacabada* – aí, então, reside o seu valor de constituição ou antes a desqualificação e rebaixamento de sua vontade -. Mas, aqui é, justamente, onde podemos encontrar e superar estas pálidas noções travestis. Como diz Luciana, informante de Hugo Denizart, o que move travestis é este querer, este desejo, esta vontade exagerada, descomunal de “*superar a mulher em tudo*” e aí está, portanto, o caráter de suas ações. Como observou também Benedetti, o que, talvez, poderia ser fruto de uma trivialidade, futilidade qualquer, esta ação nas travestis ganha outro *status*:

[...] as **longas madeixas sempre são exibidas com muito orgulho** e, ademais, fazem parte de um jogo de cena muito comum entre as “*monas*”: virar para o lado, jogando, antes o corpo, todo o cabelo, como a mostrar uma certa displicência (quase sarcástica) ou **uma descompromissada superioridade sobre todos** (BENEDETTI, 2005: 63) O grifo em negrito é meu; itálico do autor

Por que, então, “*superar a mulher em tudo*”? Talvez, por querer ser ela própria, a travesti, uma mulher, para situar-se em seu lugar? Seria esta uma cessão a uma sedução, não uma avaliação mais aprofundada. Acostumamo-nos a enxergar as travestis como

verdadeiros, na sua falsidade, simulacros de mulher¹¹³, suas estruturas imitativas ou no máximo, o ponto mais avançado, como seres performativos de gênero, ou antes, como seres capazes de revelar a estrutura “falsa” na qual se apóia o próprio gênero nas performances imitativas de suas ações. Portanto, todas as questões que por meio destas noções surgem não transcendem o caráter eminentemente político que os pesquisadores, analistas, intérpretes lhes emprestam. As questões da vontade de domínio, da afirmação de si, da superação de si – todas de caráter utilitário individual - são colocadas para um segundo plano quando não fatidicamente enterradas. O que resulta, pois, deste desejo, vontade, querer “*superar a mulher em tudo*” é o embate das forças, por conseguinte, seu triunfo e superação. Aqui, então, somos forçados a nos perguntar: qual é a natureza daquela superação indicada por Luciana em relação às travestis, como desejo, vontade, como querer? E que superioridade aparente revela Benedetti para tratar a respeito das travestis?

5.1. A SUPER-AÇÃO TRAVESTI

Recordo, então, a fala de uma informante de Hugo Denizart que afirmava com todas as “letras” que ser travesti “*é [ser] mais que uma mulher*”¹¹⁴ - voltarei a esta fala de Vanessa, informante de Denizart (1997) para aprofundá-la e melhor explorá-la -. Luciana, também informante de Hugo Denizart fala em *busca de perfeição* que se torna uma obsessão para as travestis e disto resulta, ao que parece, o seu desejo, querer, vontade de “*superar a mulher em tudo*” ou ser “*mais que uma mulher*”. A própria Luciana parece dar-nos pistas de como, em tese, poderia ser caracterizada esta “*superação*”, mas aí também alguns de seus opositores poderiam enxergar as suas ações como resultado ou fruto de uma mente doente ou ainda como fruto de uma exacerbada megalomania. Nem uma coisa, nem

¹¹³ Cf. Braga, 2010; Jabor, 2004 (amor é prosa, sexo é poesia citar)

¹¹⁴ Cf. cap. 3, sub-cap. 3.2 desta Tese

outra. O que se rechaça, como as próprias falas e práticas das travestis reforçam é, justamente, a redutibilidade a uma cena por um lado do direito e da justiça – empreendimento intelectual de apropriação -, por outro, a uma estagnação, a uma inconclusão, portanto, imperfeição – já que como alguns pesquisadores afirmam o que buscam travestis “obsessivamente” é aproximar o mais que puder sua imagem da imagem da mulher – intenta-se mostrar isto em mínimos detalhes. E não há, assim, portanto, “verdade” que seja mais compartilhada entre as produções contemporâneas do que esta. Mas, então, para este mister preparei-me, aprofundei-me, escalei-me profundamente. Pois bem. O que não conseguiram realizar os que me antecederam na interpretação travesti foi identificar a qualidade da força e a própria força, por suposto, que move as travestis, isto é, que as impulsionam para o jogo das relações de força que constitui o seu universo e o interesse que disto aí resulta, bem como, a característica utilitária que isto aí representa para as travestis. E por que não conseguiram identificar tais coisas os que me antecederam? É muito simples; estavam demasiadamente preocupados em batalhas discursivas – próprias do seu campo analítico - que determinados quadros apresentavam e, assim, tornaram-se uns os samaritanos e bons juízes e outros preconceituosos e radicais e todos com um único fim: dominar os meios de produções (discursivas de verdade) pelos quais as travestis aparecem verdadeiras ou falsas em suas próprias batalhas pessoais, individuais ou em “classe”, mas sem guardar nenhuma afinidade com seus analistas.

O que ninguém percebeu, portanto, é que a *força* que move travestis para o seu fim – o domínio, porque este é seu desejo, querer e vontade – foi reduzida aos meios utilitários que elas empregam para alcançar tal fim. Negando esta realidade, portanto, foi possível aos analistas, pesquisadores e intérpretes travestis chegarem à conclusão – reafirmando suas ideias de domínio – que travesti “*é um processo*” para o qual não há um “encerramento”, uma solução, ou seja, identificaram mal a *força, a perspectiva e o trabalho* travesti ou

como prefiro dizer, reduziram um feixe descomunal de forças poderosas a um feixe de forças fracas, reativas, ressentidas. Longe, portanto, de uma pretensa estagnação – o fim seria tornar-se fatidicamente “mulher” – algumas travestis afirmam como Luciana e Vanessa que o seu desejo, querer e vontade são outros. Como nos afirma Adriana, mais uma informante de Denizart,

[...] **Travesti é uma fotocópia de uma mulher. Eu sou melhor que uma mulher**, a única diferença é que ela tem uma boceta e eu não... Eu **sou melhor no amor, na maneira de vestir, de me comportar**, quando eu quero... Sexualmente faço tudo... **Sou completa**. Os homens me abordam dizendo que querem transar comigo porque eu pareço com uma mulher que eles querem transar e não conseguem (Adriana in DENIZART, 1997: 31) O grifo em negrito é meu

Há, então, em muitas teses, um desejo contrário ao querer e vontade travesti que deseja, quer e sente vontade de dominá-las e tenta por meio do conhecimento – uma forma de apropriação – rebaixar (desqualificar) a força que move as travestis. Mas, aqui é onde entra a qualidade da força que move as travestis, o seu caráter de ser afirmadora, de ter construído para si uma tábua de novos valores (um universo de novos significados), de ter feito de sua vida uma vida criativamente combativa. Soa muito mal aos ouvidos desacostumados afirmações do tipo como aquelas que constroem as informantes de Denizart e, ao mesmo tempo, desperta em tais ouvidos um sentimento fortemente *negativo* – leia-se, *reativo*, *vingativo*. Afinal, o que são todas estas ponderações sobre travestis que não esta vontade negativa? Isto é, uma vontade reativa que inverte todos os valores travestis – do ponto de vista do conhecimento -, que reduz toda *finalidade* (vontade de domínio) de suas ações aos meios utilitários – o que chamam de “*processo de transformação*” - de que fazem uso. Pois bem. Um analista, então, tenta captar com perfeição e traduzir para o seu grande público a realidade da vida travesti. Diz-nos ele que,

No cotidiano dessas pessoas [travestis], nem sempre a convivência é tranqüila (sic), pois **a competição é muito acirrada. Algumas travestis relatam que existe uma fogueira de vaidades muito intensa que**

interage cotidianamente em suas vidas, e que **se manifesta pela disputa pela melhor imagem, pelo cabelo mais bem cuidado**, pelo vestido mais *glamouroso*, assim como pelo “ponto de batalha” mais rentável (PERES, 2005: 62) O grifo em negrito é meu; itálico do autor

Aqui, então, é onde marco a diferença. Há, então, o embate das duas forças. Por um lado, o que Foucault chamou na esteira de F. Nietzsche de “*vontade de saber*”, que é o apropriar-se, pois, das ações travestis movida por sua força afirmadora, para interpretá-la e avaliá-la, mas num quadro geral de valores já estabelecidos e tidos por normativos, por outro, a própria força travesti agindo, afirmando-se, criando seus próprios valores para significar suas ações – para isto enfrentará o que for preciso enfrentar. Mas, então, que faz esta “*vontade de saber*” que não reduzir toda esta força travesti primeiro aos seus mecanismos de produção da verdade e depois aos seus próprios valores analíticos? Que termos se usa, então, para avaliá-la? Termos, então, como “*fogueira de vaidades*” e “*disputa*” aparecem numa escala de valor muito negativa. Disputar, então, por uma “*melhor imagem*” ou mesmo pelo “*melhor ponto de batalha/prostituição*” soa como trivialidade, como uma futilidade, algo cuja importância é nula. Que significa, então, viver numa “*fogueira de vaidades*”? No entanto, que são todas estas coisas que não o fermento necessário pelo qual travestis crescem, superam-se? E superar, neste caso, significa triunfar sobre uma força que lhe impõe uma enorme resistência impotencializadora, desvitalizadora e, neste caso, que força maior lhe impõe resistência que não esta “*vontade de saber*” – expressão das relações de poder-saber - para os quadros que aqui consideramos?

Não é, pois a mera trivialidade, futilidade, uma vontade fraca que impulsiona as travestis a entrarem no jogo das relações de forças para o qual estão destinadas e menos ainda o jogo das relações de poder-saber é capaz de bem avaliar para um ou outro lado – positivo ou negativo - a realidade travesti instituindo para um ou outro lado toda uma discursividade a seu respeito. Assim, toda vez que um discurso se erguer para tentar legitimar suas interpretações é preciso também, por outro lado, levantarem-se forças

contrárias não para negá-lo (o discurso), mas para superá-lo, porque o discurso não é algo que se deva tomá-lo e invertê-lo na perspectiva de que sobre ele se continue a produzir verdades de mesmo quilate. Fazer, então, do conhecimento algo bem mais do que uma inversão de produção de verdades é fazê-lo, assim, uma conquista, ou seja, aquilo que deve imperativamente dominar.

Deste sentimento, desta psicologia de domínio as travestis estão cheias, pesadas, profundas. Nada lhes é mais característico do que o sentimento de que “*são mais*” e de que “*podem mais*” e disto resulta, portanto, aquele sentimento de completude, de felicidade, de alegria. Justifica-se, assim, toda esta psicologia travesti pelo fato de que a *quantidade de força* que se investe no jogo das relações de força gera consequentemente uma *quantidade de prazer* de mesma quantidade e intensidade. Como afirma um pesquisador,

Apesar das **insistentes recriminações e proibições** dessas práticas pela família, vizinhança e outras redes, **elas não desistem. As travestis se apóiam na perspectiva “naturalista”** sobre o gênero e sobre a sexualidade **para explicar e justificar as práticas que contrariam aquilo que é socialmente esperado delas**, pois **se trata de uma perspectiva que evoca uma lógica interna**, sobre a qual elas não teriam controle racional (BENEDETTI, 2005: 101-2) O grifo em negrito é meu

No entanto, nada é mais falso do que afirmar que as travestis servem-se da “*perspectiva naturalista*” – como uma vasta gama de intelectuais a entendem – para “*explicar e justificar*” suas práticas. Esta é, pois, uma apropriação intelectual indébita – interpretativista -, na verdade, muito corriqueira nas análises, com a qual os seus intérpretes julgam as travestis através de seus próprios valores invertendo, por conseguinte, toda a tábua de novos valores que as travestis escreveram. E o que o analista chama de “*insistentes recriminações e proibições*” na verdade é o poder que a força contrária movimenta em relação à força travesti – e esta força travesti resulta muito mais forte do que sua adversária – procurando re-estabelecer o *estabelecimento* (quebrado duramente pelas travestis), atuando para manter ou conservar toda a sua construção do ideal, ou seja, o

seu domínio. O fato de que travestis “*não desistem*” nunca e suportam as adversidades, as dores e os maus momentos (impostos) que deste quadro de coisas resulta e revela melhor o quão poderosa é sua força, o seu desejo, o seu querer, a sua vontade de domínio. De tamanho esforço e não encontrando força suficiente que lhe entrave os caminhos da sua escalada – da conquista - as travestis – que pouco ou nada possuem materialmente, pelo menos, a maioria – triunfam no combate com seus inimigos e saem dele com aquele sentimento de *superioridade* que lhe é demasiadamente característico. Curioso, portanto, é o modo generoso com que os seus analistas emprestam-lhes suas racionalidades para inocular nelas (travestis) os seus “venenos”. Como afirma Paulete, mais uma informante de Hugo Denizart,

Você tem que ter uma força muito grande, querer muito aquilo, mas é uma força tão grande que você supera e vai em frente com aquilo. Foi o que aconteceu comigo, eu não deixei de fazer a faculdade, eu não deixei de ir ao colégio, eu não deixei de... [...] Agüentar (sic)... Aguentar a família, a sociedade, eu superei e consegui muitas coisas que, por exemplo, meus irmãos machões não conseguiram (Paulete in DENIZART, 1997: 29-30) O grifo em negrito é meu.

A *super-ação* travesti, pois, não se reduz, como aparece nas dezenas, centenas, talvez, milhares de novas obras – obras contemporâneas - que procuram sobre ela (travesti) demarcar temas a um manejo técnico, tecnológico de suas ações a conquistar um espaço em meio às instituições sociais; não se reduz à sua imagem, a imagem que constroem – como também estratégia de combate - e que lhe serve de escudo e lança, como arma de combate. A *super-ação* travesti significa a inscrição de uma nova tábua de valores que nasce por meio do seu querer, de sua potência. Portanto, quem melhor desejar avaliar as travestis que o faça menos em detrimento de suas imagens (os artefatos técnicos e tecnológicos de que fazem uso) e mais pela dose de resistência, de dor, de tortura que o seu querer, a sua potência é capaz de tolerar e aproveitar. Pois é, deste modo, cortando na própria carne que o tormento aumenta o saber. O saber, assim, se torna uma conquista.

5.2 PARA UMA NOVA PERSPECTIVA DE GÊNERO E AS TRAVESTIS

A maioria das inúmeras produções que trabalham as questões travestis desde a perspectiva de gênero costumam todas falhar sempre no mesmo ponto. E por quê? Porque são uma das outras copias com algumas características subjetivas - de estilo - diferenciadoras. E qual é este ponto onde todas convergem e falham? O campo estabelecido para a disputa. O que salta às vistas, pois, de um bom pesquisador é que o campo estabelecido para a apreciação de gênero nunca é o campo estabelecido pelas próprias travestis e, nisto, convenhamos, elas já começam em larga desvantagem. Depois, que o campo onde os seus analistas, pesquisadores e intérpretes as situam goza de uma *instável estabilidade* conceitual mesmo em seu núcleo duro. O que quero dizer? Exatamente, que o pensamento melhor desenvolvido, portanto, melhor sistematizado e que serve de base para os pesquisadores colocarem as travestis em perspectiva sofre de algumas limitações. E, aponto, portanto, a primeira limitação que é de natureza estritamente política. Diz-nos Butler que

O que circunscreve esse lugar como “o corpo feminino”? É “o corpo” ou “o corpo sexuado” a base sólida sobre a qual operam o gênero e os sistemas da sexualidade compulsória? **Ou será que “o corpo” em si é modelado por forças políticas com interesses estratégicos em mantê-lo limitado e constituído pelos marcadores sexuais?** (Butler, 2003: 185) O grifo em negrito é meu

Os problemas aí levantados revestem-se de uma aparente profundidade quando relacionados às travestis pelo conjunto das obras que analisei. Mas, revela também por outro lado a dificuldade que enfrentam os interessados pesquisadores, intérpretes e analistas de encontrar novos caminhos, principalmente, os caminhos que as próprias travestis apontam. Reduz-se quanto se impõe, assim, doutrinariamente uma via de mão única – o jogo de forças políticas/relações de poder – pelas quais desde esta perspectiva de gênero se pode encaixar, para poder entender, as travestis. E o que se quer dizer com

*política*¹¹⁵? Bom, a política também é uma *força*, mas qualitativamente uma força fraca. É pela política que se amesquinha e enfraquece o que é grande e forte, pelo menos, é politicamente que assim estão situadas as travestis no jogo das correlações de força. Assim, para que se consiga obter algum êxito via o jogo de forças políticas é preciso que o “sujeito” *negue* (se) – e tal negação só é possível num quadro geral dos *estabelecimentos* simbólicos – o que a seu respeito fora imputado, inventado ou como se prefere dizer, construído. Como se percebe ali nos problemas levantados por Butler (2003) é, justamente, esta a sua preocupação. Encontrar um meio pelo qual no jogo das relações de forças políticas, bem como, no jogo de relações de poder-saber, as agências de determinados “sujeitos” adquiram força suficiente (força de conjunto) – a questão da qualidade é decisiva – para que consiga tomar os meios de produção da verdade, este é o primeiro ponto (a construção de poderosas análises); segunda limitação, re-significar todo o estabelecido, aqui entra a força política, sua ação (o alargamento dos canteiros de significados). E isto só se consegue – esta é a política *queer* – desde que se procure afirmar a *negação* que acabou por se constituir como condição de um sujeito determinado. Assim, é preciso tomar determinados termos como “viado”, “bicha”, “traveco”, “canequeiro” “boga”, “pêla”, etc., para afirmar (afirmação fraca) esta sua condição como requisito para a deflagração das batalhas. Então, o ponto mais alto desta política é transformar a injúria, digamos, em orgulho ou em ação política de combate – ao preconceito, à discriminação e a intolerância, etc. É, assim, que, sub-repticiamente, no jogo de relações de forças políticas que esta *política queer* se impõe e domina mais uma vez o que já se encontrava dominado. Nasce-se, assim, sob o estigma da injúria – como determinação do poder disciplinar - uma *classe/categoria* onde todos estão reduzidos por baixo a uma sentença de *igualdade* – são

¹¹⁵ Leia-se aqui pequena política

todos iguais nesta diferença -. A própria Butler (2003) procura aprofundar a questão para que não seja má compreendida e sugere que deveríamos considerar

[...] o gênero, por exemplo, como um estilo *corporal*, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como *performativo*, onde “*performativo*” sugere uma **construção dramática** e contingente do sentido (BUTLER, 2003: 198-9) O grifo em negrito é meu

Tais ideias geraram enormes confusões. Primeiro, porque negava a *condição metafísica do corpo*, isto é, o corpo como um “ser”, depois, porque sugeria que deveríamos enxergar o gênero como resultado de uma série de atos repetidos ou repetitivos historicamente, na sua linguagem específica, atos repetidos *compulsoriamente*. E o *compulsoriamente* é, justamente, aquele termo que sinaliza para uma realidade política sujeitada por um lado e assujeitadora por outro. Portanto, o trabalho analítico de Butler (2003) tem por finalidade oferecer um novo caminho pelo qual a realidade dos sujeitos sujeitados inverta-se de tal forma que, de uma forma ou de outra, libertem-se das opressões de que são vítimas. Em inúmeras produções que tive acesso não encontrei uma única produção para quem todo o trabalho travesti fosse um trabalho cuja finalidade tivesse como regra o estabelecimento de sua vontade de domínio. Pelo contrário, a ideia de domínio e suas implicações soavam mal. Portanto, o quadro geral que nos apresentam as produções sobre travestis é de que elas são vítimas de uma política opressora, discriminatória e que é preciso libertá-las de tal jugo e, assim, configuram-se como veneno e antídoto. A título de uma exemplificação encontrei em uma apreciação da obra etnográfica de Don Kulick realizada por Miriam Goldenberg o valor mais fundamental de minha crítica e que nos diz que,

Don Kulick mostra que a principal característica das travestis **de Salvador, e de todo o Brasil**, é que **elas adotam nomes femininos, roupas femininas, penteados e maquiagens femininos, pronomes de tratamento femininos, além de consumirem grande quantidade de hormônios femininos e pagarem para que outras travestis injetem até 20 litros de silicone industrial [...] em seus corpos, com o objetivo de**

adquirir aparência física feminina, com seios, quadris largos, coxas grossas e, o mais importante, bundas grandes. A despeito de todas estas transformações, muitas das quais irreversíveis, as travestis não se definem como mulheres. [...] Ao contrário, afirmam, são homossexuais – [...] Portanto, as travestis não se consideram homens, muito menos mulheres (GOLDENBERG, 20/08/2008 in Jornal do Brasil) Destaques meus

Bom, antes de tudo é necessário que se desfaça o caráter de *falsa unidade* – também de sua pretensão universalista - que o próprio Dom Kulick empresta à sua obra para tratar as travestis e que Goldenberg (2008) aceitou sem a menor desconfiança. Sua pesquisa está ambientada na Bahia, restritivamente, em Salvador, e não transcende tais limites geográficos, portanto, pretender e querer universalizar seus achados a um país tão vasto e de mentalidade tão diversificada como é o Brasil é forçar um pouco a barra. Por outro lado é mesmo verdade que há travestis que afirmam o seu caráter homossexual – mas, antes seria preciso demarcar as condições em que tal afirmação emerge e Dom Kulick a este respeito ignora ou finge ignorar tais condições. Depois, que inúmeras travestis afirmam, diferentemente, a sua condição feminina, de *sentir-se mulher*, de *ser mulher* e aí, *o sentir e o ser*, ganham um *status* completamente novo, um novo valor.

Enfim, se levássemos a sério a inteligência teórica de Judith Butler – quanto à formação de gênero – parte de toda a problematização que as pesquisas contemporâneas se colocam dissolver-se-ia como castelos de cartas que desabam a um leve sopro. A própria caracterização a que chega Goldenberg (2008) a respeito da obra de Dom Kulick é uma confirmação das apreciações teóricas de Butler (2003) por um lado e por outro identifica muito bem o trabalho realizado pelas travestis. O que se diagnostica muito mal, como já afirmei, aí é a intencionalidade, a finalidade que se pretende com todo este trabalho (travesti). Se Butler (2003), então, sugere – por questões de estratégia política – vermos gênero como um conjunto de atos repetitivos/repetidos, performativos, – historicamente fundados -, onde, pressupõe-se que o ato sobrepõe-se, porque esta é a sua ação, ao corpo (a

a outros atos) “dado” para *transformá-lo, re-significá-lo*, no limite, *libertá-lo* de suas determinações históricas naturalizadas, então, as diferenças significadoras que separam e valorizam “travestis” e “mulheres” deveriam desaparecer, no entanto, não é o que vemos. Pelo contrário, nas obras contemporâneas ainda se perde muito tempo e dinheiro procurando identificar o gênero das travestis quando não, como assevera Benedetti (2005), afirma-se que as travestis têm um gênero próprio, o gênero travesti. Vemos, então, a dificuldade dos pesquisadores em aceitar a redução da “mulher” à revelação de que a “mulher” é mais uma “falsidade” que afirmada por mil meios como verdade naturalizou-se. A crítica de Dom Kulick, então, às pesquisas sobre o tema vai noutra direção ao afirmar que,

Ao invés de escutarem o que dizem as travestis – e **elas dizem explicitamente que são homossexuais** –, esses autores preferem formatar a imagem das travestis como ícones pós-modernos, sugerindo que elas rejeitam toda e qualquer identidade. O cineasta e escritor Arnaldo Jabor, por exemplo, assegura que “o travesti não deseja a identidade; ele quer a ambigüidade (sic) (1993: 27). Hélio Silva (1993: 125, 162) concorda e acrescenta, com um toque poético mas de muito pouca serventia, que a condição travesti é uma “não-condição” e que as travestis não ocupam espaço – ocupam um “não-lugar” (p. 91) (KULICK, 2008: 233) O grifo em negrito é meu

Toda essa formação discursiva a respeito das travestis é uma formação discursiva de superfície. Ela ainda se ressent e guarda resíduos metafísicos – *política discursiva imperativa*. Todas as pesquisas estão voltadas para esta pífia – que já teve o seu lugar, mas que agora é preciso superar – discussão. As relações de forças, isto é, os jogos das relações de forças, por exemplo, entre “mulheres” e “travestis” devem agora transcender para um campo não de forças políticas limitadoras – o próprio gênero –, mas para o campo das transvalorações dos valores, das superações, da afirmação de si por meio de suas práticas afirmadoras ou o que no dizer de Michel Foucault assumiria o termo de *subjetivação* (estética da existência), pelo menos, do último Michel Foucault. O gênero, assim, deveria assumir primeiro, a condição de campo no sentido *aproximado* ao que P. Bourdieu

emprega para significar tal coisa; segundo, que este campo não fosse um simples campo onde as forças lutassem para dominar e limitar as efetividades de outras potências, mas que deveria ser lido como um *campo de agônicas batalhas* – o sentido de agonia aqui deve prevalecer – onde a dinâmica da vida seria a superação de si por si pelo outro. Portanto, quando travestis afirmam, como fazem Luana e Vanessa, ambas informantes de Hugo Denizart, que “*travesti é mais do que mulher, é melhor do que mulher*” é que elas já ultrapassaram as querelas intelectualoides nas quais os seus pesquisadores pretendem rebaixá-las, prendê-las e dominá-las no que eu parafraseando Foucault diria ser fruto de um mal uso do *uso dos poderes*. O gênero aí, entendido, transcendeu às formas fixas de identidades ou de identidades múltiplas e variáveis. O que se deseja aí é a disputa, é a agonia, a luta, a guerra e o *prazer* que disto resulta. Assim, quando Peres (2005) afirma, segundo uma informante sua, que a vida das travestis é uma “*fogueira de vaidades*” que isto possa ser lido num aspecto transcendental e não apenas como algo trivial como se costuma apreciar. É, preciso, então, avaliar neste campo de agônicas batalhas as forças subjetivadoras ou forças cuja vontade é de potência para qualificá-las conforme elas afirmem ou neguem a vida, restrinjam/limitem ou se efetivem em sua vontade.

5.3. A ICONOCLASTIA TRAVESTI: VIDA A GOLPE DE MARTELO

Estamos, pois, agora em condições de lermos das travestis e mais do que isto entendermos os novos valores de sua nova tábua de valores. É hora, pois, de bem traduzir este sentimento de poder, esta abundância de afirmação, este destemor, esta vontade de domínio. Já não mais esta *mirada* discursivo-política do jogo das relações de poder-saber – que as reduz a uma questão de direito –, mas, agora, a *sacada* do jogo das relações de forças e da efetividade de suas realizações. Retirar de toda a cena as qualidades limitadoras

que funcionam como mecanismo de vitimização por um lado e de opressão por outro. Como descreve magnificamente Albuquerque e Jannelli,

Uma guerra feita de tantas pequenas batalhas pessoais. A prostituição para ela era isso. **Quando o infeliz que caía nas suas garras tinha alguma idéia (sic) extravagante, era capaz de estuprá-lo.** Não tomava hormônios e tinha uma força animal. **É fácil imaginar a humilhação do pobre-coitado. Ia para foder e saía (sic) fodido: uma ferida mortificante. Margô era a ruína do mercado.** A avenida Indianópolis se liberou dela com quatro tiros calibre trinta e oito. Mais quarenta e oito horas de sofrimento (ALBUQUERQUE e JANNELLI, 1995: 94) O grifo em negrito é meu

As avaliações, então, não mais pelos mecanismos e dispositivos do poder-saber, pois eles se “renovam” ou se “invertem” para continuar os mesmos. Não é isto o que discursivamente se procurou, por exemplo, realizar, reafirmar e re-estabelecer ao longo de toda a trajetória – da patologização à despatologização – do homossexual? O homossexual, assim, não é aquele – o antigo reincidente de práticas nefandas – que perdeu sua liberdade (seu agir fundante) para cair nas malhas de uma multiplicidade discursiva dominadora que o cerca e limita por todos os lados: passando de sujeito-doença a sujeito-saudável? O antigo reincidente agora, como diz Foucault, não é uma nova espécie, uma infância, um passado, uma história? Não é um “*ser-do-discurso*”? E o discurso, pois, não é uma força, mas uma força fraca porque limita de lado a lado em estruturas moralizadoras? Bom, então, como avaliar, por exemplo, Margô, travesti caracterizada como a “*ruína do mercado*” de prostituição da Avenida Indianópolis em São Paulo a partir de suas práticas desassujeitadoras? Basta, então, lembrar as primeiras orações que abrem a citação logo acima. Uma vida – guerra - feita de *tantas pequenas batalhas pessoais*. A vida aí, então, eleva-se, fortifica-se, afirma-se, porque deseja superar-se cada vez mais em domínio, porque realiza efetivamente o que se deseja, o que se quer, o que se tem vontade e, mais do que isto, realiza-se o que se pode. A citação é importante porque quebra a pseudo-noção de *unidade* que, em tese, poderia caracterizar o estilo de vida, a vida em geral, de qualquer

travesti. Há, então, inúmeras travestis a quem as seduções do poder-saber afetaram-lhes e que é aí preciso ser identificado. De outro modo, tal coisa dificulta muito mais o trabalho dos analistas, pesquisadores e intérpretes das travestis, principalmente, àqueles que sonharam poder um dia numa espécie de *teoria geral dos fatos* reduzir – como alguns o fizeram – todas as travestis por baixo empregando para analisá-las falsas noções do seu próprio abecedário intelectual. A dificuldade se dá, justamente, porque entre as travestis inexistente uma espécie de acordo tácito e fundamental (um discurso), isto é, inexistente uma ideia geral – afirmadora ou negadora – do que elas, numa universalização conceitual, são ou deveriam ser. Assim, a diversidade de “seres” (valores) travestis implica, a meu ver, em uma ruptura sem volta aos padrões que os diversos discursos desejam rebaixá-las, reduzi-las. Toda e qualquer tentativa na direção de afirmar *o que travestis são* e que tome aquele caráter de universalidade proposto, por exemplo, por Dom Kulick resulta em algum tipo de vulgaridade. Assim, talvez, a única grande coisa que o pesquisador, o analista, o intérprete das ações travestis consiga bem fazer é apenas diagnosticar-lhe a força de suas ações para a quantificar, bem como, qualificá-la no jogo das relações de forças. Em que isto resulta? Primeiro, na impossibilidade de inventar e sustentar uma caricatura como “verdade” ou “verdades” travesti; segundo, deve-se verificar se suas ações sobrepõem-se às ações outras para superá-las retirando destas últimas o seu caráter negador e ressaltar em detrimento daquelas o seu caráter afirmador, portanto, deve-se ressaltar, como fazem os pesquisadores, analistas e intérpretes das travestis do meu arquivo, as técnicas e tecnologias usadas por elas, mas de acordo com a tábua geral de valores que as próprias travestis ergueram e que de modo algum deve ser invertida ou re-significada, assim, todas estas técnicas e tecnologias não transcendem aos mecanismos que elas, travestis, põem em funcionamento com a finalidade de dominar, são, de outro modo, os instrumentos úteis de sua constituição dominante.

Estava mal, com o sangue coagulado entre as pernas. [...] Quero meu dinheiro, velha, amanhã vou embora. Nada de dinheiro, Princesa, teu cofre está vazio, ria aquela babona. [...] **Tira fora o dinheiro que depositei, senão te mato!** [...] **Imóvel, o universo despencava em cima de mim. Mil mãos me fazia em pedacinhos: Eu mato aquele diabo! Abri a porta, ela estava arrumando a cozinha. Eu vi só o horror, não via nada. Deu um grito, fiquei cega. Esfaqueei o mundo golpeando ela nas costas.** Ela agarrou meu braço com força desumana. **O monstro continuava a vomitar em cima de mim: Veado desgraçado,** mando te prender. **Enfie a segunda e a terceira facada.** [...] Fora de mim, corri pela via. [...] Estavam me seguindo, os xingamentos me feriam as costas. [...] **Gritei que era assassina,** me entreguei à patrulhinha que passava. Pedi ajuda, **a matilha raivosa arreganhava os dentes.** [...] Estava salva, longe daquela multidão inexistente (ALBUQUERQUE e JANNELLI, 1995: 133) O grifo em negrito é meu

Mas, que fizeram os pesquisadores, analistas, intérpretes das travestis apoiados em costas de gigantes senão esconder – seria preciso refazer o *inventário da espiritualização* travesti - os *pendores de sua crudelíssima crueldade* – das travestis - em favor dos alfarrábios da cientificidade? Li, assim, por toda a parte as construções ideais em que passo a passo cada um e novo pesquisador lançavam a sua pá de cal nesta magnífica construção caricatural e que nós conhecemos hoje e damos o apelido de travesti. Travesti é, assim, o resultado de múltiplas e variegadas inter-invenções científicas – multiplicidade de forças atuantes no campo das agonias do poder-saber - a fim de transfigurar, rebaixar, enfraquecer a força – situando-a num campo moral - o desejo, o querer, a vontade travestis em uma simples explicação que, geralmente, reduz-se a um desejo, querer e vontade fracos que é a *vontade de viver* como mulher por um lado e por outro o desejo, querer, vontade de domínio dos pesquisadores, intérpretes e analistas revelam-se na sua *vontade de saber*. Assim, nas interpretações mais contundentes encontrei toda a finalidade da vida travesti invertida, onde *meios* e *fins* estavam de ponta-cabeça. A guisa de exemplo, diz-nos Benedetti que,

As travestis **vivem e personificam um jogo de gênero** – seja verbal, corporal ou das relações – **que é artificial e manipulado, criado e reinventado**, que tem forma e conteúdo culturais. Elas demonstram, por

meio de suas práticas e dos significados atribuídos ao masculino e ao feminino, as características culturais do processo de fabricação e construção do gênero dos sujeitos (BENEDETTI, 2005: 131) O grifo em **negrito** é meu

Dever-nos-íamos perguntar a que finalidade se destina uma espécie de “*jogo de gênero*” e o que em detrimento dele se disputa. Mas, neste caso, os pesquisadores, analistas e intérpretes fizeram vistas grossas à condição de *disputa* e transformaram “o jogo” numa simples e contraditória, por parte das travestis, *vontade de viver como mulher*. De outro modo, então, assiste-se à trágica batalha das forças *discursivas* contra as forças *estetizantes* ou numa linguagem foucaultiana de última hora: subjetivadoras. Todavia, em que isto implica? Implica por um lado, num julgamento moral - por parte das forças discursivas - que procura na explicação científica possível a razão de determinadas práticas e, assim, a partir daí re-estabelecer (manter/conservar sob monopólio) sua verdade ou verdades; por outro, implica – as forças estetizantes – em destruir as forças discursivas e deixar em aberto os julgamentos e as verdades, em destruir toda pretensão de resolução, acabar com os fundamentos morais externos ou o que dele se origina para em seu lugar fazer aparecer a disputa sem *termo* possível ou quando muito a fenomenologia de uma tregua. A finalidade disto tudo? Ir de encontro às conquistas modernas da pretensa objetividade – agora subjetividade – científica, igualdade dos gêneros ou dos sexos, a igualdade de direitos, senso histórico, democracia liberal e tudo o mais que mantiver relação com o que nós chamamos de *modernidade*.

Assim, se no jogo das relações de *poder-saber* com grandessíssima freqüência se denuncia toda uma espécie de mandonismos, violências, intolerâncias, preconceitos, humilhações, arbitrariedades do poder – em relação às travestis -, com boníssima razão, então, precisamos voltar ao campo do jogo das relações de poder para restituir ao espírito da competição, da disputa, da guerra, da batalha o que as articulações racionalistas do poder pretenderam escamotear. Quero dizer, claramente, que aquele a quem “o” poder lhe

toca levanta evidentemente barreiras, desfaz pontes, estabelece e impõe restrições e limitações – e este é também o seu perímetro construtor -, todavia, isto só é possível de desencadeamento quando uma força superior resulta muitíssimo mais forte a ponto de despertar através do poder todo este flagelo revelando, assim, a qualidade da força – em ambos os lados da relação - que age por meio dele. E o que é muito mais importante: o fato de uma travesti usar “roupas de mulher” resulta menos numa espécie de *vontade de viver como mulher*, pois o que é vivo e existente não deseja, não quer existir, nem tem vontade de viver, pois já existe e vive e isto seria uma flagrante falta de inteligência considerar as coisas deste modo e o que ainda não existe não tem desejo, nem vontade, pois só há desejo, querer e vontade naquilo que é vivo, existente -, pois que seu desejo, seu querer, sua vontade é de domínio. Portanto, as ações travestis que vão de encontro às determinações do poder – quebrando as regras que foram instituídas e para as quais se necessitaria obedecer – desencadeiam também toda uma série de humilhações, intolerâncias, agressividades, crueldades, porquanto, *sofrimentos* sem os quais a vida, as ações deflagradas pelas travestis, na busca de sua *superação* estaria destituída de qualquer *prazer*.

Assim, se para Judith Butler¹¹⁶ a *drag-queen*, mesmo, as travestis, revelam a estrutura imitativa pela qual o gênero se fundamenta (atos performativos, estilizados) é ainda e mais profundamente do que a revelação imitativa da própria estrutura de formação de gênero é a revelação da vontade de domínio. Não há, portanto, de lado a lado, lobos maus e ovelhinhas, mas apenas descomunais vontades de domínio. Se por um lado uma força intenta manter, preservar, conservar por meio da força fraca, interpretada no conjunto das produções contemporâneas como o poder disciplinar, como jogo das forças ou das relações políticas, o domínio sobre aqueles (travestis) a quem seus tentáculos o sujeitaram, por outro lado estes – que figuram como os sujeitos sujeitados - sentem enorme

¹¹⁶ Cf. Butler, 2003

necessidade de também dominar, ser senhores. Assim, tal vontade não se acha, não se encontra apenas em um dos lados desta relação, deste jogo de relações de forças. É preciso, então, fazer emergir as forças que se sobrepõem e superam – resistindo a todo tipo de obstáculo e afirmando-se - os poderes e os saberes para se afirmarem, para se superarem sem que para isto necessite negá-los e a partir daí ergam sobre si mesmos também uma nova tábua de valores (um conjunto novo de significações) que é preciso, de um ou outro modo, ainda superá-la. Tal ação realizada deste modo gera desespero, desconforto e revolta – ressentimentos – a quem com tais poderes (de dominação) se veem na impossibilidade de concretizar/conservar um domínio determinado em face de um competidor que não se julga, menos ainda se pauta ou rebaixa por suas regras fazendo “uso” delas apenas como meio – de disputa e superação -, pois os fins a que pretende são outros: dominar. O que é disto *homofobia*, *transfobia*, *lesbofobia*, etc. senão suas expressões?

5.4. O ENIGMA DESFEITO: A CONQUISTA TRAVESTI

Volto agora, mais uma vez, à fala de Luciana¹¹⁷, informante de Hugo Denizart, para desfazer o enigma, as contradições, as opressões com as quais as produções científicas contemporâneas ajudaram a inventar e onde pôde reforçou a condição travesti como uma condição *marginal*. É preciso, então, que nos defendamos de ver as travestis deste modo. Isto é, defendamo-nos de ver as travestis como seres *injurados*, como indivíduos *humilhados*, como pessoas que *menos importam*, porque este pensamento é causa de repugnância. Defendamo-nos até de vermos travestis figurando um gênero¹¹⁸; defendamo-nos de vê-las (travestis) como um gênero porque não é – a sua construção – logicamente construída com um objetivo (político) e, assim, rebaixamos demasiadamente a sua ação ao tentarmos encaixá-las na inteligibilidade para a qual suas ações sobrepõem-se, combatem e

¹¹⁷ Cf. cap. 3, sub-cap. 3.2 desta Tese

¹¹⁸ A este respeito Cf. Benedetti, 2005

triunfam; defendamo-nos de supor-lhes *ambiguas*, isto é, defendamo-nos de lhes censurar uma insensibilidade ou falta de razão, ou o contrário disto tudo: travestis, é verdade, não chegam à perfeição, mas resultam em beleza, em nobreza e como diz Luciana, informante de Denizart (1997) a sua vontade é menos vontade de uma imitação, digo eu, *é menos uma vontade de viver como*, pois ela (travesti) não quer imitar a mulher... “*É muito mais*”. Defendamo-nos de querer encaixar, reduzir, incluir, rebaixar as travestis às leis sociais clamando-lhes direitos, porque em relação às travestis não há ninguém que as ordene, nem que as obedeça, nenhuma ação é infringente; por fim, defendamo-nos de acreditar, de dizer, de pensar que travestis são *o contrário* de alguma coisa. Como diz Lohana Berkins,

Gran parte de las travestis latinoamericanas **reivindicamos la opción de ocupar una posición fuera del binarismo y es nuestro objetivo desestabilizar las categorías varón y mujer**. En segundo lugar, la palabra transgeneridad se originó a partir de trabajos teóricos desarrollados en el marco de la academia estadounidense. En contraste, como mencione anteriormente, **el término travesti en Latinoamérica proviene de la medicina y ha sido apropiado, reelaborado y encarnado por las propias travestis para llamarse a sí mismas. Éste es el término en el que nos reconocemos y que elegimos para construirnos como sujetas de derecho**¹¹⁹. O grifo em negrito é meu, bem como, o sublinhado

É verdade que as travestis organizaram-se em movimentos políticos. A fala de Lohana Berkins é resultado de uma tal organização, diria, de uma tal *imposição*, de um fracasso. Seria, portanto, necessario estabelecer o campo em que as forças entraram em relação. Lutar por direitos, ou antes, considerar-se como “*sujeitas de direito*” é o que menos tem a ver com as práticas, as ações empreendidas pelas travestis como uma, usemos a fala convencional, *construção*. A “*construção*” travesti implica, justamente, neste contrário, ou seja, vai de encontro aos *estabelecimentos*, aos *estatutos*, ao *status*. Aqui, então, já podemos supor que *no jogo das relações de poder-saber, no jogo das relações de*

¹¹⁹ BERKINS, Lohana. Travestis: uma identidade política. In: VIII Jornadas Nacionales de Historia de las Mujeres/ III Congreso Iberoamericano de Estudios de Género Diferencia Desigualdad. Construirnos en la diversidad, Villa Giardino, Córdoba, 28 de outubro de 2006.

forças políticas, as travestis fracassaram resultando disto qualquer coisa, neste campo, que podemos chamar de sua *sujeição*. O que disto resulta? Que,

As travestis não se almejam identificar-se como “homens homossexuais”, também não reivindicam a identificação como “mulheres [...] As travestis aparecem como duplamente desertoras: não são os homens que a “biologia” criou, e não são os “homossexuais” que o movimento [homossexual] inicialmente se propôs a representar (TOSTA, 2010: 5) O grito em negrito é meu

No entanto, erigiu-se apenas como uma *categoria sujeita de direitos* meio pelo qual o *poder-saber* lança suas seduições na tentativa de controlá-las para quem sabe aí, então, não possa empreender todo um processo de *melhoramento*? Avaliá-las, as travestis, então, estaria reduzido a fazer um diagnóstico de suas relações com as estipulações da ordem. Se por um lado, o *poder-saber* inocula-lhes suas interpretações asseverando-lhes que elas (travestis) são “*sujeitas de direito*” – e a partir daí tenta controlar suas ações, minimizando seus efeitos devastadores -, por outro, suas práticas, ações, seu desejo, querer e vontade representam uma diferença qualificadora bem superior a esta redução que a análise de *poder-saber* constroi e impõe. Diante disto tudo ainda não vejo em que um tal *conhecimento/saber* seja capaz de “libertar” a quem nunca esteve, em momento algum, preso/a, ao que chamam de *opressões*. Quer dizer, neste jogo de relações de forças as travestis não são as únicas ofendidas, humilhadas, injuriadas, oprimidas – esta é uma visão limitadíssima -; *elas também têm este poder de ofender, oprimir, humilhar e injuriar*. No entanto, o que vemos emergir nos discursos sobre as travestis são *efeitos de verdade* daquele (pesquisador ou grupo de pesquisadores) que se posicionou em um dos lados da relação fazendo uso de mecanismos de produção de verdades – como a ciência, por exemplo – para aí estabelecer as suas interpretações e, no limite, lutar pela sua imperatividade. O *xingamento*, por exemplo, que travestis recebem nas ruas, em casa, em quaisquer instituições – Eribon (2008) chamou de *injúria* – é reflexo de uma força, potência superior (da travesti) que ousou quebrar as determinações que lhe afetava e por

isto mesmo fez acordar, despertar toda esta sanha, toda esta agressividade e despudores num clima muito mais de revelação das qualidades das forças em ação - da fraqueza de um lado e de superioridade por outro – do que qualquer outra coisa. Eribon (2008) e com ele toda uma escola viram nisto a confecção de uma *consciência* cuja consequência mais importante – da *injúria* - é a de moldar a relação das travestis, neste caso, com os outros e com o mundo e muito mais do que isso, assevera Eribon (2008), é a capacidade que a *injúria* tem de moldar a própria *personalidade, subjetividade* de um indivíduo (travesti) *rebaixando* ou tirando as forças ao *injurado*. Eribon (2008), como julgo, como penso, só esqueceu de *inventariar* – a propósito, como todos que o seguiram nesta farsa - o que as práticas travestis, suas ações, são capazes de *moldar*, de fazer emergir, de transformar no outro lado do abismo, isto é, no outro lado da relação, ou seja, esqueceu de mostrar o que podem os injuriados e as consequências de seus atos, isto é, os seus efeitos de poder.

O fato de que o *xingamento*, o *chiste*, mas, sobretudo, a *injúria*, etc., apareçam no conjunto das produções apenas como fruto de uma agressividade, de uma incompreensão, de uma intolerância, ou pior, de um preconceito diz muito, na verdade, diz bastante. A própria noção que temos de um preconceito diz respeito a um julgamento a respeito daquilo que não se sabe ao certo (a verdade é de um mundo completamente à parte de uma opinião), isto é, que não sabe qual é a verdade a respeito daquilo que se nega, injuria, não tolera ou causa sofrimento, porquanto, dor. Assim, para este caso – as produções todas estão aí para isto mesmo! – é mister que se esclareça, que se estabeleçam novas verdades, que para o jogo das relações de forças venham-nas interceptar, rebaixar, reduzir às relações de poder-saber. As travestis, então, são chamadas, pelos analistas, pesquisadores e intérpretes, a explanar, elaborar, confeccionar (confessar), a enunciar, informar, a espiritualizar (socratizar) – como um pecador a um padre, um doente dos nervos a um psiquiatra ou um desviante do comportamento a um psicólogo – o que é isto aí que é objeto

de suas (do pesquisador) investigações. Assim, cabe ao analista, pesquisador ou intérprete a comenda da interpretação em face de enunciações elaboradas pelas travestis. E, assim procedendo o pesquisador, o analista, o intérprete ao exigir das travestis – não seria esta uma pré-noção que o pesquisador levaria a campo? – que elas enunciem o que são, que fazem eles (pesquisadores, analistas ou intérpretes) que não exigir daquelas que tomam a palavra, que verbalizam, que tratem de ser aquilo que dizem reconhecer ser, ou seja, uma travesti? Não é desta relação que nasce tanto o verdadeiro quanto o falso? Tanto a verdade quanto a mentira em eterna e entoadada luta nos mais diversos campos discursivos do conhecimento? Mas, estou muito mais interessado noutro aspecto. No aspecto em que os pesquisadores, os analistas, os intérpretes apenas consideram existir falta de consciência ou uma má consciência, intolerância, preconceito e injúria em relação às travestis, isto é, uma mera reatividade, um ataque sem razão, um despropósito.

5.4.1. MÁ CONSCIENCIA

Não surpreende que todos os analistas do arquivo tenham encontrado nas relações que travestis travam com o resto do mundo apenas relações de poder e que tais relações de poder sujeitem, submetam, rebaixem, humilhem, causem sofrimento e dor às travestis. Ou seja, que toda ação travesti desperte uma reação má, cruel, limitadora, digamos, heteronormativa como é do costume assim considerar. Surpreende também, portanto, que os analistas não tenham visto o contrário. Que as ações travestis são do ponto de vista da dor e do sofrimento tão poderosas quanto as ações heteronormativas em que desperta o conjunto de suas reatividades. Quero com isto reduzir a um mesmo patamar e valor as ações, as forças travestis às forças, aos poderes heteronormativos? Não é o caso. Quero que surja da escuridão das análises o brilho, o esplendor das ações travestis. Portanto, o problema que surge é: o que causa a um poder reconhecer que em face ou detrimento dele

existe um, digamos, ‘poder’ maior, mais poderoso, muitíssimo mais forte e que está disposto a resistir-lhe de todas as formas possíveis a ponto de superá-lo em suas determinações? E o que significa superar, neste caso, senão saltar por cima rindo-se, feliz, gargalhando de todas as determinações, tentações, seduções de um poder que até, então, vangloriava-se e dominava, sujeitava toda uma força ou um conjunto de forças que julgava menor (não vem daí a ideia de *minoría* onde *minoría* quer dizer *fraqueza*? *Falta de força*?)? Contudo, fixemo-nos no problema.

Os analistas estabeleceram que o *xingamento*, a *injúria*, a *intolerância* são resultados de preconceitos, ou seja, que tais ações são ações para as quais não se pode achar nenhuma razoabilidade – esta é sua lastimável retórica –, uma vez que, foge-se de verdades estabelecidas e com as quais se têm que trabalhar e considerar. Neste caso, se tomássemos, então, os estudos mais avançados (seus postulados como verdade) que dão conta a respeito das travestis – de sua verdade, pelo menos, no campo científico – todas as ações que são julgadas ou consideradas preconceituosas e heteronormativas não teriam razão de ser, ou seja, teriam que ser necessariamente reduzidas a meros *xingamentos*, *intolerâncias e preconceitos* ou, antes, a atos de insanidade: quando a razão perde força para a loucura. Mas, este é o jogo da verdade, este é o jogo político da superficialidade, das relações de poder-saber que procurou tudo espiritualizar para aí melhor dominar, foi uma estratégia de dominação: a aposta fundamental na razoabilidade explicativa e totalizadora. Há, no entanto, algo muito mais fundamental e que venho desde o quarto capítulo desta tese tentando bem organizar – para melhor demonstrar - para que o meu pensamento seja o melhor possível compreendido: o jogo das relações de força que impulsiona todos os competidores na disputa ao domínio – onde domínio não é correlato de poder, isto é, poder como vulgarmente se entende -. Portanto, quando uma ação sobrepõe-se a uma ação outra e com maior intensidade e quantidade – na direção de sua superação - não é o poder-saber

– como método de se chegar ao conhecimento (chegar à verdade das coisas) – o que sofre e deprime e se ressentido (que é o xingamento e seus correlatos que não um ressentimento?), mas a vontade de domínio (daqueles que instituíram e se guiam pelos mecanismos e dispositivos de poder-saber) que se vê aí limitada a expandir-se e a expandir-se cada vez mais. É aqui onde travestis provocam tal depressão, causando dores e fortíssimos obstáculos a uma realidade até, então, dominadora, a realidade, chamemo-la, assim, heteronormativa.

Assim, o *xingamento*, a *injúria*, a *intolerância*, o *perjúrio* e a *ofensa* não são meros ataques despropositados, preconceituosos apenas ou sem nenhuma razoabilidade; são antes fruto de uma *reatividade* inteligente fundada em valores. Ao contrário, tais manifestações ou expressões são o resultado negativo a uma força forte, porquanto, cruel – *para usar a mesma linguagem: humilha ao despotencializar, que não tolera ao se afirmar, que injúria ao se superar e superar as determinações de um poder-saber determinado* -, que não apenas se sobrepõe a elas como as impotencializa lá onde pretendem estender os tentáculos de sua vontade de domínio fraca na forma de uma sujeição ou dominação. E mais. As forças – travestis e heteronormativas – diferenciam-se, justamente, pelo caráter de afirmação e negação. Ao passo que as forças travestis procuram afirmar-se mesmo que para isto tenham que suportar todos os obstáculos – o que chamam de *humilhações*, *xingamentos*, *intolerâncias*, *injúrias*, etc. -, que aí encontrem as limitações, as dores, os sofrimentos do mundo, elas triunfam dada a sua qualidade, desejo, querer e potência, ou seja, se por um lado as forças heteronormativas desejam pelo *poder-saber* (força reativa), porque aí encontrou uma estratégia de sujeição, de dominação, limitar, conter, restringir, dominar, encerrar a disputa para conservar a sua vontade, por outro, as forças afirmativas saltam por cima deste poder, saltam por cima deste saber, de suas determinações e fazem revelar as forças reativas e suas qualidades fracas. Mas, como acredita Eribon,

A injúria não é apenas uma fala que descreve. Ela não se contenta em me anunciar o que sou. Se alguém me xinga de “viado nojento” [...], ou até, simplesmente de “viado” [...], ele não procura me comunicar uma informação sobre mim mesmo. **Aquele que lança a injúria me faz saber que tem domínio sobre mim, que estou em poder dele. E esse poder é primeiramente o de me ferir.** De marcar a minha consciência com essa ferida ao inscrever a vergonha no mais fundo da minha mente. Essa consciência ferida, envergonhada de si mesma, torna-se um elemento constitutivo da minha personalidade. Assim, **poderíamos analisar a palavra de injúria como um “enunciado performativo”**, segundo a definição dada por J. L. Austin (ERIBON, 2008: 28-9) O grifo em negrito é meu

Enfim, foi a isto a que esta tese se insurgiu, isto é, a de continuar asseverando, porquanto, aceitar em face de forças tão poderosas – como são as forças travestis - e que saltam por cima a realidade do poder-saber, esta realidade aí descrita por Eribon – passam por cima da injúria, da calúnia, da difamação, do xingamento, do insulto, etc. para afirmarem-se e constituírem-se (superarem-se) o que são ou o que desejam ser -, de que o insulto, o xingamento, a injúria represente, revele uma ação dominadora em face de uma realidade dominada. O insulto, o xingamento, a injúria, então, como vejo são, justamente, o contrário de tudo aquilo que propôs Eribon (2008), isto é, são a expressão de uma extinção que se está impondo a um poder que limitava, constrangia, reduzia, sujeitava. Que é, então, aquele “*enunciado performativo*” – esta vontade de fazer acreditar, de ser a verdade - que não uma crença em direção a uma falência, como última estratégia tresloucada, em face de uma força que aparece muito mais poderosa e que a engole, mas que insiste, debate-se, que fraturou toda a sua *estrutura* em lutas para as quais não se imaginaria derrotada?

5.4.2. ESTRATÉGIA DO PODER: O SABER QUE REVELA O INSULTO COMO PROCESSO VITIMIZADOR COMO UMA NOVA FORMA DE DOMINAR

Diante, então, da “falência” da dupla poder-saber, dupla que perde o poder de organização, de instituição, de normatividade, diante de uma força que a desobedece, que

não a tolera, que a humilha e a descredita, que a enfraquece e faz com que ela se revele em sua negatividade absoluta, que desperte seus rancores, ressentimentos, surge não um poder reativo, mas um poder ativo, criativo capaz de afirmar-se; não uma limitação, uma interdição ou restrição, não uma coerção ou uma espécie nova de moralização, mas uma abertura para a criação, para o inventar-se, uma abertura para as possibilidades, um campo de agônicas batalhas em que os competidores não negam e não desejam uns em relação aos outros instituir alguma nova espécie de poder. O poder age, pois, salvaguardado pelo saber que daí faz nascer, de sua vontade, de sua força, de seu querer íntimo, interno, procurando limitar tudo e todos aos estabelecimentos que ergue para conservar sua vontade. Quero dizer que, para que existam poderes, devem existir mecanismos/instrumentos disponíveis a cumprir determinadas determinações limitadoras, que sejam capazes das mais perversas e frias ações a fim de assegurar o ‘completo’ domínio. Sendo um pouco mais claro, diante de uma força que se insurge, que se apresenta mais forte, que consegue transpor, transcender às determinações limitadoras de suas organizações o poder apela. O poder baixa o nível. É a sua expressão mais desesperada; lança mão dos mais baixos artifícios, bem como, dos mais sofisticados (como o saber, a exemplo), a fim de reequilibrar o desequilíbrio – a seu favor - das forças para manter, preservar, conservar o domínio que um dia ergueu.

Como afirma o médico Dráuzio Varella,

De todas as discriminações sociais, a mais pífida é a dirigida contra os travestis. Se fosse possível juntar os preconceitos manifestados contra negros, índios, pobres, homossexuais, garotas de programa, mendigos, gordos, anões, judeus, muçulmanos, orientais e outras minorias que a imaginação mais tacanha fosse capaz de repudiar, **a somatória não resvalaria os pés do desprezo virulento que a sociedade manifesta pelos travestis**¹²⁰. O grifo em negrito é meu

De todos os “*discriminados*” quem mais *ousou* medir forças com o *poder disciplinar*? Então, por que “continuamos” a descrever, narrar, dissertar as travestis como

¹²⁰ Cf. Drauzio Varella in <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1104200919.htm>

uma espécie de seres *discriminados* – dando este termo pejorativo às travestis -, como diz Dráuzio Varella, *o mais discriminado dos discriminados?* A que atende esta “nossa” imperiosa necessidade de situar, assim, as travestis? Por que os analistas, os pesquisadores, os intérpretes das travestis, nesta tese, não as descrevem/ram, as narram/ram, as dissertam/ram como aquelas que *romperam* com “o” poder disciplinar, com suas determinações constitutivas, com sua ordem ou agenciamento moral? Como aquelas que desestruturaram as suas estruturas (de gênero), quebraram, como iconoclastas, as lógicas que até, então, as oprimiam e as governavam? O que significa, enfim, afirmarmos, carregando a mão nas tintas, que travestis sofrem a respeito de todas as “*discriminações sociais*”, a “*mais pífida*” discriminação? Por que, então, do contrário não conseguimos afirmar que de todas as ações sociais as ações travestis são as mais fortes, as mais poderosas, as mais desafiadoras, as mais triunfantes, porque transcendem às coerções limitadoras do poder disciplinar para se constituírem? Por que, então, medir as ações travestis sempre pelo ângulo do poder disciplinar? Isto não é um sintoma da qualidade desta força? Aqui, como entendo, é onde a dupla poder-saber revela-se mestre nas estratégias. Como? Colocar as travestis em discurso e, neste, as situar num ângulo que seja capaz o suficiente de lhes proporcionar um incômodo (a invenção de uma caricatura para lhes caracterizar, minimizando-as) e de estabelecer uma nova lógica para dominá-las (sua pseudo-fragilidade passível de direitos). Isto é, inverteram na *ordem do discurso* a *qualidade e a força* das ações travestis. Isto é, sepultaram suas ações para em detrimento disto avaliá-las pelas ações negativas do poder; daí delas aparecerem apenas como *discriminadas, injuriadas, insultadas*, etc. E, neste caso, o poder aparece como aquele capaz de resolver (o caráter de sujeição, de rebaixamento ressurgente) uma tão vexatória e humilhante situação oferecendo-lhes, às travestis, as flores do direito e reconhecendo a sua luta a caminho da inclusão social. E, assim, *a discriminação*, pois, como *fato do saber*,

como *mecanismo de dominação do poder*, efetiva por um lado uma fisiologia e uma pedagogia com que as próximas gerações poderiam/poderão enxergar as travestis retroalimentando pesquisas nesta direção.

Vitimizar no discurso, pois, as travestis para não reconhecer a derrota, o fracasso, a impotência foi a estratégia encontrada pelos mecanismos de poder-saber para continuar dominando. Se por um lado o poder se rebaixa aos mais baixos níveis – tendo como exemplo toda a *fenomenologia da discriminação, da injúria* -, por outro, ele se levanta, se ergue, envenena, contamina por meio de suas elucubrações científico-discursivas: suas interpretações científicas, o seu mais alto nível. Várias frentes de ataque. Ataca ferozmente num lado e oferece suas espiritualizações (interpretações científicas, porque aí o poder-saber impera) por outro. Um único interesse: conservar o seu poder, o seu domínio. Daí de Dráuzio Varella se perguntar,

Quem são esses jovens travestidos de mulheres fatais, que expõem o corpo com ousadia nas esquinas da noite e na beira das estradas? Apesar da diversidade [...] Que autoritarismo preconceituoso é esse que lhes nega acesso à assistência (sic) médica, direito mínimo garantido pela Constituição até para o criminoso mais sanguinário¹²¹ (sic). O grifo em negrito é meu

“O” poder-saber tem até mesmo a necessidade de se caricaturar para continuar a dominar. Assim, as travestis são chamadas, como marco político de sua libertação, eis aqui a sua sedução, o canto de sereia, – porque o saber-poder as faz enxergar que são vítimas de um poder -, a insurgirem-se, a lutarem contra as discriminações, as injúrias de que são vítimas e, assim, tornam-se novamente presas a uma lógica, a uma sujeição que, em tese, já teriam saltado por cima, transcendido pelo próprio caráter de sua constituição travesti. E é aqui, justamente, nesta seara em que o poder-saber atua ferozmente combatendo quaisquer características de superação, de afirmação, de vontade de domínio forte, de utilidade individual transformando a própria utilidade individual em algo negativo. É preciso, então,

¹²¹ Cf. nota de n°. 84

estar-se reduzido a questões políticas de afirmação fraca – o *gay pride* é uma de suas expressões –, a desejar-se aí em meio a estas brigas, a estas lutas, a estes vaivens que só lhes resulta – às travestis – em mais uma espécie de sujeição. Reduzidas a simples fósforos pelo poder-saber as travestis aprendem a arte da mesquinharia e a amealhar, a contabilizar algumas parcas conquistas sob a orientação da concessão do direito.

5.4.3. EMERGÊNCIAS DAS CONQUISTAS TRAVESTI: DEMANDAS LEGISLATIVAS, RESOLUÇÕES JUDICIAIS

Há dezenas, centenas de textos dedicados a avaliar o que chamam de conquistas travestis. Todos eles sempre partem do princípio das conquistas de direitos, pelo menos, do seu reconhecimento legal. Então, *o uso do nome social, a cirurgia de redesignação sexual pelo SUS, criação de igrejas inclusivas, adoção (filhos) por casais de mesmo gênero (sexo-sexualidade), inclusão do companheiro na declaração de imposto de renda, o reconhecimento de união estável (agora em casamento civil), reconhecimento em questão de direito sucessório, bem como, direito a pensão por morte (INSS), o reconhecimento de lutas contra o preconceito (dia mundial contra as fobias LGBT's), enfim. Como se vê, suas conquistas – travestis – reduzem-se a demandas legislativas por um lado, conquistas judiciais por outro. A título de exemplo, diz-nos um grupo de pesquisadores que,*

Vivemos numa **sociedade estruturalmente desigual, preconceituosa e violenta**, que **produz muitas vítimas** cotidianas do preconceito, da discriminação e da intolerância em termos raciais, sexuais, de gênero [...]. A novela da vida real, porém, nesse cenário (sic) escolhe **os bodes expiatórios da vez, que são o objeto da ira** mesmo daquelas pessoas que também são massacradas socialmente **por não corresponderem às expectativas dominantes** [...]. Um dos grandes desafios hoje [...] **é excluir a homossexualidade, a travestilidade e a transexualidade do rol das abominações sociais, que são objeto de uma intolerância**

disseminada, alimentada por discursos e práticas religiosas fundamentalistas, associando-se a um machismo que define o feminino como inferior, impuro, primitivo e irracional – bem como a não heterossexualidade como algo aberrativo, patológico ou anormal (MELLO *et.al.* 2012: 158-9). O grifo em negrito é meu

É a isto, com boas razões, que intitulam o jogo das relações de poder-saber. Um jogo tão nefasto que não apenas submete a quem domina, mas também os próprios dominantes. Termos, então, como *preconceito, ira, violência, bodes expiatórios, intolerância, fundamentalistas, machismo, inferior, impuro, irracional, bem como, aberrativo, patológico, anormal* reduzem uns aos outros, todos, por baixo numa igualdade tão flagrante – pelas oposições que praticam que é o fundamento de seus estabelecimentos - quanto àquela suposta desigualdade aventada pelos autores para caracterizar a tal sociedade. Então, qual é a pretensão desta casta de seres, melhor, destas vítimas do poder disciplinar com tão acalorada e veemente denúncia – e não é a denúncia um meio de empoderamento de uma categoria pela outra -? A resposta é simples: deseja-se uma sociedade livre de desigualdades, pelo menos, de direitos, no entanto, a quem interessa um tal estado de coisas, quem são as vozes que levantaram tal bandeira? E é este, então, o seu ideal, aquilo pelo que se luta, a sua vontade de domínio fraca. Daí que, quando nas batalhas que travam com “o” poder, “o” poder – na forma desfigurada do direito – reconhece-lhes a legitimidade do pedido e defere em seu favor a concessão de um direito e, assim, apelidam isto de *conquista* quando, na verdade, isto não passa de uma *concessão do poder* que passou a lhe sujeitar novamente ou, se quiser melhor, a decompor suas forças mais outra vez. Acossados pela ideia de que a *igualdade* é uma garantia constitucional que, em tese, proteger-lhes-iam (não falo aqui em evitar) contra ataques de alguma frente do poder entram nessa maquinaria do poder mais indefesos do que quando seus pedidos eram apenas uma *vontade*. A conquista é aí, então, menos uma conquista do que uma nova forma de sujeição. Ter as garantias legais – aquelas conquistas que citei na abertura deste tópico –

significa sujeitar-se aos estabelecimentos que “o” poder impõe como regra. É sua normalização, é sua constituição é, por conseguinte, seu DNA.

“O” poder produz (pela negação) decalques, símbolos, ou melhor, valores e enlaça a todos os impulsionando a lutarem por ele porque é aí onde se encontra, se acha, se infinitiza o reino de sua magia. O que significa, pois, um decalque, uma marca, um valor? Que quero, exatamente, dizer com estas palavras? Exemplo: saúde e doença, machismo e feminismo, preconceito e aceitação, tolerância e violência são termos que marcam as relações e que os analistas, pesquisadores e intérpretes procuraram esvaziá-los de suas significações morais. Uns querem que, a exemplo, a homossexualidade/travestilidade seja (m) vista (s) como doença e outros trabalham em prol de ‘superar’ tal visão. Por trás e ao fundo de tudo o que se diz, como se diz e por que se diz, quando se diz, em ambos os lados da relação, o que acontece? Sendo um pouco mais contundente, colocando a relação de forças que anima a relação entre duas ou mais forças como relação de poder como poderíamos, então, qualificar o poder dos que “dominam” daqueles que resistem – à dominação -, isto é, daqueles que também querem dominar, quer dizer, de lado a lado o que quer “o” poder? O poder dos dominantes é mais ou menos cruel do que o poder daquele que tenta resistir à crueldade – *fenomenologia da injúria, da discriminação* - e o que quer, o que deseja estabelecer? Ou antes e apenas só é cruel “o” poder de quem domina, de outro modo, existe uma diferenciação ética com a qual pudéssemos classificar e hierarquizar por graus, por níveis de crueldade ou de bondade ou de abstinências destas moralizações “o” poder? Não voltariamos a uma classificação, a uma qualificação moral exterior aos competidores, isto é, aos combatentes objetificando toda a relação para daí extrairmos a verdade da relação, quer dizer ainda mais, não se procede a uma desfiguração do poder para melhor sujeitar, dominar? Mas, não foi, justamente, a esta realidade que se furtaram os analistas, os pesquisadores, os intérpretes da relação de poder? Não é,

justamente, procurando a todo instante estabelecer suas análises nas bases do jogo das relações de poder – assimetria fraca - que imaginam fugazmente que escapam às questões morais que lhes parece tão fétidas e atrasadas do ponto de vista científico? Não é, assim, furtando-se à análise de categorias morais que os analistas, os pesquisadores, os intérpretes procuram realçar, subjetivamente, a garantia científica de suas análises? E, não foi, assim, deste modo, que puderam pleitear – furtando-se às categorias morais estabelecidas pelo poder – as concessões de direito rejeitando as estratégias de superação? Submetê-las ao direito não significa retirar da ciência (de suas interpretações) o ônus do julgamento querendo julgá-las (as travestis), ou antes, julgando-as, mas sem afirmar – segredo inconfessável – que são sujeitas de direitos pelos motivos que apresentam? Neste caso, então, que é a concessão de um direito que não um alargamento das esferas de suas ações dominadoras?

Aqui, então, dar-se, melhor dizendo, impõe-se o reencontro – reconciliação - dos *desviados* com a ordem, isto é, com “o” poder do qual haviam empreendido fuga; como “o” poder desfigura-se, finge-se, inverte as imagens de sua dominação em imagens de concessão, de tolerância, de bondades, as travestis aceitam que a sua sujeição apresente-se sob o disfarce desejável da *conquista* de classe na qual enxergam o pessoal (o individual). Aqui, então, é onde “o” poder triunfa ao conseguir decompor – para controlar - parcialmente a força travesti.

5.4.4. ANÚNCIO DA GRANDE CONQUISTA TRAVESTI

Foucault (2007) nos recomenda a olhar as relações de poder, senão “o” próprio poder, não apenas por seu lado restritivo, isto é, por sua dinâmica repressiva. Quer nos convencer e nos fazer ver, crer que de tal dinâmica resulta a invenção de toda realidade

possível, isto é, resulta a invenção de quem somos nós próprios ou que, pelo menos, é parte constituinte da realidade, uma vez que, a repressão é apenas expressão ante mil maneiras de expressar-se, exercer-se, e não fundamento das relações de poder: seu fundamento se acha na *desigualdade* das partes em relação. O que diz exata e, fundamentalmente, Foucault é que “o” poder não é apenas aquele que diz *não*. Ou como melhor diz o próprio Foucault,

Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva [do poder] agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso (FOUCAULT, 2007: 18-9) O grifo em negrito é meu

É fabuloso o modo como Foucault (2007) disserta e supera as análises, isto é, as perspectivas analíticas de poder de sua época ou de toda uma tradição. O mais importante é que Foucault (2007) não inverte a perspectiva, não a re-significa em sua instrumentalidade; simples, Foucault supera, isto é, oferece-nos algo novo com o que agir, com o que pensar, com o que trabalhar, com o que nos desesperarmos; tira-nos do conforto, ou antes, força-nos ao desconforto para nos lançar no que ele chama de *maquinarias* do poder, jogo de relações de poder, rarefação do poder e tantas outras expressões, enfim. Pois bem. A repressão pode apenas figurar e, nos mais das vezes é o que real e fatidicamente acontece, e é aqui onde somos chamados a nos relacionar mais ferozmente com “o” poder, como forma, maneira, expressão ou simplesmente exercício limitador que “o” poder encontra para se fazer notar, valer a sua vontade, para demonstrar a superioridade de sua força, sua vontade. Contudo, a repressão é um mecanismo tático-estratégico que impinge sofrimento, que faz doer, que massacra, que humilha, restringe, limita, mas, sobretudo, é um mecanismo que impede – ao menos trabalha nesta direção - a fuga de seus dominados – o saber é uma estratégia do poder, uma tática de continuar sobre ações mais poderosas do que ele mesmo agindo -, porque é aí onde ele se impõe como regra; que a dor, a

humilhação, a injúria, a limitação, a restrição, pois, não possam apenas figurar como simplesmente a expressão ou o exercício de poder que “o” poder usa para extrair prazer: prazer em torturar, em massacrar, em humilhar, em sujeitar, ou de outro modo, prazer em fugir, enganar, burlar, etc., mas, fundamentalmente, para impedir fugas de seu campo, sobretudo, do seu campo de instituições de verdades. Pois bem.

Ante as travestis, então, que pode “o” poder senão conceder-lhe ou restringir-lhes direitos, acessos, dotá-las de significações – não é este a mecânica de seu jogo -? Quero dizer, o que pode mais “o” poder nas suas mais variáveis possibilidades, digo, nas suas mais variáveis formas de manifestação, de exercício, de controle, de expressão, de crueldade, de originar sofrimentos de toda ordem, de restringir acessos, limitar suas ações – travestis - a determinados espaços? É, justamente, onde quero chegar. É também o ponto onde travestis desejam, querem se superar. Enfim, o que quero colocar em questão: o que fazem acontecer, o que realizam as travestis em suas relações com “o” poder, ou seja, *o que podem* as travestis ante o poder disciplinar? Aqui, então, saímos do pressuposto de que a relação pela qual olham os pesquisadores, os analistas, os intérpretes travestis é de poder. Não, vejo diferente, não é “relação de poder” – numa terrível desigualdade sem termo, nem possibilidade de inversão -, mas “relação com “o” poder”, uma forma de poder, o poder disciplinar – numa fabulosa ousadia, desobediência, enfrentamento, coragem e, no fim, que vemos senão o triunfo de sua vontade, sua vontade impondo-se, seus desejos sendo todos realizados? -. E isto faz uma diferença muito grande. Portanto, a história que contaram sobre as travestis, como contaram e por que contaram, os modos como “o” poder – em suas mais variadas manifestações discursivas a descreveram deve ser colocada em xeque, em questão. Não se pode tomar aí o jogo de suas relações com “o” poder, de antemão, como o jogo de “relações de poder”, como uma totalidade/totalização impossível de escapar. “O” poder, é verdade, é a instância limitadora, restritiva, repressiva, é também criadora,

inventora, mas é criadora, inventora nos limites que estabeleceu para sua própria natureza criativa, coercitiva, conforme os valores, os significados, os símbolos, sobretudo, conforme sua própria vontade, que ele mesmo instituiu para desenhar tal coisa. Assim, é muito mais proveitoso analisarmos, interpretarmos, colocarmos as travestis em relação com “o” poder para daí extrairmos muito mais os *sins de suas afirmações* do que os *nãos obstaculadores/negativos* do poder. O que quero dizer é que quando “o” poder faz surgir uma injúria, uma humilhação que é característica de sua afirmação negadora/negativa, fraca, na efetividade de sua potência, de sua própria superação isto acontece numa tentativa de barrar (destruir) uma afirmação ativa, uma força muito mais poderosa do que o caráter de sua força restritiva, limitadora, constrangedora¹²² é capaz de imaginar, de administrar, isto é, em relação a um *sim* que se estabeleceu como regra de vida no lugar de um *não*; a um *sim* que transcende as malhas da moralização assujeitadora para figurar numa dinâmica, digamos, *estetizante*, *‘livre’*, *subjetivadora*, lugar, portanto, onde o poder disciplinar não pode alcançar, penetrar porque aí é o lugar de sua destruição. Assim, a grande conquista travesti pode ser visualizada na sua forma mais pura enquanto que aquelas outras conquistas apontadas não ultrapassam a marca do poder que acabou de sujeitá-la (travesti) em mais uma pequena batalha fracassada e que é preciso superar por meio de sua afirmação e de sua luta (os obstáculos que a própria vida oferece e exige superação). São as pequenas batalhas que necessitam ser vencidas, afirmadas. A grande conquista, a própria subjetivação travesti, é o grande fato. Contudo, de outro modo, o poder-saber convida-nos, procura-nos seduzir quando nos chama a refletir a sua opinião que diz,

Coloca-se ainda a questão do papel que eles [travestis] desempenham, julgam desempenhar, **o que são, o que pretendem ser**. Essa questão rodopia em torno do problema colocado antes por Rubem César, o da

¹²² Tais termos (restrição, limitação, constrangimento ou mesmo castigo e seus correlatos) surgiram para eclipsar um outro termo: vingança. Assim, o mais correto seria afirmar que “o” poder se vinga.

possibilidade de **constituição de um papel ambíguo** (sic) em **contraposição à idéia** (sic) **de que eles se iludem e pretendem “ser mulheres”** (SILVA, 2007: 84-5) O grifo em negrito é meu

Em todos os lugares, em toda parte, multiplicaram-se, frutificaram-se tais ideias. Não há outro modo, nem outro olhar. Quer dizer, não há como escapar a estas táticas, a estas estratégias bem montadas, bem situadas pelo poder-saber. Contudo, acredita-se que tais ideias, tais argumentos são as expressões de uma nova forma de olhar, uma nova fisiologia na interpretação. Entretanto, que faz aí, então, “o” poder-saber senão transferir, com toda a dramaticidade que lhe é peculiar, o doente à condição de ambíguo? E o que é o ambíguo em nossa cultura platônica que não o “duas caras”, isto é, o falso, o duvidoso que encobre sua verdade, a sombra e a caverna? E o falso (o duvidoso) que é em nossa cultura senão o reprovável, o erro, a mentira, o desconfiável, o desacreditável? Não é justamente isto por outras linhas que Hélio Silva afirma quando diz que,

[...] o travesti se impôs em nossa recente história urbana. Sua tática foi essa: em caso de perigo, **sacar o homem que guardava sob suas roupas**. E, depois, de alguns estragos históricos já nem precisa ir às vias de fato. **Basta deixar claro que para todos que ele pode sacar esse homem quando bem entender** (SILVA, 2007: 65) O grifo em negrito é meu

É a este tipo de *rebaixamento* de suas forças, vontade, querer – e ele não se dá senão pela forma violentíssima e até vingativa da interpretação – a que travestis procuram sempre escapar. “O” poder-saber tem esta necessidade de rebaixar, reduzir, simplificar, desqualificar tudo ao nível de suas argumentações, evidentemente, revestindo suas interpretações com um manto de acolhimento e dignidade, de superioridade. Como “o” poder está em toda parte, em todas as relações, em todos os lugares de suas relações, portanto, nas lutas, nas batalhas que venceu, impôs o seu saber e fez dele uma função explicativa de sua ação, fez dele uma crença, uma justificativa de seu poder, quer dizer, de si mesmo, depois uma função de explicação da realidade da qual é parte impositiva. Assim, acredita-se que há “o homem” a ser sacado quando se quiser em relação às travestis. É a

continuidade daquele pensamento metafisicamente envergonhado. Mas, é também, por outro lado, onde as verdades são estabelecidas pelos critérios da interpretação. Não há, por outro lado, homem algum a ser sacado do interior das travestis. O que existe – até onde eu pude ir mais fundo - é apenas vontade, uma descomunal vontade de poder – é isto que faz com que travestis quebrem ou superem todos os obstáculos que encontram pelo caminho na vontade descomunal de sua constituição - que se expressa em festa. Festa de celebração da vida, uma afirmação de vida como que se não acha em mais ninguém; mas, estou certo que para enxergar determinados “fatos” da vida é preciso não ter os olhos como um instrumento de mero fisiologismo. Como diz Bené, uma informante de Hugo Denizart,

Prefiro a posição de ativa porque **a gente ainda faz ele** [homem, cliente] **passar por passivo...** [...] Vou te explicar: a gente sai com um homem... **Um homão assim, que ele não tem jeito de ser afeminado...** **Aí, ele te come...** **Mas aí você acaba seduzindo ele também, entendeu?** **Ele acaba sendo passivo.** É mais emocionante. [...] O travesti ultrapassa o limite assim: sai com o cara, transa, come.. Cara, a gente penetra e ele gemendo lá... (Bené in DENIZART, 1997: 55-6) O grifo em negrito é meu

Tomei esta fala, portanto, em que é demarcadamente de contextos da prostituição. Aqui, então, contrariam-se mais contundentemente aquelas afirmações feitas por Neuza Maria de Oliveira (1980) citada por Dom Kulick (2008); desfaz-se também, por outro lado, a ideia de que as relações estabelecidas nos espaços de prostituição estariam apenas reduzidas aos seus contextos econômicos (de exploração de uma classe pela outra), de sobrevivência, de “visibilidade social” e de “sociabilidade” como falam tantos pesquisadores como *o resto, a única coisa* que lhe havia sobrado, mas também são o resultado de um desejo, de um querer, de uma vontade de domínio e que, no limite, efetiva-se como se percebe nesta fala de Bené. É evidente que não quero universalizar as práticas, as ações. Quero apenas apontar para fatos que, em tese, mereceriam maiores atenções, muito mais rumações intelectuais. Quebrar, pois, velhas, antigas ideias para deixar aparecer, para fazer emergir coisa nova, com maior e mais profunda densidade. Portanto, o

espaço da prostituição – negativamente moralizado pelos sedutores do poder, porque aí todo o seu poder desfaz-se ou se faz presente negativamente – é o espaço, o campo de domínio travesti, nalguns casos, por excelência. No entanto, não me delongarei no assunto visto que o assunto não faz parte estritamente do interesse desta tese. Contudo, o que me fez, o que me faz citar a fala da informante de Denizart (1997), Bené, é, justamente, por conter nela (fala) o desejo, o querer, a vontade de domínio e por quebrar antigas noções de que numa situação como esta, de prostituição, o indivíduo prostituído estaria em uma condição bem abaixo de um pagante, um cliente, um usuário dos serviços sexuais prestados pelas travestis, ou seja, um oprimido, humilhado e explorado simplesmente e que, caberia ao pesquisador, denunciar este tipo de relação e, no limite, propor a sua salvação. Tais lampejos, ou antes, tais relâmpagos ainda não são os lampejos ou os relâmpagos de sua grande conquista. São apenas os seus anunciadores.

5.4.5. A CONQUISTA TRAVESTI OU A NATUREZA ESTETIZANTE TRAVESTI

O que devemos tanto às travestis? Antes, devemos-lhes alguma coisa? Talvez, devêssemos – seria mais profundo e sensato - perguntar o que concedemos nós às travestis, o que travestis nos devem, poderia alguém assim colocar. E todas as suas conquistas, poderíamos nos gabar, o que foram até aqui senão produto que nós, os pesquisadores, por meio de nossas interpretações, por meio de nossas análises, por meio de nosso difícil trabalho exegético lhes oferecemos? Todo o trabalho de “denúncia” resultou em grandes ou em pequenas conquistas, parece, é ponto pacífico. Se hoje, então, dirá mais algum pesquisador, travestis podem fazer uso do, por exemplo, “nome social” – e de tantas outras conquistas - isto está diretamente relacionado com as superações discursivas, com os enfrentamentos científicos que alguns muitíssimos e corajosos pesquisadores se impuseram heroicamente a realizar. E, não obstante, luta-se ainda, pede-se ainda, clama-se ainda para

que logo chegue o dia em que as travestis, como aqueles homossexuais que Guy Hocquenghem¹²³ anunciava ironicamente para o futuro, já não necessitem mais de suas *indumentárias subversivas*, mas que passem na sociedade naturalmente, que passem a coabitar sob novas vestes – brancas. Um bom leitor, um bom intérprete, um escalado analista que tomasse contato com tais ideias, com tais desejos e expectativas não se riria com grande suavidade e não se perguntaria se estes indivíduos – travestis aí reduzidas - não são, nos dias de hoje, uma ficção que se tenta atualizar desde os anos de 1960? Pois bem. Mas, então, qual é a grande conquista travesti? A grande conquista travesti está em muitíssimas coisas, isto é, como que num conjunto, antes, numa *unidade sintetizadora* que engloba muitíssimas afirmações, muitíssimos desafios e é exatamente isto aí que eu resolvi dar o título de “a grande conquista”. Passo a enumerá-las e comentá-las a seguir.

5.4.5.1. O JOGO DAS CORRELAÇÕES DE FORÇA: A DISTANCIA TRAVESTI

O que é este jogo chamado de “jogo de correlações de forças”? É a luta – ou relação - entre “o” poder, ou antes, os poderes e as diversas formas, maneiras, modos, manifestações, expressões de *resistência*: a dinâmica neste ínterim é estritamente política. Aqui, então, insere-se uma questão que é muitíssimo mais fundamental: a liberdade. O pesquisador, o analista, o intérprete, então, quando não muito bem orientado – seduzido já pela mais fundamental armadilha estratégica do poder: o saber – termina por assumir – na forma de um imperativo -, por fazer circular e a disputar – mesmo querendo negar ou da disputa fugir – os meios de produção da verdade. Ou seja, luta-se, e esta luta é menos das travestis do que dos seus pesquisadores, analistas ou intérpretes, pela manutenção da *coisa já interpretada* ou por sua superação, mas que, de qualquer forma, a sua manutenção ou a sua superação, não corresponde a uma superação da própria estratégia que totalizadora

¹²³ Cf. Hocquenghem, 1980

sobrevive em meio a disputas internas. O que quero, exatamente, dizer é que esta luta pelo domínio da *coisa interpretada* e que Foucault chamou de a luta pelo domínio dos “*mecanismos de produção da verdade*” faz uso de determinado objeto não estritamente interessado em se chegar à verdade (isto já demasiadamente denunciado, revelado) do objeto – um dos ideais confessos e velados da ciência - ou da *coisa interpretada*, antes, em dominar os meios pelos quais as verdades a respeito da *coisa interpretada* são estabelecidas. Portanto, nunca é o objeto mesmo o interesse do saber – ele provoca esta miragem, esta vertigem, é como “o” poder produz estrategicamente a ilusão que nos afaga o espírito, eis aí a sua sedução -, mas, como meio estratégico do poder, o que interessa, a sua função é garantir o domínio daquilo que já é dominado (manutenção, conservação, preservação, etc. ou seja lá o termo que se quiser dar), é procurar dominar o que ainda não tem domínio, é expandir os próprios domínios, sua vontade é a do mais poder. Então, o que tem tudo isto a ver com as travestis?

A superação do poder-saber – leia-se poder disciplinar - não é nunca a revelação de uma verdade ou verdades (figuram-se como sub-estratégias da estratégia maior que é o próprio saber) ou mesmo o perspectivismo das análises. Sua superação implica numa feição e acabamento novos de sua fachada, quero dizer, na confecção de novas problematizações, no alcance de novas soluções a respeito sempre das mesmas *coisas interpretadas* de maneira que velhos problemas encontrem novas roupagens com que se apresentar, que nos apresente novas resoluções. Ou o que quero dizer mais exatamente: tudo o que se diz, como se diz, por que se diz e quando se diz a respeito das travestis como *coisa interpretada* ou objeto de estudo faz parte de um programa ou de uma determinação que o próprio poder se impõe – alargando ou estreitando, limitando ou concedendo – demandas, pedidos, direitos, eliminando perigos, ou seja, pasteurizado. Portanto, a tomada de objeto para investigação – o que anima pesquisadores, analistas e intérpretes pelo

mundo todo – e que Foucault chamou influenciado por F. Nietzsche de “*a vontade de saber*” é, na verdade, e mais fundamentalmente a vontade de dominar e, assim, como disse antes, “o” saber entra aí como sua estratégia de autodefesa ou de conservação (do poder), sua lógica fundadora, organizadora e reguladora, sua tática de manutenção que recria sempre objetos e cenários sem nunca desfazer ou olvidar a própria estratégia reguladora. Pois bem, mas como ou em que as travestis podem a este respeito ser consideradas superadoras deste domínio?

Bom, em primeiro lugar todas as suas ações vão de encontro às determinações morais – aqui o modelo/referencial de moral única assusta - do poder e isto quer dizer, exatamente, que o que se poderia aí interpretar como uma *resistência* – como prazer em fugir, em enganar, burlar, correr, esconder, negar e mesmo enfrentar, etc. - ao poder resulta em algo muito mais profundo, em algo muito mais forte. Isto é, não é um mero exercício político de resistência, perversor, subversor, uma insurreição, etc. – disto tratarei um pouco mais a frente – com que investiram ou caricaturaram as travestis, ideologicamente. É muito mais. É uma afirmação de existência. Então, quando digo que é uma afirmação de existência quero dizer mais, exatamente, que o indivíduo aí que se afirma cria um novo modelo, uma nova regra, uma nova moral (individual) – se se quiser – para adornar a vida, para enfeitá-la com novos mantos simbólicos, que sabe que as dificuldades do caminho até a este momento triunfante – afirmação criadora, o *sim* de sua afirmação - requer mais do que o instinto ou o *pathos* da ciência, da insurreição, da subversão, da luta política. O *pathos* travesti está, justa e exatamente, no fato de que ele consegue transcender a todas as limitações/restrições constitucionais (impostas pelo saber como lógica inteligibilizadora) que “o” poder lhe impõe, a transcender a todas as táticas de combate¹²⁴ (do fazer político)

¹²⁴ Um bom exemplo disto se acha na prostituição. Que é a prostituição neste caso, isto é, a prostituição de que se servem muitíssimas travestis como forma de sobrevivência econômica, social, de afirmação de sua

que “o” poder aí articula para lhe fazer desistir de sua própria vontade (negar-se), porque tal vontade é do ponto de vista do poder disciplinar muitíssimo perigosa, uma vez que, para que sua vontade se afirme ela precisa destruir a vontade que lhe obriga negar-se enquanto vontade, ou seja, ela necessita subjetivar-se, individualizar-se ou que quero dizer: ela precisa tornar-se, mostrar-se *forte*. A primeira martelada, então, travesti, vem justamente de seu desejo – sabe o que significa a palavra desejo? Desejo este que a impulsiona a afirma-se (fazer saber o que já se sabe a seu respeito, mas que não fora produzido, enunciado por ela mesma, de um modo, maneira, jeito completamente novo, sob o ponto de vista de seu próprio labor valorativo), desejo esse que se transforma em força. Como diz “Fernanda” em Albuquerque e Jannelli,

Duas metades de coco foram os meus primeiros seios. Diante do espelho grande, Cícera [sua mãe] me surpreendeu e: **outra surra**. Eu cobria entre as coxas com as mãos para ver como Aparecida. Na minha fantasia, barriga redonda e fenda de menina. [...] **As meninas me afastavam**: mas você é menino, vai com os meninos! [...] **Então eu ficava, desafiava** (Fernanda in ALBUQUERQUE e JANNELLI, 1995: 29) O grifo em negrito é meu

“*Ficar*” e “*desafiar*” neste contexto significam correlativa e respectivamente a dois outros verbos: *afirmar e superar*. Ou seja, afirmar está para ficar, como superar está para desafiar. Isto quer dizer mais, exatamente, que o que se procura, se deseja, se quer é dizer, fazer saber coisa diversa do que se diz e se afirma a seu respeito – saber individualizante, de *sapores*, isto é, da experiência individual -; que o modo como “o” poder que me toma como objeto de sua crítica, de seu saber; que me toma como objeto de suas limitações, restrições, de sua imperatividade moral; que me toma *como o outro* (negativo da relação) a quem se deseja impor, sujeitar, moralizar deve ser desafiado, isto é, lá onde ele estende as suas táticas, as suas estratégias, é justamente aí onde deve ser superado. Agora posso, então, voltar ao que chamei de a coisa mais fundamental do “jogo de correlações de força”:

vontade? Enfim, com que novo valor, com que nova tábua de valores a prostituição é condecorada pelas travestis?

a liberdade. A liberdade do indivíduo, portanto, consiste, como eu a entendo, em perceber, por meio de suas ações, como “o” poder se transforma em *desejo*, o desejo se transforma em *força* e a força, por fim, transforma-se em *afirmação*. E estas são as três metamorfoses do poder travesti.

5.4.5.2. A ANTIPOLÍTICA TRAVESTI: A METAMORFOSE DO ESPÍRITO TRAVESTI

Eu havia indicado ainda pouco o principal caminho adotado por mim para apreciar as travestis. E tal caminho provocou momentaneamente um afastamento, um distanciamento com as concepções ou com os caminhos que muitíssimos “colegas” haviam adotado como suas regras. Eu também dizia ainda pouco que o grande interesse desta tese – o que se imagina ser o meu próprio interesse a partir de um lugar que chamamos científico – era observar as três principais metamorfoses do espírito travesti – os elementos impulsionadores de sua constituição - e lhes indiquei quais eram: “o” poder que se transforma em *desejo*, o desejo que se transforma em *força* e, finalmente, a força que se transforma em *afirmação*. Bom, o que rapidamente entendi contrariando um pouco – talvez, demasiadamente – os “colegas” que me antecederam nas interpretações, nas análises foi que todo – assim chamarei – o processo de constituição travesti (alguns chamam ironicamente de fabricação) estava virado de ponta-cabeça. Pois bem.

Se tomarmos por base, digamos, o primeiro impulso – e chamemos-lhe aqui o *desejo* (o poder transformado) – travesti o que nos comunica, o que nos diz, o que ele nos faz imediatamente saber do ponto de vista de sua própria comunicação (inteligibilidade) em relação, por exemplo, com às determinações, em relação à vontade, desejo, querer do poder disciplinar? Bom, se não faço tão má leitura ele nos comunica, nos diz, quer nos fazer saber que a sua “natureza” de impulso, *primum movens*, é muito mais forte do que as

determinações que o poder disciplinar lhe deseja impor e é aí, justamente, onde ele encontra a sua primeira transformação. Muitos dos meus “colegas”, senão todos, denunciaram, alardearam as diabruras – com algumas razões para isto – do poder. Denunciaram todo o processo de *exclusão social* travesti, de sua patologização, de suas enormes dificuldades (travestis) de sobrevivência econômica, social, etc. No entanto, era o próprio *poder transformado* (o desejo) que impulsionava/pulsava para o distanciamento, para o afastamento quando se revelava mais forte e não um arbítrio, uma decisão, uma penalização do poder disciplinar, por exemplo, que o excluía, ao contrário, o trabalho realizado aí pelo poder disciplinar era o de trazer outra vez este poder transformado para o jogo de suas correlações, para o jogo de suas verdades, de volta para o seu controle e domínio. Todavia, percebamos que até determinado momento – quando o desejo se revela – “o” poder ainda aí triunfa legando ao indivíduo (deste desejo, deste poder transformado) toda a sua herança histórica, construção histórica, carga simbólica, todas as suas representações, todos os seus valores. O que divide, separa, afasta ou distancia não é, exatamente, “o” poder disciplinar por meio de seus mecanismos ou dispositivos de averiguação, exclusão, coerção, limitação, restrição, etc. Este fenômeno, permita-me assim nomeá-lo, é secundário e carece em importância. É o próprio poder transformado (o desejo), a sua tensão e vontade (querer interno da força), que empurra o indivíduo nesta direção por se reconhecer muito mais forte – não há como dele livrar-se, desviar-se, só obedecê-lo - do que a carga simbólica que “o” poder disciplinar lhe havia preparado e determinado o seu “uso” ou obediência. Assim, como não se separar, afastar-se, distanciar-se para poder livrar-se desta carga “*opressora, rebaixadora, restritiva ou limitadora*” que é a ação secundária do poder em relação ao desejo, querer ou vontade? Pois bem. É, justamente, neste momento que *o desejo* se transforma em *força*. E temos aqui, então, a segunda transformação.

O *desejo* – apartado, afastado, separado, excluído como querem alguns - aí transformado surge como *força*. A força – impulso em direção ao confronto, a disputa por sua livre efetividade, execução, realização - é a coragem, a ousadia, o destemor, o espírito da batalha, o ato heroico (subjativador), o que abre caminho para a afirmação; é também a conquista da liberdade, ou antes a imposição do seu ser livre na ação, isto é, a conquista do seu *sim*. Não há poder que o vença, que o destrua, que o desvie em sua determinação senão pelo único viés de que isto é possível: vingança pela morte (o desejo de morte, destruição). No entanto, todos os trabalhos dos “colegas” que estudei continham uma opinião diferentíssima da minha. Ali onde eu vi, enxerguei, por exemplo, *força* – o desejo transformado em potência – eles só enxergaram fenômenos secundários como subversão da ordem, insurreição, quebra de estruturas, etc. e toda uma engenharia pré-revolucionária. Ao passo que, permita-me mais outra vez assim considerar, o labor realizado pelas travestis em direção à sua constituição é um labor individual e por isto mesmo fruto da vontade de poder, de domínio, meus “colegas” não puderam enxergar senão, influenciados pelas políticas libertadoras (políticas classistas) os *políticos* (travestis) e seus opositores (as heteronormatividades). Como afirma um experimentado autor,

[...] **os gays vivem num mundo de injúrias**. A linguagem os cerca, os encerra, os designa. O mundo os insulta, fala deles, do que dizem de si. As palavras da vida cotidiana tanto quanto as do discurso psiquiátrico, político, jurídico, atribuem a cada um deles e a todos coletivamente um lugar – inferiorizado – na ordem social. Mas **essa linguagem os precedeu: o mundo de injúrias está ali antes deles, e deles se apodera antes mesmo que possam saber o que são** (ERIBON, 2008: 75) O grifo em negrito é meu

Eribon (2008) tem razão quando diz que os poderes – por meio de suas enunciações – atribuem aos *gays* – às travestis, evidentemente também – um lugar de menor importância no meio social – mas, isto aí é uma fortíssima sedução e algo bastante primário. Mas, isto é o que está na superfície do problema, da questão, é a sedução do poder, é a coisa fácil da interpretação, é o seu canto de sereia, é a sua galhofa, o seu riso

maroto, seu deboche que tenta nos iludir. Lutar contra estas injúrias – os *denuncismos* que se espalham por todas as áreas do saber - como fazem muitos dos pesquisadores de ofício é aceitar a lógica que o poder disciplinar impõe ajudando-o a crescer em poder, a expandir “o” poder para esferas ainda não problematizadas, etc. Quer dizer, é aceitar as regras que “o” poder estabelece para que um determinado pensamento seja aceito. Como seria recebido um pesquisador, um analista ou intérprete que resolvesse apresentar travestis a partir d’um ponto distante de tudo aquilo que dizem sobre elas os diversos poderes e saberes?

Encontrei em todas as produções que me chegaram às mãos observações daquele tipo que faz Eribon (2008) e mais, muito mais. Os pesquisadores (as) encontraram, antes, identificaram e passaram a denunciar os mecanismos, dispositivos, meios, caminhos pelos quais “o” poder age/ia de tal forma. Estabeleceram as lutas políticas (partidárias) por meio das denúncias acerca das injustiças praticadas pelo poder – contra as mulheres, os negros, os índios, os homossexuais, etc. - por meio de reivindicações político-democráticas que reduzem todos a um patamar de igualdade (do ponto de vista do direito) tanto assustador quanto enfadonho. Daí em diante, pois, temos a luta política dos negros por sua inclusão na sociedade dos brancos, a luta dos homossexuais contra os preconceitos e intolerâncias dos heterossexuais e suas heteronormatividades, a luta das mulheres (os feminismos) contra as opressões machistas, etc. Estabeleceram, pois, por todos os lugares uma oposição aos estabelecimentos. Tais denúncias, pois, prestam tributos à *boa consciência* e à observância – que é uma questão de justiça - dos *princípios democráticos* dos modernos sistemas políticos. Não encontrei um único pesquisador, analista ou intérprete a quem tal realidade científica totalizadora lhe tivesse chamado minimamente a atenção. Do contrário, sua vontade de denunciar as opressões do poder em nome do saber – ao que o reduz ao gênio

da espécie – pareceu-me tão verdadeira e intensa que só depois de muito refletir pude fazer despertar a crítica. A título de exemplo diz-nos um pesquisador que,

A formação de um movimento social específico de travestis ou de transexuais que se **propõe a lutar contra a discriminação e a exclusão social** é apenas um dos indícios de que essa realidade está em constante transformação e fabricação. **É por meio da mobilização política que as garantias da cidadania podem ser alcançadas** (BENEDETTI, 2005: 129) O grifo em negrito é meu

Mas, é, justamente, aqui onde travestis superam seus analistas, intérpretes e pesquisadores: as vozes melífluas do poder. Contudo, ainda é aqui também onde vemos “o” poder lançar tanto mais longe, quanto mais profundo os seus braços e abraços. Mas, vamos por parte. O que significa, pois, um *movimento social* de oposição (mobilização contra “o”) o poder disciplinar? Significa, em síntese, manter-se preso ou aceitar sua lógica – permita-me usar, pois, a mesma linguagem que os meus “colegas” – de sujeição, de dominação (nesta lógica, enquanto se luta e não domina, estar-se sujeito, dominado e é aqui onde Eribon (2008) encontra suas razões). É, justamente, isto o que propõe “o” poder, porque aí resulta a sua própria superação enquanto poder: lutem contra toda exclusão, lutem contra toda dominação, toda sujeição e, no limite, vençam, triunfem: é o próprio poder disciplinar quem triunfa. A estratégia é criar por todo canto estes embates¹²⁵ impossibilitando ou procurando impossibilitar o estabelecimento de outros meios, de outras estratégias, de outras ações que não estas da sua lógica interna, ou seja, a *disputa perversa, a negação*. Quer dizer, é trazer forças muito mais poderosas, por isto mesmo ameaçadoramente perigosas, do que as do poder para os campos de batalha do poder, mas como vítimas, como humilhados, injuriados, porém com a possibilidade de que poderão inverter por meio de lutas políticas – os orgulhos, esta casta de seres orgulhosos, são

¹²⁵ Basta lembrar Foucault (2007) afirmando que “o” poder está em toda parte, porque provém de todos os lugares

chamados a despertar - a realidade triste que vivem: termos, então, como *inclusão*, *democratização*, *mobilização* e seus correlatos são os dutos destas ações.

No entanto, olhemos para as travestis. Quer dizer, olhemos até onde nos for possível olhar para suas ações. Que elas expressam? Que poder desejam sufocar? Que limite, restrição, coerção quer a sua vontade impor? No entanto, não encontrei nenhuma pesquisa e seu pesquisador afirmando que travestis desejam sufocar um poder e destruí-lo, que deseja impor limites, estabelecer restrições, erguer por todas as partes em seus domínios coerções, injunções, embora que as relações que as travestis travem com “o” poder sejam consideradas relações de poder – a este respeito, parece, cabe-lhes apenas “o” poder de fugir, enganar, burla, etc. -. Contudo, abundam pesquisas de todos os tipos afirmando que o que mais interessam às travestis é “*passarem por mulher*”, “*serem aceitas como mulher*”, “*viverem como mulher*” no meio social. Eu já demonstrei como as produções chegam a esta poderosíssima conclusão. Mas, eu havia pedido que olhássemos para as travestis, isto é, para suas ações a fim de que através dessas ações pudéssemos encontrar, por menor que fosse, um indício de que o seu universo constitucional se fizesse por meio ou em função de bandeiras políticas. E eu havia aludido para o fato de que “o” *poder* quando transformado em desejo o desertava, isto é, afastava-se, distanciava-se, tornava-se independente dele. E tal afastamento, distanciamento como resultado de tal transformação – rompimento – resultava na próxima transformação; quando “o” poder transformado em desejo se transformava em força – o desejo transformado em potência ou em mais força ainda. Voltar, pois, o indivíduo portador de tais transformações/metamorfoses do poder ao jogo de relações de poder disciplinar – ao jogo de forças políticas revelado pelo saber, o grande estrategista do poder – foi uma grande jogada, uma grande cartada, porque aí – aqui é onde Eribon (2008) encontra mais uma razão para sua inteligência – “o” poder apossa-se violentamente dessas forças

independentes para novamente sujeitá-las. Portanto, as questões políticas aí encontradas e encorajadas pelos pesquisadores são muito mais fruto de estratégias do poder (um jeito de funcionar, isto é, de tornar função) – aí ele demonstra a sua imperatividade – do que uma necessidade das travestis em assim atuar. Qual a finalidade delas (estratégias)? Impedir que o processo metamórfico se efetive completamente, isto é, impedir que *a força* se transforme em *afirmação*.

Tendo “o” poder logrado êxito em sua estratégia política pôde, enfim, abrir o campo para que aquelas forças devastadoras, avassaladoras – independentes, criativas e transformadas - pudessem de algum modo continuar a afirmar-se (sob controle), afinal, como diz Foucault, “o” poder produz. O que quis “o” poder? Que estes indivíduos emergissem de suas profundezas, que se mostrassem à luz do dia, que se **assumissem** (gays, lésbicas, travestis, transexuais, etc. etc.); que elaborassem movimentos de independência, de mobilização política, que cobrassem do próprio poder disciplinar – como sua forma de superação – direitos, respeito, tolerância. Por todos os lugares “o” poder ergueu tapumes. A força – o poder transformado em força – que deveria transformar-se em *afirmação* – fora reduzida, pelo poder-saber, a **orgulho e assunção**¹²⁶. As portas do *devir* foram, violentamente, cerradas sob mil máscaras políticas. Portanto, o que temos hoje de mais subversivo – talvez, assumir-se nem seja mais tão subversivo como o fora um dia – é a assunção ou o que muitos apelidaram de “*come out*” ou “*sair do armário*”. Este é o estado da arte, é como “o” poder, estrategicamente, encontrou um meio para frear estas forças momentaneamente; é como encontrou um meio de fazer circular, pedagogizar futuras gerações de pesquisadores a fim de que elas continuem o trabalho de suas antecessoras, isto é, mantenham, conservem suas vitórias e controlem, assim, as forças dissidentemente perigosas.

¹²⁶ Cf. Sedwick, 2007

No entanto, peço que olhemos mais outra vez para as travestis, isto é, para suas ações. E agora, que vemos, que encontramos? Se as vemos e as estudamos, as lemos e as interpretamos é porque as travestis são uma *efetividade*, quer dizer, uma *afirmação*. E o que quer dizer, exatamente, “ser” uma efetividade, uma afirmação? Veja, aqui vemos que a *força* se transformou em *afirmação*. Mas, se a travesti é a efetivação, a afirmação da vontade, do desejo, do querer, do poder transformado em desejo, em força e em afirmação, por fim, então, o que quis “o” poder com aquela estratégia política? Impedir a comunicação da vitória, sua disseminação. Delimitar, restringir, sanitizar os seus efeitos, proteger seus próprios rebanhos de uma provável ‘contaminação’. Contudo, proteger efetivamente de que? De se tornar elas também uma efetivação, isto é, uma afirmação. Quero dizer mais exatamente: protege-se “o” poder contra afirmações – forças transformadas e criativamente transformadoras da realidade – desassujeitadoras negando-as. Todavia, como se expressam estas forças transformadas, estas afirmações, criativamente transformadoras? Expressam-se ou agem impulsionadas por suas vontades de poder, de domínio, por suas vontades de superação.

Os meus “colegas” haviam identificado, mas muito superficialmente a afirmação travesti e, seduzidos pelas estratégias do poder-saber aceitaram, bem como, alardearam que as ações travestis – suas afirmações - eram ações combativamente políticas rebaixando-as assim e espetacularizando-as. Viram ou construíram nesta direção apenas os efeitos de margem (aquilo que parecia uma afronta, uma subversão da ordem estabelecida), viram apenas os desesperos do poder (seu ódio, dores, clamores ou ressentimento mortal expresso no que Eribon (2008) chamou de injúria) e por toda parte onde quer que ele tenha ido instalar-se numa luta vingativa e violenta lutou para reaver, quis reaver aquilo que as travestis – como fizera Prometeus – um dia lhe havia tomado: o *direito* de dar nomes. Portanto, não tenho como concordar com as análises que me antecederam, que afirmam

que o caminho que devem trilhar as travestis seja o caminho da luta política, da mobilização política, do movimento social, quer dizer, os apelos à soberania, pelo contrário, até penso que este deveria ser o último caminho ou ser considerado o caminho do impossível, depois de ter falhado todo um conjunto de outras possibilidades. Elas não nasceram destas lutas, não são produtos destas lutas¹²⁷; são, por isto mesmo, seus antípodas. Portanto, é destas lutas que devem defender-se (distanciar-se)¹²⁸. Mas, então, sei que há entre meus “colegas” a boa e velha indagação saltitando como pulgão e doida para ser enunciada: deveriam as travestis abdicar de seus direitos civis, constitucionais? Deveriam elas desistir de sua inclusão social, do seu respeito e tolerância social, de lutarem por sua *igualdade*? Deveriam desejar estar às margens? E eu lhes pergunto: ***se se pode tomar à força um direito***, por que, então, dever-se-ia por ele implorar, afinal, a que poder foram as travestis pedir permissão, implorar para se constituírem, para se afirmarem o que “são”? Ouço murmúrios: loucura! Loucura! Isto é um louco! Malditas seduções! Afinal, por que até hoje se acreditou que só existia um caminho, uma possibilidade de “luta” e que esta deveria ser a luta política ideológica?

5.4.5.3. O DIREITO DE DAR NOMES

Contudo, todas as lutas travadas pelas “minorias” foram “lutas” travadas para *conquistas de direitos* – pelo menos, é isto que figura em todas as produções. O direito, antes, os direitos, assim, são algo que estes lutadores não tinham/possuíam ou ainda não têm. Quer dizer, o direito pelo qual “lutam” – feministas, gays, travestis, negros, etc. - não está em seu poder, mas no poder de outrem (verdadeira alienação) – no princípio da soberania -, afinal, só se luta por aquilo que não se possui – esta é uma sedução! O direito,

¹²⁷ Nisto Arnaldo Jabor tem razão: travestis nascem de dentro de si mesmas

¹²⁸ Onde se leria que “a melhor defesa é o ataque” poder-se-ia dizer que “a melhor defesa é a distancia”

então, toma a forma da justiça, ou antes, a justiça nos é apresentada como idealmente a expressão fidedigna do direito, ou seja, a justiça (a parte bondosa do direito, sua concessionária) é a concessão do direito – conforme julgamento - ou o que tudo isto quer dizer: o direito age como agente de empoderamento de um poder alienado (devolvendo-lhe sua natureza positiva) concedido por meio de determinados parâmetros sob o título da justiça, mas observante da limitação de seus efeitos restritivos, isto é, subjetivo. O que se quer, verdadeiramente, dizer com tudo isto é que o direito configurou-se como a instância ou força avaliadora superior às individualidades, que as liga e as seduz. Ou seja, *o direito é algo que está fora das individualidades* – uma das mais belas estratégias do poder - e que é assim preciso reivindicá-lo, exigi-lo, peticioná-lo, implorá-lo, no limite, conquistá-lo pelas vias que o próprio poder estabelece como direito. No entanto, uma rápida análise na etimologia de tal palavra – direito – pode-se encontrar uma noção mais interessante e que seria preciso fazer a sua genealogia – a cargo de pesquisadores mais profundos -. Para alguns estudiosos direito vem da palavra *ius* em latim cujo significado original é “*fórmula religiosa*”, “*direção religiosa*” ou “*comando religioso*” e que por derivação de sentido os antigos romanos (clássicos) a tomaram no mesmo sentido de “*direito objetivo*” e “*direito subjetivo*”. Segundo os estudiosos, o termo *ius* derivaria do verbo *iubere* que significa *mandar, ordenar, governar* e da raiz sânscrita *ju* que significa “*ligar*” – unir, igualar, rebaixar, ou seja, fazer obedecer, despotencializar, desvitalizar -. Portanto, a forma latina de direito – *directus* (dirigir) – teria a sua inspiração na *ius religiosa*, isto é, na “*fórmula religiosa*”. O estabelecimento de uma “*fórmula*”, pois, não nasce do nada, nem de uma hora para outra. Ela é produto de relações de forças que se enfrentam. Porquanto, o estabelecimento do *direito* como “*fórmula*” de regulação social (disciplinadora) – que liga, une, junta e submete todos - da qual a moral social, isto é, coletiva, é sua expressão/derivação, e uma de suas funções controladoras, resultou em uma das mais belas

estratégias do poder. Pois bem. Ter reduzido os indivíduos e suas forças para submetê-los a questões de direito foi o meio que “o” poder encontrou para estabelecer a conservação de seu domínio estabelecendo suas concessões, isto é, seu arbítrio. Esse ideal, esta vontade de igualdade, portanto, supressão das diferenças aparentes – uma das grandes sedução do poder -, e que nós reconhecemos como um ideal das modernas democracias, já estava na base, na fundação da própria noção de direito: reduzir todos a um (a igualdade, o coletivo) como “fórmula” de governar, mas que reaparece a partir do séc. XVIII¹²⁹ e fatalmente nos atinge deixando-nos, como diz Foucault (2009): “*num beco sem saída*”, ou antes, com uma única saída: marchar na direção de um *novo direito antidisciplinar*. Mas, então, o que tem as travestis a ver com tudo isto?

As travestis opuseram-se – não digo aqui de uma oposição política, esta odiosa reivindicação de direitos - radicalmente ao poder disciplinar, às suas táticas e estratégias, pelo menos, em sua constitucionalidade travesti. Na verdade, como já havia demonstrado, as travestis superaram “o” poder disciplinar fazendo uso de seus mecanismos e efeitos em seu próprio proveito. O que quero mais exatamente dizer é que lá onde “o” poder expandia-se para dominar, marcar, controlar, as travestis romperam com os ‘fios’, as malhas finas ou as pesadas correntes que as ligavam ao poder disciplinar que as sujeitavam. Tomaram para si o direito – a direção -, isto é, tomaram para si o direito de realização de sua força, isto é, *tomaram o direito à força*. Evidente que isto tem um efeito político, geral e estrategicamente, interpretado pelo poder-saber como contestador, subversor – e os pesquisadores seduzidos pelo poder-saber passaram rapidamente a fabricar suas análises a este respeito nessa direção -, quando dito deste modo sem revelar o que é fundante desta ação e que eu já fiz aqui todas as colocações quando aludi para as três metamorfoses do espírito travesti. Portanto, o direito que travestis tomaram para si é um

¹²⁹ Cf. Foucault, 2009

direito vitalizador de sua própria vida – entram aqui a loucura, o descontrole, a crueldade, a malícia, a maldade, etc. -, é um direito que estabelece suas próprias regras, evidente, ao nível de sua individualidade, é um direito que domina, manda, comanda sua própria ação - e que se sobrepõe a ações outras pelo espírito da competição -, portanto, é um direito e seu próprio juiz; enfim, como todo direito, é também um direito que liga, que junta, que correlaciona, mas que não tem a pretensão de rebaixar, igualar, reduzir, limitar, coagir, restringir, sufocar tudo e todos sob um mesmo crivo valorativo. Portanto, o direito que tomaram as travestis é o direito de dar nomes, ou seja, é o direito de criar novos valores. É, enfim, um direito de superação, de afirmação.

Ainda pouco dizia a respeito das três metamorfoses do poder ou do espírito travesti; também dizia a respeito das seduções do poder-saber que tudo quer rebaixar a interpretações políticas, isto é, quer criar e naturalizar um campo de batalhas políticas para o qual não há saídas, ou antes, como nos diz Foucault, só há uma saída, a criação de um direito antidisciplinar. Contudo, gostaria de lembrar um ‘fato’ muito corriqueiro entre as travestis e que, geralmente, os pesquisadores não o estudaram a fundo, talvez, imaginando que isso fosse uma coisa secundária, mas, no entanto, o identificaram. Em verdade, já tomei uma primeira vez este ‘fato’, contudo, não o aprofundei porque naquele momento o interesse era outro. Peço, portanto, licença para voltar novamente a este texto (citando-o), mas desta vez para aprofundá-lo, isto é, para mostrar-lhes a profundidade menos do intérprete do que da força da informante. É um texto que aparece na obra de Benedetti (2005) que diz,

O desejo [leia-se, “o” poder] de transformar-se é **um sentimento puro e “ingênuo”**, que **não traz em seu escopo “malícia” ou “maldade”**. É algo que sempre foi assim [...], ([...] como me afirmou Célia) [...] e que dificilmente pode ser mudado ou redirecionado (BENEDETTI, 2005: 101) O grifo em negrito é meu

Alguém poderia, então, assim afirmar que a despeito disto tudo seria possível dizer ou ter por ideia um estado de “pura natureza” ou viver num “estado selvagem” e, rapidamente, todo tipo de oposição erguer-se-ia em seu combate. Mas, de qualquer forma, um indivíduo que estivesse muito próximo do que, porventura, considerássemos um verdadeiro estado de “pura natureza” – caso fosse isso possível - degeneraria fácil nas malhas discursivas de nossas interpretações, porque, assim, tal é o nosso melhoramento ou aperfeiçoamento em espécie. Mas, não é este o caso, este texto não fala disto. Quer dizer, este texto fala disto, mas não desta forma que expus. O texto, portanto, expõe claramente o embate das forças.

Interessa-me, pois, mais uma vez, lembrar para o fato de que o poder ou o que chamo, às vezes, o espírito travesti, sofre algumas vicissitudes, ou seja, passa por algumas transformações ou metamorfoses. A última transformação, pois, é aquela em que a força se transforma em afirmação. Ou seja, a afirmação é estetizante, o desejo transformado e transformador, isto é, sua fase criativa. Benedetti (2005) identificara na fala de sua informante – Célia - o princípio de tais transformações, mas deixara em segundo plano ou não lhe dera a devida atenção. A afirmação é, justamente, esta inocência, esta pureza, esta ingenuidade, esta infantilidade/infância com que Célia e Benedetti (2005) a descrevem. Quando o poder sofre seu primeiro revés, quero dizer, exatamente, quando o poder – o espírito travesti - muda sua direção no jogo de suas correlações, quando vem à tona e mostra-se na forma transformada e antecipada de desejo – este impulso indomável - se transforma junto com ele “o” poder disciplinar que procurará de todas as formas possíveis interromper – esta interrupção tem nome institucional: a anormalidade, inaturalidade,

insanidade, ou desvio, toda a taxonomia que inventaram para marcar estas criaturas - o curso de suas transformações¹³⁰.

O erro clássico, talvez, seja imaginar que deste princípio de individuação, de independência, de maior idade, de vontade – mais tarde de força e afirmação - interprete-se e interprete-se mal que “o” poder disciplinar trabalhe, por meio de seus aparelhos coercitivos, para expulsar os desordeiros, empurrá-los para as margens quando, na verdade, todo o trabalho que o poder disciplinar tenta/tentou realizar – e com algum sucesso – é/foi impedir que a série de transformações/metamorfoses do poder transformado se conclua/isse, isto é, que o poder transformado chegue/chegasse ao nível da *afirmação*. Não. Está na ordem do próprio poder transformado, isto é, o desejo, o interesse de apartar-se, afastar-se, distanciar-se. Portanto, nasce a partir desta necessidade íntima, interior, pulsional do desejo, o desejo de um novo começo, de um novo começar. Sua vontade afirmativa, portanto, tendo abandonado ou perdido o antigo mundo (o mundo do poder disciplinar), cria um novo mundo onde tal vontade seja aí senhora, possa aí *dar nomes*, isto é, possa inventar, criar, nomear, estetizar este mundo novo para submetê-lo à sua vontade de poder, domínio.

Contudo, “o” poder tende, evidentemente, a se superar tal qual o poder transformado. Basta-nos, assim, lembrarmos o que significou a passagem do *poder soberano para o disciplinar* e este, em vias de superação, para uma nova forma, uma de suas metamorfoses, de sua transformação, o que se chama de *controle*. É aqui, novamente, onde ele procura diluir, reduzir, desmanchar, rebaixar às diferenças percebidas em cálculos, códigos, cifras (em igualdade: todos nós somos um número, um código, uma

¹³⁰ Não nasce daí, talvez, a imperatividade que o poder exige das inúmeras assunções? Não exige “o” poder que os desordeiros assumam, afirmem sua desordem e que no limite lutem por seu estabelecimento sujeitando-se para isto ao jogo de seus estabelecimentos? E para que? Com que interesse “o” poder os incitou a emergirem de suas profundezas, de seus quartos escuros? Com que interesse “o” poder passou a exigir que se pronunciassem, confessassem, que enunciassem, que produzissem verdades sobre si mesmos, no entanto, verdades esperadas, sentidas, controladas já pelo próprio jogo das correlações de poder que os nomeavam antecipadamente?

cifra) expandindo antigos modelos, atualizando velhos sistemas para continuar a dominar. O panóptico – lembrar o Panóptico de J. Bentham que Foucault analisou - já não é mais e apenas aquele grande olho que vigia do alto de uma torre estrategicamente localizada num espaço determinado; ele se expandiu – está em todos os lugares, em toda parte - e ganhou novo *design*, desenho mais sedutor do que nunca, que se interliga com diversos outros canais – poder-se-ia mesmo dizer que o panóptico de Bentham se superou -; a soberania não é mais aquela antiga forma de decidir pela morte, mas agora a de gerir a vida. Diz-se, pois, que antigas formas de dominação quando prospectivamente comparadas com o que se poderá assistir de futuro parecer-nos-ão verdadeiras brincadeiras de criança. Mas, não me delongarei neste assunto mais.

Portanto, todo o trabalho que travestis realizam, mas que não está, digamos, na intencionalidade política (sua ingenuidade, inocência, falta de malícia ou maldade, sua natureza *sui generis*), pois seu trabalho não nasce como necessidade política – pelo menos, esta pequena política amesquinhadora com que geralmente vemos as análises insistentemente reduzindo travestis -, mas, é contingencialmente trabalhado na perspectiva política como sendo esta uma de suas necessidades que, particularmente, interpreto como uma estratégia do poder-saber para impedir que a série de transformações do próprio poder – o espírito travesti, o espírito liberto – chegue à sua conclusão, isto é, chegue à realização de sua vontade, à afirmação. E uma das estratégias do poder para evitar que as metamorfoses do poder transformado se concluam é saber¹³¹ dobrar-lhe – seduzi-lo – com toda uma nova série de desejos, de vontades, enfim, de necessidades produzidas pelo próprio poder. E é, aqui, justamente, que “o” poder disciplinar flexibiliza “o” poder disciplinar entraram em crise -, dialoga, comunga e se supera. A *inclusão social* aí desejada – pelo que se luta - é a nova forma do poder: a instituição do controle (efeitos de

¹³¹ Armar bem as estratégias e táticas para impedir o seu movimento (transformação)

liberdade aqui é fundante: não estar preso a espaços). Não é à sua crise (do poder disciplinar) que assistimos; é antes, o que assistimos, a sua superação na forma nova do *controle*. Assim, o reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo¹³² (biológico) não significa que o antigo direito entrou em crise e foi sepultado ou que a velha moral (impermeável), como braço forte deste direito, tenha conjuntamente com ele entrado em crise, falecido e sido sepultada. Não. No embate das forças – forças internas ao próprio poder: forças progressistas¹³³ X forças conservadoras¹³⁴ - “o” poder triunfou. Então, alguém há de indagar-me: as forças homossexuais não entram na luta, no jogo de correlações de forças? A resposta é só uma e simples: não – o que assistimos, às vezes, são homossexuais des-*apropriados*, assimilados – como tão bem relatou Nestor Perlongher¹³⁵ - pelas forças progressistas do poder (sujeição) lutando pela legitimação – contra os ataques das forças conservadoras -. Todo esse jogo é jogo de *representações de forças* que procura alternar-se na condução da sociedade: ora liberais demais, ora demasiadamente conservadoras. E é a isto a que se presta o saber como estratégia do poder: seduzir-nos, representar-nos (não é a nossa política de fato?), fazer-nos acreditar que a união estável, por exemplo, é uma conquista gay, homossexual, quando, na verdade, a união estável homossexual (ou civil) é uma conquista de forças progressistas que assimilam as *tendências afirmativamente fracas* do poder sob o forte acicate do conservadorismo do próprio poder – para sujeitá-las visando garantir o efetivo domínio de forças afirmativas exteriores ou superadoras de tal domínio contra o esfacelamento ou a total decomposição do sistema todo. O que nós interpretamos como crise – por exemplo, nessa fase de transição entre o poder disciplinar e o controle – é o embate feroz de forças internas ao

¹³² Que vitória para esta perspectiva do conhecimento do poder-saber!

¹³³ As responsáveis pela expansão do poder, por conquista de novos territórios, as que vão em busca de novos domínios ou procuram sedutoramente re-conquistar o que se havia perdido

¹³⁴ As responsáveis pela conservação do sistema e que, no limite, se não agilmente superadas pelas forças progressistas levariam todo o sistema de dominação/controle à sua decomposição total

¹³⁵ Cf. Nestor Perlongher in “O desaparecimento da homossexualidade”

poder em impor sua vontade e fazer da outra força uma *função*. É desta lógica que deveríamos tentar nos defender.

É, justamente, quando ensaiamos os primeiros passos em direção contrária a esta lógica que vemos aparecer, surgir, materializar-se diante de nossos olhos toda uma nova possibilidade, toda uma nova perspectiva na interpretação. Não é só, portanto, “o” poder disciplinar, então, o único a sofrer metamorfoses. O saber também experimenta sua transformação afirmadora. Já não é mais uma estratégia de guerra – pelo menos, não da guerra mesquinha -, de combate, um desejo de imposição pelo limite, pela restrição, coerção, pelo ressentimento, como que a representação ou representatividade mais fidedigna do próprio poder disciplinar. O saber transformado é a própria afirmação – que se eleva cada vez mais em potência - que a partir daí só sabe e quer dizer *sim*, isto é, o saber, o conhecimento, é o saber ou o conhecimento de uma prática de vida, porque tudo converge para a questão da vida, sua afirmação. Quer dizer, fora de toda a velha lógica do conhecimento – do poder-saber – devemos nos indagar, então, a serviço de que prática de vida – ativa (afirmativa) ou negativa (reativa) – se coloca um determinado saber que se apresenta a nós. Portanto, quando uma travesti diz que a sua travestilidade, ou antes, a sua constitucionalidade travesti é de natureza *ingênu*a, *inocente*, sem *maldade* ou *malícia* ela está nos comunicando antes de tudo que o saber – a produção da verdade aí -, suas enunciações, sua discursividade, não pretende senão ser a sua própria constitucionalidade afirmativa, ou seja, a sua vontade. Quer dizer, a verdade só pode ser a expressão última de sua própria constituição como afirmação – sem as adjudicações morais do poder -. O saber produtor de tal verdade não é senão o próprio poder transformado na forma de afirmação. E a afirmação que é senão esta infância – *ingenuidade*, *inocência* - criativa, esse poder de dar nomes a um mundo novo que ela mesma inventou?

O instinto de conservação ensina rapidamente a ser leviano, volúvel, falso.

Nietzsche in “Além do Bem e do Mal” 77

CAPÍTULO VI

6. CRÍTICA DA RAZÃO SUFICIENTE¹³⁶: TRÊS RAZÕES, TRÊS ERROS

Identifiquei desde o início de minhas investigações toda uma série de razões suficientes que procurava demonstrar – senão aludi-la, lembrá-la, pensá-la, e mesmo denunciá-la, etc. - a *masculinidade* como *metafisicamente inscrita*¹³⁷ no corpo biológico da *travesti e sua falsa – fantasiosa – feminilidade*. O princípio do qual todas as menores interpretações, todas aquelas sem luz própria, de menor grandeza, embora querendo apoiar-se nos grandes astros, falhavam, antes, cegavam ante sua luz demasiada. O princípio primeiro, portanto, desta razão suficiente que se acha nas interpretações diversas é o da biologia – *o corpo substancial/biologicamente masculino* -. Afirmam as mais variadas interpretações que *travestis são todos biologicamente masculinos*¹³⁸.

Aqui, então, é onde a razão suficiente se insuficientiza. Não há como explicar, não há razão suficiente na predicalização do biológico como masculino senão por um *ato de vontade*. Toda a unidade sintetizadora desta relação de que se tenta lançar mão é falsa. Primeiro porque o que as interpretações chamam de biológico é uma unidade sintética

¹³⁶ Chamo *razão suficiente* aqui à articulação, a interpretação que trabalha para inteligibilizar as travestis reduzindo-as à velhas ideias revestindo-a com mantos novos

¹³⁷ Embora que de todo modo se tenha lançado mão de fachadas novas

¹³⁸ E quando não o afirmam este estado de coisa categoricamente encontram nas máscaras o instrumento suficiente e eficiente da alusão

discursiva (falsa na sua universalidade), uma vontade de domínio, ou antes, o biológico aí é apenas uma crença substancialista, nova fachada metafísica, um decalque seu, uma dominação, uma imposição de poder, mesmo, uma ação inteligente metaforicamente elaborada; segundo, o que chamam de masculino não existe no biológico como forma ou como substância potencial – senão que o biológico (natureza orgânica) e o masculino (natureza social, cultural) são forças correlacionadoras sintéticas -, senão, como interpretação – acidente -, isto é, como *querer*, como *vontade*, como estratégia do poder. Não é à toa, pois, que todos os grandes tratados sobre travestis e os seus bons gênios dediquem tanto tempo na apreciação de seu corpo, de suas transformações, de seus cuidados, para alguns, de sua “reinvenção”¹³⁹, para outros de sua “correção da natureza”¹⁴⁰. Não admira, no entanto, que todo grande tratado sobre travestis demore-se tanto tempo e, às vezes, seja ele todo, apenas um narrar, dissertar, interpretar, comentar do corpo das travestis (suas reinvenções, fabricações, construções), mas, que, no entanto, não sabe ele mesmo o que é o corpo e a respeito do que ele é capaz ou pode, portanto, “fala”, narra, disserta, comenta, extrai, interpreta o que não sabe o que faz, ou antes, que reduz o corpo a uma unidade identitária (estética e julga que fez grande coisa) cultural (princípio da identidade), a uma unidade culturalmente política e aí o executa: cria a sua verdade. Esta é, então, a primeira razão e o primeiro erro.

Daqui em diante as consequências são demasiadamente lógicas (causais) e esperadas; são encadeamentos nodais dos quais já se espera determinados resultados. Não é nenhuma novidade, pelo menos, para os mais profundos, os mais escalados, os mais silenciosos, os mais lentos que tudo souberam apreciar de um certo perímetro à distancia. Um corpo, assim, entendido, sustentado, fixado, reificado, constituído num regime de verdade que não é da ordem do próprio biológico, mas, politicamente, uma interpretação

¹³⁹ Cf. Bento,

¹⁴⁰ Cf. Silva, 2008

do social, do cultural em relação ao ou sobre o biológico, uma arquitetura nova e epistêmica capaz de discursivamente, por intermédio de estratégias do poder-saber, ligar de tal modo, fazer aparecer uma unidade sintética (orgânico e social), da qual só por meio da força – violência mesmo -, de um ato do querer, da vontade é que ela se estabelece e historicamente se naturaliza - por meio dos processos disciplinadores que erigiram para assim fazer -, firmando-se como verdade. A maravilha, portanto, apreendida por todas as investigações científicas sobre travestis reside no fato delas poderem demonstrar a capacidade que travestis possuem de fazer o orgânico (biológico) rebaixar-se¹⁴¹ por meio de uma *reinvenção, reforma, reconstrução, fabricação* por intermédio do minimamente político ou do pequeno político.

Temos, então, um duplo caráter de rebaixamento: 1) Travestis rebaixam¹⁴² - corrigem, fabricam, constroem - a “sua natureza” ao tentar modificar a causalidade natural – que prefiro chamar orgânica – do seu gênero para emprestar-lhe um novo valor (significado): espetacularizam tal ato; 2) Travestis rebaixam a própria causalidade social (revelando sua irregularidade, estado anômico), cultural em relação ao gênero ao tentar submetê-la ou adequá-la ao primeiro rebaixamento orgânico-causal. Depreende-se, porquanto, disto que travestis atacam, sem o querer, duas discursividades categóricas: 1) A que afirma a naturalidade orgânica/biológica do gênero – o fundamento ôntico - inscrita potencialmente no corpo biológico; 2) A que disciplina, condiciona, moraliza esta naturalidade orgânica em valores e regras sociais, culturais. A consequência, portanto, destes ataques travestis às estruturas de poder e o desafio que lançam às estruturas de saber, forçando-as a apresentarem algo novo, a se superarem, não lhes permitirá sair incólumes destas relações de forças que se estabelecem/rão à sua volta. Em nome das

¹⁴¹ O rebaixamento aqui entendido como o que as investigações chamam de processo de construção, reinvenção, de feitura, estetização que travestis aplicam a seus corpos

¹⁴² Cf. Chiland, 2008

discursividades quebradas, destruídas, “o” poder procurará restabelecer, por todas as vias que achar necessário, o reequilíbrio de forças e o estabelecimento da verdade; em nome das discursividades quebradas, destruídas “o” poder disciplinar servir-se-á de sua força de conservação¹⁴³ para atacar impiedosamente as travestis fazendo-as enxergar que suas ações dirigiram-nas para a sua própria desgraça¹⁴⁴: econômica, social, emocional, etc., mas também se servirá de sua força progressista¹⁴⁵ para seduzi-las e administrar-lhes-á, paulatinamente, em doses homeopáticas, sua vacina anti-exclusão social inserindo-as em seu meio e sob sua custódia: nasce o controle. Aqui, então, se acha a segunda razão e o segundo erro pelos quais as travestis são avaliadas ou passíveis de análise.

As ações destruidoras que praticam travestis em relação aos *estabelecimentos* são rapidamente atacadas pelo poder, *reativamente*. “O” poder, então, identifica a causa da perturbação e propõe uma qualificação para esta causa. A causa de tais perturbações, evidente, são as próprias travestis, a qualificação que lhe dotam: a *ambiguidade*. Temos, então, que a ambiguidade aventada pelo poder-saber para qualificar ou designar travestis, diga-se, é o último recurso¹⁴⁶ – pelo menos até aqui - de que lançou mão ante uma ameaçadora e perigosa tentativa de total destruição. Fazer existir e relacionar em forma de unidade sintética – de síntese de gênero: maquiagem para a perpetuação do binarismo de gênero – o feminino como causa/representação social e o masculino como causa orgânica foi necessário para que toda a episteme de gênero não ruísse e com ela “o” poder disciplinar abrindo-se, assim, para novas aventuras ou para uma novidade que poderíamos nomear de *trans-gênero* – o *transgênero*¹⁴⁷ ainda não existe -. A ambiguidade travesti é, pois, a reestruturação de velhíssimas ideias e afirmações que procura mostrar-se com uma

¹⁴³ Que a inteligência científica contemporânea chama de conservadorismo, moralismo, fundamentalismo, atraso intelectual e tantos outros termos correlatos

¹⁴⁴ Culpabilizam-na, responsabilizam-na

¹⁴⁵ Que a inteligência científica contemporânea chama de consciência política, respeito, tolerância, direitos e tantos outros termos correlatos que usam para demonstrar a confiabilidade de suas ações

¹⁴⁶ O reequilíbrio de forças pro - poder disciplinar

¹⁴⁷ Farei uma análise um pouco mais detalhada adiante

cara nova; é a reestruturação do *des-equilíbrio* das forças pró poder disciplinar, é o processo de pasteurização da força travesti; é a ante-hierarquização das formas – sua igualação propedêutica e política –, é mais um novo triunfo seu. Aqui está, então, a terceira razão e o terceiro erro.

6.1. CRÍTICA DAS TRÊS RAZÕES E DOS TRÊS ERROS: DAS SUAS INSUFICIÊNCIAS E SEDUÇÕES

O corpo biológico é aquilo que já deveria ter sido *superado*. No entanto, sua superação significaria de algum modo a própria superação do poder disciplinar e de seus arranjos de dominação e *igualação*. Afirmar, portanto, o corpo como unidade biológica específica significadora significa manter/conservar “o” poder que aí o instituiu, o estabeleceu e criou regras – regularidades – de percepção e funcionamento. Isto significa dizer que do ponto de vista da pequena política o biológico é a única maneira de manutenção e sustentação de seu fundamento político regulador: o estado moribundo metafísico do poder. Não é possível, pois negar o corpo biológico¹⁴⁸, porque “o” poder não pôde ainda inventar um substituto a altura do biológico. Nega-se, no entanto, a feminilidade incorporada¹⁴⁹ a este corpo e o próprio corpo travesti caricaturando ambos (corpo travesti e feminilidade), retirando de sua significação travesti o corpo especificamente biológico (do macho) ao qual é incorporada a este corpo caricato uma *outra feminilidade*, criando, assim, uma diferença assujeitadora, dando-lhe o título, a

¹⁴⁸ Portanto, não é gratuitamente ou por falta de uma interpretação mais profunda que as travestis são sempre apresentadas como “*biologicamente masculinos*”. É “o” poder que impõe o cumprimento desta sua norma/regra/moral.

¹⁴⁹ Numa forma que designam como “*outro feminino*” ou como “*feminino travesti*”, por favor, cf. Benedetti, 2005

qualificação pejorativa de ambiguidade e reconhecendo que suas ações são subversoras¹⁵⁰, mas dentro de um quadro geral de controle normativo; é uma bela estratégia. A travesti, então, é dotada de um gênero novo, especial. A novidade aí, então, apresentada é a velhice, a caduquice da ideia de novidade, a burla, a farsa e o controle. A grande defesa aqui é manter a ordem das coisas: o corpo biológico (que identifica, digamos, o passado metafísico da travesti e a denuncia a cada instante em suas relações), a injúria como causa de sua realidade miserável, pulsão ou ideal da afirmação orgulhosa fraca, da assunção (o mecanismo que lhe tira do eixo de superação afundando-a em pequenos, mas renitentes problemas), o saber que interpreta e nomeia a força travesti dotando-a de uma ambiguidade (sua sentença controladora, fragilizadora). Portanto, o feminino travesti é um feminino-tipo que não pode ser comparado com o *feminino-feminino*, isto é, com o feminino das mulheres, antes, na comparação, o feminino travesti deve ser visto em grau menor ao *feminino-feminino*, ao feminino-mulher ou mesmo como o *outro feminino*, um simulacro. O feminino aí não pode ser encarado, visto, ridicularizado e debochado, sobretudo, competido¹⁵¹, como fazem às travestis, em relação às mulheres. Há inúmeras afirmações travestis que dizem que as travestis são *muito mais femininas*¹⁵² do que as mulheres, que trabalham incansavelmente para esta superação. Inócuo, portanto, é todo o seu trabalho. Nas interpretações, o feminino travesti – que já é uma excrescência do poder-saber - é revestido de uma pele subversora sedutora – cujo significado político parece avassalador -, mas que é preciso saber identificar o que está por baixo desta pele, qual é, realmente, a sua má intenção sedutora.

Os meus “colegas” – os pesquisadores – encontraram apenas em relação às travestis os meios pelos quais o poder disciplinar procurava conciliar as travestis com suas

¹⁵⁰ O querer do poder

¹⁵¹ Não se admite uma competição neste nível

¹⁵² Cf. Denizart, 1997; Kulick, 2008;

estruturas normativas e identificaram mal – na verdade, aqui habita uma grande estratégia separatista - ao afirmar que “o” poder desejava excluí-las e, no limite, as excluiu. Há, então, em torno das travestis toda uma fenomenologia mitológica que cresce em demasiados estudos científicos. Talvez, então, o primeiro mito seja aquele de uma contracorrente científico-intelectual – da qual os badaladores da inclusão social travesti é produto – que se opõe ao poder disciplinar propondo e exigindo a inclusão travesti em suas estruturas de domínio. Medem-se bastante mal tais pesquisadores. Eles próprios são braços do poder disciplinar, são seus canais seminíferos. Estes aí que exigem a inclusão travesti e exigem de um ponto alto do saber constituem ou podem ser intitulados na divisão hierárquica do próprio poder-saber de *os progressistas*. Fazem oposição, é verdade, mas menos ao poder disciplinar e mais a *ala conservadora* deste poder de que também se serve “o” poder procurando dominá-la e reconhecendo sua importância para a boa saúde do poder disciplinar. Os progressistas e pesquisas progressistas são os grandes reformadores, ressignificadores, *reacionários mascarados*, os meios de superação do poder, de seu alargamento e oxigenação. *Os progressistas* são os responsáveis por dar, criar significados, sentidos, rumos, nortes, por emblocar, classificar, minimizar, sujeitar, desvitalizar, diminuir, embaralhar, vitimizar e, sedutoramente, propor do ponto de vista do interesse do poder resoluções burocráticas. *Os conservadores* são radicais, precisam ser afastados dos centros principais de domínio – sem ser destruídos pelos progressistas -, porque não admitem reformas em suas ideias, uma vez que, reformas implicam em mudança de direção, que implicam em mudança radical e pessoal nos centros principais do poder. É por isto que lutam os progressistas disfarçados sob mil máscaras aparentes. Estas duas hierarquias do poder disciplinar disputam os significados da injúria – procurando monopolizar os mercados de significações - apontadas como elemento fulcral e fundante

da personalidade dos “anormais”, sobretudo, de homossexuais, lésbicas e travestis, apontados por Didier Eribon¹⁵³.

As transformações trazidas pelas travestis não são apenas meras transformações. Na verdade, são destruições. Elas “atacam e destroem” *ingenuamente* o poder disciplinar e seus centros de poder como a medicina – ao injetarem hormônios e silicone industrial em seus corpos sem prescrição (destroem o controle médico-discursivo) -; atacam a biologia – sua fisiologia e anatomia – ao instituírem novos valores à fisiologia e à anatomia -; atacam o saber propondo um novo valor para o corpo, para o gênero, para a vida e para o próprio saber, conhecimento -; atacam a política ao antipatizarem com esta – e tantos outros. É um ataque apenas, mas que se distribui e se sente em cadeia¹⁵⁴ porque é assim que “o” poder funciona: em cadeia/rede, portanto, é em cadeia/rede a ação reativa do poder. Porquanto, aqui é onde o *progressismo* e os *progressistas* do poder ordenam-se cientistas, intérpretes/tradutores, analistas e tornam-se para “o” poder disciplinar *funções*. Tornarem-se “funções” significa estar debaixo de ordens severas, fortes, vigilantes; significa estar sob o controle de forças muito mais poderosas do que o poder da própria função – que é o poder das instituições do saber - que lhes obriga a agir de tal e tal modo, que lhe condiciona o pensamento. A ordem, portanto, que se impõe ao jogo das correlações de poderes – do qual a travesti neste âmbito aparece apenas como objeto de disputa, de domínio – é o de conservação. “O” poder aí age falsificando “o” poder travesti. “O” poder disciplinar que maltrata, humilha, caçoa, intimida, injuria e mata é o mesmo poder que observa tudo isto e propõe política de segurança, de ação de controle, de saúde pública, de emprego, educação e renda; que mina a base forte do poder travesti destruidor. É o mesmo poder que nos faz pensar que a melhor forma de resolução desta guerra é a sua inclusão –

¹⁵³ Cf. Eribon, 2008

¹⁵⁴ Dando falsa impressão de que atacam em várias frentes

travesti – nas estruturas normativas do poder – econômica, cultural, social, religiosa¹⁵⁵, etc. Portanto, “o” poder disciplinar por meio de estratégias do seu saber – de suas instituições de saber - age rapidamente para tentar superar uma forma de saber travesti que desafia e, no limite, mesmo que não intencionalmente, destrói aquele outro. Qual é, então, a (s) estratégia (s) do poder disciplinar para restabelecer a seu favor *o jogo de correlações de força*?

O saber – mesmo que não seja o saber especializado - necessita nomear para poder conhecer, ou seja, precisa criar um vínculo identitário (formas) – processos falseadores, metafóricos - com o objeto com o qual deseja ou quer relacionar-se. No entanto, o “simples fato de dar nomes” a determinadas coisas ou às coisas em geral já estabelece na própria relação de saber a qualidade da força que nomeia. Percebe-se, portanto, que o saber enquanto função ou estratégia da força que domina na relação estabelece pela imposição, pelo querer aquilo que é da sua vontade que seja sabido. Assim, é o sabido, o inventado, o criado e o crido estrategicamente pelo saber em nome do poder que travestis destroem, isto é, travestis destroem todo o processo metafórico, histórico de confecção do saber revelando não apenas o seu engodo, mas desnudando os mecanismos, os meios, as condições de seu processamento. A reação do poder disciplinar é imediata. É preciso re-criar todo o jogo metafórico do saber aceitando e negando as travestis e suas participações no cenário social. Aceita-se quando a turma progressista do poder-saber propõe mudanças estruturais e nega-se quando a ala conservadora do poder-saber acredita poder dominar lá onde sua destruição é bastante pronunciada, acentuada e que não há outro meio de continuar dominando senão se superando. Portanto, aceitar e incentivar políticas de inclusão dos excluídos na sociedade não significa um avanço, uma prática caritativamente cristã, uma boa consciência político-intelectual, uma compaixão praticada pelas elites dominantes, mesmo

¹⁵⁵ As Igrejas Inclusivas são os seus resultados

uma concessão, nem mesmo que temos uma ciência e um saber superiores ou mais desenvolvidos a outros em determinados tempos e espaços, ou mesmo em comparações históricas. É antes e estrategicamente uma maneira localizada de superação do seu próprio condescimento, de sua total destruição. Aceitar e incentivar travestis no cotidiano das instituições significa antes de qualquer coisa transformar a força ativa travesti em uma força reativa (integrá-la, torná-la *igual*), isto é, significa reduzi-la, rebaixá-la ao moderno, isto é, aos ideais da revolução francesa, sobretudo, àquele que tange a *igualdade* para dominá-la, isto é, dominar sua *atividade*.

Voltando, então, ao problema que propus na última linha daquele penúltimo parágrafo o poder-saber necessitou identificar algumas características na força ativa travesti que contivesse seu próprio elemento ou um pouco de sua própria razão e encontrou. Retomou, então, o problema de onde as travestis o haviam superado: do biológico, mas também do social: do gênero. O poder-saber, então, estava em condições de dar nomes, de criar e assim o fez ao diagnosticar, sentenciar e condenar as travestis à sua *ambiguidade*. O poder-saber passou a fazer o elogio da ambiguidade travesti em termos novos. Seus inventores valorizaram a ambiguidade a tal ponto que poderiam enganar até a si mesmos de suas intenções. Deram-lhes, às travestis, então, um novo gênero em substituição à sua marca patológica, inseriram-nas nos confrontos e batalhas políticas por direitos que até, então, travestis haviam passado sem tais direitos, ou antes, haviam sobrevivido da instituição de seus próprios direitos, suas verdadeiras criações. O poder-saber daí em diante não parou de criar novos desejos, títulos, novas comendas, novos horizontes, novas problematizações para e entorno das travestis. Aceitas pelo poder-saber, pelo poder disciplinar, primeiro, com o reconhecimento de que o poder disciplinar lhe furtava o direito – de viver com dignidade e a dignidade aí é a medida do próprio poder disciplinar: viver normativamente a saúde econômica e somática, cultural, religiosa, etc. - e

em detrimento disto a injuriava, maltratava, humilhava e até matava criou as condições necessárias para fundar todo um conhecimento a respeito das travestis. Criou e justificou tais condições. Assim, não é à toa que se possa ler hoje sobre travestis o que o poder-saber especializado vocifera:

Marcadas por nossa sociedade conservadora e influenciada pelas premissas do heterossexismo e do patriarcalismo, **as travestis experimentam todo tipo de discriminação, desde serem travestis profissionais do sexo até outras complicações, dadas as associações com a pobreza, com a cor da pele, as práticas sexuais e as classificações de gênero.** [...] fica patente a relação direta entre a experiência da estigmatização, processos de exclusão e naturalização da violência, que funciona como entorpecimento da vida das travestis, enfraquecendo suas auto-estimas e suas crenças na possibilidade de mudanças em suas reais condições de vida (PERES, 2005: 64) O grifo em negrito é meu

A força ativa das travestis forçou, mas sem ser primariamente esta a sua intencionalidade quando de sua constituição ou metamorfoses de seu poder, o poder disciplinar a se reformar, reformular, ressignificar, reestruturar-se, a se superar, mas de um ponto de vista da própria constituição do poder disciplinar: *a reatividade*. O que se propõe como superação do poder disciplinar é deixar, sair, abandonar um modelo de sociedade excludente (práticas), quer dizer, de “*sociedade conservadora*” para fazer surgir, nascer um tipo de *sociedade progressista* – espiritualmente mais elevada -, inclusiva e controladora, ou seja, a sociedade de controle. Aqui fica muito mais nítido o fato do embate interno de forças determinadas do próprio poder disciplinar procurando levá-lo à superação e evitar, assim, a sua total destruição por forças mínimas, mas ativas e capazes de levar o poder disciplinar à sua destruição. Então, encontramos aí, nas propostas de uma sociedade progressista por oposição à sociedade conservadora a erradicação das diferenças sociais da pobreza, da cor da pele, da sexualidade, do gênero, etc. Contudo, muito mais interessante notar é como o poder-saber passa a encarar as travestis, isto é, como o poder disciplinar investe contra si mesmo como estratégia de superação. Vemos, assim, nascer sob a égide

do poder disciplinar – embora que isto seja visceralmente negado - uma multidão de novas formas, de novas práticas, todas contestadoras, reivindicatórias, revolucionárias, hedonistas, todas de algum modo respirando liberdade e independência, saltitando por todos os lugares. Anti-criativas, misturam coisas velhas a coisas mais velhas ainda e chamam a isso de *multidões queer*¹⁵⁶ - por oposição e superação à velha ideia de minorias - numa esfera político-social de pós-humanidade como pós-modernidade.

6.2 TRANS-GÊNERO: A ÚLTIMA SEDUÇÃO LANÇADA ÀS TRAVESTI

A ideia de uma *trans-generidade* ou de um *trans-generismo* deveria significar e ser muito claro para todos que dele/a tratam, mas não é. O prefixo *trans* que significa *além*, *para além* deveria significar justamente o que quer significar, mas não significa e, portanto, se nos perguntarmos: o que é que está *além* ou *para além do gênero* ou de outro modo: é possível um *além do gênero*? não teríamos uma resposta rápida a dar. Mas, o problema sem resolução assombra a todo instante àqueles que desejam, que procuram pelo menos por uma resposta mais significativa. Pelo menos, entre as teorias, os teóricos e os próprios transgêneros o gênero enquanto unidade mínima conservadora (identidade) e performática com a qual os sujeitos se expressam do ponto de vista do gênero em suas relações já deveria ter sido abolido. Portanto, por trás da *promessa do trans* o que encontrei foi apenas a desoladora *multiplicação do mesmo* (gênero) ou o que chamam agora de *multidões* com acentuadas variações do mesmo tema¹⁵⁷.

Há, então, em curso uma proposta *sexopolítica queer* que se destina a criar as condições de desmascaramento e de desmantelamento e de constante enfrentamento com os processos normalizadores (inclusivos) pelo qual “o” poder disciplinar estrategicamente

¹⁵⁶ Cf. Preciado, 2011

¹⁵⁷ Retomarei um pouco mais adiante a partir deste início

procura desvitalizar, despontencializar determinadas potências individuais ou de determinados grupos. Seus confrontos vão das ações às confecções ou produções do saber de um ponto de vista renovado e questionador. As ações sexopolíticas, então, dos *queers* como eu as enxergo é uma *ação política de ocupação*¹⁵⁸ de determinados espaços – a instituição do confronto pela negação - ou que Preciado (2011) sob a inspiração filosófica francesa chama de *desterritorialização*. Isto não significa simplesmente abandonar o gueto, mas ocupar (territorializar) o mais que possível todos os espaços urbanos, isto é, desterritorializá-los de potências normalizadoras ou entrar em confronto nestes espaços sagrados a fim de dismantelar seu domínio, físico-somático (corpo), culturais, etc. para promover aí a sua desestruturação normalizadora, provocar o colapso em todos os níveis. Não é, pois, uma batalha política por reivindicação de direitos, por reformas epistemológicas, por enquadramentos no ordenamento moral, mas por efetivação de potência. É, por assim dizer, uma batalha pela funcionalidade do pós-moderno como pós-humano, ou antes, do pós-humano como pós-moderno: abolir as clivagens de “homem/mulher” do ponto de vista do gênero e “hetero/homossexual” do ponto de vista da sexualidade. Isto é, é uma agência cujo significado seja revitalizar a própria agência política individual e coletivamente (expressão da multidão). As travestis, então, são vistas como parte deste processo pelos teóricos *queers* como agentes que contribuem politicamente para o desmascaramento e dismantelamento de ações normalizadoras por parte do poder disciplinar e suas institucionalidades estratégicas.

Eventualmente, as travestis podem ser cooptadas tanto pelo poder disciplinar, quanto pelos agenciamentos sexopolíticos das multidões *queers*. De lado a lado isto não implica num fundamento constitutivo de si mesmas senão apenas que em um determinado momento – em suas relações com os diversos poderes e saberes - elas, as travestis,

¹⁵⁸ Ocupação e inclusão com confronto

enquanto forças ativo-afirmativas, são capciosamente atraídas, cooptadas, assimiladas, interpretadas e passam daí em diante a ser manobradas ou por produções desejuais que o poder disciplinar lhes apresenta (no caso, a inclusão, ser aceita¹⁵⁹), ou por produções desejuais contestadoras dos agenciamentos sexopolíticos queers¹⁶⁰ (a inclusão como manipulação, controle, etc.). O *queer*, portanto, é mais uma força reativa – mas dentro do quadro geral de confrontos estabelecidos pelo próprio poder disciplinar e sem dele conseguir fugir – que procura tanto quanto o poder disciplinar se estabelecer e dominar. No entanto, o *queer* criou uma diferença político-libertadora – muito mais poderosa e sedutora – minando as bases, mais uma vez, do poder disciplinar – de sua *ala progressista* – e de seu projeto de superação pela concessão de direitos e inclusão¹⁶¹. A *sexopolítica queer* não quer ser incluída (assimilada e estabelecida), seus agentes não desejam e nem pedem a inclusão na malha normativa que os excluiu segundo o seu pensamento, nem mesmo reconhecem o seu poder. Querem, é verdade, a sua destruição. Destruir a heterossexualidade enquanto força política constitutiva de gênero e sexualidade significa declarar livres (criar um novo domínio) as potencialidades individuais e/ou coletivas para a criação de novas formas e possibilidades de expressão de gênero e sexualidade e é, por isto mesmo, o que poderíamos chamar de o mais novo *idealismo* de gênero¹⁶²: em suas diferenças defendem a igualdade e liberdade da ação. Se o seu conteúdo parece precipitar-se como uma grande novidade, uma ameaçadora novidade epistemológica, a forma que a sexopolítica queer encontrou para chegar a bom êxito em seu projeto de destruição da heterossexualidade é que é velho e, assim, o que menos constitui é uma novidade, portanto, uma ameaça política e epistemológica de fato, porque a sexopolítica queer é, como

¹⁵⁹ E a ideia, o desejo de aceitação o poder-saber imputa à travesti. A este respeito cf. Chiland, 2008

¹⁶⁰ A sexopolítica queer politiza, como faz o poder-saber disciplinar, as metamorfoses do poder travesti

¹⁶¹ O poder disciplinar mais uma vez será forçado a uma nova superação; deverá reconhecer a força dos queers para estrategicamente destruí-la

¹⁶² Uma sociedade livre politicamente da força política constitutiva de gênero – a heterossexualidade e o poder disciplinar -. Sem confrontos, nem batalhas, os queers podem dominar em suas multidões.

enxergo, mais um braço forte e sedutor do poder disciplinar em luta por sua superação¹⁶³; a sexopolítica queer é como um movimento de terreno (território) no lugar em que foram edificadas velhos construtos; esse movimento do terreno abre graves e frágeis rachaduras, fissuras ao mesmo tempo nas edificações que podem e não podem comprometer fatidicamente toda a edificação. Os ideólogos, pois, da sexopolítica queer, a meu ver e entender, exageraram ao propor ou reduzir a potência¹⁶⁴ dos corpos anormais – antes, anormalizados pelos discursos normalizadores, reguladores – como uma dimensão constitutivamente política. Como afirma Beatriz Preciado,

Ao nos inspirarmos nas análises de Maurizio Lazzarato [...] que **distingue o biopoder da potência (sic) de vida, podemos compreender os corpos e as identidades dos anormais como potências (sic) políticas, e não simplesmente como efeitos dos discursos sobre o sexo.** Isso significa que à história (sic) da sexualidade iniciada por Foucault devemos acrescentar vários capítulos (PRECIADO, 2011: 12) O grifo em negrito é meu

Reduzir a “*potencia da vida*” a batalhas políticas – desta pequena política - significa rebaixar, reduzir e minimizar a própria força, a própria potência a contextos reativos imaginando com isto livrá-las dos mecanismos e dispositivos de sujeição e dominação. Significa reconhecer a própria força que deseja negar: o poder disciplinar e a heterossexualidade como forças políticas agregadoras ou gregárias, estabilizadoras, reguladoras. Significa, de outro modo, desvitalizar a própria potência de vida para afirmar de maneira fraca a sua “diferença”. A diferença, justamente, entre a *sexopolítica queer* que interpreta as metamorfoses do poder – potência de vida – travesti como algo que pode ser estabelecido pelo confronto político é, inversamente, o resultado do que propõe a potência de vida travesti como um modelo anti-político¹⁶⁵ que, em tese, deveria ser seguido porque rompe com as forças políticas constitucionais. Ou que quero dizer, as metamorfoses do

¹⁶³ O que assistimos, então, é a *desterritorialização e reterritorialização* do poder disciplinar, a sua agônica batalha por superação

¹⁶⁴ Por meio de uma espécie de identificação política

¹⁶⁵ Ou se se quiser, travestis propõem uma nova formação política que não é pequena, mas grande; que não é gregária, mas individual

poder travesti encarregam-se elas próprias de afastá-la (a travesti) – sob o forte esquema tático e estratégico de reintegração do poder disciplinar que Eribon (2008) e seus seguidores imaginaram ser um processo de exclusão pela forte reatividade injuriosa com que o poder disciplinar procurou reintegrá-la - do terreno desta pequena política reativa para situá-la num campo de domínio onde jamais política alguma – desta qualidade fraca, reativa e pequena – foi/é/será capaz de submetê-la. O resultado é que as metamorfoses do poder travesti – a potência de vida – as impõe, as travesti, aos seus intérpretes como a figura dominante, triunfante, dominadora, vitoriosas e este resultado não pode ser atribuído a nenhum tipo de reação política contestadora, subversora ou subversiva – porque não é politicamente que reagem travestis para se constituírem o que são e, portanto, o que são já são a sua própria afirmação transformadora materializada em atos e seus atos não são políticos, pelo menos, se tomarmos como parâmetro esta pequena política partidário-científica, mas atos ativo-afirmativos de sua potência, por isto mesmo, do seu querer/poder. Portanto, se quiserem trabalhar as travestis por contextos político-constitutivos o mais fundamental seria olhá-las longe dos mecanismos e dispositivos da pequena política reativa para enxergá-las pelo perímetro espectral de sua *grande política* individual: a multiplicidade de forças afirmativas que a compõe sob os fortes ataques da pequena política decompositora de quem a *sexopolítica queer* é parte.

6.3. DA GRANDE POLÍTICA TRAVESTI À FORMA RESIDUAL DA PEQUENA POLÍTICA

Eu havia afirmado que a *trans-generidade* ou o *trans-generismo* ainda estava por se constituir, antes, que esta forma mais “*além do gênero*” ainda não havia encontrado terreno fértil, nem mesmo entre travestis¹⁶⁶, para se desenvolver. Talvez, o que nós assistimos como manifestações, contestações de gênero praticados pelos militantes da *sexopolítica*

¹⁶⁶ Travestis ainda pautam gênero

queer não transcenda muito ao universo de um *bolsão de gênero*¹⁶⁷. É aqui, pois, onde a *sexopolítica queer* encontra sua justificativa e sua razão suficiente de ser. No entanto, para “ser” aí é preciso que este “ser” seja politicamente fundado, conquistado, expresso. É preciso derrotar, destruir o inimigo – qualquer que ele seja – que procure estabelecer por meio do poder-saber o normal, natural, o bom – é a radicalização do miúdo, do pulgão, do poder disciplinar por outros meios -. Parece-me que o fundamento da *sexopolítica queer* – a sua vontade – é destruir a heterossexualidade fundadora de uma política constitutiva para, assim, liberar – senão ideologicamente libertar - todas as outras formas de qualquer constitucionalidade política possível, ou seja, parece que o que se pretende é explodir os fundamentos políticos (heteronormativos) pelo próprio meio político, esta é sua ingenuidade. Assim, a *sexopolítica queer* desenvolverá uma noção de combate constante a quaisquer manifestações de regulação, normalização, ontologização. Propõe-se o combate constante e vigilante contra as forças políticas instituidoras, fundantes, pela massa subversiva, contestatória com a qual é, por assim dizer, sua única forma identitária.

A *heterossexualidade* como expressão do poder disciplinar e a *sexopolítica queer* têm algo em comum - e é por este comum que surge o fundamento diferenciador ao mesmo tempo que redutível entre ambos -: a política. É a política ou pequena política, portanto, de ambas, o mecanismo *arrebanhador*¹⁶⁸. Em qualquer dos lados, a inclusão ou a liberação/libertação, é proposta em nome de multiplicidades, de multidões, de coletividades. Quer dizer, a libertação que propõe a *sexopolítica queer* não tem uma finalidade individual estabelecida por cada indivíduo da multidão¹⁶⁹, quer dizer, tal liberação não encontra uma finalidade individual estabelecida pelo próprio indivíduo senão

¹⁶⁷ E aqui gênero entendido como propõe Butler (2003) como *estilo de carne*.

¹⁶⁸ É por isso que penso que a *sexopolítica queer* é mais uma forma escamoteada, um braço funcional do poder disciplinar muito mais poderoso e progressista do que os progressistas do poder disciplinar, sua extremada radicalização

¹⁶⁹ Senão, não faria sentido falar em multidão

que ela é compreendida na somatória, no rebanho, na multidão, no conceito negativo¹⁷⁰ que se partilha e se sente por todos e, assim, ao que parece, a multidão se sobrepõe a individualidade; a inclusão que é, assim, o correlato normalizador da libertação age de forma idêntica ao não estabelecer a inclusão como uma finalidade individual senão que ao incluir¹⁷¹ determinados indivíduos antes intolerados, desimportantes, eles agora passam a figurar e a circular em meio às instituições e institucionalidades com as mesmas cargas simbólicas introjetadas a todos os indivíduos regulados politicamente, mas sem sentir nada ou quase nada daquela sua antiga opressão. Nestas duas instâncias políticas de ação, as ações travestis são engolidas, trituradas, desvitalizadas, impotencializadas, porque na política heterossexual inclusiva a travesti reduz-se a um novo gênero – esta velharia com cara de novidade - normatizado, aceito, regulado – o poder-saber impõe um saber sobre ela (travesti); na *sexopolítica queer* a ideia de um domínio para o qual se impõe uma superação parece ser completamente inadmissível porque o domínio aí tenderia a uma regularidade, normalidade, e a mais uma forma de humilhação, opressão, etc. Portanto, a *sexopolítica queer* combate qualquer forma de domínio e sujeição e é, por assim dizer, mais uma superação do poder disciplinar. Como afirma Beatriz Preciado,

A política das multidões *queer* emerge de uma posição crítica a respeito dos efeitos normalizantes e disciplinares de toda formação identitária, de uma desontologização do sujeito da política das identidades: não há uma base natural ("mulher", "gay" etc.) que possa legitimar a ação política. [...] Opõe-se às políticas republicanas universalistas que concedem o "reconhecimento" e impõem a "integração" das "diferenças" no seio da República. [...] Nesse sentido, as políticas das multidões *queer* se opõem não somente às instituições políticas tradicionais, que se querem soberanas e universalmente representativas, mas também às epistemologias sexopolíticas *straight*, que dominam ainda a produção da ciência (PRECIADO, 2011: 18).

A *sexopolítica queer* é muito mais pretensiosa do que a política do reconhecimento (poder-saber) inclusivista da heteronormatividade, antes, do poder

¹⁷⁰ A corrente que se passa nas nucas

¹⁷¹ Por questões estratégicas de sobrevivência e superação

disciplinar, uma vez que, ela reúne de uma só vez todas aquelas minorias¹⁷² que até, então, não tinham voz. Todas estas minorias debaixo do mesmo guarda-chuva *queer* alimentam uma força que ultrapassa a força da própria singularidade individual formando, por isto mesmo, uma coletividade, uma comunidade moral, uma multidão. A multidão *queer* – sua *sexopolítica* – aceitou a diferença estabelecida pelo poder disciplinar ao assumir orgulhosamente¹⁷³ a diferença que luta para erradicar, evidente, erradicar a diferença negativa. Parece que subjaz à *sexopolítica queer* a velha política idealista¹⁷⁴ da igualdade em nome das diferenças, ou antes, toda a multidão – do ponto de vista da luta – é igual em sua diferença e sobre esta igualdade lei nenhuma pode superá-la para submeter às diferenças. Portanto, o que estabelece a sutil diferença entre a *sexopolítica queer* e a *pequena política heteronormativa* – para usar um termo benquisto entre determinados intelectuais – é que para a primeira a política serve de arma de combate contra a inclusão, a diluição, a integração destas pequenas e múltiplas partes no todo sob sua regulação e constituição política, ao passo que, a segunda quer, justamente, estrategicamente, diluir, amesquinhar, apequenar, desvitalizar, integrar todas estas pequenas e múltiplas partes para aí legislar, sujeitar, constituir um saber que lhe garanta o domínio do Todo. A *sexopolítica queer* – a sua multidão –, portanto, não propõe nenhuma novidade enunciativa, discursiva, nenhuma grande novidade que já não tenha sido enunciada, inventada e valorizada pelo poder disciplinar (normalizante/normatizante), pela heteronormatividade senão que apenas *radicaliza reativamente*¹⁷⁵ tudo o que já existia como fundamento seu. *Queers*, portanto, são apenas agentes reativos e, por isso mesmo, braços inconscientes – ou instrumentos da lógica do poder disciplinar – da força que procuram desvitalizar. Mas, então, o que se pretende com a nomenclatura de *grande política* associada às travestis?

¹⁷² Homossexuais, negros, mulheres, transgêneros, deficientes-ciborgue, etc.

¹⁷³ O *gay pride* é um bom elemento; o *come out* e a assunção também

¹⁷⁴ Refiro-me mesmo ao ideal da Revolução Francesa: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*

¹⁷⁵ Chamam isto de assunção político-afirmativa, mas eu chamo isto de assunção orgulhosa da reação

A *grande política* está acima de qualquer reação/reatividade a um determinado poder. A grande política, assim, não é - ou não está para a pequena política no poder de sua constitucionalidade - como a pequena política uma força reativa, antes, ela é uma força ativa que faz com que o indivíduo que por meio dela aja realize o que quer realizar, ou seja, sua ação nunca é meramente uma reação, fruto de um ressentimento, portanto, suas grandes obras são suas grandes ações e nada mais. É, num sentido mais próximo de nós: a *psicologia positiva* do poder. A grande política é, assim, a ação grandiosa, triunfante, gloriosa, desafiadora, afirmativa em curso; ela é o meio pelo qual a potência da vida afirmativa se realiza por vontade; é, pois, a realização em ato. Mas, é mais do que isto. É uma individuação, apartação, diferenciação, distanciamento expressos pela vontade, pelo querer de tudo que é pequeno, baixo, mesquinho, de toda sedução possível da pequena política moderna. Diferente da pequena política que tem como característica a criação de partidos (assembleia de pequenos indivíduos desvitalizados, despotencializados, mas ciosos por domínios), de movimentos que necessitam de um cem números de partidários para colocar seu bloco na rua para fazer oposição (negação), a grande política é o seu antípoda. Está centrada na individualidade ativa do indivíduo que pode. Todos os clamores por *direito, justiça, moral, respeito, tolerância, pacificidade, hombridade, humanidade, compaixão, equidade, bondade, boa vontade* enfim, cessam, deixam de existir como fermento da vida, como objeto de luta, de disputa. Disto resulta a má interpretação dos seus intérpretes que acreditam que a única forma de luta é a eterna e mesquinha, menor, luta política.

Se na pequena política seus medidores e *media-dores*, seus avaliadores e avalistas, seus pesquisadores e conclamadores medem-nas (travestis), avaliam-nas pelo poder econômico (e aqui encontram boa parte de seu sofrimento vide o “*glamour*” travesti) e suas relações, pela atuação capital do indivíduo nas tramas da pequena política e suas *au-*

tuações (e aqui lamentam a sua distância e pouca ou nenhuma participação), se o valor que cada indivíduo encontra no cenário social é medido sempre pelos direitos e pelos deveres – pelo moralismo instalado – a que estão submetidos, sujeitados externamente (coletivamente), pelos *nãos* que, então, suportam carregar sobre a nuca e o lombo, parece-me, então, que a constituição travesti, toda a sua fenomenal transcendência estético-poética (artística), desarma todo o cenário desta pequena política para instaurar o novo rumo (a guerra), a nova regra, a nova lei: sua *grande política*. Se todo o trabalho realizado pelas travestis é um trabalho grandioso a sua política não pode ser classificada como pequena, mas grande. E o que significa, pois, ser grande?

A grandeza travesti, isto é, sua grande política ou ainda sua grandeza política registra-se primeiro no fato de que o seu poder passa por aquelas três metamorfoses do poder: “*o*” *poder se transforma em desejo, o desejo se transforma em força e, por fim, a força se transforma em afirmação*. Todas estas metamorfoses encarregar-se-ão de, pois fazem parte de sua constituição, afastar as travestis da pequena política do coletivo, do geral, do gênero, do grande coletivo, da diluição, da igualação, da decomposição, da fragmentação, do miúdo, das grandes multidões. A *apartação, separação, distanciamento* desenvolve um nojo, um asco, um amargor pelo igual, pelo comum, pelo rasteiro, pelo pequeno, pela *multidão*¹⁷⁶. Segundo, a grande política travesti apropria-se das velhas formas e as amplia (supera-as), isto é, recoloca *as velhas formas em um cenário de guerra* não poupando ninguém para fazer a pequena política gritar e, no limite, a pequena política grita, geme, contorce-se, escandaliza. A gritaria é forte (basta lembrar Eribon (2008) e o seu conceito de injúria aplicado aos homossexuais, basta conferir todo o conjunto das obras sobre fobias LGBT’s, etc.). Em terceiro plano, a grande política travesti resiste às seduições

¹⁷⁶ Como nos lembra uma informante de Hugo Denizart (1997) “ser travesti” é “ser mais que” e outra informante sua ainda diz que travestis têm verdadeira obsessão por superações

reducionistas, resiste às concessões e às boas vontades, à nova consciência¹⁷⁷ e à novíssima consciência¹⁷⁸. O maior número – da pequena política – cerca as travestis, oferecem-nas tudo o que podem, chamam-nas para recrudescer seus quadros. Procuram seduzi-las a lutar por seus direitos, por sua inclusão nos mercados do capital simbólico, econômico, social, cultural, etc., e aí está o estilo pulgão de ser: para dominar necessita decompor e recompor azeitando a máquina do rebaixamento, do apequenamento¹⁷⁹. A grande política praticada por travestis, pois, diferente daquela *sexopolítica queer* – braço do poder disciplinar em grau progressista melhor desenvolvido, pois se nega tudo e a tudo – não quer destruir¹⁸⁰, por exemplo, a heteronormatividade, porque sua política não é uma reação, porque precisa do heteronormativo como estímulo de superação, de afirmação, porque precisa do pequeno, do baixo, do normal, do moral para sobre tudo isso triunfar e instaurar o seu governo. Necessita do desnível, das diferenças hierarquizantes e dominantes porque ela mesma quer dominar, sua vontade é de poder – o querer interior da força -, de domínio. Foi contra tudo isto que se ergueu e continuam a erguer-se os pensamentos mais superiores de nosso tempo; diz-nos um que

O travesti está se transformando em uma nova espécie humana e precisará adaptar-se a uma nova situação. Em seu novo lugar no mundo, irá experimentar algumas das mais criativas e algumas das mais destrutivas potencialidades da vida moderna, ele será o consumado destruidor e criador, a **sombria e profundamente ambígua figura que nossa época está a experimentar.** E a chave do seu êxito está na organização de um trabalho visionário, intenso e sistemático (BRAGA, 2010: 96-7) O grifo em negrito é meu

Agora encontraram um “*lugar no mundo*” para situar as travestis e cobri-las com suas glórias, honrarias, títulos nobiliárquicos; encontraram na “*potência de vida*” travesti um sistema – político? – bem trabalhado, visionário, intenso e sistemático... Eis aí, então, a

¹⁷⁷ Ações de inclusão

¹⁷⁸ Negação, rejeição de qualquer tipo de enquadramento, de inclusão: sexopolítica queer

¹⁷⁹ Nietzsche havia identificado isto com o que ele nomeou de “instinto de máquina” e Foucault o copiou nomeando a mesma coisa de “corpo dócil”

¹⁸⁰ Toda a pequena política atual trabalha para destruir o chama de heteronormatividade e substituí-la por outra normatividade mais confortável para a nova multidão

nova interpretação, a novíssima sedução. É preciso, então, que travestis *adaptem-se* – é um novo habitat darwiniano social - às suas conquistas, que descansem em sua “nova situação”. A modernidade, então, sorri-lhes. Esta sua “*sombria e profundamente ambigua figura*” é a causa, a sensação que “nossa época” deverá louvar como a conquista travesti; é, a bem dizer, o seu tempo. E não faltará intérprete elogiando, cantando, louvando esta incisiva, forte, destemida e desmedida força de coragem e audácia travestis. Diante do furor, do esplendor, da glória e da agitação da *letra* (interpretação) ofusca-se a grande política travesti. Tudo o que “o” poder transformado das travestis foi/é/será capaz de afirmar e realizar entra nas dimensões interpretacionistas do poder-saber como sendo profundissimamente fruto de uma *reação* eis aqui, então, a aplicação dos termos: “*visionário*” e “*sistemático*”. “O” poder travesti transformado é interpretado rapidamente apenas pelo prisma da *técnica, da máquina*¹⁸¹, dos *utilitários sintéticos*¹⁸²: o poder-saber arma o golpe e a derrocada. Ofusca toda a potência, todo “o” poder livre; como Ariadne, tece sua rede amesquinhadora (significação) sob trajes qualificados. Como se diz,

O travesti, por nunca haver apagado (por completo) a **mácula do ponto de partida (do masculino)** [...] precisa ser bem sucedido [...] quanto **mais próximo do modelo chegar** [feminino], menos riscos de deportação ao masculino. [...] Para isso **a tecnologia, o cuidado com o vestuário, a maquiagem não podem ser economizados**: para o sucesso **é preciso o exagero**, razão que o transforma também no próprio exagero (BRAGA, 2010: 183) O grifo em negrito é meu

A linguagem de gênero entorpece toda a potência travesti. Faz de sua vontade um joguinho tacaño de relações de poder. A tarefa aí consiste justamente em não deixar ver a grandeza do ato travesti sob as fachadas do saber. É preciso aproximá-lo (ato travesti) do comum, do simples, do trivial e amesquinhá-lo, é preciso diluí-lo naquilo que já se sabe, se pode, se conhece. É preciso agregá-lo, reduzir a vontade travesti a um tipo de vontade gregária. É esse o uso de termos como “*tecnologia, o cuidado com o vestuário, a*

¹⁸¹ De sua disciplina e docilidade

¹⁸² Hormônios e próteses sintéticos, apliques, etc.

maquilagem não pode ser economizados”, pois aí já se vê que a vontade de domínio travesti não existe mais; apequenaram-na, diluíram-na, desvitalizaram-na, transformaram sua vontade em um tipo de vontade gregária (conforto e segurança) da qual é mais simples o controle, a administração, a inoculação da lei. Assim, é preciso aceitar um ponto de partida conhecido, que tem história, que tem memória; é preciso admitir o elemento fundante do qual se empreendeu fuga; é preciso manter o controle, a vigilância a respeito de um outro ponto, o de chegada para o qual todos estarão atentos para a partir daí erguerem suas denúncias. Falam sempre do masculino e do feminino como, respectivamente, pontos de partida e chegada. No fundo, não há nem ponto de partida, nem de chegada. *Exageram*, carregam nas tintas ao tentarem aproximar o trabalho travesti ao *exagero*, ao *demasiado*. Creio, então, que tudo quanto hoje se interpreta, analisa, se escreve, comenta, aplica às travestis ganha sempre e toda vez um novo valor: de fachada. Não li, não vi, não ouvi, nada, ninguém, nenhum pesquisador afirmando a potência de vida travesti. Por trás das belas fachadas – que se poderiam ler científicas – encontrei as verdadeiras ideias de gênero pululando.

Nas produções mais ressentidas que tive acesso sobre travestis não há problemas do tipo: *o que foram capazes de realizar/valorar as travestis?* Mas, apenas: *a que se opuseram reativamente travestis?* Não fazem outra coisa a não ser perguntar por negações, oposições, etc. De outro modo, não vi nenhum pesquisador, nenhum analista, intérprete indagando-se a respeito do “*que podem travestis?*” senão indagando-se se suas ações são subversivas ou se fazem parte já de algum novo conservadorismo político. E sabe o que tudo isto quer dizer? Que os pesquisadores não conseguiram sair da própria rotação científica (poder-saber) a que estavam/tão submissos e orgulhosos. Como, então, poderiam encontrar as travestis sem sair dos seus eixos de rotação? Quero dizer, exatamente, como

poderiam encontrar a *grande política* e medi-la a partir da amesquinhadora *pequena política* que praticam? Um exemplo disto? Então,

[...] podemos pontuar algumas falas de travestis diante de alguns temas, quando problematizados nas oficinas: *Amor* – “**Amor pra mim são dólares**”; *Amizade* – “**Travesti nenhuma é amiga de ninguém. Sua única amiga é a solidão**”; *Solidariedade* – “**Solidariedade são os cinqüentas reais que o cliente paga**”. Essas expressões são exemplos de dificuldades de trabalho com **travestis que foram destituídas de direitos** e que são defensivas **diante de qualquer proposta de clarificação de valores ou de melhorias de suas reais condições de vida** (PERES, 2005: 63-4) Os destaques são meus

Para aqueles mais profundos, mais escalados, aqueles que não se deixaram entorpecer por esta linguagem científica encontraram, então, sob a fachada atuante da pequena política a grande política travesti resistindo a todo tipo de sedução e a qualquer tipo de *proximidade*. Contra a *capciosidade* do poder-saber a *sagacidade* da guerreira travesti. Vejam aí, então, a trindade sedutora com que tenta o pesquisador enovelar a travesti e a cada elemento da trindade a travesti “refaz” o valor de origem. A “*clarificação de valores*” pretendida pelo pesquisador é, rapidamente, derrubada e ridicularizada em sua intenção pela travesti que metaforicamente diz que “*amor [...] são dólares*”. Contra a sedução, então, a ação, o seu triunfo. E quanto à amizade? Esta não pode haver como gostaria o pesquisador entre travestis. A travesti responde dizendo que “*amiga é a solidão*”. E o que é a solidão, então, para o nosso tempo? Um perigo! É preciso manter a distância – sempre tão má compreendida entre os pesquisadores - parece querer dizer a travesti contra toda a arte gregária, contra as mais perniciosas seduções, a que tentam diluir as travestis. Por fim, o instinto mais pernicioso é indagado: a *solidariedade* (a fraternidade da Revolução Francesa), a *compaixão*. E o que responde a travesti? “*Solidariedade para mim são os cinqüentas reais que o cliente paga*”. Enfim, resta-me agora apenas o encaminhamento da pretensão do pesquisador que proporia MELHORIAS para as “*reais condições de vida*” das travestis.

Mas, então, quais seriam as MELHORIAS propostas contra as “reais condições de vida” travesti? Chamam-lhes MELHORIAS *o nivelamento e o controle* de suas ações. A política destas pesquisas, destas interpretações travesti afirma a NECESSIDADE *premente, insistente e frequente* de colonizar travestis e nelas inocular o seu veneno. Realmente, o tratamento dispensado a travestis é de uma ordem superior para uma inferior, de uma racionalidade para uma irracionalidade. Acreditam fatidicamente que a vida travesti é uma vida sem potência, desvitalizada, deprimente, paupérrima, um simulacro e que é preciso aí CLARIFICAR OS VALORES chamando-as a atenção para o fato de que suas vidas podem sim ser transformadas – isto quer dizer convertida aos valores do poder disciplinar -, mudadas e, no entanto, tudo isto quer dizer: *mediocrizadas*. Diz ainda o mesmo pesquisador que,

Nossa experiência tem mostrado a existência de dificuldades em trabalhar com as travestis, **dada a resistência em acreditarem na força do coletivo**, fazendo com que elas fiquem **desconfiadas diante de qualquer ação que se proponha a auxiliá-las [...]** [como] **cuidados com o corpo, com a saúde** e a alimentação, assim como de **seus direitos de participação social e política nas decisões da sociedade** como um todo exercitando a sua cidadania (PERES, 2005: 63-4) O grifo em negrito é meu, bem como, o sublinhado

Contra o *intelectualismo* (fatalismo) da análise, a *filosofia* travesti. Quero dizer, exatamente, que contra todas as tentativas de diluição, agregamento, nivelamento, inclusão, sedução praticados contra as travestis pelo poder-saber aí o poder-saber encontrou fortíssima resistência e mais do que fortíssima resistência encontrou a sua *aniquilação*. Nem mesmo uma *síntese* conceitual o poder-saber logrou êxito em fabricar (sobre travestis), uma vez que, - o que se chama aí de *realidade de vida* travesti -, impossibilita que o poder-saber encontre a sua tão sonhada unidade. Mas, aí se vê os operários da ruína, do retorno, da carnificina trabalhando incansavelmente para fazer RETORNAR travestis aos seus direitos “*destituídos*” e aos valores perdidos que necessitam de *iluminação*. Mas, tais operários realizando este trabalho parecem não se

indagar a que desejam retornar, retornar para onde, uma vez mais, pergunto eu, desejam estes operários retornar?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando do início de minhas pesquisas sobre as travestis me ative muito, talvez, até demasiadamente a todas as considerações de todos aqueles que me antecederam nas pesquisas. Com eles/elas aprendi muito mais do que eu pudera ter imaginado. Cada pesquisador, cada trabalho, cada pesquisa, cada texto, cada pensamento. Aprendi a navegar nos desníveis das interpretações, a pular suas enormes barreiras, suas intensas fogueiras para narrar mais adiante algo que, a meu julgamento, desponta como algo completamente novo. Aprendi demasiadamente com cada oração, frase, cada silêncio nas comunicações, nas falas, nos textos produzidos por cada uma das travestis que de uma forma ou de outra comigo entrou em contato. Aprendi com cada documentário, com cada filme, cada livro e revista, com cada reportagem. Aprendi que é de batalhas que se vive a vida. Estou muito feliz por ter revelado as travestis através de um outro perímetro, através de um novo olhar, através, como assim penso, como assim acredito, da sua psicologia positiva, da sua vontade de poder, do seu domínio. Não pude furtar-me a fazer a crítica que fiz, a ver nos meus colegas de trabalho as seduições que os dominaram. Arriscando o meu próprio pescoço atrevi-me a escrever, a questionar, a duvidar do que já estava escrito sobre as travestis. Atrevi-me, ousei ao tentar mudar a linha mestra das considerações, dos lugares-comuns, das tintas com que pintavam estas surpreendentes criaturas. No fim, acredito que ao tentar demonstrar os níveis de superação e afirmação travesti eu mesmo busquei e encontrei – como acredito – a minha própria superação como intelectual, como pesquisador. Se agradei ainda não sei e, talvez, isto pouco importe. Fiz meu trabalho da forma que achei o mais correto possível. O tempo é quem dirá se a perspectiva pela qual olhei e descrevi as travestis era já uma perspectiva de superação.

REFERENCIAS

ALBUQUERQUE, Fernanda de e JANNELLI, Maurizio. *A Princesa: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas*. Editora Nova Fronteira, 1995.

ALVARADO, José Maria. *Sobre el transvestismo y el transexualismo: una observación clínica*. Cuaderno 32. vol.32, nº.1, 1986

ARÁN, Márcia. *Transexualismo e cirurgia de transgenitalização: Biopoder / Biopotência*. SérieAnis 39, Brasília, LetrasLivres, 1-4, abril, 2005.

AMENGAUD, F. *A pragmática*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

ARISTÓTELES, Poética. Os Pensadores. Ed. Abril, São Paulo, 1973.

ADRIÃO, K. G.; TONELI, M. J. F.; MALUF, S. W. *O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia*. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(3): 661 - 6681, set/dez 2011.

_____. *Por uma política de acesso aos direitos das mulheres: sujeitos feministas em disputa no contexto brasileiro*. Psicologia & sociedade; 20(3): 465-474, 2008.

ANDRIEU, Bernard. *Quelle épistémologie du corps?* Dilecta Corps 2006/1 - nº 1 pages 13 à 21 ISSN 1954-1228.

Ação e reação: ser travesti é uma opção ou prostituição? Acessado em 17/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=18-xAoEqyvo>>

A verdade sobre o que é ser travesti no Brasil. Acessado em 16/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=iUkLTswhtUg>>

ALÓS, Anselmo Peres. *Gênero, Epistemologia e Performatividade: estratégias pedagógicas de subversão*. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. *Travestis envelhecem?* Tese de doutorado. PUC-SP, 2010

Antonio Abujamra entrevista Luiza Marilac. Acessado em 10/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=CkeypoNUwps>>

A revolta de Stonewall. Acessado em 06/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=gAsk9TKWsZ4>>

A vida das travestis no Rio de Janeiro: documento especial. Acessado em 21/01/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=SwAbMp7gVxU>>

Bombadeira. Acessado em 07/02/2012. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=8ukxnlDYdKE&feature=related>

A vida das travestis prostitutas em Salvador. Acessado em 17/01/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=V8VPZHPA08E>>

Andrea de Maio e Goulart de Andrade nas ruas de São Paulo. Acessado em 14/01/2012 disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=NkoHPQib2Ro>> Part. 1 e <<http://www.youtube.com/watch?v=HyalhtHgkhw&feature=related>> Part. 2

Andrea de Maio, eterna rainha das travestis. Acessado em 15/01/2012. disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=ko-iFYQX12s>>

A casa da Bartô: aplicação de silicone industrial em travestis, 1987. Acessado em 17/01/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=YQjPfouRaAk>>

ARAÚJO Júnior, José Carlos de.

A metamorfose encarnada:

travestimento em Londrina (1970-1980) / José Carlos de Araújo Júnior. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

BOHM, Alessandra Maria. *Os “Monstros” e a Escola: Identidade e Escolaridade de Sujeitos Travestis*. Dissertação Mestrado, UFRJ, 2009.

BENVENHO, Célia Machado. *O trágico como afirmação da vida*. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 2º semestre de 2008 – Vol.1 – nº2 – pp.18-36

BARROS, Fernando R. de Moraes. *Nietzsche e a filosofia na era trágica dos gregos*. *Dissertatio* [30], 167 – 184 verão de 2009.

BORBA, Rodrigo. *Narrativas orais e (trans)masculinidade: (re)construções da travestilidade (algumas reflexões iniciais)*. Bag'oas, n.06/2011, p. 181-210.

BARBOSA, Leandro Mendonça. *Dionísio: o deus estrangeiro mascarado*. Alétheia - Revista de estudos sobre Antigüidade e Medievo, volume único, Janeiro/Dezembro de 2008. ISSN: 1983-2087

BRANCO, Guilherme Castelo. *Agonística e Palavra*. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 23, n. 32, p. 145-155, jan./jun. 2011.

BITTENCOURT, Renato Nunes. *O sentido da agonística para a vida ou disputa de Nietzsche*. Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Conhecimento e Sociedade - publicação on-line semestral - ISSN 1676-2924. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/renato%20nunes.htm>

BRAS, Ismene Ithaí. *La construcción de lo trágico en la modernidad y la tragedia griega*. Disponível em: <http://www.posgrado.unam.mx/filosofia/publica/III01brass.pdf>

BENEDETTI, Marcos. *Toda Feita: o corpo e o gênero das travestis*. Garammond, 2005.

_____. *A batalha e o corpo: breves reflexões sobre travestis e prostituição*. Disponível em:

http://www.ciudadaniasesexual.org/boletin/b11/breves_reflexoes_sobre_travestis_e_prostitui_cao.pdf

BRAGA, Sandro . *O travesti e a metáfora da modernidade*. Editora Unisul, 2010.

BARBOSA, Bruno Cesar. *Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. São Paulo, 2010. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

BANDINI, E. et al. *Il disturbo di identità di genere*. Giorn Ital Psicopat, 2008.

BENTO, B. *O que é transexualidade*. Editora brasiliense, 2008.

_____. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência (sic) transexual*. Garamond, Rio de Janeiro, 2006.

BRETON, D. L. *Adeus ao corpo*. Papirus, 2003.

BURKE, E. *Uma investigação filosófica sobre a origem nossas idéias do sublime e do belo*. Papirus, 1993.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

BOZON, M. *Sociologia da Sexualidade*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. – Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004.

BOFF, L. e RIBEIRO, L. *Masculino e feminino*. Editora Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 2007.

BOFF, L. e RIBEIRO, L. *Masculino e feminino*. Editora Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 2007.

BENTO, B. *As tecnologias que fazem o gênero*. VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero. De 05 a 09 de abril de 2010. Disponível em <http://200.134.25.85/eventos/cictg/conteudo_cd/E8_As_Tecnologias_que_Fazem_os_G%C3%AAneros.pdf>

BUTLER, J. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”*. Paidós, 2002.

_____. *Regulaciones de Género*, 2004.

_____. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BERNINI, Lorenzo. *Macho e Fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual*. Bag'oas, n. 06-2011 p. 15-47.

COLAPINTO, J. *Sexo Trocado: a história real do menino criado como menina*. Ediouro, 2001.

CASTLE, Terry. *A cultura do travesti: sexualidade e baile de mascaras na Inglaterra do século XVIII*. in ROUSSEAU, G. S e PORTER, R. *Submundos do sexo no iluminismo*. Rocco, Rio de Janeiro, 1999.

COPI. *El baile de las locas*. Editorial Anagrama, Barcelona, 1978.

_____. *Las viejas travestís y otras infamias*. – 2ª. Ed - Editorial Anagrama, Barcelona, 1989.

COELHO, Juliana Frota da Justa. *As performances de travestis, transformistas e drag queens: visibilidades, agenciamentos e subjetividades*. Disponível em <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/325.%20as%20performances%20de%20travestis,%20transformistas%20e%20drag%20queens.pdf

_____. *Do casulo à borboleta: uma compreensão fenomenológica da travestilidade*. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/J/Juliana_Coelho_16.pdf>

CORREA, G. Borges. *Carmes e Drags: reflexões sobre os travestimentos transgenéricos no carnaval carioca*. Dissertação de Mestrado, UERJ, 2009.

Como ser feminina: expresar feminidad – Karen Nohemi transexual. Acessado em 21/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=13uI90gkP2M>>

CAVALEIRO, Maria Cristina. *Feminilidades homossexuais no ambiente escolar: ocultamentos e discriminações vividas por garotas.* Tese de doutorado, USP, 2009.

CORREIA, Carlos Pintos. *O trágico e a tragédia, vinculação e escolha.* Acessado em 12/05/2012. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151994792006000100007>

Considerazioni di Genere. di Elena Asciutti. Acessado em 03/03/2010. Disponível em <<http://www.onuitalia.it/diritti/UNICVcontr/Women0.htm> consultadl>

BOCAYUVA, Izabela. *Sobre a catarse na tragédia grega.* ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA, vol. 2 nº 3, 2008 ISSN 1982-532

BRAUDRILLARD, J. *Simulacro e Simulação.* Relógio D'água, 1991.

_____. *À sombra das maiorias silenciosas.* Editora Brasiliense, 1985.

CASARINO, Stefano e RASCHIERI, Amedeo Alessandro. *Il senso del tragico e la tragédia.* ARACNE editrice S.r.l. ISBN 978-88-548-3066-0

CARRARO, A. *O travesti.* Loren editor e distribuidor de livros ltda, s/d.

CAPRARA, Gian Vitorio. *Libertà vs Necessità: maschi e femmine fra Biologia: questioni de sesso e di genere.* n/d.

CONTINI, Gianna Pala. *Intervista di una neo dona ad un ex uomo: Una coraggiosa conversazione allo specchio cerca di fare chiarezza sul fenomeno della transessualità di cui tanto si parla, ultimamente, spesso senza cognizione di causa e a sproposito.* 2010.

CONCHÃO, SILMARA A. MASCULINO E FEMININO: A PRIMEIRA VEZ. *A análise de gênero sobre a sexualidade na adolescência.* Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 2008.

CANELLA, Paulo. *O ser mulher, o ser homem e o transexualismo: bases bio-psico-sexuais*. Acessado em 20/10/2011. Disponível em

<http://www.sbrash.org.br/portal/files/pdf/o_ser_mulher_o_ser_homem_e_o_transexualismo.pdf>

CHILAND, C. *O transexualismo*. Trad. Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola, São Paulo, 2008.

DAMÁSIO, ANNE Christine. *Botando corpo e (re)fazendo gênero*. Bag'oas, n.06/2011, p. 211-41

DUTRA, J. *Desconstruindo as sexualidades*. ABIA, In: HOMOSSEXUALIDADE: produção cultura, cidadania e saúde. Orgs. Luís Felipe Rios, Vagner de Almeida, Richard Parker, Cristina Pimenta e Veriano Terto Jr. Rio de Janeiro, 2004.

DUQUE, Tiago. *Montagens e Desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, 2009.

DURKHEIM É. *As regras do método sociológico*. In Os pensadores. Editor: Victor Civita, São Paulo, 1978.

Damas da Noite: os travestis na pista. Acessado em 19/01/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=ckY6e0eHCpk>>

DREYFUS, Hubert L. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUMOULIÉ, Cammille. *O desejo*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Editora Vozes, Petrópolis, 2005.

DÉSY, P. *L'homme-femme: les berdaches en Amérique du Nord*, 1978.

DELEUZE, Gilles. *Sobre as sociedades de controle in: Post-scriptum. Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

Documentary about brasilian travestis: boys from Brazil. Acessado em 05/02/2012.

Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=O47rYEEumC>>

DENIZART, H. *Engenharia erótica: travestis no Rio de Janeiro*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.

_____. *Del Acontecimiento in: Lógica del sentido*. Ed. Paidós. Barcelona, 1989

_____. *A gargalhada de Nietzsche*. Entrevista realizada por Guy Dumur. Le Nouvel Observateur, 5 de abril de 1967, pp. 40-41.

_____. *Que viene despues del sujeito?* Zona Erógena. Nº 18. 1994.

ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Companhia de Freud, 2008.

Eis a questão: prostituição de travestis em Cascavel. Acessado em 28/01/2012. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ME_lkm9eq14>

Eu, Travesti. Acessado em 30/01/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=feulDeSwKFc>>

EURÍPEDES. *As bacantes*. Círculo do livro, 1988.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Rideel, 2002.

_____. *Os persas*. Inquérito, n/d.

_____. *Orestéia, Agamêmnon, Coéforas, Eumênides*. Jorge Zahar, 1998.

El paraíso de los muxhes. <http://lostacones.blogspot.com/2006/08/el-paraso-de-los-muxhes-muxhe-es-el.html> consultado em 27 de maio de 2010.

FREYRE, G. *Modos de Homem e modas de Mulher*. Record, 1987.

Funcionárias (sic) do prazer. Acessado em 05/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=lWuH1Ynak-k>>

FAURY, Mára Lúcia. *Uma flor para os malditos: homossexualidade na literatura*. Campinas, Papirus, 1984.

Feminino o masculino. Acessado em 22/02/2012. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=bNWCQsfNVTY&feature=related>

FRANQUET, Alessandrin Arnaud et Laetitia. *Quand la sociologie visuelle ausculte les normes de genre*. Manuscrit auteur, publié dans "Les études photographiques au carrefour des sciences humaines et sociales : Regards photographiques, usages de la photographie, médiations culturelles et médiations sociales., Rennes - Cesson-Sévigné : France (2010).

FAURY, M. *Uma flor para os malditos: homossexualidade na literatura*. Papirus, 1984.

FOUCAULT, M. *A Ordem do discurso*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2008.

_____. *A arqueologia do saber*. – 3ª. Ed. – Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. *Da amizade como modo de vida*. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de Wanderson flor do nascimento.

_____. «*Qu'est-ce que les Lumières?*», Magazine Littéraire, nº 207, mai 1984, pp. 35-39. (Retirado do curso de 5 de Janeiro de 1983, no Collège de France). Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. Dits et Écrits. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 679-688. Por Wanderson Flor do Nascimento.

_____. *Em defesa da sociedade*. Martins Fontes, São Paulo, 2005.

_____. *História da sexualidade. Vol. 1: a vontade de saber*. 18ª Ed. Graal, 2007.

_____. *História da sexualidade Vol. 2: o uso dos prazeres*. 10ª. Ed. Graal, 2003.

_____. *História da sexualidade Vol. 3: o cuidado de si*.

_____. *Vigiar e punir*. 31ª. Ed. Editora Vozes, Petrópolis, 2006.

_____. *As palavras e as coisas*. Martins Fontes, São Paulo, 2000.

_____. *O nascimento da clínica*. 6ª. Ed. Forense Universitária, 2006.

_____. *A História da Loucura na Idade Clássica*. Perspectiva, São Paulo, 1997.

_____. *Nietzsche, a Genealogia e a História*. In: *Microfísica do Poder*. Graal, Rio de Janeiro, 1978.

_____. *Microfísica do poder*. Graal, Rio de Janeiro, 1978.

“*Florencia de la V: "Yo me busqué mi camino"* Entrevista. Con programa propio Hoy estrena “La pelu”, por Telefe, y aquí cuenta su historia: La de una persona que tuvo que inventarse a sí misma y que ahora disfruta del sueño por el que tanto peleó. Acessado em 11/05/2012. Disponível em

<http://www.clarin.com/espectaculos/television/titulo_0_683331673.html>

FREIRE COSTA, Jurandir S. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

_____. *A construção cultural da diferença entre os sexos*. Sexualidade, Gênero e Sociedade, Ano 2, Número 3, junho de 1995, pp. 3-8.

FERREIRA, Rubens da Silva. *A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman*. Ci. Inf., Brasília, v. 38, n. 2, p. 35-45, maio/ago. 2009

GREEN, James N. e POLITO, Ronald. *Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1890)*. José Olympio editora, 2006.

GIDDENS, A. *As consequências (sic) da modernidade*. Trad. Raul Fiker. Editora UNESP, São Paulo, 1991.

GREEN, J. N. Além do carnaval. *A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

Gays e Travestis enfrentam o pré-conceito. Acessado em 19/01/2012. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=aFt7Hf_5hN8>

GRANIER, Jean. *Nietzsche*. Trad. Denise Bottman. Lp&M pocket, Porto Alegre, 2009.

GALVÃO, Rafael. *O sumiço das bichas*. Disponível em <http://www.rafael.galvao.org/2006/04/o-sumico-das-bichas/> consultado em 1/6/09.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. *DRAGÕES: Gênero, Corpo, Trabalho e Violência na formação da identidade entre travestis de baixa-renda*. Tese de Doutorado, USP, 2007.

_____. *Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa-renda*. Psicologia USP, São Paulo, outubro/dezembro, 2009, 20(4), 597-618.

GÓMEZ, A. *Transcendiendo*. Acessado em 27/05/2010. Disponível em <<http://lostacones.blogspot.com/2006/08/el-paraso-de-los-muxhes-muxhe-es-el.html>>

GONÇALVES, Diego Pontes. *O estar montada: a Rua dos Andradas além do sexo como mercadoria*. III Encontro de Geografia: A Geografia e suas Vertentes: Reflexões. VI Semana de Ciencias Humanas. 16 a 19 de novembro, Rio de Janeiro, 2010

HART, J e RICHARDSON, D. *Teoria e Prática da Homossexualidade*. Zahar Editores, 1981.

HABERMAS, J. *A inclusão do outro*. Trad. George Sperber, Paulo Astor Soethe (UFRN), edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2002.

GARAIZABAL, Cristina. *La transgresión del género. Transexualidades, un reto apasionante. Transexualidad, transgenerismo y cultura*. Ed. Talasa, 2010 (?).

HOENISCH, Julio César D. e PACHECO, Pedro José. *Ponderações sobre a feminilidade na condição travesti*. Estud. psicanal. no.38 Belo Horizonte dez. 2012

HEILBORN, Maria Luiza. “*Usos e Abusos da Categoria de Gênero*” In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.) *Y Nosotras latinoamericanas: estudos sobre Gênero e raça*. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 1992, p. 39-44.

HIRATA, H e KERGOAT, D. *Les paradigmes sociologiques à l'épreuve des catégories de sexe: quel renouvellement de l'épistémologie de travail?* Papeles de CEIC. ISSN: 1695-6494.

HENRIQUES, Fernanda. *Gênero e Desejo: Da biologia à cultura*. Comunicação proferida no Encontro de Bio-ética realizado na Universidade de Évora, em 8 de Maio de 2004 e publicado em Cadernos de bioética.

HOCQUENGHEM, G. *A contestação homossexual*. São Paulo, Brasiliense, 1980.

HENNING, Carlos Eduardo. *Gênero, Sexo e as Negações do Biologismo: Comentarios sobre os percursos da categoria gênero*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/69723843/sexo-e-genero>

I FEMMINIELLI NELLA CULTURA NAPOLETANA.

<http://pulcinella291.forumfree.it/?t=40505747> consultado em 21 de junho de 2010.

Carlin, C. François de Sales et le discours sur le mariage des corps au XVIIème siècle. Université Lumière Lyon 2, GRAC (UMR 5037), 26 septembre 2009.

I femminielli" di Achille della Ragione cenni biografici.

<http://digilander.libero.it/achillelauro/omosex.htm> consultado em 21 de junho de 2010.

JABOR, A. *O travesti*. Disponível em: <http://antonioeregis.blogspot.com.br/>

JUNIO, Celso Azzan. *Antropologia e Interpretação: explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Gertz*. Editora da UNICAMP, 1993.

JAYME, Juliana Gonzaga. *Travestis, Transformitas, Drag-queens, Transexuais: identidade corpo e gênero*. Consultado em 25/06/2011. Disponível em <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel3/JulianaJaime.pdf>>

JOHAN, Allan. *A Heterolatria no universo gay*. In Revista Lado A. Abril de 2008.

KAIL, M. *Le masculin et le feminine Sartre et Beauvoir, regards croisés*. Revue électronique internationale. www.sens-public.org (2010?).

- KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Fiocruz, 2008.
- KINSEY, A. C. et al. *Conducta sexual del varon*. Editorial Internamericana. S. A. México, 1949.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*, trad. Maria Carlota Gomes, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KRAFFT-EBING, R. V. *Psychopathia sexualis*. Martins Fontes, 2001.
- KALTENBORN, B. *The Fa'afafine, gender benders in Samoa: On cultural construction of gender and role change*. A Dissertation for the Degree of Cand. Polit. Department of Social Anthropology University of Oslo, Norway May 2003.
- LEVY, Teresa. *Crueldade e Cruela do binarismo*. Acessado em 12/ 04/ 2011. Disponível em
<http://cfcul.fc.ul.pt/equipa/3_cfcul_elegiveis/teresa%20levy/Crueldade%20e%20cruela%20do%20binarismo.pdf>
- LÖWY, I e ROUCH, H. *Genèse et développement du genre : les sciences et les origines de la distinction entre sexe et genre*. Cahiers du Genre, n° 34/2003.
- LIMA, Caroline Barreto de. *Aparência Travesti: Redesenho, Comportamento e Vestimenta*. Acessado em 30/09/2011. Disponível em
<http://www.degraf.ufpr.br/artigos_graphica/APARENCIA.pdf>
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Editora Vozes, 2ª Ed. Trad. Sonia M.S. Fuhrmann. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Editora 34, Rio de Janeiro, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURENÇO, A. Nogueira. *Travesti: a construção do corpo feminino perfeito e suas implicações para a saúde*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza, Ceará, 2009

LACQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2001.

MELO, L., BRAZ, C., FREITAS, F. R. De Almeida e AVELAR, R. B. *Questões LGBT em debate: sobre desafios e conquistas*. Soc. e Cult., Goiânia, v. 15, n. 1, p. 151-161, jan./jun. 2012.

Mirella, a vida de um travesti: um documentário evangelista. Acessado em 31/01/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=QzSyfI9nytI>>

Mercado do sexo: a vida das travestis do Rio de Janeiro. Acessado em 10/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Vbp06flbZxo>>

Mi marido es travesti. Acessado em 22/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=rxtjcdxntyE&feature=related>>

Mi cuerpo secreto. Acessado em 25/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=XYP5aaSFI5E&feature=related>>

MÜLLER, Magnor Ido. “È isso aí, uma mistura dois dois!”: *A percepção das travestis sobre seu corpo*. Monografia de especialização, UFRS, 2009.

MIGUEL, Trinidad Bergero. et. al. *Una reflexión sobre el concepto de género alrededor de la transexualidad*. Rev. Asoc. Esp. Neuropsiq., 2008, vol. XXVIII, n.º 101, pp. 211-226, ISSN 0211-5735.

MELO, Ana Paula Lopes. “Mulher Mulher” e “Outras Mulheres”: *gênero e homossexualidade (s) no Programa Saúde da Família*. Dissertação de Mestrado, UERJ, 2010.

Monas. Acessado em 19/01/2012. Disponível em
<<http://www.youtube.com/watch?v=EvajtCoLQ5A>>

Memorial travestis e trans de Belo Horizonte. Acessado em 18/01/2011. Disponível em
<<http://www.youtube.com/watch?v=jfC5B1dsc2M>>

MISKOLCI, R. *Vivemos uma crise das identidades de gênero?* ANPOCS, 2005.

MISKOLCI, R e PELÚCIO, L. *Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre os travestis*. Revista Gênero (UFF), vol. 7, nº 2, p. 257-67, 2007.

MACHADO, Susy Fabiana dos Santos. *O homem dentro do corpo de uma mulher*. II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, Leituras e Representações. Disponível em: <http://itaporanga.net/genero/gt3/4.pdf>

MARINHO, João. *Como combater o preconceito contra homens efeminados: como homens de verdade*. Acessado em 11/11/2011 Disponível em ≤
<http://acapa.virgula.uol.com.br/revista/como-combater-o-preconceito-contrahomens-efeminados/13/38/6328>>

MACULOTTI, Matteo. *Il senso del tragico*. (2011?)

MÉNARD, Guy. *Homosexualité: questions et réponses*. Marabout, 1980.

MAINGUENAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

Muito prazer: travestis e transexuais de Juiz de Fora. Acessado em 03/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=FyIhayHXO2I>>

MERQUIOR, José Guilherme. *Michel Foucault: ou o nihilismo de cátedra*. Nova Fronteira, 1985.

MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. Graal, Rio de Janeiro, 1999.

MOTA, Sílvia. *Transexualidade*. Síntese e adaptação de texto contido em: Da bioética ao biodireito: a tutela da vida no âmbito do direito civil. 1999. 308 f. Dissertação (Mestrado em Direito Civil) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

MACHADO, S. Fabiana dos Santos e VASCONCELOS, T. Machado. *O homem dentro do corpo de uma mulher*. II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais (cultuars, leituras e representações), 2010.

MACRAE, E. *Afirmção da identidade homossexual: seus perigos e sua importância*. [2007 ou 2008?].

_____. *Movimentos sociais e os direitos de cidadania dos homossexuais*. In: Trabalho, cultura e cidadania/ org. Ângela Maria Carneiro Araújo. – São Paulo, 1997.

_____. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

Na sombra da sociedade. Acessado em 01/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=n3dlMUAEVm8>>

NOGUEIRA, Francisco Jander de Sousa. *Trabalhadas no feminino: um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza/CE*. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad. Nº8. Año 4. Abril - julio de 2012. Argentina. ISSN: 1852 - 8759. pp. 55 - 67.

NIETZSCHE, F. *O Anticristo*. Lisboa Guimarães Editores, 2000.

_____. *Assim Falava Zaratustra*. Lisboa Guimarães Editores, 1994.

_____. *Crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo*. Hemus Editora Ltda., São Paulo, 1976.

_____. *Humano, demasiadamente, humano*. Cia das letras, São Paulo, 2000.

_____. *A genealogia da moral*. Editora Moraes, São Paulo, 1985.

_____. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *A Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *A vontade de potência*. Vols. I e II. Vozes, 2011.

_____. *A origem da tragédia*. Ed. Moares, 4ª. Ed, 1979.

_____. *Aurora*. Ed. Escala, 2007.

ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Pontes, n/d.

OBADIA, Samanta. *Uma ótica filosófica do trágico*. Crearmundos, 2010 (?)

O que há por trás? Acessado em 31/01/2012. Disponível em
<<http://www.youtube.com/watch?v=OrINX-Rdu6I>>

OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de Paus. O jogo aberto das travestis no espelho da mulher*. Acessado em 13/06/2012. Disponível em:
<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/09112009-102212gaspar.pdf>

PARINI, Lorena. *Le concept de genre: constitution d'un champ d'analyse, controverses épistémologiques, linguistiques et politiques*.

PINHEIRO, V. C. (2011). "O páthos trágico de Aquiles". *Archai* n. 7, jul-dez 2011, pp. 87-93.

PERES, Willian Siqueira. *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania*. Tese de doutorado, UERJ, 2005 (Programa de Pós-graduação em saúde coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro).

_____. *Travestis brasileiras: construindo identidades cidadãs*. In *Movimentos sociais, educação e sexualidade*. Org. GROSSI, M. P. et. al. Garamond, Rio de Janeiro, 2005.

PERRUSI, Martha Solange. *Perspectivas do sujeito: a resposta trágica*. Perspectiva Filos6.fica - Volume VII- nO 14 - Jul.-Dez./20000.

PRECIADO, B. *Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”*. Rev. Estud. Fem. vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011

Pinga fogo: entrevista com o médium Chico Xavier sobre homossexualismo (sic) 1971.

Acessado em 16/02/2012. Disponível em

<<http://www.youtube.com/watch?v=tb8LmH5ep7Y&feature=related>>

Paragraph 175: deportazione degli omosessuali nei campi di concentramento. Acessado em 02/01/2013. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=Ihjs0woZe9E>>

Psiquiatra explica a sexualidade dos travestis. Acessado em 15/02/2012. Disponível em

<http://www.youtube.com/watch?v=DEmOXp3FyYs&feature=results_main&playnext=1&list=PL78407016A0D139EE>

Prazer à venda: travestis no Rio de Janeiro. Acessado em 28/01/2012. Disponível em

<<http://www.youtube.com/watch?v=tq4r-Pxasoc>>

PERLONGHER, N. *La desaparición de la homosexualidad*. El Porterño nº 119, en noviembre de 1991.

PELÚCIO, Larissa. *Toda quebrada na plástica: construção de gênero entre travestis paulista*. Campos 6(1-2): 97-112, 2005.

_____. *Prótese, desejo e glamour: tecnologias de si na construção de corpos travestis no mercado do sexo transnacional*. In: *Corpo, gênero e sexualidade : instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida* / Luís Henrique Sacchi dos Santos, Paula Regina Costa Ribeiro (orgs.). – Rio Grande: FURG, 2011

¿Porque hay tanto Muxhe en Juchitan?

<http://zapotecosdelmundo.ning.com/forum/topics/porque-hay-tanto-muxheen?>

id=3343352:Topic:17173&page=6#comments consultado em 27 de maio de 2010.

Quem será Katlyn? Acessado em 04/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=L-Dea0Bp-1E>>

RUBIÃO, Laura Lustosa. *O impasse trágico e a via cômica na ética da psicanálise*. Ágora v. VI n. 1 jan/jun 2003 61-77.

ROSSEAU, G. S. e PORTER, R. *Submundos do sexo no Iluminismo*. Rocco, 1999.

ROBINSON, P. *A modernização do sexo: ensaios sobre Ellis, Kinsey, Master e Johnson*. Civilização brasileira, 1976.

ROSA, Mariléia Catarina e KAHHALE, Edna M. P. *Travestilidade: a construção da subjetividade na pele em que se habita*. VI Congresso Internacional de Estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da Abelh. Consultado em 20/03/2013. Disponível em <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.abeh.org.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_phocadownload%26view%3Dcategory%26download%3D286%3Amm016pdf%26id%3D1%3Aanais-abeh-](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.abeh.org.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_phocadownload%26view%3Dcategory%26download%3D286%3Amm016pdf%26id%3D1%3Aanais-abeh-2012%26Itemid%3D87&ei=DsMtU7DUPKPO0gHOvoCIDw&usg=AFQjCNHFACr-2RX2lK73YnobeGgxjwNjzQ)

[2012%26Itemid%3D87&ei=DsMtU7DUPKPO0gHOvoCIDw&usg=AFQjCNHFACr-2RX2lK73YnobeGgxjwNjzQ](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.abeh.org.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_phocadownload%26view%3Dcategory%26download%3D286%3Amm016pdf%26id%3D1%3Aanais-abeh-2012%26Itemid%3D87&ei=DsMtU7DUPKPO0gHOvoCIDw&usg=AFQjCNHFACr-2RX2lK73YnobeGgxjwNjzQ)>

RUBIN, GAYLE S. *Les sciences sociales à la découverte d'homosexualité*. Hors-série n° 1 | 2011.

RENCONTRE DU TROISIEME SEXE: Le cas du raerae tahitien. dumas-00434449, version 1 - 23 Nov 2009.

STOLLER, R. J. *A experiência transexual*. Imago, 1982.

STOLLER, R. J. *A experiência transexual*. Imago, 1982.

SCHESKY, H. *Sociologia da sexualidade*. Paz e Terra, 1968.

STEKEK, W. *Onanismo y homosexualidad: la neurosis homosexual*. Ediciones Imán, s/d.

Silicone industrial. Acessado em 08/02/2012. Disponível em
<<http://www.youtube.com/watch?v=scvSX9CanqA&feature=related>>

SILVA, Thiago Mota Fontenele. *O trágico e o Agón em Nietzsche*. POLYMATHEIA - REVISTA DE FILOSOFIA. FORTALEZA, VOL. III, N ° 3, 2007, P. 107-127.

SANTOS, Adilson dos. *A tragédia grega: um estudo teórico*. Teoria da Literatura. Vol. 18, N° 1, Julho/2005
ISSN 0104-1320. Disponível em: <http://www.revistainvestigacoes.com.br/volume-18-N1.html>

SEIXAS, Rogério Luis da Rocha. *A relação entre uma ontologia crítica do presente e a problematização da agonística entre poder e liberdade em Michel Foucault*. Argumentos, Ano 1, N°. 2 – 2009.

SILVA, Hélio R. S. *Certas Cariocas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

_____. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rocco, 2007.

SASSATELLI, R. *Corpi ibridi. Sesso, genere e sessualità* (2010-11?).

SILVA, Larissa Maués Pelúcio. *Nos Nervos, na Carne, na Pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS*. Tese de doutorado, UFSC, 2007.

SANTOS, Paulo Reis dos. *Desejos, Conflitos e Preconceitos na Constituição de uma Travesti no Mundo da Prostituição*. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 39-48, jan. / jul. 2010.

_____. *Ambiguidades no corpo e na alma: problematizando os limites dos gêneros*. Revista de Psicologia da UNESP, 8(2), 2009

SILVEIRA, Esalva Maria Carvalho. *De tudo fica um pouco: a construção social da identidade do transexual*. Tese de doutorado, PUCR, 2006.

SANTOS, Paulo Reis dos. *Entre peitos, necas e picumãs: subjetividade e construção identitária das travestis no Jardim Itatinga*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2008.

SILVA, Marinete dos Santos. *Travestis em Campos dos Goytacazes: dois tempos, duas memórias*. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

SILVA, Marluce Pereira da et. al. *A inserção da travesti no cotidiano social: o uso do banheiro público*. Anais do VII Seminário Fazendo Gênero 28, 29 e 30 de 2006.

SALLES, A., COUTO, F., LAKS, J., e FROTA, M. *Corpo Travestido*. Consultado em 15/12/2012. Disponível em <<http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/12%20-%20corpo%20travestido.pdf>>

SPARGO, Tamsim. *Foucault e a Teoria Queer*. Trad. Wladimir Freire. Rio de Janeiro: Pauzulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006

SCOTT, Joan W. *Preface a gender and politics of history*. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP 1994.

_____. "Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica." Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

Transexuales Mexicanos: Los Otros Indocumentados?

<http://www.disforiadegenero.org/modules.php?name=News&file=article&sid=422>

consultado em 27 de maio de 2010.

Témoignage : "Dans la peau d'un transsexuel. <http://www.mag-paris.fr/Temoignage-Dans-la-peau-d-un.html> consultado em 25 de abril de 2010.

Témoignage : j'étais un garçon emprisonné dans un corps de fille. 1er 2008 par Eric. <http://www.mag-paris.fr/Temoignage-j-etais-un-garcon.html> consultado em 25 de abril de 2010.

Transmundi. Acessado em 01/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=ugZtm26twHI>>

TREVISAN, João S. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 5ª Ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. *Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade*. Tese de doutorado, UEC, 2009.

TOSTA, Andre Luiz Zano. *Pensando Identidades e Políticas: nota sobre a constituição da “travesti” como sujeito político*. Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidade e deslocamento. 23 a 26 de agosto, 2010

Travestis! Acessado em 25/02/2012. Disponível em
<<http://www.youtube.com/watch?v=WZIE6IMNpgw&feature=related>>

VITELLI, R. *L'al di là Del femminile: note per una lettura psicoanalitica Del transsessualismo maschile*. Comprendre 21, 2010-2.

VARELLA, D. *Estação Carandiru*. Cia das Letras, São Paulo, 2005.

_____. *Homens que são mulheres: a saúde pública não pode continuar dando as costas para essa minoria de homens*. Consultado em 12/07/2011. Disponível em
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1104200919.htm>>

VERAS, Elias Ferreira. *Além do paetê: experiências das travestis em Fortaleza nas últimas três décadas do século XX*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

_____. *Modificações ou Notas de uma pesquisa sobre imprensa e travestis em Fortalezanas duas últimas décadas do século XX*. I Seminário Internacional Gênero, Sexualidade e Mídia. UNESP-BAURU, 6 e 7 de Outubro, SP, 2011. Consultado em 13/05/2013. Disponível em
<<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CDgQFjAC&url=http%3A%2F%2Fpt.scribd.com%2Fdoc%2F166966135%2F3015-Elias-Ferreira->>

Veras&ei=usotU76RLKiW0QGgroGwBQ&usg=AFQjCNHXYk8MXC3irt22zoJILUQIM6ZA>

Vantajas de ser travesti. Acessado em 17/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=EcGudChr2PI>>

WEINBERG, G. *La homosexualidad sin prejuicios: Un revolucionário enfoque psicológico.* Granica editor, 1977.

Weluma, a travesti chacrete do Brasil. Acessado em 03/02/2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=2GsCuypzY80>>